



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

GÁBOR BASCH

**NAÇÃO E PÓS-SOCIALISMO: UMA ETNOGRAFIA
DAS TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA
VOIVODINA**

CAMPINAS
2018

GÁBOR BASCH

**NAÇÃO E PÓS-SOCIALISMO: UMA ETNOGRAFIA DAS
TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA VOIVODINA**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELO ALUNO GÁBOR BASCH, E
ORIENTADA PELO PROF. DR. OMAR
RIBEIRO THOMAZ.

**CAMPINAS
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7682-3132>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

B29n Basch, Gábor, 1978-
Nação e pós-socialismo : uma etnografia das transformações recentes na Voivodina / Gábor Basch. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Omar Ribeiro Thomaz.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Pós-comunismo. 2. Antropologia política - Europa Oriental. 3. Camponeses - Iugoslávia. 4. Nacionalismo - Balcânica, Península. 5. Comunismo - Europa Oriental - História - Séc. XX. 6. Península Balcânica – Relações étnicas. I. Thomaz, Omar Ribeiro, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Nation and postsocialism : an ethnography of recent transformations in Voivodina

Palavras-chave em inglês:

Post-communism

Political anthropology - Eastern Europe

Peasants - Yugoslavia

Nationalism - Balkan Peninsula

Communism - Eastern Europe - History - 20th century

Balkan Peninsula - Ethnic relations

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Doutor em Antropologia Social

Banca examinadora:

Omar Ribeiro Thomaz [Orientador]

Susana Soares Branco Durão

Adriana Maria Villalon

Peter Henry Fry

Michel Gherman

Data de defesa: 21-09-2018

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 21 de setembro de 2018, considerou o candidato Gábor Basch aprovado.

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (Presidente da Comissão Examinadora)

Prof. Dr. Peter Henry Fry

Profa. Dra. Susana Soares Branco Durão

Dra. Adriana Maria Villalon

Dr. Michel German

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Agradecimentos

Dedico esta dissertação à minha família, cuja história passa em parte pela Voivodina. Todos, além de me apoiarem incondicionalmente, foram interlocutores diretos ao longo destes anos.

Agradecimentos especiais a Omar Ribeiro Thomaz, orientador e amigo, pela confiança depositada no meu trabalho, pelo apoio ao longo das diferentes etapas da pesquisa e pelas provocações sempre instigantes.

Agradeço também ao PPGAS da UNICAMP, pelo suporte institucional, e ao secretariado, em especial à Márcia Goulart, que sempre me ajudou com as burocracias internas e externas à universidade.

Aos professores do departamento pelos cursos estimulantes e aos professores João de Pina Cabral, Bela Feldman-Bianco, Federico Neiburg e Lygia Sigaud por seus comentários e por seu incentivo em várias etapas da tese.

Às famílias de Maradék, que foram meus principais interlocutores e companheiros durante toda a pesquisa e se dispuseram a responder minhas insistentes perguntas. Agradecimentos especiais às famílias Béres, Berta e Csepregi que me receberam e acolheram em suas casas.

Aos colegas da pós-graduação da UNICAMP, Fernanda Gallo, Catarina Casimiro, Vanessa Durando, Diego Nespolon, Berenice Morales, Vítor Queiroz, David Reichardt, pelo bom convívio e interlocução.

Agradeço imensamente a Gustavo Rossi e Christiano Tambascia pelos comentários e sugestões no exame de qualificação.

Agradeço também à banca da defesa de doutorado, composta por Peter Fry, Susana Durão, Michel Gherman e Adriana Villalon pela leitura mais que generosa do texto e pela discussão instigante.

Agradeço aos meus amigos, novamente a Gustavo Rossi e Chris Tambascia, mas também a Marília Giesbrecht, Daniela Araújo Silva, Nashieli Loera e Bertrand Borgo pela amizade e pelo apoio nos momentos mais difíceis.

Agradeço, finalmente, à minha companheira Ana Claudia Lopes pela leitura e revisão minuciosa do texto e pela parceira nestes anos todos.

Resumo

Esta tese tem como objeto a reconfiguração do espaço político, econômico e nacional na antiga Iugoslávia após a queda do sistema socialista e o fim violento da própria federação. Trata-se de um estudo etnográfico realizado em Maradik, uma localidade da Voivodina (província ao norte da Sérvia, na ex-Iugoslávia) onde convivem sérvios, húngaros e croatas, sendo que estes dois últimos grupos são ao mesmo tempo cidadãos sérvios, mas que nacionalmente se definem como membros de nações diferentes da estatal. Adotando a perspectiva sugerida por Rogers Brubaker, que considera a nação não como uma entidade real ou “imaginada” como tal, mas como algo que acontece ou é praticado no evento, na vida cotidiana ou nas narrativas sobre história, ou seja, num campo de relações no qual interagem os grupos presentes na vila, também serão abordados os mecanismos presentes nos sistemas classificatórios locais, que operam com a oposição entre os distintos grupos étnicos e linguísticos e que fazem referência à ideia de “autoctonia” ou “nativismo”. Na segunda parte da tese serão analisados outros processos relativos ao fim do sistema socialista, cuja importância é constantemente lembrada pelos habitantes de Maradik. A Voivodina, uma das províncias mais prósperas, era, junto com a Eslovênia, a “despensa” da Iugoslávia socialista cujas cooperativas estatais e locais forneciam trigo, milho, frutas e carne para as outras repúblicas e para exportação. As questões a serem exploradas neste ponto dizem respeito às várias reformas agrárias do século XX, às crises econômicas e às constantes reconfigurações da economia local.

Palavras-Chave: Pós-comunismo; Antropologia política - Europa Oriental; Camponeses – Iugoslávia; Nacionalismo - Balcânica, Península; Comunismo - Europa Oriental - História - Séc. XX; Península Balcânica – Relações étnicas

Abstract

This thesis aims at the reconfiguration of the political, economic and national space in the former Yugoslavia after the fall of the socialist system and the violent end of the federation itself. Its main focus will be an ethnographic research carried out in Maradik, a locality of Vojvodina (province north of Serbia, in former Yugoslavia) where Serbs, Hungarians and Croats live together, these latter two groups being at the same time Serbian citizens, but nationally defined as members of nations other than the state. Adopting the perspective suggested by Rogers Brubaker and considering the nation not as a real or imagined as such, but as something that happens or is practiced in the event, in everyday life and narratives over history, that is, in a field of relations in which the groups interact in the village. The second part of the thesis focuses on the end of the socialist system, which importance is constantly recalled by the inhabitants of Maradik. Vojvodina, one of the most prosperous provinces of former Yugoslavia, was, along with Slovenia, the "pantry" of socialist Yugoslavia whose state and local cooperatives supplied wheat, corn, fruit and meat to the other republics. The issues to be explored in this section concern the processes of legal redefinition of property rights, the transformation of property relations and the local perspective on the "transition" itself, from socialism to capitalism and from a supra-national state to a national one.

Keywords: Post-communism; Political anthropology - Eastern Europe; Peasants – Yugoslavia; Nationalism - Balkan Peninsula; Communism - Eastern Europe - History - 20th century;

Lista de fotografias

Foto 1 - Carteira do exercito K und K de Endre Basch.....	17
Foto 2- Matança de porcos no udvar	82
Foto 3- A matança de porco	83
Foto 4- Guardando as hastes de milho	91
Foto 5 - O csúr ou celeiro para guardar milho.....	92
Foto 6 - O grupo de folclore sérvio de Maradik.....	104
Foto 7 - O barroco dos tempos do Império Austro-Húngaro	138
Foto 8 - Kisház e nagyház de duas kuéas vizinhas.....	139
Foto 9- Trator na rua Kertiz.....	145
Foto 10 - Pali Csepregi em seu udvar.....	145
Foto 11 - As três igrejas	152
Foto 12 - A lista original com os convertidos ao protestantismo	152
Foto 13- celebração do slava na casa dos Stojanović.....	153
Foto 14 - nota de 10 bilhões de dinares	189

Lista de Mapas

Mapa 1 Províncias Romanas do Baixo Danúbio.....	42
Mapa 2 As três regiões da Voivodina.....	43
Mapa 3 Nacionalidades no Império Austro-Húngaro.....	55
Mapa 4 Partilha da Iugoslávia em 1941	59
Mapa 5 Voivodina na atual Sérvia	71
Mapa 6 - Maradék e seus entornos [fonte Google Maps, 2018]	130
Mapa 7- Maradik e as terras	131
Mapa 8- A vila.....	132
Mapa 9- As casas.....	133
Mapa 10 - O município de Inđija	155
Mapa 11 - Inđija e seus arredores.....	156

Lista de tabelas

Tabela 1 - Pronúncia em sérvio e servo-croata.....	xi
Tabela 2 - Pronúncia em Húngaro	xi
Tabela 3 - Dados demográficos da Voivodina	63

Algumas Pronúncias

Alfabeto Latino	Alfabeto cirílico	Fonema	Pronúncia equivalente
C, c	Ц	[Ts]	tsé-tsé
Č, č	Ч ч	[tʃ]	Tcheco
Ć, ć	Ћ ћ	Entre ty e tj	Como <i>tune</i> (em inglês) ou <i>tiens</i> (em francês)
Đ, đ	Ђ ђ	[dz]	Como Jack (em inglês)
Š, š	Ш ш	[sh]	Show
Ž, ž	Ж ж	[ʒ]	Como <i>pleasure</i> (em inglês)

Tabela 1 - Pronúncia em sérvio e servo-croata

Letra	Fonema	Pronúncia equivalente
A	[ɔ]	Similar à bola
Á	[a:]	Gato
C	[tʃ]	tsé-tsé
Cs	[tʃ]	Tcheco
E	[ɛ]	Pedra
É	[e:]	Preto
J	[j]	Yôga
Gy	[dʒ]	Similar a <i>dew</i> (em inglês)
ö, ő	[ø]	Como <i>fleur</i> (em francês)
ü, ú	[y:]	como <i>menu</i> (em francês)
S	[ʃ]	chá, xale
Sz	[ʃ]	Saúde
Ty	[tj/c]	Como <i>tune</i> (em inglês) ou <i>tiens</i> (em francês)
Zs	[ʒ]	Joia

Tabela 2 Pronúncia em húngaro

Sumário

Prólogo	13
Introdução.....	25
1. Entre Impérios e Nações.....	35
A Voivodina, notas histórico-demográficas.....	41
Os usos da História.....	65
Sobre etnias, regiões e geografias simbólicas - <i>Mitteleuropa</i> , Balcãs, Sudeste Europeu, Balcãs Orientais	67
Марадик / Maradék / Maradik.....	72
2. Antropologias, métodos e dilemas.....	78
Métodos.....	78
Antropologia em situações de conflito/pós-conflito – alguns dilemas morais	93
Antropologias, nações e (pós-)socialismos	101
3. Tempo e espaço em Maradik.....	121
As terras e a <i>zadruga</i>	127
As ruas e as casas	134
As Igrejas	146
4. Do <i>otkup</i> ao dinheiro vermelho: transformações rurais em Maradék	154
A primeira reforma agrária.....	157
O fim da reforma e a Segunda Guerra Mundial	162
O pós-guerra e a segunda reforma agrária	165
A mudança radical e a autogestão operária-camponesa.....	175
Epílogo: O fim da Iugoslávia e a nova “transição”	190
Referências Bibliográficas.....	198

Prólogo

Pisei na Voivodina pela primeira vez em 1986, quando meu pai surpreendentemente, talvez levado pela euforia e o otimismo geral na Hungria decorrentes das políticas da *Glasnost* e da *Perestroika* de Mikhail Gorbatchev,¹ das injeções de dinheiro na economia húngara vindas de empréstimos do FMI, e também pela “invasão alemã” no Lago Balaton na segunda metade dos anos 1980,² decidira que as férias familiares daquele ano seriam no litoral Croata. Sonho de consumo de qualquer criança ou adolescente na Hungria, um dos destinos de veraneio de luxo em todo o campo socialista, mas que também constituía um destino bastante popular no turismo em processo de massificação na Europa ocidental (GRANDITS; TAYLOR, 2010). Nos anos anteriores, eu havia passado as férias em acampamentos para pioneiros no Lago Balaton, na Hungria, ou então na RDA (República Democrática Alemã). Na Hungria, era divertido. Mas nem tanto. Além do futebol e esportes aquáticos sempre havia uma dose de educação “para a vida”, que consistia basicamente na decoração dos doze pontos do pioneiro,³ lições um tanto ideológicas e entediantes, particularmente para uma criança de dez anos que estava muito mais interessada nos gols marcados por Diego Maradona, Gary Lineker ou Oleg Protassov, centroavante ucraniano da seleção da URSS. Em 1985, passamos as férias

¹ *Glasnost e perestroika*, transparência e reestruturação em russo, eram os pilares das reformas iniciadas por Mihail Gorbachev nos meados dos anos 1980 com o objetivo de modernizar e abrir a economia e política da União Soviética. Hoje em dia tidos como primeiros pregos no caixão da URSS, na Hungria da época, as reformas de Gorbachev deixaram uma sensação de leveza (para alguns, apreensão), na medida em que se percebia que os soviéticos estariam ocupados com seus próprios problemas e largariam a mão de seus aliados ou satélites no leste europeu.

² O termo “invasão alemã” dos campings, hotéis e quartos privados para alugar ao redor do Lago Balaton, principal destino de férias húngaro, refere-se ao turismo em massa de alemães tanto da RDA como da RFA para a Hungria. O lago era usado principalmente como destino de férias por famílias alemãs divididas pelo muro de Berlim e pela cortina de aço que dividia as duas Alemanhas para breves reencontros após décadas de separação. Naquela época, os vilarejos em volta do lago estavam cheios de placas de *Zimmer Frei* (quarto livre) e os restaurantes apresentavam seus cardápios em alemão. Ali também circulava uma multidão exibindo a talvez mais impactante marca cultural alemã na época: o corte de cabelo “tipo alemão” (*NDK frizura* era o termo húngaro, ou seja, “corte RDA”), que consistia em uma franja curta na frente e cabelo comprido atrás

³ O movimento internacional dos Pioneiros (*Úttörőmozgalom*) era uma organização juvenil semelhante ao escotismo criado pelos partidos socialdemocratas e comunistas e que faziam parte do CIMEA (Comitê Internacional dos Movimentos de Crianças e Adolescentes) fundada em 1958 e sediada em Budapeste. Os doze pontos do pioneiro na Hungria eram: 1. O pioneiro é filho fiel da pátria, a República Popular da Hungria, e trabalha para ela com responsabilidade. 2. O pioneiro fortalece a amizade entre os povos e defende a honra do lenço vermelho. 3. O pioneiro estuda com aplicação exemplar, para o conhecimento de si e do mundo. 4. O pioneiro defende e expande os valores da sociedade socialista. 5. O pioneiro ajuda e serve voluntariamente a comunidade sempre que pode. 6. O pioneiro sempre fala a verdade e age de maneira justa. 7. O pioneiro ama e respeita seus pais, seus educadores e os mais idosos. 8. O pioneiro é amigo verdadeiro e fiel. 9. O pioneiro é corajoso e disciplinado. 10. O pioneiro ama e defende a natureza. 11. O pioneiro treina seu corpo e cuida da sua saúde. 12. O pioneiro vive com dignidade, para ser membro da Associação Juvenil Comunista Húngara.

familiares em Boltenhagen, um balneário da RDA, que acabou sendo uma grande decepção. Para começar, na RDA quase nunca havia sol. Mesmo sendo pleno verão, o mar Báltico raramente ultrapassava os 10 °C de temperatura. As crianças alemãs brincavam com bolas de futebol de péssima qualidade, emendadas e costuradas, que murchavam a cada meia hora. E, o pior, a comida era sempre a mesma: batata e cenoura cozidas, chucrute e bife com *generalsaft* – o “molho geral”, marrom, aguado e de sabor indefinido. O evento mais memorável ocorreu quando partimos para Rostock, cidade portuária e industrial no norte da RDA, à procura de uma *Wurst* (salsicha, em alemão) para quebrar a monotonia da *Kartoffel*, a batata, e do *generalsaft*, e acabamos entrando numa fila que se estendia por duas quadras na frente de um restaurante. A decisão logo revelou-se certa quando um casal de velhinhos alemães elogiou a perspicácia húngara e perguntou como ficamos sabendo que naquele dia o restaurante serviria peixe fresco, algo “muito raro” segundo eles. Peixe fresco numa cidade portuária! É claro que na época eu ainda não conhecia o termo “economia da escassez sistêmica” cunhado por János Kornai (KORNAI, 1992), autor da melhor descrição das economias planejadas do socialismo real. No caso do peixe de Rostock, certamente pescava-se bastante; porém o peixe congelado seguia para as maiores cidades alemãs, como Berlim e Dresden, ou então para exportação e em troca de outras matérias-primas para os outros países socialistas. Na Hungria da década de 1980, por exemplo, peixes do mar provenientes de e congelados na RDA faziam parte do cardápio geral da população e dos bandejões escolares pelo menos uma vez por semana; já numa cidade à beira do mar na RDA, como descobrimos durante as férias desastrosas, era inacessível.⁴

⁴ Segundo o argumento de Kornai, recuperado também por Katherine Verdery em *What was socialism and what comes next* (1996), a escassez de certos produtos nas economias socialistas era uma característica sistêmica ou inerente às economias de planejamento central, na medida em que os planejadores no centro tentavam calcular, ou, em muitos casos, adivinhar, a demanda interna e externa por certos produtos. Era assim que as quantidades exatas de bens a serem produzidos eram estabelecidas e também como eram calculadas as quantidades de insumos e matérias-primas necessários para tal produção. As metas quinquenais, trienais ou anuais, dependendo da época e do país eram então enviadas para os diretores das empresas estatais. Por sua vez, esses gerentes e diretores das empresas estatais, sabendo ou temendo que as metas fossem alteradas ao longo do ano devido a imprevistos, ou que os insumos chegassem com atraso e em quantidades diferentes do estabelecido, tentavam barganhar com os planejadores centrais, solicitando mais insumos e matérias-primas do que o efetivamente necessário para o cumprimento da meta inicial (cf. Verdery, 1996:21). Um exemplo típico seria um ano chuvoso demais ou com muita neve, no qual aumentaria a demanda por sapatos, casacos de inverno ou até peças de reposição para carros (os Trabant e Wartburg no caso da RDA). No plano mais microeconômico, numa economia familiar a necessidade de trocar um sapato estragado antes do tempo previsto significava também não comprar camisa nova naquele ano. Essa substituição impedia o cumprimento das metas para as fábricas de camisas, mas também criava um excedente de matérias-primas (linhas, botões, tecidos etc.). Por sua vez, esse excedente acumulado pelas empresas e fábricas era guardado para o ciclo de produção/plano anual seguinte ou então era usado para trocas com outras empresas e fábricas por alguma matéria prima em falta em função de aumentos na demanda ou entregas atrasadas. Em menor medida, parte do excedente seguia para a economia paralela dos trabalhadores, que frequentemente dizimavam os estoques para montar oficinas de costura clandestinas e precisavam assim de acesso contínuo a matérias-primas difíceis de se conseguir no mercado oficial (Verdery, 1996:21). Kornai também distingue entre momentos de escassez relativa, em que matérias-primas e força de trabalho suficientes para a produção estavam disponíveis na

Um ano depois, quando fui escolhido pelo bom desempenho escolar a passar seis semanas num acampamento internacional de pioneiros em Zinnowitz, também na RDA, mas desta vez perto da fronteira com a Polônia, pude reavaliar as férias em Boltenhagen. Em Zinnowitz, pioneiros húngaros e tchecoslovacos sentíamos um certo tratamento especial e bem mais severo quando comparado à seção das crianças alemãs, polacas ou búlgaras.⁵ No acampamento, além da disciplina e punições severas – como, por qualquer infração, o “pacote de vitaminas”, que envolvia um golpe de régua na mão, outro na ponta da cabeça e um terceiro no músculo da coxa –, tínhamos direito a apenas um banho quente por semana, num local de azulejos cinzentos onde a água descia por buracos localizados diretamente no teto (!), éramos obrigados a passar uma hora por dia pelados no mar, cuja temperatura oscilava entre 9 e 11 °C, sem falar na comida padrão das batatas cozidas, cenoura refogada e músculo com cartilagem regado a *generalsaft*. Na segunda semana fui pego tentando contrabandear uma carta para os meus pais, na qual eu descrevia a nossa situação de uma maneira um tanto amarga, mas com pinceladas de humor e tentando usar o vocabulário alemão recém aprendido. O termo mais questionado pelo instrutor era *Kartoffelimperialisumus* (algo como “imperialismo da batata”, no meu vocabulário alemão). A partir daí tive que não só dobrar minhas doses diárias de flexões e de quilômetros corridos (eram agora sessenta em vez de trinta flexões e seis quilômetros em vez dos três regulares), como fui obrigado também a lavar toda a louça do bloco IV/C, que era a seção dos pioneiros húngaros. É claro que após o meu retorno à Hungria meus pais demoraram a acreditar nos meus relatos da RDA, pois tinha voltado mais forte, disciplinado e obediente, disposto a lavar louça voluntária e espontaneamente, e só o fizeram depois de ouvir as mesmas histórias de pais de colegas que compartilharam da minha experiência no acampamento internacional de pioneiros.

economia, mas encontravam-se em empresas e fábricas distantes no espaço ou no tempo da produção, e momentos de escassez absoluta, decorrente da queda da produção durante períodos de escassez relativa ou da exportação de itens de consumo ou de matérias-primas necessárias para a produção (Verdery, 1996: 20-23). Em linhas gerais, segundo Kornai, tanto o não cumprimento das metas como as demandas exageradas calculadas pelos gestores das estatais para garantir estoque e escambos com outras empresas geravam um déficit orçamentário na maioria das empresas estatais. Pelo cálculo dos seus diretores, contudo, esse déficit seria sempre pago ou coberto pelo orçamento central. A longo prazo, esse ciclo teve como consequência um endividamento geral, primeiro, para com as agências de órgãos econômicos do COMECON, e, a partir dos anos 1970, com agências internacionais como o Banco Mundial e o FMI (KORNAI, 1992).

⁵ Recentemente encontrei em Berlim um outro ex-frequenter do acampamento internacional de Zinnowitz. Segundo ele, o tratamento “especial” dado a húngaros e tchecos devia-se em parte a um ressentimento alemão de que os nossos países estavam em uma situação muito melhor. Além disso, no caso dos pioneiros alemães, os instrutores não podiam ter certeza quem era filho de quem, e punir filhos de oficiais da Stasi ou do Partido Comunista poderia significar retaliações severas para os próprios instrutores, na sua maioria professores de escola primária.

Foi assim, então, que, depois de dois verões consecutivos de RDA, saímos em 1988 rumo ao litoral Croata da Dalmácia. No caminho para o Mar Mediterrâneo, paramos em Subotica (Szabadka, em húngaro, ou ainda Maria Theresiapolis, em alemão) e na vila de Csantavér, a cinco quilômetros dali, para conhecer o berço da família Basch. Meu bisavô Endre “el Viejo” Basch nascera em Csantavér em 1890, numa família judaica “assimilada”, tinha principalmente o húngaro como língua materna além de se virar também em alemão e sérvio. Endre, após a morte de seu pai, um caixeiro viajante que circulava pela região, mudou-se para Budapeste. Ali, durante seus primeiros anos como estudante universitário no curso de engenharia, entre 1912 e 1913, envolveu-se na ala mais esquerdista do Círculo Galileu, um movimento estudantil que contava com nomes que anos mais tarde se tornariam conhecidos mundo afora, como o jovem György Lukács, Károly Mannheim ou os irmãos Polányi, Károly e Mihály.⁶ Em 1915, membros da ala mais esquerdista (marxista e socialdemocrata) foram acusados de atividades subversivas contra o estado e expulsos das suas faculdades. Depois de expulso, meu bisavô, que nunca concluíra seus estudos de engenharia, acaba se alistando no exército *K und K* (abreviação de *Kaiser und König*, em referência a imperador Habsburgo e rei da Hungria) e, por seus conhecimentos básicos de engenharia, recebe formação de oficial de artilharia na academia militar de Sanct Pölten. De lá, parte para a frente italiana, onde cai ferido pela artilharia inimiga em Gorica (na Eslovênia). No hospital em Gorica, conhece minha bisavó Annamária Révész, nascida também na Voivodina, numa família judaica-húngara. Da frente, os dois voltam para Subotica para o casamento e meu bisavô continua sua recuperação até o fim da guerra. No turbulento pós-guerra, quando se deu a ocupação e anexação da Voivodina pelo Reino Sérvio-Croata-Esloveno, nasce meu avô, János Basch, e a família sobrevive graças a trabalhos temporários de Endre, que variavam de auxiliar de arquiteto e engenheiro a trabalhos como pedreiro. A partir de 1921, com a consolidação das novas fronteiras, Endre toma parte na organização do Partido Comunista em Subotica, dá aulas de sérvio para camaradas húngaros de Bácska, que até então tinham tido pouco ou nenhum contato com a nova língua estatal/oficial, e edita a revista *Szervezett Munkás* (“Operário Organizado”, em húngaro), na qual escreve

⁶ O círculo Galileu era uma associação de estudantes universitários de Budapeste, formada em 1908 e fechada no fim da Primeira Guerra Mundial em 1919. Embora de caráter claramente progressista, o círculo não se envolveu diretamente em política partidária. Além de organizar debates e revistas, como o periódico *Szabad Gondolat* (“Pensamento” ou “Ideia Livre”), patrocinava e financiava estudantes pobres, e organizou, a partir de 1915, marchas e protestos pacifistas e contra a guerra. A literatura memorialista costuma dividir o movimento em três alas: os seguidores de Mach e de seu empirismo-crítico situavam-se no centro e eram liderados por Karl Polanyi, os bergsonianos eram considerados a ala direitista, e a ala marxista e socialdemocrata reunia-se em volta do jovem Lukács. Sobre o Círculo Galileu destacamos aqui as monografias de Júlia Bendl (1994), sobre a trajetória do jovem Lukács, e György Litván, sobre Karl Polanyi (1990).

artigos teóricos de cunho marxista-leninista, como aprendera ao lado de Lukács durante os anos de militância no círculo Galileu.⁷ Ele também se torna membro iugoslavo da *Internationale Arbeiterhilfe* (“Ajuda Operária Internacional”), participando das reuniões da organização na Alemanha, na França e na Bélgica. Foram estes contatos que permitiram que emigrasse para a Bélgica em 1930, quando uma boa parte dos membros do JKP (Partido Comunista Iugoslavo) são presos. Em Bruxelas, continua a militância no meio dos exilados comunistas húngaros e iugoslavos e se torna editor da revista socialdemocrata *Világosság* (“Luz” em húngaro) e co-editor do *Párizsi Munkás* (“Operário Parisiense” em húngaro, revista dos comunistas húngaros exilados em Paris), este impresso em Bruxelas por razões logísticas, enquanto minha bisavô trabalha como enfermeira em um dos hospitais de Bruxelas.



Foto 1 - Carteira do exercito K und K de Endre Basch

⁷ Os artigos publicados na sua maioria sob pseudônimos (Kovács, Vajda e André ou Ondrija) versavam sobre temas como “Ajuda operária internacional e formas de ajuda mútua entre trabalhadores”, “Cultura Proletária na Voivodina”. Ele também publicou traduções de trechos do *Capital*, de Marx, que lia no original em alemão (Lőrincz, 1977).

Em 1936, a polícia belga prende Endre e Annamária. Um dos porteiros do hospital denunciou que o casal vinha utilizando alguns dos quartos do hospital para albergar temporariamente novos exilados comunistas que chegavam da Hungria e da Iugoslávia. Ambos são expulsos da Bélgica. Junto com eles, também é expulso meu avô János, agora Jean, que já tinha quinze anos. Com a adoção da Frente Popular Antifascista proposta por Dimitrov no VII Congresso da Internacional Comunista, a família Basch parte primeiro para Paris. Ali, meu bisavô organiza e treina uma unidade de artilharia, enquanto minha bisavó recruta enfermeiras; e o jovem Jean, meu avô, recebe treinamento para ser radialista. Em seguida, a família parte para a Guerra Civil da Espanha, todos como membros das Brigadas Internacionais.⁸ Foi nessa época que Endre ganhou o apelido “el Viejo”, pois, com seus 46 anos de idade, era um dos oficiais mais velhos e experientes das Brigadas. Após a derrota na Espanha, a família sobrevive a um curto período de internação no campo francês destinado aos brigadistas espanhóis em Saint Cyprien (cf. Lórinicz, op. cit.). Annamária e János voltam para Bruxelas. Já Endre é barrado e permanece em solo francês, em Saint Ettiénne, onde trabalha numa empresa de construção e participa na resistência francesa até ser preso pelas autoridades de Vichy. Ele foi entregue à Gestapo e foi deportado para um campo de concentração, provavelmente o de Majdanek.⁹

Enquanto isso, a partir de 1940, meu avô e minha bisavó mergulharam na resistência antifascista contra a ocupação alemã em Bruxelas. Annamária organizava a hospedagem e a logística de grupos de resistência, e Jean, como continuava sendo chamado na Bélgica, organizava atentados contra alvos militares alemães. Foi nesse período que ele conheceu minha avó Louise, uma jovem judia, filha de operários que migraram da Polônia nos anos 1930 fugindo de pogroms antissemitas. Ela transportava e entregava dinamite para a célula partisan da qual Jean fazia parte. Em 1943 a célula foi desmantelada e seus membros foram levados presos pela Gestapo. Minha avó e minha bisavó são internadas no campo de concentração nazista de Ravensbrück (Alemanha), enquanto meu avô é deportado para Büchenwald, de onde consegue escapar com a ajuda dos prisioneiros comunistas “empregados” na administração do campo.¹⁰ No final da Guerra, os três conseguem se reunir em Bruxelas,

⁸ As Brigadas Internacionais eram unidades militares compostas de voluntários oriundos de todos os cantos da Europa que lutaram do lado Republicano na Guerra Civil Espanhola

⁹ A família nunca soube com certeza o destino final de Endre. Minha bisavó Annamária soube da prisão e deportação do marido em março de 1943 por meio de uma carta anônima deixada na caixa postal do vizinho de Endre em Saint Ettiénne.

¹⁰ Há uma extensa literatura sobre o campo de Büchenwald e as organizações comunistas que operavam clandestinamente dentro do campo. Na literatura memorialista, destacamos aqui a trilogia de Jorge Semprún (2012, 2014, 2015), enquanto na historiográfica, o Relatório Buchenwald (HACKETT, 1997).

onde nasce meu pai em 1946. Logo em seguida, iludidos com as possibilidades de mudança, para usar os termos da minha avó Louise, seguem para a Iugoslávia (primeiro Subotica, e, depois, Zagreb), onde, junto com outros brigadistas internacionais e membros das resistências antifascistas e antinazi da Europa Ocidental, são recebidos com desconfiança pelos partisanos iugoslavos de Tito. Depois, seguem para a Hungria, fixando-se em Budapeste. Em 1949, János é condenado a um ano de prisão, acusado de espionagem imperialista no processo contra o grupo de László Rajk.¹¹ A partir dos anos 1950, János não apenas abandona suas posições burocráticas dentro do partido como abandona qualquer tipo de militância política. Ele passa a ocupar diferentes cargos no ministério de comércio exterior, principalmente em função de sua fluência em línguas estrangeiras, particularmente o francês, o espanhol e o sérvio.

Voltando às férias de 1988, depois da parada de história familiar em Szabadka, além do cemitério judaico de Csantavér, cheio de túmulos de antepassados e parentes distantes com o nosso nome, um novo mundo se abriu a nossa frente no litoral Iugoslavo. Naquela altura, aquela região não apenas constituía o destino de luxo para qualquer família da Europa Oriental como também recebia um número considerável de turistas da outra Europa. Famílias alemãs, holandesas, italianas, hospedavam-se tanto em hotéis comuns como em hotéis e resorts luxuosos, como o Club Méditerranée.¹² Com a intermediação de um conhecido do meu pai que trabalhava no sindicato de funcionários públicos da Hungria, alugamos um apartamento privado na ilha de Losinj. O apartamento era propriedade de um senhor cujo nome não me lembro mais, recordo-me apenas que se tratava do gerente de um dos centros de veraneio dos sindicatos de funcionários públicos ministeriais da Federação Iugoslava. Aqueles centros de veraneio, chamados *radničko odmaralište* ou *dom odmora* (“centros de férias para trabalhadores”, em

¹¹ A desconfiança para com os brigadistas e membros de organizações comunistas ocidentais no período entre guerras tornou-se um tema central também no Partido Comunista da Hungria, resultando no expurgo dos “espanhóis” (termo usado para membros húngaros das brigadas internacionais) pela cúpula moscovita do PC já em 1949. O alvo principal da farsa judicial era László Rajk, que fora executado em 1949, mas quase todos os membros das Brigadas Internacionais chegaram a ser questionados, torturados em muitos casos, e condenados a anos de prisão. Meu avô János estava entre esses membros e foi condenado a um ano de prisão; depois disso, nunca recuperara sua fé revolucionária e olhava com certa desconfiança para a liderança moscovita do partido. (O termo moscovita surge em função do exílio e educação da liderança partidária em Moscou, seja no período entreguerras ou durante os anos da Segunda Guerra Mundial).

¹² O “Club Med” foi uma das primeiras grandes redes mundiais de turismo de luxo, especializada em vender “Um mundo de felicidade” (como marcava o slogan oficial) em villages-resorts luxuosos construídos em ilhas consideradas exóticas. As primeiras unidades do grupo foram construídas nos anos 1950, em Maiorca e em outras ilhas do Mar Mediterrâneo; a primeira unidade fora da Europa foi inaugurada em 1965, no Taiti. No caso da Iugoslávia, o Club Med foi construído na Ilha de Sveti Marko, no atual Montenegro, e fazia parte de um megainvestimento iniciado em 1967 como parte de um plano de desenvolvimento do litoral Adriático, financiado em parte pela PNUD e em parte pelo governo federal da Iugoslávia socialista. Até os dias atuais, o litoral entre Dubrovnik (na Croácia) e a baía de Kotor (no Montenegro) são referidos, em todo o território pós-iugoslavo, como “a Flórida Iugoslava”.

servo-croata), além de acomodar trabalhadores sindicalizados, colocavam quartos à disposição de trabalhadores oriundos da República Tcheca e da Hungria na alta temporada. Conforme notaram Duda (2010) e Yeomans (2010), os *odmaraliste* e *ljetovaliste*, os centros de turismo social, eram resorts de férias construídos pelos sindicatos de diferentes categorias de trabalhadores – camponeses, proletariado urbano, funcionários públicos e profissionais com educação superior. Os sindicatos, com a introdução de férias anuais pagas em 1946, tinham, pela primeira vez na história da Iugoslávia e de seus estados predecessores, vários objetivos para além de proporcionar direitos trabalhistas. Com a organização de férias coletivas no litoral croata e montenegrino a partir do final dos anos 1950, o regime pretendia reparar os danos causados durante a fase estalinista de coletivização forçada e superar um certo descontentamento geral da população, marcando assim uma diferença radical para com os regimes socialistas que continuavam sob a influência soviética. O acesso geral à “vida boa socialista”, para usar o termo de Patterson (2011), e, o que era considerado mais importante, a promoção de espaços de sociabilidade e lazer onde fossem reunidos diferentes categorias de trabalhadores e diferentes nacionalidades contribuíam para a criação e a consolidação de uma subjetividade iugoslava que superasse categorias identitárias particulares e nacionais.¹³

Em 1987, além dos *odmaraliste* e *ljetovaliste*, dos hotéis comuns e dos resorts de luxo (ocupados quase que exclusivamente por hóspedes da “outra europa”), também havia na ilha inúmeros quartos para aluguel de temporada em casas privadas, destinadas principalmente

¹³ Nesse ponto, é inevitável não fazermos uma comparação com a obra de Benedict Anderson, *Comunidades Imaginadas* (1991), na qual o autor identifica o exército e o serviço militar obrigatório como instituição que, por excelência, superaria particularismos regionais no processo de formação de estados nacionais, criando laços identitários entre pessoas de diferentes categorias sociais e regiões. Certamente, este foi o caso da JNA (*Jugoslovenska Narodna Armija*, “Exército Popular Iugoslavo”), na qual todos os homens cumpriram seu serviço militar obrigatório em Repúblicas outras e em unidades mistas que juntavam homens de todos os cantos da Iugoslávia. Segundo as lembranças de quase todos os meus interlocutores da Voivodina, eram anos felizes os do tempo de serviço obrigatório. A maioria dos homens que conheci e que cumpriram seu serviço militar nos anos 1960, 1970 ou 1980, tinha o nome da república, do local e do ano de serviço tatuados em seus braços, e muitos mantinham contatos esporádicos com seus companheiros de batalhão. Ainda segundo os relatos de meus interlocutores de todas as nacionalidades (sérvios, croatas ou húngaros), ao longo dos anos 1990, durante as guerras na Bósnia Croácia e do Kosovo, e nos primeiros anos do milênio, as tatuagens passaram a ser vistas com extrema desconfiança e causavam inúmeras brigas de bar ou conflitos durante deslocamentos para fora da vila ou cidade de origem. Quando vistas em público, essas tatuagens eram frequentemente consideradas como símbolo de deslealdade nacional, levantando uma suspeita de traição para com os novos exércitos e causas nacionais. A situação inverteu-se em 2006, com o filme “Karaula” (comercializado no cinema internacional com o título “Border Post” ou “Posto de Fronteira”), o maior sucesso de bilheteria em todos os Estados pós-Iugoslavos. O filme foi produzido com fundos e atores de todas as ex-repúblicas e resgatou a experiência compartilhada no JNA numa narrativa iugo-nostálgica focada nos elementos de solidariedade e de história compartilhada dos jovens recrutas oriundos de todas as repúblicas iugoslavas, bem como em suas aventuras na entrada para a vida adulta na Iugoslávia antiga. Sobre a recepção do filme, a iugo-nostalgia e memórias do JNA ver a coletânea de Todorova & Gille (2010) em especial o capítulo de Tanja Petrovic, “Nostalgia for the JNA? Remembering the Army in the Former Yugoslavia” (TODOROVA & GILLE, 2010).

a *Gastarbeiters* e suas famílias. *Gastarbeiters* é o termo em alemão que também era usado na região para designar operários iugoslavos de todas as repúblicas que trabalhavam na República Federal Alemã, principalmente na indústria automobilística, e que passavam as férias na sua Iugoslávia natal, muitas vezes convidando para o veraneio suas famílias extensas que continuavam a residir no país. No litoral (e no caminho até a Croácia), descobrimos um mundo que parecia algo distante a partir da Hungria: crianças, jovens e adultos, todos vestiam jeans e tênis de marca; o termo *šoping* fazia parte do vocabulário e das atividades do cotidiano; as frutarias eram self-service e a oferta de frutas exóticas parecia infinita quando comparada às bananas e laranjas cubanas disponíveis na Hungria em quantidades limitadas por pessoa; descobrimos que na Iugoslávia havia *eurokrem* e *euroblok*, cópias locais de chocolates Nutella e Milka, redes de fast-food *Hambi* e hamburguers *Majburger*, os *gastarbeiters* dirigiam Mercedes, Saabs e outros carros ocidentais, mas mesmo a maioria dos locais tinha *Yugos 45*, *Zastavas* ou *Ficós*.¹⁴ Tratava-se de todo um paraíso consumidor e de veraneio, comparável ao ocidente, e com oferta muito semelhante, se não igual, às lojas de Viena, Milão ou Munique, acessíveis para tão poucos no restante do bloco socialista. Durante muito tempo, ao menos ao longo dos anos 1970 e 1980 e apesar de o sistema iugoslavo já ter entrado em crise, esse comércio constituía uma das maneiras de acesso legal a bens de consumo ocidentais. Era o caso de eletrodomésticos, principalmente geladeiras e máquinas lava-roupas Gorenje, fabricados na Eslovênia, e também de tênis e roupas de marca como jeans Levis, sapatos Adidas, Puma, Lotto, etc., que, na Hungria e na RDA, e provavelmente em outras partes do campo socialista, eram objetos de desejo distantes, só observáveis no cinema – ao menos para toda uma população que não pertencia à casta privilegiada do alto escalão do partido de estado. É claro que essa imagem da Iugoslávia como paraíso consumidor e ensolarado não durou muito tempo. Primeiro, em função da queda dos regimes socialistas no Leste Europeu e a chegada da euforia geral com a possibilidade de acesso a bens tão desejados na própria Hungria. Depois, quando, a partir de 1991, o mundo inteiro assistia atônito e incrédulo as imagens chocantes da guerra que significaria o fim trágico da Iugoslávia.

Em 1992, a escola secundária em que eu estudava recebeu Mónika e Zoltán, dois estudantes húngaros da Voivodina. Móni era de Szabadka (Subotica), filha de casamento misto, mãe húngara e pai sérvio, “que não sobreviveu à histeria da guerra e ao conflito intrafamiliar entre o lado paterno e materno”; a família de Zoltán, de Novi Sad, decidiu vender todos os bens

¹⁴ Sobre a centralidade do consumo, o acesso a “vida boa” e a publicidade na Iugoslávia dos anos 1960 e 1970, ver a monografia de Patrick H. Patterson, *Bought & Sold, Living and Losing the Good Life in Socialist Yugoslavia* (2011).

e pedir asilo na Hungria depois que o irmão mais velho recebera a carta de recrutamento para servir no JNA. Convivendo com Móni e Zoli, presenciei em inúmeras ocasiões aquilo que considero uma das contradições fundamentais da Hungria após a queda do Muro de Berlim: a exaltação dos húngaros além-fronteira em contraposição à efetiva discriminação destes. Essa contradição foi inaugurada quando, em 1990, no seu já mencionado discurso de investidura, József Antall, primeiro-ministro do primeiro governo democraticamente eleito na Hungria, declarou que, na sua alma, sentia-se presidente de 15 milhões de húngaros, dentre os quais 5 milhões eram *cidadãos* de outros estados. Esse discurso, que se afinava com uma parte considerável do discurso e do debate público na Hungria, parecia girar em torno dos “húngaros além fronteira”: criou-se o canal *Duna* (Danúbio) de TV, com o intuito de reestabelecer a comunhão de todos os húngaros espalhados pelo mundo, festivais gastronômicos e de danças folclóricas promoviam a culinária e costumes tradicionais além-fronteiras. E, no entanto, Móni e Zoli, que não correspondiam à imagem arcaica e tradicionalizante, eram frequentemente questionados quando usavam palavras sérvias ou regionalismos arcaicos, isso quando não eram chamados de refugiados, criminosos da máfia sérvia ou de “*mocskós jugók*” (iugos sujos).¹⁵

Além do enaltecimento abstrato e romantizado de húngaros além-fronteiras em contraposição à discriminação efetiva de húngaros – concretos – da Iugoslávia ou Romênia, neste período também surgia uma segunda contradição no novo imaginário nacional na Hungria. Essa dizia respeito ao questionamento da lealdade de comunidades judaicas e ciganas ao novo projeto nacional. No caso dos *roma* (na época ainda denominadas “ciganos”), novos partidos conservadores e nacionalistas-populistas questionavam seu compromisso com a reconstrução nacional, operando a partir de estereótipos relacionados com a falta de ética de trabalho, “parasitismo” de viver de programas sociais em vez do mercado de trabalho etc.¹⁶ No caso das comunidades judaicas, questionava-se também a sua lealdade com a nova Hungria, em parte mobilizando a imagem do “judeu comunista”, em referência ao número bastante elevado

¹⁵ Sobre o espaço além-fronteiras, em especial a Transilvânia, na nova imaginação nacional húngara ver a monografia de Kürti (2001). Foi também no início dos anos 1990 que iugoslavos, outrora admirados nas duas Europas (seja pelo socialismo bem-sucedido ou na condição de *Gastarbeiters* nas fábricas automobilísticas), viram-se transformados em refugiados de guerra ou mafiosos dos Balcãs. Desde então, a associação entre sérvios e albaneses com o crime organizado tem sido recorrente, seja pelas ligações entre as máfias albanesas da Albânia e do Kosovo com as máfias italianas seja pelo papel de intermediários sérvios no tráfico de pessoas, imagem mobilizada durante a crise de refugiados da de 2015.

¹⁶ Sobre a construção da alteridade roma na Hungria e no Leste Europeu, ver o artigo de Kligman (2001) ou Ladányi (2001). Para além da segregação sistêmica nas políticas habitacionais e educacionais, a perseguição dos roma culminou nos massacres de 2008-9, quando um grupo de nacionalistas radicais assassinaram a sangue frio membros da comunidade cigana no leste da Hungria.

de judeus no partido comunista húngaro até o final dos anos 1950, os quais supostamente estariam a serviço de interesses internacionalistas, em parte mobilizando a imagem do “judeu capitalista”, também leal a redes capitalistas internacionais.¹⁷

As ressonâncias desta trama pessoal e familiar constituem um dos motivos para a realização desta pesquisa. Ao mesmo tempo, ela só foi possível com a minha vinda para o Brasil, onde cursei Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, e, posteriormente, defendi um mestrado em antropologia na Universidade Estadual de Campinas. O distanciamento crítico que este deslocamento – de estudar e fazer antropologia no Brasil – permitiu foi um fator fundamental. Assim, a pesquisa significou um reencontro com a minha experiência familiar, meus bisavós e meu avô comunistas e de origem judaica que, gerações antes, partiram de territórios que já não pertencem à Hungria contemporânea.¹⁸ Esta pesquisa também significou a possibilidade de olhar para uma comunidade de húngaros além-fronteiras de carne e osso, que, nem sempre pela própria vontade e agência, tornaram-se grupos fundamentais em processos de reconfigurações nacionais múltiplas durante o período recente, pós-socialista. Tratando-se de uma comunidade nos territórios da antiga Iugoslávia, vou procurar demonstrar como elementos dessas reconfigurações influenciaram de uma maneira muito mais aguda os diferentes conflitos armados que assolaram os Balcãs desde 1991 – o conflito entre a Sérvia e a Croácia, a guerra da Bósnia-Herzegovina, a guerra no Kosovo ou os confrontos mais recentes na Macedônia. Mesmo com o fim das guerras e as reconfigurações nacionais em todas as ex-repúblicas iugoslavas, a lealdade de húngaros e albaneses na Sérvia é continuamente

¹⁷ Encontramos os detalhes da história de assimilação das comunidades judaicas no Império Austro-Húngaro na obra de Viktor Karady (2001, 2002). Para o autor, a partir dos anos 1850, com a falta de uma burguesia nacional que pudesse bancar e apoiar os movimentos de independência nacional, a elite aristocrática liberal ofereceu emancipação política às comunidades judaicas urbanas em troca da assimilação política, linguística e religiosa e o apoio irrestrito ao projeto nacional. Curiosamente, o processo foi interrompido após a independência real da Hungria no século XX e a ascensão do antissemitismo moderno (no sentido usado por Hannah Arendt (ARENDR, 2013). Após o Holocausto, uma parte dos judeus sobreviventes decidiu pela migração para Israel ou para as Américas, enquanto uma outra parte via na ideologia universalista oferecida pelo socialismo o ponto final e definitivo do longo processo de assimilação, quando húngaros de origem judaica se transformariam finalmente em cidadãos completos. Conforme precisei em outro lugar (BASCH, 2003 e THOMAZ&BASCH, 2003), um dos ápices do antissemitismo contemporâneo aconteceu por conta da premiação do escritor Imre Kertész com o Nobel de Literatura em 2002, com reclamações de uma parte do público húngaro a respeito da “pouca húngaridade” (*magyarság / hungarianness*) do premiado.

¹⁸ Como descrevi nos parágrafos anteriores, o lado paterno da minha família tem suas raízes na Voivodina. Do outro lado, meu bisavô materno também foi oficial do exército *K und K* na Primeira Guerra Mundial. Após a guerra, tendo voltado para Mohi (Mohovce, na atual Eslováquia), sua vila natal, encontrou-se num Estado novo – a Tchecoslováquia. Apresentando-se ao exército, foi rebaixado de médico oficial a soldado comum, pois húngaros não podiam ser oficiais no novo exército tchecoslovaco. Pegou então seu diploma de medicina e atravessou o Danúbio a nado, acompanhando assim o deslocamento das fronteiras determinado nos tratados de paz assinados em Versailles.

questionada,¹⁹ ao passo que, em um processo paralelo de reconfiguração nacional na Hungria, húngaros da Voivodina viraram depositários da húngaridade.²⁰

¹⁹ A questão albanesa e o estatuto de Kosovo costumam ganhar mais notoriedade tanto na imprensa global como nos circuitos acadêmicos. A república kosovar esteve sob administração internacional entre 1999 e 2008 (UNMIK – United Nations Interim Administration Mission in Kosovo). Após a declaração de independência da República de Kosovo em 2008, deu lugar à uma espécie de “tutela” supervisionada pela União Europeia, denominada de EuLex (European Union Rule of Law Mission in Kosovo). Nos dias atuais, a independência do Kosovo é reconhecida por 111 estados membros das Nações Unidas, sendo que Rússia, China, Espanha, Índia constituem as exceções mais notáveis junto com o Brasil, que reconhece a independência do Estado da Palestina, mas não a do Kosovo. A “questão albanesa” ou kosovar, ou ainda, dependendo da perspectiva e tom, os “espectros albaneses”, continuam a pautar debates nacionais e internacionais em tempos de crise. Em 2016 e 2017, esse foi o termo usado para a caracterização da crise constitucional na Macedônia, onde a coligação conservadora-nacionalista (LOKDSOIU) perdeu sua maioria no parlamento, mas, ainda assim, o presidente recusou-se a conceder o direito de formar governo e nomear primeiro ministro o líder da oposição, mesmo este podendo garantir a maioria no parlamento com o apoio dos partidos das minorias albanesas da Macedônia. A recusa do presidente em nomear o primeiro ministro foi justificada com a aliança entre os partidos de centro-esquerda e dois partidos albaneses, pois o acordo envolvia tornar o albanês língua oficial ao lado do Macedônio, reivindicada pelas minorias albanesas que constituem aproximadamente 25% da população total da Macedônia.

²⁰ *Magyarság* é o termo em húngaro. Sem equivalente em português, poderia ser traduzido como “qualidade de ser húngaro”, próximo ao termo *hungarianness*, em inglês.

Introdução

A queda do muro de Berlim marcou o início da “transição democrática” dos antigos países da Europa Central e Oriental. De forma geral, a criação de instituições democráticas, a privatização das propriedades coletivas e as do estado socialista, bem como a passagem da economia planejada para a economia de mercado significaram uma ampla reconfiguração política e social. Ao mesmo tempo, a independência dos países bálticos (depois seguida por outras repúblicas da União Soviética), a divisão da Tchecoslováquia e as guerras secessionistas na Iugoslávia ao longo da década de 1990 marcavam o “retorno” da questão nacional para quase toda a paisagem pós-socialista.

Da mesma forma que, na parte Ocidental da Europa, o nazismo e o fascismo são tratados pela historiografia oficial como desvios do desenvolvimento histórico rumo à democracia liberal (MAZOWER, 2009), no Leste, o período socialista é colocado entre parênteses. Em poucas semanas, as estátuas de Marx, de Lênin e de “soldados desconhecidos” foram retiradas das praças públicas basicamente de todas as cidades do “bloco socialista” e colocadas em “cemitérios de estátuas”. Como notou bem Katherine Verdery, corpos mortos, de carne e osso, mas também de bronze, ferro ou cobre, cuja retirada assemelha-se aos espetáculos de execução pública descritos por Foucault, simbolizam o fim do “socialismo real” (VERDERY, 1996; FOUCAULT, 1999). Já em relação aos regimes socialistas e às múltiplas questões nacionais da região, cabe acrescentar que apesar destes regimes terem sido profundamente *antinacionalistas*, estavam muito longe de serem *antinacionais*. No caso dos estados federados e multinacionais, como a Iugoslávia e a União Soviética, a nacionalidade não foi institucionalizada apenas territorialmente, mas também enquanto uma categoria social fundamental (BRUBAKER, 1996, HIRSCH, 2005).²¹ Neste ponto, ainda cabe destacar um aspecto muitas vezes negligenciado na literatura e que diz respeito ao caráter autoritário e totalitário dos regimes socialistas, que nos estados federados e multinacionais, como mostra o exemplo da União Soviética e da Iugoslávia, ao restringir e reprimir qualquer tipo de

²¹ A compreensão da relação dos regimes socialistas com as suas questões nacionais será fundamental não só para uma análise dos conflitos passados e atuais, como também para rebater a visão segundo a qual estes regimes teriam conseguido silenciar as questões nacionais que teriam “ressurgido” a partir dos anos 1990. Como mostraram Wolff (1996) e Todorova (1997) trata-se de uma visão “orientalista”, onde o leste europeu aparece como um barril de pólvora. Sobre a criação de “tribos” e “etnias”, a chegada de noções ocidentais de “nação e império” à União Soviética e o papel fundamental da etnologia nesses processos ver a monografia detalhada de Francine Hirsch, *Empire of nations: ethnographic knowledge and the making of the Soviet Union* (2005).

associativismo que não fosse centralizado – seja nos termos dos partidos comunistas centrais e regionais ou dos sindicatos dirigidos a partir dos mesmos centros – deixava a etnicidade ou a identificação nacional como a única forma possível de manifestação e prática de identidades outras não contempladas pelo que deveria ser o *novo homem socialista*.²²

É curioso percebermos como o socialismo enquanto ideologia estatal também tinha pretensões evolucionistas que levariam, a longo prazo, não só ao fim de identidades étnicas e nacionais, mas que, por meio da abolição da principal instituição capitalista e burguesa – a propriedade privada –, acabariam com a luta de classes e levariam à construção de uma sociedade menos individualista e mais igualitária, enfim, mais justa. A propriedade dos meios de produção e a posse das terras seriam coletivas e administradas pelo Estado, cujo planejamento central garantiria o suprimento de todas as necessidades e uma redistribuição igualitária do produto social para o bem-estar geral da população, chegando, assim, ao ponto final do desenvolvimento humano.²³

Se olharmos para os inúmeros relatos jornalísticos, acadêmicos ou dos especialistas, conselheiros e *policy-makers* de agências como a União Europeia, a ONU, o FMI, o Banco Mundial, ou então das inúmeras ONGs internacionais produzidos a partir de 1989, podemos perceber uma estranha mistura de ideias ao mesmo tempo evolucionistas e criacionistas. Estas têm por objetivo colocar os países ex-socialistas de volta ao caminho do progresso rumo ao capitalismo e à democracia liberal, ajudando a criar todas as instituições necessárias para tanto: bolsas de valores, sistema bancário, constituições e leis, partidos políticos, sociedade civil, esfera pública etc. Como mostra Verdery, tais discursos tratam as “sociedades em transição” ora como se estas fossem doentes ou desviantes carentes de uma terapia de choque para que sua doença seja curada e sua sanidade restaurada pelos especialistas (médicos e psiquiatras) ocidentais, ora como se se tratasse de um espaço vazio e sem forma carente de um novo *big bang* induzido por astrônomos ou deuses criadores ocidentais (VERDERY, 1996).²⁴ Como

²² Como nota bem Vlasevljević, o sumiço forçado da religião do “espaço público” Iugoslavo (entre aspas aqui, pois era um espaço controlado, na medida em que era o SKJ – *Savez komunista Jugoslavije* [Liga dos Comunistas da Iugoslávia] – que decidia conteúdos ideologicamente próprios e impróprios) acabou por contribuir para uma certa dissociação entre etnicidade e religião, tornando mais fácil a re-politização de categorias étnicas a partir dos anos 1980. Ugo Vlasevljević *Jugoslovenski komunizam i poslije: kontinuitet etnopolitike*. Status, [Mostar] 2004/2 pp. 118-123

²³ É claro que esta descrição é caricata e simplificada. No decorrer da análise, retomarei alguns aspectos das pretensões socialistas, pois creio que para a compreensão de qualquer contexto pós-socialista será necessária a compreensão tanto do funcionamento ideal como do funcionamento prático dos regimes socialistas. Para uma descrição da economia política socialista na Hungria ver Kornai (1992), e, para o caso romeno, Verdery (1991).

²⁴ É impossível deixar de notar que 25 anos após a queda do muro de Berlim os países do Leste ainda são representados como “doentes” ou em “transição” e observar como no decorrer deste tempo os discursos de

notam Hammond (2006) e Petrović (2014), essas imagens e narrativas acabam por reintroduzir uma ideia colonial de que algum tipo de administração externa, principalmente europeia (leia-se, da União Europeia) mas também norte-americana, é necessária para a manutenção da paz, para o desmantelamento da ordem socialista e para o ingresso na estrada do desenvolvimento.²⁵

Por estas razões, em geral, usarei o termo “transição” entre aspas, pois suas conotações teleológicas acabam por reduzir processos de transformação em curso a meros “ritos de passagem” do socialismo de Estado para a democracia de mercado.²⁶ Nesta concepção, a importação de instituições, estruturas públicas e práticas políticas, cuja formação e consolidação levou séculos nas democracias ocidentais, garantiria o sucesso de tal “transição democrática” sem haver necessidade de levar em consideração formas históricas, sociabilidades e outras particularidades dos contextos locais.

Configura-se assim a proposta desta tese de doutorado: abandonar tanto as teses criacionistas como as evolucionistas ou teleológicas, que dominam parte considerável da produção especializada sobre os países “ex-socialistas”, e propor uma abordagem alternativa para a análise de contextos *pós-socialistas* a partir dos instrumentos mais tradicionais da antropologia baseada em uma pesquisa de campo extensa desenvolvida a partir de 2001 numa comunidade delimitada, como é o caso de Марадик (Maradék é a denominação usada pelos húngaros e Maradik pelos habitantes croatas). Localizada na Voivodina, uma província da Sérvia, a vila permitiu a observação direta das transformações – nacionais, econômicas, familiares – vivenciadas pelos habitantes da vila após o desmantelamento do estado socialista

transição foram migrando ao redor do globo, do Leste Europeu à Península Balcânica, dos Balcãs ao Mediterrâneo Árabe, durante a curta “primavera árabe”, mas também ao Sudeste Asiático e ao Caribe, com o Myanmar em processo de “redemocratização”, o Timor-Leste e o Haiti administrados pelas Nações Unidas etc.

²⁵ Retomarei mais adiante os possíveis paralelos entre os discursos sobre os Balcãs do final dos anos 1990 e a ideia de administração colonial ou mesmo paralelos com narrativas Orientalistas descritos por Edward Said (1979). Estes paralelos com as narrativas Orientalistas foram extensamente explorados por Todorova (2009, 2010) e Bakic-Hayden e Hayden (1995), e, após as guerras que levaram ao fim da ex-Iugoslávia, voltaram pelo menos duas vezes ao debate acadêmico e jornalístico: primeiro, referências ao crime organizado, corrupção e outros discursos de securitização relacionados à “guerra ao terror” construíam a região como uma espécie de “terceiro mundo europeu” (PETROVIĆ, 2014:22); alguns autores, por exemplo, John R. Schindler (2007), chegaram a sugerir que o Al-Qaida e a “jihad global” surgiram durante a guerra da Bósnia. Depois, em 2015, quando a chamada “crise migratória” encheu as manchetes mundiais com imagens de refugiados sírios fugindo da guerra civil iniciada em 2014.

²⁶ Mesmo mantendo a metáfora dos ritos de passagem no sentido que van Gennep e Victor Turner conferiram ao termo, ou seja, como práticas rituais que acompanham toda mudança de lugar, estado ou posição social (Gennep, 2004, Turner, 1974), a opção aqui será pelo termo *pós-socialismo*, justamente para indicar reconfigurações múltiplas em quase todas as esferas da vida social. Afinal de contas, ao longo do espaço pós-socialista a remoção das estátuas socialistas, a renomeação de ruas e avenidas e a (re-)invenção de feriados novos/antigos, a transformação de “vilões burgueses” em “heróis nacionais” e de heróis socialistas em vilões comunistas deu-se de forma ritualizada.

iugoslavo e a fragmentação da Iugoslávia ao longo de três guerras travadas em nome de “nações” ao longo da década de 1990 (Croácia, Bósnia e Kosovo).²⁷

O fato da ex-Iugoslávia ter passado por sucessivas guerras civis que ganhavam parte de sua inteligibilidade em função da ideia da nação (e das “minorias nacionais”) fez com que a situação dos húngaros na Voivodina se tornasse especialmente interessante: trata-se de um contingente numérico relativamente pequeno em vista da maioria sérvia da região (o “povo estatal”); esse contingente possui um referencial político e estatal forte – o Estado húngaro; e, sobretudo, não ficou passivo diante das transformações internas sofridas pela província nos últimos anos e diante da dramática situação que passou a assolar fundamentalmente a Bósnia-Herzegovina e o Kosovo (mas também a Croácia e a Sérvia). Os diferentes conflitos armados que assolaram a antiga Iugoslávia desde 1991 – o conflito entre a Sérvia e a Croácia, a guerra da Bósnia-Herzegovina, a guerra do Kosovo – interferem necessariamente na experiência diária das comunidades húngaras ali presentes, fazendo com que a “questão nacional” seja colocada de maneira bem mais aguda do que para outras minorias em outros Estados.

É importante lembrar que alguns dos problemas atuais têm a sua origem em 1988, com a ascensão de Slobodan Milošević, quando as autoridades iugoslavas decidiram acabar com a autonomia das províncias sérvias da Voivodina e do Kosovo. Na prática, isso significou, entre outras coisas, o fim das escolas em língua húngara e dos programas de televisão e de rádio dirigidos aos húngaros e às outras minorias étnicas presentes na província (ROMSICS, 1998:344).

Como foi vivido pelos húngaros da Voivodina as crescentes agressões ao seu estatuto político e aos seus direitos enquanto “minorias nacionais”? Qual teria sido entre eles o impacto da “política do medo”, vitoriosa na Bósnia-Herzegovina (THOMAZ, 1997)? Qual a relação que este grupo estabelece com a maioria sérvia? Como se concretiza o multilinguismo na vida cotidiana das pessoas? Seria a maioria sérvia ameaçadora no contexto local? Como se reproduzem as relações entre famílias, amigos e vizinhos numa situação de tensão crescente? Em que medida a presença de um referencial político estatal forte como o estado húngaro interfere na dinâmica local? Por fim, de que forma as noções de tempo (história) e espaço (geografia política) se atualizam nas redefinições constantes dos termos a partir dos quais as distintas comunidades nacionais são incorporadas no jogo de poder local, regional e nacional?

²⁷ Ao mesmo tempo tentarei colocar os dados e os processos observados em perspectiva com outros contextos pós-socialistas que nos são acessíveis por meio de etnografias como as de Chris Hann (na Hungria, Polônia e China), Katherine Verdery (na Romênia) e Caroline Humphrey (na Rússia), três autores pioneiros da antropologia do pós-socialismo.

No decorrer da tese, procurarei analisar língua, religião e história não como critérios identitários que atestam a impossibilidade da convivência entre os diferentes grupos presentes na Voivodina e que teriam causado as guerras ao longo da década de 1990, mas sim como possíveis idiomas do nacionalismo, isto é, como “teorias nativas” através das quais os conflitos ganharam expressão. Conflitos estes que marcaram a vida cotidiana na ex-Iugoslávia e que acabaram por transformar a realidade de um estado que uma década antes ainda se pretendia multinacional e que agora deu lugar a cinco novos estados que se querem nacionais, mas que poderiam ser melhor caracterizados como estados *nacionalizantes* (*nationalizing states*). O termo foi cunhado por Rogers Brubaker como alternativa a Estado-nação (BRUBAKER, 1996:55-76). Trata-se de uma proposta bastante instigante, inspirada na obra de Bourdieu (1989), que representa uma mudança de enfoque nos estudos do nacionalismo. Para Brubaker, o nacionalismo deve ser entendido sem evocar as “nações” como entidades substantivas; antes disso, o autor coloca a ênfase na noção de *nacionalidade* (*nationhood*), onde “nação” é antes de tudo uma categoria prática (e praticada) e não um conceito analítico para descrever uma comunidade real ou, para usar o termo clássico de Benedict Anderson, “imaginada” como real. Assim, concordando com a perspectiva de Brubaker, vou me concentrar nos usos práticos, simbólicos e rituais da categoria, os modos pelos quais esses usos estruturam a percepção e a experiência ou as diferentes maneiras de definir pertença e de organizar relações sociais, discursos e ações políticas.

Acredito que será a partir deste tipo de enfoque mais antropológico, na medida em que procura pelas práticas nativas do *nationness*, que poderemos dar um passo para além da literatura já clássica sobre nações e nacionalismos, representada por autores como Eric Hobsbawm (1984; 1991), Benedict Anderson (1989), Ernest Gellner (1988) e Anthony Smith (1997), e rever os próprios conceitos “nação”, “Estado-nação”, “nacionalismo”. Essa literatura, em geral, enfatiza muito mais que as tendências econômicas, históricas e políticas promotoras do processo de formação de coesão na constituição das “comunidades imaginárias”; pressupõe de antemão o que constitui o fenômeno a ser investigado – a nação; e opera com uma orientação teleológica. A proposta de Brubaker, e esta é a perspectiva adotada aqui, diz respeito à nação como algo que acontece ou é praticado no evento, na vida cotidiana, ou seja, num campo de relações no qual interagem minorias nacionais e étnicas, estados percebidos por estas como nacionalizantes (*nationalizing states*) ou então pátrias/nações-mãe externas (*external national*

homeland).²⁸ É neste campo de relações múltiplas e transnacionais²⁹ que pretendo estudar as comunidades húngaras, sérvias e croatas de Maradik, cujos membros são cidadãos da Sérvia, mas que nacionalmente podem se definir como membros de nações diferentes da estatal, que se configura como estado *nacionalizante* e é percebido como tal pela maior parte das minorias presentes em território sérvio. Nesta chave, pretendo demonstrar como ações violentas particularmente contra húngaros, croatas, albaneses e ciganos nos últimos anos seriam indicativos da percepção de que o estado Sérvio contemporâneo não é “suficientemente sérvio” e conta com grupos cuja lealdade é colocada em suspeita. Na Voivodina, esses grupos são referidos com vários termos pejorativos como *izbeglica*, *jöttment* (vagabundos, sem origem), *outsiders* no sentido que Elias conferiu ao termo (Elias & Scotson, 2000), para não dizer “traidores”, “invasores” ou “inimigos”, enfim, coletividades que são construídas como elementos considerados estranhos ao local.

Ao mesmo tempo, uma revisão da literatura antropológica sobre os Balcãs – seja sobre a Sérvia, a Bósnia-Herzegovina, a Croácia, o Kosovo ou a ex-Iugoslávia – e sobre o período pós-socialista alhures no Leste Europeu revela uma dualidade, a meu ver, artificial, que reproduz uma espécie do orientalismo descrito por Larry Wolff (1996) ao dividir o espaço pós-socialista em duas grandes áreas temáticas e geográficas. Por um lado, a antiga Iugoslávia junto com o Cáucaso (Georgia, Tchetchênia, Armênia) e, mais recentemente, a Ucrânia seriam os espaços reservados aos estudos de etnicidades, e, por outro, a Romênia, Polônia e a Hungria, às transformações econômicas. Enquanto a grande parte das monografias sobre os Balcãs tem como objeto privilegiado os “conflitos étnicos” e as múltiplas questões nacionais, as monografias sobre pós-socialismo na Romênia, Bulgária ou na Polônia tendem a focar nas transformações econômicas.³⁰

²⁸ Creio que não é por acaso que, enquanto as teorias canônicas sobre a nação trazem exemplos dos séculos XVIII e XIX, o ponto de partida de Brubaker é a queda do muro de Berlim e o desmantelamento posterior de alguns estados multinacionais como a Iugoslávia ou a União Soviética.

²⁹ Um outro dado interessante da pesquisa de campo que deverá ser explorado mais adiante diz respeito às referências nativas recorrentes em relação à história da região. A partir delas ficou claro como nas concepções nativas a transnacionalidade não se dá somente pela justaposição das definições de pertença (nacionalidade e cidadania), mas ela também é acompanhada da percepção de que não há uma história interna à Voivodina: esta história foi e de certa forma continua sendo decidida fora do território, seja nos centros imperiais como Constantinopla ou Viena, promotores de assentamentos, de assimilação linguística e religiosa, seja em Paris, Trianon, Yalta, Potsdam ou Dayton, cidades nas quais cartas geográficas foram desenhadas e redesenhadas, desenhos que além de pôr fim a impérios e criar novos estados, sempre acabaram por intervir nas relações entre as populações, transformando e revertendo hierarquias locais.

³⁰ Refiro-me aqui principalmente a trabalhos realizados por pesquisadores ocidentais. Assim, Katherine Verdery, Gail Kligman e David Kideckel tem focado em questões como propriedade rural, des-coletivização da agricultura na Romênia (PINE, 1997; KIDECKEL, 2008; KLIGMAN & VERDERY, 2011), enquanto autores como Tone

Concordando com o diagnóstico de Sabrina Ramet, acredito que um dos maiores desafios de qualquer estudioso da ex-Iugoslávia é escapar de explicações monocausais que caracterizam a maior parte das monografias sobre a Iugoslávia ou seus estados sucessores. Em *Thinking about Yugoslavia* (2005), Ramet, resenhando mais de 130 monografias e livros contemporâneos sobre a região, chama a atenção para uma curiosa dualidade da produção acadêmica: a grande maioria dos textos que tem como objeto explicar o fim trágico do projeto iugoslavo acaba por isolar em dois grupos vários conjuntos de fenômenos. Por um lado, a tradição inaugurada por Robert Kaplan em *Balkan Ghosts: A Journey Through History* (1993), que atribui a desintegração do bloco aos fantasmas do ódio étnico, insuperáveis e eternos; por outro lado, uma outra vertente que procura as causas da guerra na crise econômica e institucional do final dos anos 1970, a qual, após a morte do pai fundador Tito, em 1980, teria provocado o conflito entre as Repúblicas Iugoslavas e passou a ser usada por novas lideranças populistas e demagogas na corrida pelo poder (RAMET, 2005). Complementando a tese de Ramet, acredito que a busca por *uma* causa determinante está intimamente ligada ao fato de que a Iugoslávia, ao menos a partir dos anos 1960, tenha sido bastante admirada nos meios acadêmicos e, de uma forma mais geral, pela esquerda ocidental, pois, visto de longe, o país parecia ter encontrado uma fórmula de sucesso – o socialismo que deu certo – tanto do ponto de vista econômico, ao introduzir a autogestão operária e camponesa de um modo diferente dos Estados centralizadores e autoritários dos países alinhados com a União Soviética, como do ponto de vista nacional, ao ter acomodado inúmeros *narodi* e *narodnosti* (nações e minorias nacionais em servo-croata) e pelo menos quatro confissões religiosas baixo uma identidade supranacional unida com o lema oficial da Iugoslávia titoísta: o famoso *Bratstvo i Jedinstvo* (“Irmandade e Unidade”), extinto em condições trágicas que chocaram a opinião pública mundial a partir de 1991.

Curiosamente, foi no mesmo tom que, sentados no *kafana* (bar) sem nome de Jockó *a Raboló* (o nome do anfitrião, traduzível como “Zé, o Bandido”) de Maradik, Zolika e Jani me desejaram boa viagem de volta ao Brasil:

Vai lá e conta para eles como aqui somos todos idiotas, os da cruz simples, da cruz dupla [ortodoxa], os da estrela protestante, os da estrela comunista, os do Cvrena e os do Partisan. Os que nascemos aqui, os que vieram depois. Os que se foram talvez tenham sido mais espertos ou sortudos. Mas, se der tempo, conta também que estamos perdendo as nossas terras para os novos

Bringa, Jasna Čapo ou Robert Hayden tendem a focar exclusivamente em conflitos e etnicidade (ZMEGAC, 2007; BRINGA, 1995; HAYDEN, 2013).

*senhores, mas que os camponeses idiotas daqui continuamos trabalhando duro, para que os da cidade tenham comida. Em tempos de paz e de guerra.*³¹

De uma forma geral, a Voivodina me parece um lugar privilegiado para a análise de outros processos relativos ao fim do sistema socialista, cuja importância é constantemente apontada pela literatura e por seus próprios habitantes. A Voivodina, uma das províncias mais prósperas, era, junto com a Eslovênia, a “despensa” da Iugoslávia socialista, cujas cooperativas estatais e fazendas coletivas forneciam trigo, milho, frutas e carne para as outras repúblicas e também para exportação. As questões a serem exploradas neste ponto dizem respeito aos processos de redefinição legal dos direitos de propriedade e a consequente transformação das relações de propriedade. Processos estes que, em princípio, pressupõem uma decomposição, privatização ou, seguindo a formulação de Katherine Verdery (2003), uma *personalização* da propriedade coletiva corpórea administrada antes pelo aparelho estatal e/ou por entidades coletivas em níveis ou escalas menores. Quais fins tiveram as cooperativas agrícolas? As terras nacionalizadas/estatizadas entre 1946 e 1953 estão sendo devolvidas para os donos originais e seus descendentes e herdeiros ou a privatização significa o surgimento de grandes fazendas privadas? Qual a percepção destes processos pelos habitantes de Maradik?

Nesta parte da tese, dirigirei meu olhar para a reconfiguração econômica em curso nos estados pós-socialistas do Leste Europeu. A partir de dados etnográficos levantados em Maradék, discutiremos como os moradores percebem o colapso de uma economia moral pretensamente coletiva e suas consequências na vida cotidiana da aldeia.

Os relatos a serem analisados permitirão reconstruir visões nativas sobre o sistema econômico ao longo dos três períodos na história recente da região (o pré-socialista, o período socialista e o atual). Tentarei mostrar como a época socialista é geralmente descrita pelos nativos com termos que qualquer economista ou sociólogo poderia classificar de consumistas ou mesmo capitalistas. Neste ponto tentarei problematizar uma ideia bastante difundida e que diz respeito à nostalgia pela Iugoslávia socialista nos Estados sucessores. Esta nostalgia certamente existe, mas, como sugerem os dados, não expressa necessariamente saudades ideológicas ou uma identificação com os ideais do regime socialista. O desprezo dos habitantes de Maradik pelo salário pago em moeda local pelo Estado socialista e a valorização dos *deutschmarks* enviados pelos *Gastarbeiter* (trabalhadores iugoslavos “convidados” pela

³¹ Cvrena Zvezda [Estrela Vermelha] e Partisan Beograd são os dois times mais populares da Sérvia e os que tiveram maior sucesso internacional durante os tempos Iugoslavos. As primeiras unidades paramilitares sérvias que invadiram a Bósnia saíram de ambas as torcidas organizadas. Para uma descrição das torcidas e o papel dos hooligans na Guerra da Bósnia ver Čolović (2000:373-396)

República Federal Alemã durante os anos 1960 e 1970) ou pelos lucros privados gerados a partir da venda de produtos agrícolas – produzidos nas terras privadas do *household* com o uso da maquinaria e dos fertilizantes “emprestados” da fazenda estatal e da cooperativa local – no mercado informal, indicam no mínimo uma relação controversa com o Estado socialista.³² Parece que se valorizava justamente aquilo que escapava ao planejamento central, mas ao mesmo tempo aproveitava-se a estrutura coletiva socialista para interesses privados.

O colapso do regime com a guerra na Bósnia e na Croácia (1992-1995), o embargo imposto pela ONU e a megainflação (entre 1989 e 1994) trouxeram algumas mudanças na vida de Maradik como a chegada de refugiados e de ajuda humanitária, bem como a entrada de marcos alemães e de outras moedas provenientes do contrabando de gasolina. Em janeiro de 2002, enquanto a imprensa europeia se escandalizava com as dificuldades da Grécia e da Itália para fazer a transição de suas moedas nacionais para o Euro, notas e moedas cunhadas na Alemanha já circulavam até nas localidades menores da Sérvia, sendo que até hoje o país não faz parte da Eurozona. O que gostaria de ressaltar é que se nos últimos trinta anos circularam e coexistiram na vila pelo menos cinco moedas diferentes (dinar, marcos alemães, euro, dinar inflacionado e florins húngaros), esta variedade não é o único elemento de heterogeneidade na medida em que os dinheiros, para além de sua importância nas transações econômicas, também são classificados de acordo com a sua procedência — isto é, sua relação com o Estado socialista/pós-socialista ou com Estados estrangeiros — e representam valores, relações e significados especiais que determinam seu uso nos circuitos de trocas baseadas no parentesco, o seu valor na vida ritual, no consumo cotidiano, no consumo de luxo ou nos investimentos no *household*. Ao reconstituir o sistema econômico de Maradik, apresentarei uma crítica às teorias de “transição” formuladas pela ciência econômica e a literatura sociológica, as quais, ao operarem com as dicotomias coletivo/privado, planejamento/mercado, deixam escapar universos locais cheios de sentidos onde se percebem os processos atuais como uma “transição” ao feudalismo.

Finalmente, nos estenderemos nas mudanças drásticas que os habitantes de Maradik enfrentaram nos anos posteriores ao colapso do regime e o fim da Iugoslávia. Um dos elementos mais impactantes são as referências recorrentes ao feudalismo e a algumas categorias sociais relacionadas a este período. Assim, alguns dos camponeses são referidos como *napszámok*; *napszám* (literalmente, “jornadas”) é o termo local, cuja origem remonta à época feudal e significa “número de dias”, ou seja, número de jornadas que deviam ser trabalhadas nas terras

³² Na Iugoslávia socialista os agricultores podiam ter como propriedade privada até dez hectares de terra para uso familiar, sendo que as propriedades acima do permitido eram estatizadas (fazendas estatais) ou incorporado em fazendas coletivas locais.

do senhor feudal. O ressurgimento dessa categoria está ligado a um fenômeno atual, a saber, a falência das cooperativas criadas durante o período socialista – que, segundo os moradores da vila, era uma estratégia dos antigos diretores para a privatização das terras e para que o preço das parcelas fosse baixo. Ao mesmo tempo, a acumulação de terras da região por parte de investidores outrora ligados à esfera estatal da economia local – notadamente, o ex-agrônomo e ex-diretor da fazenda estatal localizada na entrada de Maradik – é percebida como um novo feudalismo, com o qual os *households* dos habitantes da Maradék não conseguem concorrer.³³

³³ A primeira ida ao campo ocorreu entre setembro de 2001 e janeiro de 2002, para a elaboração de minha dissertação de mestrado, cujos dados retomarei ao longo do presente trabalho.³³ Entre junho de 2005 e março de 2006, e no verão, de junho a setembro de 2009, bem como em 2012, voltei à Maradik para a pesquisa de doutorado. Também realizei inúmeras entrevistas e contatos à distância, via redes sociais, durante o que se denominou de “crise de refugiados nos Balcãs” (2015-16) e durante a qual milhares de refugiados fugindo da guerra da Síria, mas também vindos do Afeganistão, Paquistão, Nepal ou de países da África subsaariana transitaram pela Voivodina na sua travessia rumo aos Estados da União Europeia

1. Entre Impérios e Nações

Num primeiro momento, escolhi a Voivodina (Sérvia) e as comunidades húngaras ali presentes para a realização da pesquisa de campo devido à minha suposição inicial de que, em função das guerras sucessivas e dos denominados “conflitos étnicos” na antiga Iugoslávia, o desencontro entre nacionalidade e cidadania – que passou a caracterizar todos os estados sucessores dos Impérios Austro-húngaro e Otomano após o fim da Primeira Guerra Mundial, assim como os Estados que ganharam independência com o fim da União Soviética³⁴ – seria colocado de maneira mais explícita e aguda numa situação de (pós-) conflito.³⁵ Os conflitos entre comunidades húngaras que, após os tratados de paz que puseram fim à Primeira Guerra Mundial, passaram de sua condição de “povo estatal” ao de minorias nacionais ou étnicas e as novas “nacionalidades envolventes”³⁶ são evidentes e mais ou menos explícitos em outros territórios.

No caso da Hungria, já em 1990, József Antall, o presidente do primeiro governo democraticamente eleito na Hungria após a queda do regime comunista, afirmava em seu discurso de investidura que, na sua alma, sentia-se presidente de 15 milhões de húngaros, marcando um dos elementos mais significativos no processo de reconfiguração nacional pós-queda do Muro de Berlim. De acordo com os dados oficiais, os “15 milhões de húngaros” (entre aspas, pois trata-se de um número simbólico reproduzido diariamente em discursos oficiais) dividem-se entre os 9,9 milhões de cidadãos húngaros residentes na Hungria contemporânea e os 4 milhões restantes, que vivem para além das fronteiras do Estado nacional. Esta imensa coletividade é normalmente denominada na Hungria de *határon túli magyarok* (“húngaros

³⁴ O conflito mais recente decorrente deste desencontro localiza-se em Donbass e na Crimeia, regiões da Ucrânia oriental onde movimentos pró-russos declararam independência e seus territórios estão sendo ocupados por unidades do exército russo. Curiosamente, na outra extremidade da carta geográfica, o senso comum acadêmico e jornalístico coloca a invasão norte-americana do Iraque como momento fundador da guerra civil Síria, ignorando por completo processos sociais, movimentos religiosos e colonizações e movimentos populacionais dirigidos a partir de Constantinopla durante os longos séculos em que a região fazia parte do Império Otomano.

³⁵ No último censo realizado antes da desintegração violenta da Iugoslávia socialista, a província da Voivodina contava com 2 milhões de habitantes, dos quais 16,9%, ou seja, aproximadamente 350.000 definiram-se como húngaros; 59,4% como sérvios; 4,9% como croatas; 3,2% como eslovacos; 1,9% como romenos; 0,2% como alemães e os 13,5 restantes constam como outros provavelmente ciganos, albaneses de Kosovo, montenegrinos, macedônios (KOCISIS, 1993). Os dados são do censo realizado em 1991. No decorrer do texto retomarei as modificações populacionais que resultaram das guerras na Croácia, Bósnia-Herzegovina e Kosovo entre 1991-2001.

³⁶ Trata-se de um termo não utilizado normalmente: fala-se de “nacionalidade estatal” ou “demograficamente dominante”, entre outras expressões. Sobre a noção de “povo estatal”, ver Hannah Arendt (2013).

além-fronteiras”), sendo que aproximadamente 3 milhões vivem na sua terra natal, isto é, nos países vizinhos – 1.227.623 na Romênia, 458.000 na Eslováquia, 253.000 na Sérvia, 156.000 na Ucrânia, 55.000 na Áustria, 14.000 na Croácia e 6.000 na Eslovênia (Kocsis & Kocsis-Hodosi, 1998). É importante ressaltar que esses 3 milhões de húngaros vivem em territórios que faziam parte da chamada “Hungria Histórica”, isto é, dentro das fronteiras do que fora a Hungria antes da Primeira Guerra Mundial³⁷. Isso significa que estes grupos vivem em suas terras de origem que, na atualidade, como consequência dos tratados políticos de paz que sucederam o desmoronamento do Império Austro-Húngaro e que puseram fim às duas guerras mundiais, formam parte do território de outros Estados. Significa dizer que os “húngaros além-fronteiras” são *cidadãos* de Estados que definem seu estatuto *nacional* por referência a uma outra “nação” que não a húngara.³⁸ Por fim, aproximadamente 2 milhões de húngaros deixaram o país no decorrer do século XX, e emigraram para os países da Europa Ocidental (500.000 pessoas),³⁹ para as Américas (620.000) ou para outras partes do mundo (115.000), sendo possível definir este contingente como diáspora húngara, cujos membros optaram pela imigração em algum momento dos séculos XX e XXI.

Desde o célebre discurso de József Antall, a situação dos húngaros além-fronteiras e a hostilidade e a discriminação dos seus Estados de cidadania têm ocupado parte significativa do debate sobre a nação na Hungria. O ápice se deu com a proposta das denominadas “leis de status”, em 2003, e o plebiscito húngaro, em 2004, que previam, respectivamente, a concessão de um estatuto especial e a concessão de cidadania aos húngaros além-fronteiras, originando debates e confrontos diplomáticos sobre a cidadania dupla entre a Hungria e todos os estados vizinhos.⁴⁰ O caso particular dos húngaros além-fronteiras e o desencontro entre as fronteiras estatais, fixadas no fim da Primeira Guerra Mundial, e a terra natal dos membros da

³⁷ A “Hungria Histórica”, oficialmente denominado de Reino da Hungria fazia parte do Império Austro-húngaro, possuía um território contínuo claramente delimitado nos termos do *Ausgleich* (*Kiegyezés* em húngaro), isto é, o compromisso Austro-Húngaro de 1867 (BERENGER, 1997).

³⁸ Sem pretender entrar no debate filosófico e jurídico acerca do conceito, entendo por cidadania a relação que liga o indivíduo ou um grupo de indivíduos aos modernos Estados democráticos.

³⁹ Em 2015, algumas estimativas não oficiais colocavam Londres como a segunda maior cidade com população húngara depois de Budapeste. Segundo estas, na Londres pré-Brexit viveriam mais de 200.000 húngaros (“London calling: why home-loving Hungarians are flocking to British capital, EURONEWS”. Disponível em: <http://www.euronews.com/2015/02/27/london-calling-why-home-loving-hungarians-are-flocking-to-british-capital>. Acesso em 27 de fevereiro 2015).

⁴⁰ Escrevi mais extensamente sobre as leis de status e seu impacto na Voivodina na minha dissertação de mestrado (Basch, 2004 Cap.3). Já o plebiscito realizado em 5 de dezembro de 2004 sobre concessão de cidadania “sem residência” aos húngaros além-fronteiras não teve quórum suficiente. Finalmente, o estatuto jurídico dos húngaros além-fronteiras foi resolvido em 2011, e, atualmente, estes podem requerer cidadania legal mesmo sem residência na Hungria.

“comunidade imaginada”, para usar o termo cunhado por Benedict Anderson (1991), está muito longe de constituir uma situação única na Europa Central e Oriental. Antes, trata-se de uma característica comum a todos os países da Europa Central e Oriental, onde, sem exceção, todos os Estados não só têm que lidar com a presença de minorias étnicas e nacionais dentro das suas fronteiras, mas, ao mesmo tempo, mostram preocupação com minorias que, segundo a terminologia de Pierre Kende, “prolongam uma nação vizinha” (KENDE, 1992: 13). Estas minorias, tal como afirma Stéphane Pierré-Caps:

pertencem, [...] pelo seu próprio ser coletivo, a nações de velha tradição que hoje estão separadas por fronteiras estatais. No seu traçado mais recente essas fronteiras resultam das divisões territoriais saídas das últimas duas guerras mundiais (PIERRÉ-CAPS, 1995: 20)

Dois datas precisas – 1918 e 1945 – marcaram o termo de duas guerras mundiais (que encontraram na Europa um dos seus palcos privilegiados), o desmoronamento dos grandes impérios continentais transnacionais europeus e a revisão das fronteiras estatais entre os Estados europeus. A presença efetiva dos impérios Austro-Húngaro, Russo e Otomano na Europa Central e Oriental fez com que a redefinição de fronteiras nesta região se fizesse de forma especialmente tensa e dramática,⁴¹ o que, para muitos autores, representa a raiz dos conflitos nacionalistas da Europa Central e Oriental. De um lado, fronteiras políticas que dificilmente coincidiam com representações reafirmadas ao longo do século XIX em torno da “nação”; de outro, estados que espelhavam suas estruturas políticas nos impérios que os antecederam (especialmente no caso do Império Austro-Húngaro), mas sem a mesma legitimidade, sobretudo diante daqueles grupos que, subitamente, viram-se definidos como “minorias nacionais” (HOBSBAWM, 1992; Arendt, 2013).

A centralidade imperial parecia garantir, por sua própria estrutura hierárquica, direitos “tradicionalmente” conferidos aos diferentes grupos nacionais que foram se afirmando ao longo do século XIX. Em contrapartida, as novas estruturas políticas, embora encontrassem em Viena uma espécie de “modelo”, não possuíam sua legitimidade e, sobretudo, procuravam se projetar enquanto “nações”: antigos súditos do imperador católico de Viena dificilmente aceitariam o abandono de sua nacionalidade originária e abraçariam um projeto nacional com o qual não se identificavam. Em suma, a estrutura imperial, hierárquica, não representava (em princípio) um perigo às nações que comportava, enquanto que os estados remanescentes dos

⁴¹ Tais atributos não são privilégio apenas destas regiões e serão recorrentes em outras regiões em disputa, tais como as fronteiras entre a França e a Alemanha, nas duas guerras objeto de contendas violentas.

impérios se queriam “nacionais”.⁴² Às minorias, passava-se a dispensar diferentes tratamentos em função de conjunturas políticas específicas, o que, no limite, passava a marcá-las por uma constante insegurança. Tal é a característica do entreguerras: à insegurança das minorias nacionais se sobrepõe um debate no interior do qual a história (direitos históricos) e a geografia (fronteiras) passam a ser continuamente evocadas.

Tempo e espaço transformam-se, assim, numa espécie de “obsessão” dos diferentes povos e grupos da região a penetrar os debates e os embates entre políticos e intelectuais. A *Pax Soviética* introduzida em nome do socialismo – e como consequência de uma vitória militar sobre o nazismo – não impediu que, de forma surda, essas questões persistissem na Europa centro-oriental. O surgimento de novos Estados após a queda do muro de Berlim e que sucederam o desmantelamento da União Soviética e da Iugoslávia é revelador da importância da questão espacial ou territorial. Este “território-centrismo” foi bem percebido pelo pensador político húngaro István Bibó, que, em seu ensaio clássico “A miséria dos pequenos estados da Europa oriental” de 1946, afirmou:

A precariedade da existência da nação e o efeito corrosivo dos litígios territoriais engendram uma concepção território-centrista que tão bem caracteriza a Europa Central e oriental [...] a prosperidade da nação está ligada ao seu estatuto territorial; aos olhos do cidadão, a realização dos sonhos da comunidade fundamenta-se, prioritariamente, na carta geográfica. (1946 [1986]: 186)

Os mitos da “Grande Nação”, ou de uma situação ideal onde a totalidade dos membros de uma nação viveriam no interior de um mesmo Estado, e não em estados cujas fronteiras foram “injustamente” determinadas, seja nos tratados de Paris e de Trianon, seja nas conferências de Yalta e Potsdam, chocam-se com a realidade onde minorias nacionais prolongam as fronteiras dos Estados. Segundo Pierré-Caps nem poderíamos falar de estados nacionais nessa região da Europa, mas de “Estados multinacionais”. Para este autor, observa-se, na atualidade o surgimento de um novo tipo de irredentismo de caráter cultural e/ou jurídico, que, diferentemente do militar, não pretende restabelecer a unidade territorial e nacional de um Estado-nação, mas a “luta pela preservação de uma identidade comum da nação dividida por

⁴² Trata-se, evidentemente, de um “princípio”, pois distintos grupos de elite foram, com a complexificação do aparato burocrático e estatal do império, pressionados no sentido de sua “germanização” possível – a elite política do império vienense se afirmou, uma e outra vez, germânica, o que gerou mais de um conflito entre os séculos XVIII e XIX (Cf. Bérenger, 1993).

meios pacíficos, evitando alarmar a soberania do Estado vizinho”.⁴³ Ou seja, trata-se, como já salientamos, não da reivindicação de soberania política sobre um dado território ou grupo populacional situado além das fronteiras políticas estabelecidas, mas do exercício do direito de *tutela* – algo que nem sempre é bem recebido pelo Estado vizinho e que, e nunca é demais lembrar, já foi evocado em outros momentos da história recente centro-europeia.

No que diz respeito a minorias percebidas como irredentas, cujas lealdades estariam sob suspeita ao possuírem um referencial estatal além das fronteiras estatais e membros da comunidade nacional imaginada que prolongam a nação em territórios de Estados vizinhos, a Sérvia encontra-se numa situação muito semelhante à da Hungria embora a narrativa nacional e historiográfica seja bastante diferente. A narrativa nacional húngara tem como ponto de partida a “Hungria Histórica”, que alcança sua maior extensão territorial na Idade Média (no século XI), mas que tem a primeira grande perda territorial em 1526 com a invasão do Império Otomano, só reconquistada no século XVII sob comando Habsburgo.⁴⁴ Já no século XX, a redefinição das fronteiras no fim da Primeira Guerra Mundial marca o grande trauma nacional, quando a Hungria perde dois terços do seu território, transformando subitamente milhões de húngaros em cidadãos de novos Estados.⁴⁵

No caso da narrativa nacional sérvia, o ponto de partida é o Reino de Dušan (1331-1346), localizado no que hoje seria a Sérvia Central, ou seja, o território localizado entre os rios Danúbio e Sava, ao norte, e Drina, ao oeste, e o que seria aproximadamente a fronteira atual entre a Sérvia e o Montenegro. Este território não compreendia a Voivodina, o Kosovo ou as áreas na Croácia e Bósnia-Herzegovina, que já na época contavam com comunidades que teriam sido precursoras dos sérvios modernos. A morte de Dušan e a derrota na batalha de Kosovo

⁴³ Irredentismo era a doutrina política do nacionalismo italiano, que depois da unificação da Itália reivindicavam a anexação de territórios de língua italiana ainda não “liberados” do domínio austríaco. Sobre irredentismo nas novas constituições centro-europeias ver Pierre-Caps (1995) ou Basch (2004).

⁴⁴ Curiosamente, durante a domínio Otomano no Reino da Hungria apenas a Transilvânia conseguiu manter sua independência. A Transilvânia ocupa desde então um lugar especial na mitologia nacional húngara e, nos dias de hoje, é considerada como berço da civilização húngara, ainda que seja parte da Romênia. Na Hungria de hoje, ao contrário das visões orientalistas do resto do mundo, a Transilvânia não é o habitat de fadas e vampiros e sim de húngaros com os costumes mais autênticos, com a língua mais pura etc. Sobre o lugar especial da Transilvânia no imaginário húngaro ver a excelente monografia de Kürti, *The remote borderland: Transylvania in the Hungarian imagination* (2001).

⁴⁵ *Kis Magyarország nem ország, Nagy Magyarország mennyország*, ou seja, “a pequena Hungria não é um país, a Grande Hungria é o paraíso” (literalmente, “país dos céus, ou país divino”), é talvez um dos ditados mais repetidos por húngaros na Hungria contemporânea ou nas comunidades de húngaros além-fronteiras. Ao mesmo tempo, é preciso frisar que as narrativas populares e, frequentemente, também as oficiais, silenciam o caráter heterogêneo da “Hungria histórica”. No último censo da Hungria histórica, de 1910, só 54.4% da população definiu o húngaro como sua língua materna. (Kocsis & Kocsisné-Hodosi, 1998)

(1389) frente à tropas Otomanas marcam o fim do Estado sérvio medieval, mas passam a ser a referência para o futuro projeto nacional, a saber, a unificação dentro das fronteiras de um mesmo Estado de todos os sérvios (BANAC, 1988). Após vários séculos sem referência estatal e várias ondas migratórias sérvias para o norte do Danúbio,⁴⁶ é só após a Guerra de Criméia (1853-1856, que opôs o Império Russo à coligação entre o Império Otomano, França e Grã-Bretanha) e a vitória russa na guerra Russo-Turca (1877-78) que a Sérvia ganha reconhecimento como Estado soberano e tem suas fronteiras delimitadas. Em 1878, o Estado foi reconhecido no Congresso de Berlim, e no mesmo congresso decidia-se a anexação da Bósnia-Herzegovina pelo Império Austro-Húngaro, deixando minorias sérvias neste território, assim como no Reino da Croácia, que naquela altura era uma província autônoma dentro do Reino da Hungria. Finalmente, em 1918 com o fim da Primeira Guerra Mundial e a derrota definitiva dos dois Impérios multinacionais – o Otomano e o Austro-Húngaro – é fundado o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos,⁴⁷ já incorporando, junto com o Kosovo, o local da nossa pesquisa, a Voivodina.

⁴⁶ A onda migratória do final do século XVII foi liderada e organizada pelo Patriarcado ortodoxo de Peć. Para a maioria dos historiadores que tratam do período Otomano nos Balcãs, o Patriarcado de Peć é tido como a única instituição social e política que mantinha e cultivava a memória de algum tipo de identidade regional dos camponeses ortodoxos, que seria recuperada no século XVIII com os novos projetos de um Estado sérvio. (Jelavich & Jelavich, 1963; BANAC, 1988; White, 2000).

⁴⁷ Embora houvesse várias propostas bastante diferentes entre si, a unificação dos “eslavos do sul” em um mesmo Estado acabou sendo a opção das potências vitoriosas na Primeira Guerra Mundial. No Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, cada uma das nações constituintes tinha seu próprio projeto nacional convivendo e concorrendo com o projeto pan-eslavo, denominado Movimento Iliriano, que teve sua origem durante as guerras Napoleônicas. Quando Napoleão conquista em 1812 diversos territórios do Adriático nomeando-os Províncias Ilírias, resgata assim o nome atribuído pelos gregos da Antiguidade Clássica aos habitantes dos Balcãs. O movimento Iliriano da era do nacionalismo romântico sustentava que os habitantes dos Balcãs modernos seriam descendentes diretos dos Ilírios. Embora pensada como uma monarquia supra- e multinacional (pan-eslava), o reino enfrentava múltiplas tensões entre os diferentes projetos nacionais, principalmente entre a determinação dos partidos sérvios de construir uma Grande Sérvia e os partidos Croatas reivindicando maior autonomia para a Croácia. Em 1929, em função das crises permanentes, o rei Alexandre Karadjordjević opta por acabar com a monarquia constitucional introduzindo uma ditadura pessoal e renomeando o país como Iugoslávia. (JELAVICH, 1983; WHITE, 2000).

A Voivodina, notas histórico-demográficas⁴⁸

Nem aqui, nem ali. Apátrida entre duas pátrias. Um patriota local apátrida”

– László Végel (2015)

“Quando aqui era o Norte” - O Período Romano

Os primeiros registros escritos sobre a Voivodina datam do século I a.C., quando o Império Romano estende suas fronteiras para além do Danúbio. É deste período também que datam algumas das nomeações – etnônimos e denominações geográficas – que seriam resgatadas posteriormente pelos movimentos românticos nacionais. O termo Ilírio, usado originalmente pelos gregos para se referirem aos seus vizinhos do norte, transforma-se em marcador para os povos dos Balcãs em geral e também no nome da província que compreendia os territórios da península entre o mar Adriático, ao sul, e o rio Drava, ao Norte, o que em termos contemporâneos englobaria parte da Albânia, da Croácia, da Bósnia-Herzegovina, da Eslovênia e do Montenegro. O termo também será resgatado por Napoleão após a conquista da Dalmácia no início do século XIX, e, em seguida, pelo movimento nacionalista pan-eslavo croata, autodenominado Movimento Iliriano (*Ilirski pokret* em croata).⁴⁹

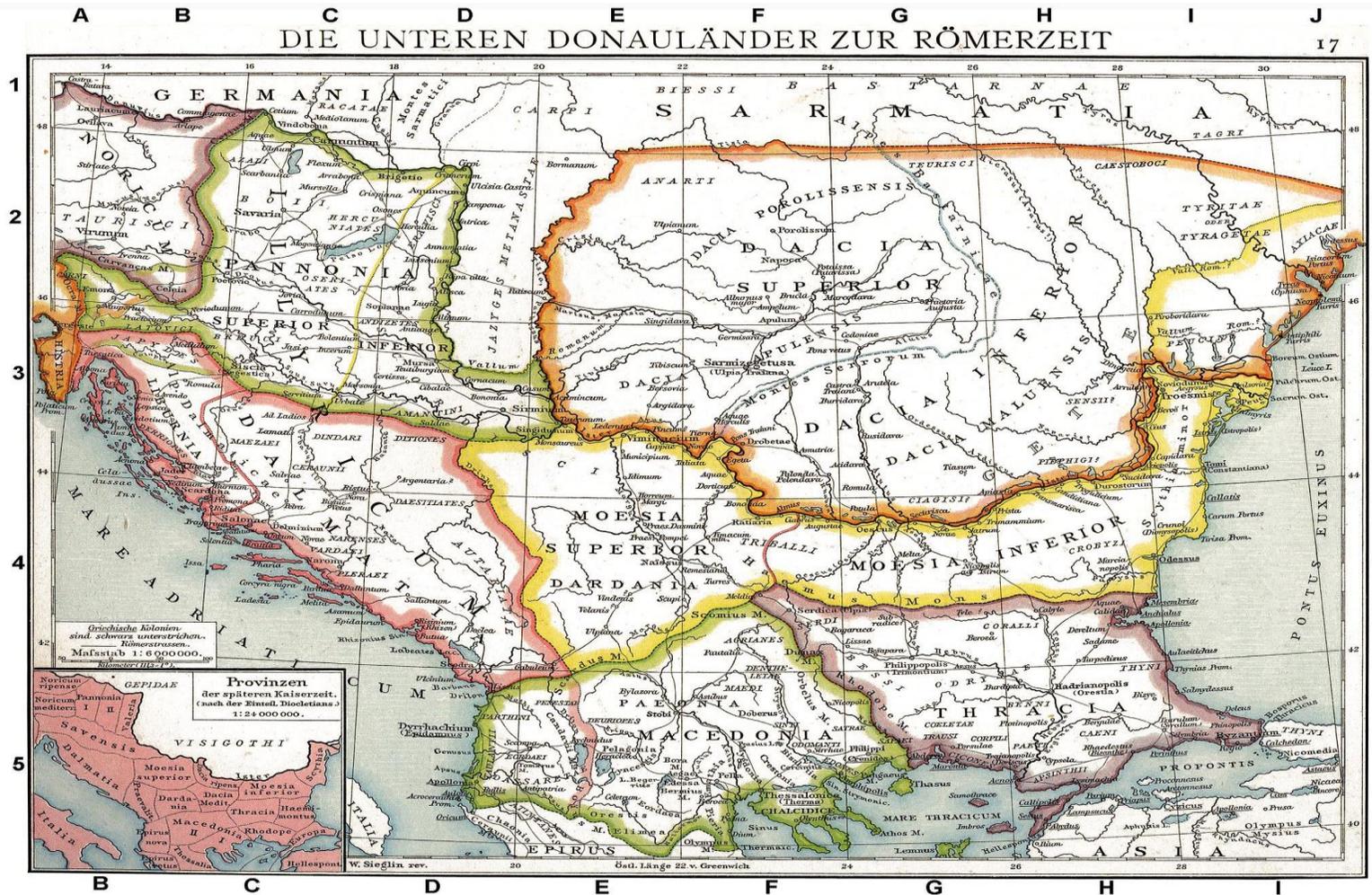
Se grande parte da ex-Iugoslávia e da Sérvia contemporânea faziam parte de Ilíria, ao Norte do rio Drava estendia-se a província de Panônia, e ao leste do Danúbio a província de Dácia.⁵⁰ Da Voivodina contemporânea, só a região do Srem fez parte da Ilíria, o Бачка (Bačka em alfabeto latim, Bácska em húngaro), ao norte, com capital em Subotica, fazia parte de Panônia, e o Banat da Dácia.⁵¹

⁴⁸ Para além de uma vasta bibliografia de cunho melodramático (que enfatiza uma histórica de *perdas* sucessivas dos húngaros da Voivodina), fiz uso sistemático de duas grandes referências para todos aqueles interessados na história da região, as obras de Beranger (1993) e Jelavich (2000).

⁴⁹ O Movimento liderado por Ljudevit Gaj lutava pela autonomia da Croácia dentro do Império Austro-Húngaro, o reconhecimento da língua croata como língua oficial ao lado do latim, do alemão e do húngaro e a unificação política de todos os povos eslavos do sul. O movimento teve um papel fundamental na classificação e standardização dos vários dialetos e também pode ser visto como a primeira grande cooperação entre intelectuais dos diferentes centros políticos, a qual resultou no *Bečki književni dogovor* (Acordo Literário de Viena) de 1850, momento fundador da criação de uma língua unificada, que viria a resultar na língua servo-croata. (Greenberg, 2004)

⁵⁰ De modo semelhante ao Movimento Iliriano, encontramos na Romênia o movimento da continuidade dacoromana, segundo o qual a etnogênese romena teria sido resultado da latinização dos povos eslavos residentes na área da Romênia atual no século I e os romenos contemporâneos seriam descendentes diretos destes povos.

⁵¹ Tanto no caso do Banat como do Bačka trata-se de regiões históricas, que constituíam importantes unidades administrativas nas várias formações estatais a partir da Idade Média, seja no Reino da Hungria, no Império Habsburgo, ou no Principado da Romênia. Nos dias atuais o Banat divide-se entre a Hungria, a Romênia e a Sérvia, enquanto o Bácska entre a Hungria e a Sérvia, preservando particularismos linguísticos, sociais e econômicos apesar da separação por fronteiras rígidas.



Mapa 1 Províncias Romanas do Baixo Danúbio. Atlas histórico de Doysens.

Die unteren Donauländer zur Römerzeit. Alte historische Karte aus Droysens Historischem Handatlas, 1886



Mapa 2 As três regiões da Voivodina

Wikimedia Commons. Gradovi u regionima Bačka, Banat, Srem i Mačva u Srbiji

O Período Bizantino

Embora a configuração demográfica, linguística e social dos povos que habitavam os Balcãs seja motivo de contenda até os dias atuais, com arqueólogos, linguistas e historiadores mais preocupados com historiografias e projetos nacionais do que com as próprias evidências arqueológicas e documentais, todas as versões parecem concordar que a entrada dos antepassados de sérvios, croatas e bósnios contemporâneos na península balcânica data de entre os finais do século V e a primeira metade do século VII. As referências aos povos bárbaros que passaram ou se estabeleceram pela região são bastante longas: além de eslavos, há evidências arqueológicas da passagem de tribos germânicas – como os gépidas, lombardos ou ostrogodos –, bem como de mongóis ou túrquicos – como ávaros e hunos. A migração dos povos bárbaros acabou fragmentando o Império Romano, provocando o cisma entre a sua parte Ocidental e

Oriental, o que gerou também o fim do lado Ocidental. O Império Bizantino, por sua parte, sobreviveria até o século XV estabelecendo uma relação feudal com os clãs eslavos, garantindo seu domínio sobre seus territórios em troca de reconhecimento do Imperador Bizantino enquanto suserano. Até o século XI, a região caracteriza-se por conflitos frequentes entre os clãs eslavos, liderados por seus *župans* (chefes, também traduzido em alguns documentos como príncipes), os quais também constituíam alianças de curta duração entre si, chegando a constituir pequenos estados medievais, sempre sob o domínio do Império Bizantino (BIDELEUX, 2007). Neste período, sob influência bizantina, tem início a conversão lenta e gradual da população ao cristianismo ortodoxo.

Em 1169, um dos *župans*, Stefan Nemanja, consegue conquistar e unificar uma série de mini-estados. Nemanja se declara *veliki župan* (grande zupan) de Raška, no território que hoje seria a Sérvia Central, fundando a dinastia Nemanjić, que, séculos depois, seria, e ainda é, usada como ponto de referência para um estado nacional sérvio. Ao longo dos séculos XII e XIII, a dinastia Nemanjić, estenderia seu território até a costa do mar Adriático, por partes da Bulgária, Montenegro, Kosovo, Macedônia, Bósnia e Croácia. Em 1331, no auge da dinastia Nemanjić, Stefan Dušan se autoproclama Imperador e Autocrata dos sérvios e gregos, búlgaros e albaneses (Fine, 2006). Porém, a morte de Dušan em 1355 e a expansão do Império Otomano significaram o fim dessa dinastia e do Reino medieval da Sérvia, derrotado definitivamente em 1389 em Kosovo Polje. Como mostra Mira Milosevich, a batalha de Kosovo-Polje acabou por se transformar no “mito fundador” da Sérvia e é vinculada tanto à existência e derrota do primeiro Estado Sérvio frente ao exército Otomano, como à fundação dos primeiros mosteiros ortodoxos, símbolos da identidade sérvia (Milosevich, 2001). Por sua vez, Kosovo também representa a origem do Estado albanês e, para os nacionalistas albaneses, é considerado o ponto de partida das revoltas tanto contra dominadores otomanos como contra eslavos ou cristãos.

Cabe notar, contudo, que um dos problemas no argumento de Mira Milosevich, e, de uma forma mais geral, de grande parte da historiografia sobre nacionalismos nos Balcãs e de toda a literatura que trata do fim da Iugoslávia, é que (talvez numa leitura equivocada da “invenção das tradições” de Hobsbawm) todos parecem ressaltar o caráter mitológico da batalha de 1389. No que concerne às categorias nacionais, como “sérvios”, “albaneses” ou “turcos”, a “desmitologização” por eles proposta parece acertada, pois, tratando-se de eventos do século XIV e XV, fica-se com dificuldade no momento da utilização de categorias nacionais tais como “sérvios” ou “albaneses”, as quais surgem apenas nos séculos XIX e XX. Talvez a opção por “eslavos” ou “cristãos” fosse mais apropriada, devido a uma abrangência maior dos termos e o

uso dos mesmos nas narrativas da época, o que não significa que possam ser menos anacrônicos ou sem conotações do presente. O que é sim importante ressaltar, e aqui concordamos com Milica Bakić-Hayden, é que o “mito” do Kosovo refere-se a um evento histórico, portanto, real tanto no sentido geográfico como no sentido temporal (BAKIĆ-HAYDEN, 2006).

Como nota Bakić-Hayden, nos anos que se seguiram, a batalha de 1389 foi descrita em diferentes crônicas eclesiásticas, assim como em canções épicas e contos populares ficcionalizados. Essa batalha foi contextualizada de maneiras as mais diversas ao longo de diferentes épocas históricas e não de modo necessariamente ligado a projetos políticos. Era mobilizada, por um lado, como uma espécie de história pública ou popular, e, por outro, como um texto de caráter religioso no qual os heróis cristãos, entre eles o príncipe Lazar, escolhe entre o império terrestre e o martírio/sacrifício para a liberdade eterna no reino celestial.⁵² Apropriações extraliterárias começam a aparecer na era romântica, quando o corpo poético relacionado à batalha começa a ser tratado e percebido como expressão dos ideais herderianos, ou seja, encarnando o “espírito ou o berço da nação”.⁵³ Essa foi a leitura hegemônica em 1889, no quinto centenário da batalha, quando a Sérvia, com a independência recém reconhecida no Congresso de Berlim (1878), reivindicava o território do Kosovo em nome de direitos históricos e a despeito da província na época contar com uma maioria albanesa/muçulmana.⁵⁴ Os eventos de celebração do sexto centenário da batalha são mais conhecidos e, para muitos dos estudiosos da década de 1990, inauguram os conflitos que levaram ao fim da Iugoslávia. Em 1989, o principal orador das celebrações foi Slobodan Milosević, que deixou de lado os aspectos religiosos e o sacrifício de Lazar, retomando a temática da traição e do inimigo interno nos seguintes termos: “a batalha foi lutada seiscentos anos atrás e cá estamos lutando ela de novo. Lutamos contra ‘eles’ e perdemos pela ‘falta de unidade e pela traição’, e aqui estamos lutando de novo”.⁵⁵

⁵² Na narrativa épica das baladas da “Batalha de Kosovo” – esse foi o nome dado às primeiras compilações feitas pelos nacionalistas românticos –, o Príncipe Lazar luta contra o Sultão Murad, sendo que ambos morrem na batalha. Miloš Obilić, um dos cavaleiros do príncipe vinga a morte dele matando o sultão. Um dos ciclos épicos frequentemente recuperado ao longo do século XX trata de uma possível traição ao príncipe (Milosevich, 2001).

⁵³ Curiosamente, a transformação da balada popular em texto político e expressão de identidade nacional é associada à obra de Vuk Stefanović Karadžić, linguista e folclorista, considerado ainda nos dias de hoje como pai fundador da antropologia sérvia. Mais adiante retomarei a discussão sobre o folclore e antropologia como ciências nacionais.

⁵⁴ No quinto centenário, a Croácia ainda fazia parte do Império Austro-Húngaro e a celebração gerou discussões acaloradas entre sérvios e croatas. Para prevenir possíveis confrontos, Viena proibira celebrações públicas como também proibira a presença de funcionários públicos em Belgrado, convidados para a cerimônia de assinatura da nova constituição da Sérvia, denominada de Vidovdan (BAKIĆ-HAYDEN; HAYDEN, 1992).

⁵⁵ Citado em Bakić-Hayden (BAKIĆ-HAYDEN, 2006), e também disponível em: <http://www.slobodan-milosevic.org/spch-kosovo1989.htm>.

Deve ficar claro, assim, que ao abordar a batalha de Kosovo, devemos nos desfazer da ideia de mito enquanto falsidade. Em 1389, esta batalha efetivamente significou o declínio do Estado sérvio medieval e o começo da longa dominação otomana na península dos Balcãs. Kosovo-Polje, marco do Período Bizantino, é, portanto, fundadora da ideia de nação sérvia e mobiliza até os dias atuais.

O Período Otomano

Após a batalha de Kosovo e o fim da dinastia dos Nemanjić, o Reino fragmenta-se de novo em unidades menores lideradas por príncipes ou chefes menores, facilmente subjugados pelo Império Otomano, que em 1455 passa a controlar toda a região da Sérvia Central e avança em direção ao Reino da Hungria, ultrapassando o Danúbio. Em 1463, ou seja, dez anos após a queda de Constantinopla, o Império se expande ainda mais, controlando o que seria a Bósnia atual e avançando em direção à Croácia, ao Oeste, e cruzando o Danúbio, ao Norte. Buda é ocupada em 1541.

Nos quase quatro séculos da história Otomana forja-se uma relação feudal entre as populações locais e o centro político, Constantinopla, a partir do qual o sultão mantinha o controle de todas as terras conquistadas ao conceder unidades territoriais não hereditárias (denominadas *tîmâr*) aos oficiais da cavalaria otomana, os *sipahi*, em troca dos serviços militares prestados à Sublime Porta (LAMPE & JACKSON, 1982). Em princípio, os *tîmâr* não eram hereditários e os *sipahi* colhiam o *tithe*, ou impostos para o Império, que variava entre um oitavo e um décimo da colheita de grãos e um preço fixo por cabeça de gado. No que diz respeito aos camponeses, estes cultivavam a terra no regime de *çift-hane*, denominação dada à unidade básica de terra arável por dois bois, e que tinha que fornecer o necessário para a sobrevivência da unidade familiar mais os impostos que seriam colhidos anualmente pelos *sipahi*.

No campo religioso e jurídico o Império Otomano manteve a relativa independência dos territórios conquistados, concedendo liberdades religiosas e autonomia às igrejas locais – a católica no caso da Hungria, a ortodoxa nos Balcãs, e o Halacha no caso das comunidades judaicas sefarditas que emigraram para os maiores centros urbanos do Império Otomano após a sua expulsão da Península Ibérica em 1492 –, desde que não se desafiasse a autoridade política do sultão. Vale ressaltar aqui que, de certa forma, as políticas do Império Otomano em relação às diversas religiões constituem a primeira experiência de pluralismo religioso no continente Europeu. Além de garantir a liberdade confessional, o sistema otomano, denominado de *millet*, ao transferir a autoridade civil e religiosa às igrejas locais, acabou por garantir uma espécie de autonomia ou autodeterminação no sentido de *self-government* aos seus súditos não

muçulmanos. Assim os *millet*s não muçulmanos não estavam sujeitos ao *Şeriat* (lei islâmica, hoje referida com Sharia), mas sim aos seus respectivos patriarcas, no caso de ortodoxos e armênios, ou lideranças rabínicas, para os judeus. Esses, por sua vez, representavam e negociavam em nome de suas comunidades diretamente com o Sultão (BANAC, 1988).⁵⁶

No entanto, com o enfraquecimento da autoridade central de Constantinopla após a morte de Suleiman, o Magnífico, o sistema *tîmâr* foi se transformando a partir da segunda metade do século XVI. Com isso, as terras concedidas passam a ser feudos hereditários e os impostos para os camponeses, cada vez maiores, são fixados pelos terratenentes locais em vez de Constantinopla. Uma das consequências do novo regime de impostos e abusos por parte dos *sipahi* foi o abandono das terras baixas e mais férteis, voltadas para o cultivo de grãos, e a migração de camponeses para zonas montanhosas para o pastoreio de animais ovinos e bovinos, pois os coletores de impostos chegavam com mais dificuldade e com menos frequência na região montanhosa e os impostos para animais eram mais baixos que para o cultivo de grãos. De acordo com Lampe e Jackson (1982:56), é a partir deste período que podemos falar do início da diferenciação entre os territórios que viriam a formar os estados Iugoslavos dois séculos depois. Devemos também destacar as duas grandes ondas migratórias ortodoxas da região do Kosovo e da Sérvia Central em direção aos territórios ao norte do Danúbio, para a Voivodina atual, que foram reconquistados pelo Império Habsburgo no final do século XVII, bem como o início de conversões ao Islão na região da Bósnia causados pelo sistema de *devshirme*, ou seja, recrutamento forçado de jovens do meio rural para o serviço militar, por um lado, e a percepção das vantagens econômicas e jurídicas (basicamente redução de impostos e oportunidades ampliadas de comércio) da conversão por parte da população urbana de Sarajevo, por outro.

O Período pós-Otomano / Império Austro-Húngaro

Como mencionamos acima, é no final do século XVII, com o tratado de Westfália (1648) e a estabilização de suas fronteiras com a Prússia, que o Império Habsburgo consegue voltar suas atenções para suas fronteiras austrais, conquistando (ou reconquistando, conforme a perspectiva) partes do território que compõem a Bósnia contemporânea, a Hungria e a Croácia, incluindo a Voivodina e a Eslavônia, ambas partes do reino da Hungria pré-otomana, sendo que a Eslavônia fazia parte do Reino da Croácia subordinada à Hungria.

⁵⁶ Como nota Banac (1998), o termo turco *millet* designava ao mesmo tempo religião e nacionalidade no quadro administrativo do Império, aspecto muitas vezes reproduzido no imaginário popular até os dias atuais em territórios ex-iugoslavos identificando ortodoxos com Sérvios, católicos com Croatas e muçulmanos com Bósnios e Albaneses.

Nos territórios reincorporados, os Habsburgos introduziram regimes diferenciados de administração dependendo da proximidade da fronteira com o Império Otomano. Assim, ao longo da nova fronteira, que se estendia desde o norte da Dalmácia (domínio de Veneto na época) e chegava até a Transilvânia seguindo os rios Sava e Danúbio para o leste, estabeleceu-se a *Militärgrenze* ou Fronteira Militar,⁵⁷ sob administração direta de Viena para garantir a defesa contra as tropas Otomanas. Os territórios localizados fora da faixa militar tiveram sua administração civil repartida da seguinte maneira: o *Sabor* (parlamento) Croata, sediado em Zagreb, assumiu as partes não militarizadas da Eslovênia e o Parlamento do Reino da Hungria, sediado em Pozsony (Bratislava, em eslovaco, ou Pressburg, em alemão, e capital da Eslováquia atual), as da Voivodina.

Com a (re-)conquista de parte dos Balcãs surge a ideia de *Populationistik*, termo em alemão que pode ser traduzido como “populacionismo”. Tratava-se de uma política de colonização fortemente influenciada pelas ideias do mercantilismo, que tinha como foco o desenvolvimento econômico, mas que também levava em conta tanto a problemática militar, isto é, a defesa das fronteiras de incursões do exército Otomano, como a questão religiosa e/ou nacional. Com isso, refugiados sérvios, seja fugindo de represálias otomanas por terem apoiado o exército Habsburgo seja simplesmente querendo se livrar dos impostos cada vez mais abusivos cobrados pelos *sipahi*, incorporam-se à Fronteira Militar. Em troca de serviço militar permanente, como obrigações de patrulhamento permanente da fronteira e serviço militar no exército regular, a Coroa garantia a liberdade religiosa e também oferecia uma quantidade fixa de terra por assentamento, livre de impostos e de outras obrigações feudais (LAMPE & JACKSON, 1982). Dessa forma, o Império tentava garantir não apenas a segurança das fronteiras, mas também a lealdade dos novos colonos para com Viena, em detrimento das nobrezas croata e húngara que haviam recuperado o controle de suas terras no território reconquistado fora da *Militärgrenze*.⁵⁸

Após o tratado de paz de Karlowitz (Karlóca ou Karlovci) de 1699⁵⁹ e com a fronteira assegurada pelos *Grenzer* (ou *graničari*, como eram denominados em sérvio e croata,

⁵⁷ *Vojna Krajina* em croata, *Vojna granica*/Војна граница em sérvio, *Granița militară* em romeno e *Katonai határőrvidék* em húngaro.

⁵⁸ A estratégia provou-se bem sucedida deste ponto de vista, na medida em que os *Grenzer* sérvios tomaram o lado de Viena na guerra de libertação Rákóczi (1703-1711), assim como na guerra da independência húngara em 1848-49 durante a “Era das revoluções”, para usar a expressão de Hobsbawm (1996).

⁵⁹ O tratado marca o início do declínio do Império Otomano nesta região da Europa, na derrota para a Santa Liga (coalizão formada sob a iniciativa e com o financiamento do Papa Inocêncio XI, em 1684, a qual contava, além dos Habsburgos, com Veneza, o Reino da Polônia, Rússia, Bavária, Brandemburgo e a Suécia). Na longa

ou ainda *granicsár*, em húngaro), Viena também promoveu o assentamento de milhares de camponeses alemães, principalmente nas regiões mais férteis, para o cultivo de grãos da Eslavônia e da Voivodina, esvaziadas durante os longos anos da guerra. Para atrair camponeses alemães, Viena oferecia três anos de isenção de impostos e um lote de terra por família/casa. Na primeira onda de colonização foram assentados 25 mil alemães do médio e baixo Reno devastado pela guerra da sucessão espanhola (1701–1714),⁶⁰ os quais foram seguidos por mais 40 mil em 1740. Inicialmente, a preferência da Coroa era por alemães católicos, de quem se esperava uma lealdade maior à Viena, até que, em 1787, José II, influenciado pelos ideais do Esclarecimento, lançou mais uma campanha de colonização, assentando 40 mil alemães protestantes. Ao mesmo tempo, dezenas de milhares de camponeses protestantes oriundos da Eslováquia e da Hungria também optaram pela emigração, atraídos principalmente pelas liberdades religiosas oferecidas pela administração habsburga na zona da Fronteira Militar, afora os impostos e obrigações feudais mais leves (Lampe & Jackson, 1982). Além da heterogeneidade linguística e religiosa, a imigração de massas camponesas trouxe também uma modernização na agricultura. Como mencionamos anteriormente, nos tempos otomanos as políticas de tributação acabaram compelindo a população à criação de gado nas terras altas e à agricultura de subsistência. Já no período Habsburgo, com a isenção de impostos, a distribuição de terras sem as obrigações feudais e regimes de servidão presentes nos territórios controlados pelas nobrezas húngaras e croatas, e a introdução pelos camponeses alemães de ferramentas e técnicas mais modernas como o arado de ferro e a rotação de culturas, a região começou a prosperar. Um outro fator importante foi o acesso a diferentes mercados, tanto do Império Otomano como do Habsburgo, que, por se tratar de uma zona fronteira, não conseguia fazer valer a sua política comercial de controle e unificação dos mercados dentro do império.

Curiosamente, do ponto de vista da história intelectual e nacional, é neste período que a Voivodina se torna o centro mais importante das ideias incipientes de “nação e cultura sérvias” focadas no “berço” histórico do Kosovo e na Sérvia Central, ainda partes integrantes do Império Otomano. Com os assentamentos e a política de *populationistik* o centro urbano mais importante da Voivodina, inicialmente referida pela cartografia imperial de Viena como

campanha entre 1683 e 1697, o Império Otomano perde a maior parte da Eslavônia, da Hungria e da Transilvânia, que passam a ser incorporadas ao Império Habsburgo, também perde a Podolia (na Ucrânia contemporânea), que passa para a União Polaco-Lituana, e a Dalmácia (na Croácia atual) que passa a ser território da República de Veneza. Sobre a Santa Liga e o Tratado de Karlowitz ver Berenger (2014).

⁶⁰ Com a morte de Carlos II sem deixar herdeiros, os Habsburgos perdem a Península Ibérica, quando tem início o reinado dos Bourbon.

Ratzen Stadt,⁶¹ ou seja, Cidade Sérvia, ganha uma nova “planta urbana” em 1748 e o nome novo em latim, *Neoplanta*, passa a ser traduzido para todas as línguas dos seus habitantes: *Novi Sad* – *Újvidék* em húngaro, *Neusatz* em alemão, *Nový Sad* em eslovaco, ou ainda Нови Сад em rutênio. A cidade rapidamente se transforma num centro educacional e mercantil e passa a ser o palco do “Renascimento Sérvio” (Српски препород/Sprski preporod). Este foi beneficiado pelo sistema de educação universal promovido por Viena, pelos inúmeros liceus e teatros, assim como pelos inúmeros mosteiros ortodoxos espalhados nas ladeiras do Fruška Gora, ao sul da cidade. Aqueles mosteiros foram fundados ainda no início do século XVIII com a grande migração do Kosovo liderada pelo patriarca de Peć (no Kosovo), Arsenije Carnojević, que acabou por transferir a capital do Patriarcado para Sremski Karlovci ainda em 1691. Como mencionamos anteriormente, nos mosteiros a memória da batalha de Kosovo e do estado da Sérvia Medieval era cultivada; além disso, a grande maioria dos intelectuais (filólogos, folcloristas, poetas, romancistas, etc.) autores das primeiras formulações da ideia de Sérvia, ou Grande Sérvia, a qual unificaria todos os territórios habitados por sérvios, são provenientes da região do Srem, ao sul de Novi Sad (WHITE, 2000).⁶²

Um dos principais intelectuais da época era Vuk Stefanović Karadžić (1787-1864), considerado até hoje o pai fundador da linguística e antropologia sérvias. Treinado e escolarizado nos mosteiros ortodoxos da Voivodina, foi altamente influenciado pelo pensamento de Herder e a noção de *Volkgeist*. Além de publicar o primeiro dicionário sérvio e a primeira coletânea do cancionero popular, a principal preocupação de Karadžić era, por um lado, justamente demonstrar a continuidade temporal entre fenômenos observados entre o campesinato sérvio dos séculos XVIII-XIX e os elementos acessíveis na época relacionados ao reino medieval de Dusan, e, por outro, demonstrar a comunhão e continuidade geográfica de tais fenômenos da cultura popular em ambos lados das fronteiras imperiais, ou seja, na Sérvia Central, ainda parte do Império Otomano, e na Eslavônia e na Voivodina, partes do Império Habsburgo (MIHAILESCU; ILIEV; NAUMOVIC, 2008). Curiosamente, e ao contrário das antropologias ou pré-antropologias da Europa Ocidental – nas quais, durante o processo de

⁶¹ Derivado de Raška, região da Sérvia Central, *Ratzen* designava no alemão do Império Habsburgo os Eslavos do Sul, distinguindo entre católicos e ortodoxos. Com o tempo o termo passou a denominar os sérvios e foi também incorporado à língua húngara. *Rác* é usado com certa frequência na Voivodina e na Hungria, e atualmente é considerado pejorativo.

⁶² Além da sede do patriarcado, em Sremska Karlovica, cabe destacar o mosteiro de Vrdnik, para onde foram transportados, em 1683, os restos mortais do Príncipe Lazar, herói da batalha de Kosovo, e lá permaneceram até o fim da Segunda Guerra Mundial, além dos mosteiros de Pancevo, Krusedol, Šišatovac e Zemun, todos nas redondezas do local da pesquisa de campo, Maradik.

formação ou invenção das nações, a cultura camponesa era considerada um elemento quase que retrógrado, impedindo o progresso e formação de unidades nacionais, como afirmaria Ernest Renan em *O que é uma nação?* (1887) –, encontramos na obra de Karadžić um elemento comum às antropologias nacionais do leste europeu, que depositam na figura do camponês a própria essência, ator e símbolo da nação (Verdery, 1995).⁶³

Enquanto nos séculos XVIII e XIX a Voivodina se transformava em centro intelectual e cultural sérvio, ganhando o apelido de *Srpska Atina* (Atenas da Sérvia), no plano político, em 1799, grande parte da Voivodina (o Bačka e o Banat) foi transferida para a administração da Coroa húngara. Neste mesmo período, boa parte de Eslavônia (o Srem ocidental) passa a integrar a Croácia sob administração civil, o que significou a volta ao sistema feudal de produção, onde famílias da nobreza húngara e croata reafirmariam seus “direitos históricos” de posse da terra, alocando lotes individuais para a população camponesa em troca de aluguel, que consistia na maior parte dos casos 52 ou 104 dias anuais de servidão nos latifúndios feudais (Lampe & Jackson, 1982).

Ao mesmo tempo, do outro lado do Danúbio, na Sérvia Central ainda sob domínio Otomano, mas com uma crescente influência das ideias de estado e nação provenientes da elite na Voivodina, tem lugar uma série de revoltas contra um Império Otomano em declínio. A mais significativa ocorreu entre 1804 e 1813, contou com a ajuda do Império Russo e foi liderada por Đorđe Petrović, um comerciante de porcos. A revolta ou insurreição (*Prvi srpski ustanak* em sérvio) chegou a declarar a independência da Sérvia, com a capital em Belgrado, mas o Estado teve uma vida curta e foi retomado pelo exército Otomano em 1813 quando a cúpula foge para a Voivodina controlada pelos Habsburgos.⁶⁴

Já na Voivodina, em 1848, a grande maioria do campesinato – incluindo sérvios, húngaros, eslovacos e romenos, mas com a importante exceção de uma parte dos colonos alemães – revolta-se em apoio à Revolução húngara contra o Império Habsburgo, motivada em grande medida pelos planos revolucionários de abolição da servidão (Jelavich, 1983b). Contudo, o apoio inicial e a revolta contra os Habsburgos transforma-se rapidamente numa guerra civil generalizada, na qual camponeses e nobres húngaros lutam pela independência da

⁶³ Retomaremos a questão das antropologias nacionais mais adiante. Sobre o nascimento da antropologia sérvia e a obra de Karadžić ver também Naumovic (2008).

⁶⁴ Mesmo apesar da derrota, Đorđe Petrović incorporando o apelido Kara [Preto] fundaria a segunda casa real da Sérvia, a casa dos Karađorđević. Seu filho Alexandar seria eleito rei da Sérvia em 1842 e a família reinaria até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando Pedro II parte para o exílio. Atualmente os herdeiros seriam os filhos de Alexandre II Karađorđević com Maria da Glória de Orléans e Bragança.

Hungria, ao passo que camponeses sérvios reivindicam sua própria independência e união com o Principado/Reino que fora declarado por Karadorđe nos territórios otomanos e passam a lutar não apenas contra o exército Habsburgo mas também contra os húngaros, e, finalmente, croatas da Eslavônia e da Fronteira Militar comandados pelo conde Josip Jelačić lutavam pela unificação da Croácia, Eslavônia e a Dalmácia. Por fim, em 1849, os múltiplos movimentos de independência são derrotados com a ajuda do exército da Rússia, e, em 1867, com o *Ausgleich* (Compromisso) Austro-Húngaro, o norte da Voivodina (o Bácska e o Bánát) passa a ser plenamente integrado ao Reino da Hungria e a Fronteira Militar é desmantelada, enquanto o Srem, parte da Eslavônia, passa a fazer parte do Reino da Croácia.

O maior ganho político foi o dos húngaros que, da condição de derrotados na Guerra de Independência de 1848-49, passaram a ser o segundo “povo estatal” do Império. Em 1868, húngaros e croatas assinaram seu próprio Compromisso, *Nagodba* em croata. Neste, a Croácia era reconhecida como unidade territorial dentro da Monarquia Húngara, com autonomia para decidir seus assuntos internos, como sistema judiciário, polícia, educação e assuntos relativos à religião. A língua croata também foi reconhecida como língua oficial, não apenas dentro da Croácia, mas também no Parlamento húngaro, que assegurava quarenta cadeiras aos croatas. De acordo com François Fejtö (1990) e Barbara Jelavich (2000), é possível constatar de que modo tanto a revolução e posterior Guerra da Independência como os compromissos austro-húngaro e húngaro-croata (o qual, visto como imposição da Áustria e da Hungria, teve recepção negativa na Croácia) representam uma ruptura brusca na relação da Hungria com as nacionalidades e minorias presentes no território da Coroa húngara. Nas décadas anteriores aos acontecimentos citados, que coincidem justamente com as primeiras formulações de reivindicações e projetos nacionais e nacionalistas, romenos, sérvios e croatas eram “aliados naturais” dos húngaros, enfrentando em conjunto o absolutismo centralizador austríaco.

Após 1848 e 1867, ficou claro que as reivindicações húngaras, sérvias, romenas e croatas eram incompatíveis entre si. Para muitos autores, foi o surgimento dessas diferenças e incompatibilidades que culminou na desintegração do Império Austro-Húngaro em 1919 (Jelavich, 2000 e Fejtö, 1990). É também neste período inaugurado pelo Compromisso Austro-Húngaro de 1867 que temos as primeiras informações estatísticas relativas à composição étnica da Voivodina.⁶⁵ Segundo o primeiro censo, realizado em 1880, dos 1,2 milhões de habitantes

⁶⁵ É só a partir deste momento que podemos falar do Império Austro-húngaro. No Compromisso, assinado entre o Imperador Francisco José, ou seja, a casa dos Habsburgos, e os representantes húngaros, a Hungria recuperava sua autonomia, bem como as “três províncias históricas”, a Transilvânia, a Croácia e a Eslavônia. O Imperador

do que seria a Voivodina atual, 35,5% definiam-se como sérvios, 24,4% como alemães, 22,6% como húngaros, 6,2% como croatas, 5,9% como romenos, 3,7% como eslovacos, 0,8% como ucranianos ou rutênios e 0,9% como pertencentes a outras nacionalidades.⁶⁶ Segundo as estimativas de Károly Kocsis, a região de Szabadka (Subotica) e do rio Tisza concentrava aproximadamente 56% dos húngaros, maioria em quase todas as localidades. Fora deste “bloco húngaro”, os húngaros eram maioria em 27 municípios (7 em Bácska, 19 em Bánát e apenas um em Syrmia).⁶⁷ No que se refere ao “status étnico”, analisando índices de desenvolvimento econômico e de modernização, Kocsis sugere que os húngaros e alemães estavam no topo da hierarquia étnica na região. De fato, dentro do Império Austro-Húngaro, também denominado de Monarquia Dual, a condição legal de sérvios, romenos, eslovacos e rutênios era a de minoria nacional, sem os mesmos direitos políticos e coletivos que as “nacionalidades históricas”, como era o caso de húngaros e croatas.

Analisando os movimentos populacionais deste período, Kocsis observa a migração de húngaros para os grandes centros urbanos, como Újvidék (Novi Sad), Szabadka, Nagybecskerek, Pancsova, Versec etc. Também foi organizado o assentamento de camponeses húngaros nos grandes latifúndios da Voivodina e de húngaros da Bukovina em localidades ao longo do Danúbio (Székelykeve, Sándoregyháza, Hertelendyfalva). Finalmente, como consequência do crescimento populacional dentro do bloco húngaro (nas regiões de Szabadka e do rio Tisza), houve um êxodo de húngaros na direção sul-sudeste. Desta forma, entre 1880 e 1910, o número de húngaros no sudeste de Bácska aumentou em 66,3%, e 82,3% na região central e sul do Bánát. Finalmente, na região do Szerémség (Srem ou Syrmia), onde hoje só podemos falar de enclaves étnicos húngaros no meio de uma maioria sérvia, como Satrinca (Шатринци ou Šatrinici), Herkóca, Nyékica, e o próprio local da pesquisa etnográfica, Maradék (Марадик ou Maradik), o aumento foi de 130%.⁶⁸

Além desses movimentos demográficos, devemos pensar em outros processos que podem elucidar as mudanças na estrutura étnica da Voivodina ocorridas no último período imperial. Destacamos a emigração para as Américas de cerca de 150 mil pessoas – 79.500 alemães, 27 mil sérvios e 15 mil húngaros –, assim como os processos de “assimilação natural”

reconhecia o regime parlamentar da Hungria, cuja nobreza recuperava os seus privilégios e poderes perdidos em 1848. Cf. Bérenger (1993).

⁶⁶ Este primeiro censo perguntava pela afiliação linguística, isto é, pela língua materna.

⁶⁷ Cf. Kocsis & Kocsis-Hodosi, op.cit. p.142

⁶⁸ O período entre 1867 e 1914 é lembrado pelos húngaros como de fertilidade e paz. O saudosismo aparece tanto na fala de entrevistados em Maradék e Csantavér, como em romances e novelas, e, de certa forma, em obras historiográficas, como por exemplo as monografias de Jean Bérenger (1993) e François Fejtő (1990).

– principalmente em contextos onde os húngaros representavam maioria absoluta ou nos centros urbanos, onde prevalecia o húngaro como língua oficial. Ao lado de processos que se davam em função da intensa convivência de minorias nacionais com um entorno hegemônico húngaro, ocorre também a “assimilação forçada”, expressa na *magyarosítás* (“hungarização” de nomes) e na organização do sistema educacional, que quase impossibilitava a existência de escolas para as outras nacionalidades e minorias nacionais e étnicas. Além disso, “tornar-se húngaro” representava, muitas vezes, a única possibilidade de ascensão social e de obtenção de direitos políticos e de cidadania. Mesmo durante a pesquisa de campo, vários entrevistados se definiam como húngaros e só depois revelaram ser de origem alemã ou *bunjevac*. Também é bastante provável que as populações judias da Voivodina não só falassem em húngaro como se definissem nos censos como tais.⁶⁹

Enquanto isso, do outro lado do Danúbio, com o fim da guerra Russo-Turca, a Sérvia Central ganha sua independência no Congresso de Berlim, realizado em 1878, e amplia seus territórios incorporando o Kosovo e partes da Macedônia nas duas Guerras Balcânicas no início do século XX. Contudo, como o Congresso de Berlim concedeu a administração da Bósnia-Herzegovina à Monarquia Austro-Húngara, o projeto da “Grande Sérvia” só se realizaria no final da Primeira Guerra Mundial.

⁶⁹ A respeito da assimilação dos judeus e sua integração através da emancipação e do projeto de modernização húngara (que traduzia o próprio projeto nacional) articulado pela nobreza liberal, ver os trabalhos de Fejtő (2000), Karády (2000) e Gyurgyák (2001).



Mapa 3 Nacionalidades no Império Austro-Húngaro. William R. Shepherd: Historical Atlas

Cabe lembrar que a Primeira Guerra Mundial tem início em 1914, com o assassinato do herdeiro de Francisco José, Francisco Ferdinando, em Sarajevo. Se em toda a Europa a guerra representou uma ruptura sem volta, os territórios sob domínio Austro-Húngaro passariam por transformações profundas que acabaram por levar ao fim da própria monarquia. Com a guerra, os antagonismos entre as nacionalidades do império chegam ao seu ponto máximo. A oportunidade para a realização de projetos nacionais secessionistas chega com as derrotas militares do império em 1918, e as nacionalidades formam governos provisionais reconhecidos pelas potências da Tripla Entente e ratificados nos tratados de paz de Paris e Trianon (Bérenger, 1993). Nos tratados de 1920, a Romênia fica com a parte oriental do Bânát, cuja parte ocidental junto com o Bácska e o Srem, as outras duas unidades constitutivas da Voivodina, foi incorporada no outro estado novo da região, o Reino Sérvio-Croata-Esloveno.

Desta forma, é possível que a Primeira Guerra Mundial tenha representado a maior ruptura na estrutura étnica da Voivodina desde a ocupação otomana. As duas nacionalidades dominantes até então, húngaros e alemães, passaram a ser consideradas inimigas. A região foi ocupada em 1918 pelo Exército Real Sérvio e, após a fixação das fronteiras em 1920, teve início o programa de nacionalização da região. Os funcionários públicos, majoritariamente húngaros, perderam seus empregos, as escolas foram nacionalizadas e as fazendas e latifúndios com mais de 100 acres foram expropriadas. Segundo Kocsis (1998: 147), 48,6% das terras expropriadas pertenciam a húngaros e 36,3% a alemães, judeus ou italianos. Entre os 57.631 camponeses registrados como sem-terra em Bácska, 41,4% eram húngaros e 18,2% alemães. As terras expropriadas foram redistribuídas principalmente entre camponeses sérvios, entre eles os *dobrovoljci* (colonos voluntários), camponeses que, trazidos de outras regiões do Reino Sérvio-Croata-Esloveno, foram assentados no lugar de húngaros e alemães expulsos de suas vilas com o objetivo de quebrar a maioria húngara das regiões de Szabadka e do Rio Tisza. Segundo os dados disponíveis, 33 mil húngaros, principalmente funcionários públicos da antiga administração húngara ou imperial, intelectuais e proprietários de terras, foram deportados e “repatriados”, e 48 mil camponeses eslavos (45 mil sérvios e 3 mil *bunjevác*) provenientes de outras regiões como o sul da Sérvia, Montenegro e Bósnia-Herzegovina foram assentados nos 468.989 acres expropriados. Os centros urbanos receberam aproximadamente 16 mil sérvios, notadamente, funcionários públicos da nova administração estatal e militar e comerciantes. Ao mesmo tempo, grande parte dos camponeses húngaros que perderam suas terras migrou para a região danubiana do Bânát (perto da nova capital Belgrado) e para os grandes centros urbanos (Novi Sad e Belgrado). Entre 1921 e 1929, estima-se que entre 10 mil e 15 mil húngaros emigraram para as Américas e para a Austrália (NYIGRI, 1941: 298).

O primeiro censo realizado no novo estado servo-croata-esloveno em 1921, registrou, num total de 1,5 milhão de habitantes, 533.466 sérvios (34,9%), 363.450 húngaros (23,8%), 335.902 alemães (22%), 129.788 croatas (8,5%), 59.540 eslovacos (3,9%), 67.675 romenos (4,4%), 13.644 rutênios (0,9%) e 24.773 de outras nacionalidades. Neste período, foi instituída a lei de Svetozar Pribičević, que ordenava a “análise de nomes”. Os nomes de família que não eram julgadas como sendo claramente de origem húngara do ponto de vista lingüístico, não podiam ser declarados húngaros no censo. Este foi o caso de 52 mil húngaros, registrados como alemães (12.330), servo-croatas de religião católica (32.620) ou como “outros” (6.850).

A partição do Império Austro-Húngaro e do Império Otomano dava lugar a novos estados que se queriam nacionais, mas que tinham que lidar com o mesmo problema do império: a existência em seu território de múltiplas minorias nacionais e étnicas. Os primeiros anos do Reino são marcados pelo conflito entre a ideia da Grande Sérvia, simbolizada pela figura do rei e do governo central liderado pelo Partido Radical Sérvio, e as reivindicações croatas por uma autonomia maior dentro do reino (Jelavich, 1983a). Em 1929, o rei Aleksandar decreta o fim da monarquia constitucional e dos partidos políticos e renomeia o estado Reino da Iugoslávia, que simbolizaria, com pouco sucesso, a união dos três povos considerados constituintes. Já em 1934, Aleksandar é assassinado em Marseille por radicais croatas; quatro anos depois o país novamente se fragmentaria, entrando na Segunda Guerra Mundial. No dia 6 de abril de 1941, após o golpe militar realizado por um grupo de oficiais do exército iugoslavo, a Iugoslávia é ocupada pelas tropas alemãs e italianas e o estado iugoslavo é dissolvido. Com a capitulação iugoslava, foi proclamado o Estado Croata Independente (*Nezavisna Država Hrvatska* ou NDH), que incluía o Norte da Eslovênia e a Bósnia-Herzegovina e seria administrado pelo movimento fascista croata, os *Ustaše* (“levante” em croata); a Sérvia Central seria ocupada pela Alemanha e administrada também por um governo fantoche, denominado “Governo de Salvação Nacional” (*Vlada Narodnog Spasa*); a Macedônia seria ocupada pela Bulgária, enquanto a região do Kosovo e de Montenegro passariam a fazer parte do protetorado Italiano da Albânia. A Itália também anexaria a Dalmácia e o sul da Eslovênia. Na Voivodina, toda a região do Srem é incorporada pelo Estado Croata, o qual reivindicava os direitos históricos à Eslavônia, o Bánát passa diretamente para a administração alemã entregue aos *Volksdeutsche* ou “alemães étnicos”, e, finalmente, o Bácska foi entregue ao Estado Húngaro, também aliado da Alemanha nazista. Entre 1941 e 1945 estima-se que nas três regiões da Voivodina tenham

sido diretamente executados 50 mil judeus, roma e sérvios, e que mais de 280 mil pessoas tenham sido internadas e deportadas para vários campos de concentração.⁷⁰

Embora em princípio os dois Estados fantoches criados pela Alemanha, assim como as regiões partilhadas por Alemanha, Itália, Áustria ou Hungria tenham sido membros ou aliados do Eixo, o período entre 1941 e 1944 poderia ser melhor caracterizado como uma guerra civil geral, na qual os *ustashas* do NDH, com ajuda da igreja católica e apoio de grupos fascistas bósnios, perseguiram sérvios e montenegrinos ortodoxos, enquanto lutavam ao mesmo tempo contra o movimento *chetnik* (movimento monarquista e nacionalista sérvio liderado por Draža Mihailović) e contra os partisans do KPJ (*Komunistička partija Jugoslavije*) liderados por Josip Broz Tito, também em guerra entre si.⁷¹ De maneira geral, o movimento Ustasha representava o projeto croata, enquanto os Četnik representavam o projeto da Grande Sérvia e os comunistas de Tito, mais heterogêneos em termos de nacionalidade, prometiam a continuidade da federação iugoslava em termos mais igualitários que os da Monarquia do entreguerras.

Em 1944, com a ajuda de tropas russas e búlgaras, os *partisans*, dirigidos por Tito, retomaram o território da Voivodina, introduzindo uma administração militar.⁷² Em seguida, foi ordenada a concentração de todos homens húngaros e alemães em idade de serviço militar.⁷³ Da mesma maneira que após a primeira Guerra Mundial, fez-se uma reforma agrária, sendo que 58,2% das terras expropriadas (aproximadamente 390 mil hectares) encontrava-se em mãos de

⁷⁰ Na região do Bácska, novamente sob administração húngara, um decreto militar ordenou o início imediato da deportação dos judeus, assim como a expulsão de todos os sérvios que chegaram na região após outubro de 1918, denominados de “imigrantes” ou “não nativos”.

⁷¹ *Ustashas* e *chetniks* foram algumas das categorias recuperadas durante as guerras dos anos 1990, e tanto os movimentos como suas lideranças e símbolos continuam gerando controvérsias até hoje em todos os estados pós-iugoslavos. Cabe notar, por exemplo, que a *Trobojnica* (tricolor), a bandeira croata contemporânea, é muito semelhante à usada durante a Segunda Guerra Mundial e chegou a ser proibida durante o regime socialista. Há também o caso de Draža Mihailović, o líder Četnik que fora executado em 1946 por crimes de guerra e colaboracionismo com a Alemanha nazista e que foi reabilitado em maio de 2015 pela Corte Suprema da Sérvia, que anulou a sentença de 1946 (RAMET, 2006). Em relação ao número das vítimas civis da Segunda Guerra o assunto foi considerado um tabu durante muito tempo no regime socialista. As primeiras estimativas foram feitas pelo Instituto Estatístico da Iugoslávia em 1964, mas os debates sobre os acontecimentos e as próprias vítimas foram silenciados pelo medo de incentivarem as diferenças entre as várias repúblicas da federação. Ao longo dos anos 1980 e 1990, questões relativas à Segunda Guerra Mundial vieram à tona novamente, desta vez acompanhadas por debates acalorados e acusações mútuas de relativização. Sobre as vítimas e a guerra dos números ver a sistematização feita por Vladimir Zerjavic em *Yugoslavia-Manipulations -With The Number Of Second World War Victims*, que conta com 1 milhão de mortes violentas entre 1941 e 1945. (ŽERJAVIĆ, 1993).

⁷² Fica difícil falar tanto de libertação da Voivodina (o termo que será usado posteriormente pela historiografia oficial iugoslava), como de perda, usada na linguagem irredentista e revisionista húngara. Será que a totalidade da população húngara da Voivodina viveu a expulsão do exército húngaro aliado da Alemanha nazista como perda? E os sérvios e croatas simpatizantes das unidades monarquistas dos *chetniks* e *ustashas*?

⁷³ Segundo Kocsis (1998), 140 mil homens alemães foram concentrados em 41 campos provisionais. Não há dados sobre o número de húngaros concentrados, mas estima-se que 20 mil morreram durante as vendetas posteriores à retomada da Voivodina. Ver também a este respeito as monografias de Márton Matuska (1991) e Tibor Cseres (1993).

alemães. 84% das terras foram redistribuídas entre camponeses sérvios, e 9,9% entre húngaros. Nos espaços deixados pelos alemães deportados, 225.696 indivíduos foram assentados – 162.447 sérvios, 40.176 montenegrinos, 12.000 macedônios, 7.134 croatas e 2.091 eslovenos (KOC SIS & KOC SIS-HODOSI, 1998).



Mapa 4 Partilha da Iugoslávia em 1941

Com a vitória na guerra, Tito e o KPJ restauraram o Estado da Iugoslávia, denominado muitas vezes de Segunda Iugoslávia, numa versão mais federativa e menos centralizada quando comparada à primeira Iugoslávia, onde a Sérvia considerava-se o centro da Monarquia e os sérvios eram percebidos como povo estatal.

Se a Segunda Guerra Mundial significou a aniquilação total dos quase 31 mil judeus da Voivodina presentes na região pelo menos desde os tempos do Império Otomano, com a deportação, expulsão e fuga dos alemães nos anos seguintes à guerra um outro grupo desapareceria completamente da Voivodina. Tratava-se de um contingente de mais de 300 mil alemães *Volksdeutsche* (500 mil considerando toda a Iugoslávia), cujo desaparecimento

transformaria os húngaros na maior minoria da Sérvia. De acordo com o censo de 1948, o primeiro da segunda Iugoslávia, liderada pelo marechal Tito, 60,4% dos habitantes da Voivodina eram sérvios, montenegrinos ou croatas e 26,1% (428.554 indivíduos) se definiram como húngaros.⁷⁴

No período imediato ao pós-guerra, com a coletivização forçada da agricultura e a corrida pela industrialização tão característica dos estados socialistas, o estado socialista organizou novos assentamentos massivos para garantir a mão de obra na indústria e a produção agrícola essencial para a reconstrução do país. Assim, a partir de 1946 foram assentados *partisans*, veteranos da guerra e camponeses sem-terra oriundos do Montenegro e das áreas mais pobres e montanhosas da Bósnia-Herzegovina.

No que diz respeito às políticas nacionais, a versão federativa e socialista da Iugoslávia optou por um sistema de afiliação dupla, uma combinação única do modelo alemão, baseado no critério da nacionalidade, e do modelo francês, fundado na ideia da cidadania (ELIAS, 1990, BRUBAKER, 1992, entre outros). No âmbito das cinco repúblicas federadas, mantinha-se a ideia de nacionalidade ou povo estatal (sérvios na Sérvia, croatas na Croácia, montenegrinos em Montenegro, etc.). Inicialmente, a Bósnia-Herzegovina, o sexto estado da federação, era definida não como um estado nacional e sim como uma entidade histórica compartilhada por muçulmanos, sérvios e croatas, onde muçulmanos eram oficialmente definidos como *muslimani nacionalno neopredeljeni* (muçulmanos sem afiliação nacional) no censo de 1948, ou *jugosloveni/srpski/hrvatski neopredeljeni* (iugoslavos/sérvios/croatas indecisos) em 1953, ou ainda como *muslimani (etnicka pripadnost)* (muçulmanos por afiliação étnica) em 1961, que se transformaria em 1968 em *Muslimani u smislu narodnosti* (Muçulmanos no sentido de nacionalidade). Desta forma, Muçulmanos, com letra maiúscula, passariam a ser uma comunidade nacional ao invés de uma minoria ou comunidade religiosa, designada com ‘m’ minúsculo. Concomitantemente às nações constitutivas da federação, as diferentes nacionalidades e as minorias nacionais e étnicas podiam considerar-se “iugoslavas”, ideia expressa por slogans como *Bratstvo i jedinstvo* “fraternidade e unidade”. Como já adiantamos, neste sistema de classificação dupla, o Kosovo e a Voivodina constituíam uma exceção importante, na medida em que não podiam ter o estatuto de repúblicas federadas para evitar possíveis movimentos separatistas em função da existência dos estados nacionais albanês

⁷⁴ Considerando as políticas de assentamentos e colonizações ao longo da história imperial da região, que significava povoamentos necessariamente heterogêneos, onde a maioria dos habitantes falava duas ou três línguas, a possibilidade de troca de identidades era uma estratégia bastante comum. Assim, até hoje encontramos um número bastante significativo de alemães “dissimulados”, ou seja, aqueles que conseguiram disfarçar sua origem alemã e se definiram como húngaros, croatas ou até mesmo sérvios, temendo represálias e deportação.

e húngaro como vizinhos às duas províncias. A solução encontrada na reforma constitucional de 1974 foi a de garantir o estatuto de províncias autônomas.

E foi precisamente no vácuo de poder criado após a morte de Tito em 1980, a grave crise econômica e o ambiente propiciado pelas tensões no Kosovo, com a revolta de estudantes albaneses reivindicando o estatuto de República, que podemos situar o início do fim da Segunda Iugoslávia. Além da tensão entre albaneses e sérvios no Kosovo, ao longo dos anos 1980, a Croácia e a Eslovênia também reivindicavam autonomia ainda maior e foi aproveitando este ambiente que, na véspera do sexto centenário da batalha de Kosovo, Slobodan Milošević chega à presidência da federação, retirando a autonomia da Voivodina e do Kosovo. Dois anos depois, a Croácia e a Eslovênia declaram a independência e o governo federal ordena o Exército Popular Iugoslavo, dando início à fragmentação da Iugoslávia em três guerras sangrentas (entre 1991-95 na Croácia, 1992-95 na Bósnia e 1998-99 no Kosovo).

Foi neste contexto que iniciei a pesquisa de campo na Voivodina ainda em 2001, encontrando referências explícitas e inúmeras às guerras mais antigas, principalmente às do Império Otomano, mas também da Segunda Guerra Mundial, reflexões mais silenciosas sobre os eventos mais recentes e referências múltiplas à Iugoslávia titoísta, que ainda constitui a principal experiência para a maioria dos meus interlocutores. Assim, placas expostas em salas de estar com a inscrição *Bratstvo i jedinstvo*, ou quadros e retratos de Tito, ainda estão presentes em muitas casas. Em alguns botecos, ainda é costume brindar à saúde “do nosso pai Tito”, cujo retrato se encontra na parede cercado de quadros com flores. Além disso, a grande maioria dos meus interlocutores que ainda viveram a Iugoslávia socialista afirmou ter visitado o túmulo do líder pelo menos uma vez após a morte dele em 1980. Desta forma, a presença continuada de Tito nos sugere uma certa nostalgia da época socialista que, pelo menos no que diz respeito à ideologia oficial, pregava igualdade e união entre nacionalidades diferentes. A adesão a uma Iugoslávia supra- ou multinacional ainda está presente mesmo após o fim da ideologia do *Bratstvo i jedinstvo*

	1787		1880		1931		1948		1991		2011	
Total	476.018		1.172.729		1.624.158		1.663.212		2.012.517		1.931.809	
Sérvios	281.690	59,2%	416.116	35,5%	528.000	33%	841.246	50,6%	1.151.353	57,2%	1.289.635	66,7%
Húngaros	50.316	10,6%	265.287	24,4%	413.000	26%	428.932	25,8%	340.946	16,9%	251.136	13%
Croatas	38.161	8%	72.486	6,2%	120.000	7%	134.232	8,1%	74.226	3,7%	47.033	2,43%
Romenos	27.436	5,8%	69.668	5,9%	78.000	5%	59.263	3,6%	38.832	1,9%	25.410	1,32%
Eslovaacos	9.704	2%	43.318	3,7%	67.000	4%	72.032	4,3%	63.941	3,2%	50.321	2,6%
Rutenos	3.836	0,8%	9.299	0,8%	21.000	1%	22.083	1,3%	17.889	0,9%	13.928	0,7%
Albaneses	1600	0,4%	-	-	-	-	-	-	2.959	0,2%	2.251	0,12%
Búlgaros	400	0,1%	-	-	-	-	-	-	-	-	1.489	0,08%
Alemães	58.866	12,4%	285.920	24,4%	343.000	21%	31.821	1,9%	-	-	3.272	0,17%
Judeus	-	-	-	-	21.000	1%	-	-	-	-	-	-
Montenegrinos	-	-	-	-	-	-	-	-	44.721	0,9%	22.141	1,15%
Macedônios	-	-	-	-	-	-	-	-	16.641	0,8%	10.392	0,5%
Ciganos	-	-	-	-	-	-	-	-	24.895	1,2%	42.391	2,19%
Iugoslavos	-	-	-	-	-	-	-	-	168.859	8,4%	12.176	0,63%
Eslovenos	-	-	-	-	-	-	-	-	2.563	0,1%	1.815	0,09%
Muçulmanos	-	-	-	-	-	-	-	-	6.079	0,3%	3.360	0,17%
Bunjevci	-	-	-	-	-	-	-	-	21.552	1,1%	16.469	0,85%
Outros	-	-	10635	0,9%	37.000	2%	5.441	0,3%	35.006	1,8%	137.247	7,2%

Tabela 3- Dados demográficos da Voivodina ao longo de diferentes momentos históricos

O censo de 1787 reflete ao mesmo tempo as duas grandes ondas de migração sérvia vinda do Kosovo e da Sérvia central e os primeiros resultados da política de recolonização de Viena. Neste período uma parte importante da Voivodina encontra-se sob administração direta da coroa - a Fronteira Militar – a região do Banat sob jurisdição húngara e partes do Srem sob controle Croata enquanto parte da Eslavônia e outras incluídas na Fronteira Militar. Em 1880, com o Compromisso Austro-Húngaro de 1867 grande parte da Voivodina está sob administração da Coroa Húngara, e o Srem faz parte da Croácia. Os dados do censo de 1931 se referem à “primeira” Iugoslávia, dois anos após a sua criação, enquanto os de 1948 à “segunda” Iugoslávia. O censo de 1991 reflete a situação prévia às guerras que levaram ao fim da Iugoslávia e o de 2011 reflete a situação atual. Nesta última coluna, juntei baixo a denominação “Outros” os “não-declarados”, os de “nacionalidade não definida” e as habitantes que pela primeira vez na história dos censos declaram terem uma “identidade regional”. Fontes: (Kocsis; Kocsisné Hodosi, 1998; Statistical Office Of The Republic Of Serbia, 2011 Попис становништва, домаћинства и станова 2011. у Републици Србији / 2011 Census of Population, Households and Dwellings in the Republic of Serbia, Belgrade, 2012).

A Voivodina hoje

No censo de 2011, dos quase 2 milhões de habitantes da Voivodina (1.931.809 é o número exato), 66,7% definiram-se como sérvios (1.289.635); 13%, ou seja, 251.136, definiram-se como húngaros; 2,43% como croatas (47.033); 2,6% como eslovacos (50.321); 0,63% como iugoslavos (49.881); 1,32% como romenos (25.410); 1,15% como montenegrinos (22.141). A província ainda conta com a presença de minorias albanesas, bósnias, muçulmanas, búlgaras, bunjevac, valáquios, goranci, alemães, romanis, russos, rutênios, eslovenos, ucranianos, tchecos, e uma população de 5% que declarou ser de nenhuma das categorias acima citadas, e, pela primeira vez na história dos censos, 2% que declarou ter uma afiliação/identidade regional.⁷⁵

Quando comparados aos dados do último censo anterior à fragmentação da Iugoslávia (realizado em 1991), os números mostram uma alteração significativa da composição demográfica/nacional da Voivodina. Naquele período, a província contava com 2.012.517 habitantes dos quais 59,4%, ou seja, pouco menos que 1.2 milhão, definiam-se como sérvios; 16,9%, aproximadamente 350 mil, como húngaros; 4,9% como croatas; 3,2% como eslovacos; 1,9% como romenos; 0,2% como alemães e os 13,5% restantes constam como “outros”. É interessante observarmos como na literatura sobre as consequências da guerra, bem como nos relatórios da ONU/UNHCR, os deslocamentos populacionais provocados pelas guerras que puseram fim à Iugoslávia aparecem como uma única explicação para essas mudanças. Sem querer tirar a magnitude e a importância de tais deslocamentos e as mudanças delas decorrentes, gostaria de chamar a atenção para um outro processo que acompanhou a desintegração da Iugoslávia e que representa o fim de um ideal de convivência entre todas as nacionalidades, minorias étnicas e nacionais presentes no território da antiga Iugoslávia. Tratava-se de uma versão socialista do modelo “multiculturalista”, na qual a ideia de *bratstvo-jedinstvo i zajedništvo*, isto é, fraternidade-unidade e comunhão, expressava a igualdade entre todos os cidadãos do estado federado.⁷⁶

⁷⁵ No momento da escrita do projeto tiveram início os preparativos para o censo de 2012. Um dos fenômenos mais interessantes diz respeito à campanha “nem sérvio, nem croata, nem húngaro, mas voivodinense” iniciada por alguns movimentos sociais e partidos políticos regionalistas.

⁷⁶ A ideia de “multiculturalismo” tem sido em geral empregada tendo como referência contextos como os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália. Daí as “aspas”. Não creio que o que encontrávamos na Iugoslávia do período titoísta constituísse uma realidade próxima à dos países citados, onde a relação com a diversidade cultural vem pautada por um ideal democrático. É inegável, contudo, que ao longo de décadas, o socialismo iugoslavo (como também o soviético) se destacou na tentativa de criar um modelo de relação entre distintas nacionalidades e

Os usos da História

— *Pega a rua Marshala Tita, ah, não, desculpa, agora chama Vidovdanska – tempos novos estes –, e vira na segunda à esquerda na casa do alemão.*

— *Mas é um alemão que mora ali?*

— *O Bože [meu Deus]! Foram-se há mais de meio século, mas a casa era deles, depois virou sede do partido, cinema, escritório da zadruga [cooperativa agrícola]. Agora é casa de ladrão, bizness, cê sabe.*

As referências neste curto diálogo são múltiplas: uma Rua Marechal Tito podia ser encontrada em todas as localidades da ex-Iugoslávia e, em sua maioria, foram renomeadas em tempos recentes, embora o nome continue sendo usado pela população. Já Vidovdanska refere-se ao dia 28 de Junho, dia de São Vito, santo padroeiro da Sérvia no calendário gregoriano (15 de junho no calendário juliano em uso pela Igreja Ortodoxa Sérvia). Vidovdanska, literalmente, dia de São Vito, é o dia da derrota do exército sérvio na batalha do Kosovo em 1389. É também o dia em que Gavrilo Princip assassinou o príncipe Francisco Ferdinando em 1914, desencadeando a Primeira Guerra Mundial. E, em 1921, foi neste mesmo dia que Alexandre I proclamou a Constituição do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, conhecido como Constituição de Vidovdan.

De fato, uma das primeiras coisas que chamam a atenção de qualquer viajante que se adentra na Voivodina, seja turista indo em direção às praias da Croácia, antropólogo iniciando pesquisa de campo, ou trabalhador humanitário assistindo refugiados sírios em Subotica, são os referenciais históricos ininterruptos e a própria reflexão constante dos nativos sobre eles. Como tentaremos demonstrar ao longo do texto, se muitos dos eventos mais recentes estão sendo interpretados a partir da Segunda Guerra, o referencial para interpretá-la é ainda mais distante. Distante no sentido temporal – guerras e batalhas de épocas passadas, que envolviam heróis turcos, sérvios, austríacos, húngaros e uma variedade bastante grande de povos da antiguidade, como romanos, hunos, samaritanos e avaros⁷⁷ e também distante no sentido espacial. As múltiplas referências aos grandes impérios que já dominaram a região são

minorias nacionais – cada qual definida em função de um conjunto de traços que poderíamos associar à ideia de cultura – pautado por uma ideologia multinacional e por uma prática institucional e legal, base da federação. Sobre o caso soviético cf. *Empire of nations* (HIRSCH, 2005).

⁷⁷ Ver a este respeito a obra de Larry Wolff sobre a invenção do leste europeu. O autor, inspirando-se em *Orientalismo* de Edward Said, mostra através da análise de relatos de viajantes da época do Iluminismo, como o Leste Europeu é constituído pelo imaginário ocidental como uma região habitada por povos bárbaros de línguas estranhas. O interessante é que os viajantes analisados por Wolff, do mesmo jeito que os nativos das duas vilas da Voivodina, explicavam a situação de heterogeneidade voltando na história até os povos da antiguidade, descritos por historiadores como Hérodoto (WOLFF, 2001).

reveladoras da consciência que os habitantes da Voivodina têm de que a sua história e seu destino foram, muitas vezes, selados em distantes centros políticos imperiais. Em quase todas as localidades visitadas durante a pesquisa encontrei pessoas denominadas de *helytörténész* ou “historiadores locais” que, mesmo sem formação científica, faziam pesquisas em arquivos históricos e em arquivos eclesiásticos e organizavam revistas e publicações nas quais discutiam questões referentes às origens de suas vilas. Mas a preocupação e as referências históricas estão muito longe de constituírem uma ocupação restrita aos “especialistas locais”. Até hoje, durante o arado profundo de outono, quando os camponeses preparam a terra para o plantio, são frequentemente encontrados vestígios do passado, como crânios avaros, moedas turcas ou romanas, pedaços de cerâmica do Império Romano, gerando debates acalorados sobre os antigos habitantes da região e sobre batalhas famosas do passado mais remoto.

Esta “preocupação ‘nativa’ com o passado” nos coloca frente a uma configuração triádica. Num dos pontos da tríade, encontramos vários nacionalismos que, nas guerras entre a Sérvia e a Croácia e na Bósnia-Herzegovina, ou no conflito do Kosovo, ou em outros momentos no decorrer do século XX, fizeram uso da história para justificar e legitimar suas ações. Um dos exemplos mais impactantes diz respeito à já citada guerra do Kosovo, na qual os sérvios reivindicavam a região por considerá-la o berço da nação sérvia, enquanto que os albaneses também reivindicavam direitos históricos e originários sobre o território. Além de soldados, sérvios e albaneses contavam com historiadores, arqueólogos e cientistas sociais, apontando para a leitura “errada” do opositor sobre um mesmo evento, a batalha do Kosovo de 1389. Num segundo ponto, podemos localizar a imprensa internacional e boa parte da literatura científica, sempre tentando desmascarar as mitologias nacionalistas, fazendo uso também da historiografia. Os dados “objetivos e científicos” demonstrariam o caráter “inventado” das tradições sérvias e albanesas, distinguindo entre acontecimentos reais e mitologias nacionalistas.⁷⁸ E, finalmente, no terceiro ponto da tríade, encontraríamos os ‘nativos’ que, embora envolvidos, nem sempre participaram diretamente desses conflitos e que na forma de contos, de mitos ditados ou de pesquisas mais formais, explicam sua situação atual também recorrendo à história.

Embora a apresentação de “panos de fundo” ou “contextos históricos” tenha se tornado uma praxe muitas vezes burocrática em monografias antropológicas, escolhi apresentar um breve resumo da história da Voivodina pelo insistente recurso a ela por parte dos meus interlocutores em campo, fossem eles camponeses – nos intervalos da lavoura ou no inverno

⁷⁸ A respeito destas mitologias ver Mira Milosevich (2000; 2001).

quando “*há mais tempo para as histórias*” –, membros da elite local (padres, pastores ou médicos) e mesmo de uma elite regional (principalmente da *intelligentsia* regional, como membros de partidos políticos, editores, jornalistas etc.). Conforme mencionado anteriormente, hoje o estudioso dos Balcãs tem à disposição um vasto número de obras de caráter historiográfico, publicadas na sua maioria ao longo da década de 1990 quando o público internacional assistia com estupefação o final violento da Iugoslávia, que até então ocupara um lugar diferenciado no imaginário da Guerra Fria e era considerado como um projeto de sucesso em ambos lados da Cortina de Ferro. Por considerar que o *leitmotif* principal desta bibliografia diz respeito a guerras e a “violência étnica”, projetando muitas vezes o conflito contemporâneo a eventos do passado, e, assim, ignorando momentos de paz e de identidade regional ou supranacional, ao longo do texto optei por recorrer nas minhas referências historiográficas às obras consideradas clássicas publicadas a partir dos anos 1960. Para os Balcãs, optei pela obra do casal Jelavich, Barbara e Charles, e do historiador de Yale, Ivo Banac, pioneiros dos departamentos de Slavic Studies nas universidades norte-americanas (1963; 1983a; 1988); para o Império Otomano, tomei como referência particularmente os livros de Maria Todorova (2004, 2009) e John Lampe (Lampe & Jackson, 1982); e, para o Império Austro-Húngaro, a excelente monografia de Béranger (1997 [1990]).

Gostaria agora de explicitar algumas opções epistemológicas.

Sobre etnias, regiões e geografias simbólicas - *Mitteleuropa*, Balcãs, Sudeste Europeu, Balcãs Orientais

Num artigo crítico sobre regionalismos, Pierre Bourdieu alertou para o perigo da fixação e reificação das representações sobre a região, tanto por parte de “regionalistas” – e aqui creio que podemos aplicar a crítica do autor para “lutas representacionais” entre nacionalistas – como por parte de cientistas, sejam eles historiadores, geólogos, geógrafos ou cientistas sociais (Bourdieu, 1980). Considero que representações como “Europa Central”, “*Mitteleuropa*” “Leste Europeu” ou “Europa Central e Oriental” passaram por este processo de fixação a partir do período em que a região em questão teve que ser redefinida em função do desmoronamento dos três impérios multinacionais – o Russo, o Otomano e o Austro-Húngaro – que a dividiram até o início do século XX. Antes de representações geográficas, trata-se de conceitos ligados a projetos políticos tais como os diferentes projetos da unidade alemã, a

Guerra Fria ou, no período atual, a entrada dos países do leste na União Europeia. Como mostrou Böröcz na sua análise mais recente dos “eurodiscursos”, Europa acabou virando sinônimo de União Europeia, ou seja, dos países da Europa Ocidental. A partir daí, o “Leste” usado na retórica da ampliação da União torna-se o que Edward Said denominou “dispositivo orientalista”, no qual “Leste Europeu” ganha a conotação de “não-europeu” ou “menos europeu” (Böröcz, 2002; Said).

Uma breve revisão de publicações acadêmicas ou mesmo jornalísticas no período da Guerra Fria mostra que, a não ser nas obras de cunho historiográfico que tratam do Império Otomano e sua expansão iniciada no século XV, raramente a Iugoslávia era referida como parte dos Balcãs. Curiosamente, nos livros didáticos de história em qualquer escola da “Europa Ocidental” ou mesmo em textos acadêmicos, 1492 é a data fixada para a expulsão dos muçulmanos da Península Ibérica e, portanto, da Europa. Após a ruptura entre Tito e Stálin em 1948, mas principalmente com a fundação do Movimento de Países Não Alinhados cuja primeira conferência se celebraria justamente em Belgrado (1961), a Iugoslávia aparece numa espécie de limbo no *mapa mundi* simbólico da Guerra Fria. Nem tão comunista quanto os outros países do Leste, nem puramente capitalista, mas um híbrido quase capitalista com a introdução de reformas de mercado e o socialismo de auto-gestão operária. O *crveni pasoš* (passaporte vermelho) era invejado em todo o bloco socialista, pois permitia viajar sem burocracias adicionais para praticamente qualquer lugar do mundo. Nos anos 1960, operários iugoslavos de todas as repúblicas embarcavam para Alemanha Federativa (e em menor medida para a Suécia e os Países Baixos) com o *Gastarbeiterprogramm*, que dava visto de residência na condição de “operários convidados” nas fábricas mais invejadas da época, e voltavam para férias atravessando a Alemanha Democrática, Checoslováquia e Hungria, dirigindo seus Mercedes e BMWs de luxo. Foi também nesta época que o turismo de massa europeu, tanto ocidental como oriental, descobria os resorts socialistas no litoral adriático, que se tornaria assim um dos poucos pontos de encontro, de sunga e chinelo, entre dois mundos divididos por uma Cortina de Ferro.

A queda do Muro em 1989 significou uma suspensão temporária da divisão Leste-Oeste e a retomada das categorias e subcategorias orientalistas de períodos anteriores (Antohe & Tismaneanu, 2000). Nestas, a Polônia, a Hungria, a República Checa e a Eslováquia retomariam seu lugar na Europa Central ou *Mittleuropa*, sua variante alemã que tende a enfatizar e naturalizar a influência econômica e cultural-intelectual da Alemanha na região. Por sua vez, com as imagens de uma Iugoslávia em guerra nas capas de jornais noticiando sobre franco-atiradores e com as imagens chocantes de Srebrenica, a Iugoslávia e seus estados sucessores seriam duplamente excluídos: primeiro, do eixo civilizacional leste-oeste, e,

segundo, de qualquer referência à Europa, pois esta, por “medo de contágio por contato” (Todorova, 1999), não queria se permitir e muito menos se responsabilizar por compartilhar um mesmo espaço simbólico com o que era visto como “selvageria medieval” e “ódios ancestrais”.⁷⁹

Ao longo da primeira década do século XXI pôde-se observar uma diferenciação ainda maior na geografia simbólica europeia. Por um lado, e depois de muito tempo, a Grécia volta a fazer parte dos Balcãs com a crise econômica, a bancarrota e a crise dos refugiados sírios. Este também é o caso da Albânia, que deixa seu lugar distópico e aparece como parte da península. Por outro lado, com a entrada da Eslovênia e da Croácia na União Europeia (em 2004 e 2013 respectivamente) o público internacional passa a diferenciar entre Balcãs Ocidentais (*Western Balkans*) e Balcãs, que recentemente e talvez em consideração a Grécia, passa a ser substituído por termos politicamente mais corretos como Sudeste Europeu, *Südosteuropa* ou *Southeast Europe*.⁸⁰

Frente à impossibilidade de usar todos os termos entre aspas ou alertar para as conotações históricas e políticas de cada denominação, optarei no decorrer do texto por usar esses termos e representações indiscriminadamente. E, para lembrar o alerta de Bourdieu, mesmo sabendo que isto não vai resolver o problema – pois não se trata de negar processos sociais ou históricos comuns aos países do leste, tais como a experiência socialista ou heranças do Império Otomano e Habsburgo, por exemplo –, optei por criar um estranhamento ortográfico, intercalando as denominações geográficas em línguas diferentes e alternando entre a escrita com letra minúscula e minúscula.

Uma outra dificuldade no decorrer do texto diz respeito ao uso de categorias “étnicas e nacionais” de sistemas classificatórios da Iugoslávia socialista. Em um contexto diferente e distante, porém igualmente tenso, Vincent Crapanzano (1987) se deparou com um problema teórico, moral e etnográfico colocado pelas categorias raciais do sistema classificatório sul-africano. Apesar de sua rejeição contundente ao *apartheid*, o autor se viu obrigado a reproduzir categorias como branco (*white*), negro (*black*) ou mestiço (*coloured*). Enfrentar-se com a antiga Iugoslávia nos expõe a um problema semelhante, que diz respeito às

⁷⁹ É claro que também devemos cobrar responsabilidade aos capacetes azuis europeus em casos como o genocídio de Ruanda ou mesmo a recusa cínica de qualquer tipo de intervenção da comunidade “ocidental” “desenvolvida” e “democrática” em Aleppo. Ainda neste sentido, a relativa homogeneidade étnica e nacional em outras partes da Europa, oriental e ocidental, não significa que esta não tenha sido alcançada em processos igualmente violentos e genocidas, em outros tempos e épocas, em grande parte dos casos só com meio século de antecedência.

⁸⁰ Aqui concordamos com Maria Todorova, principalmente quando ela nota a falta de termos e categorias ideológicas e simbólicas equivalentes. Assim, não existe nenhuma região denominada de Noroeste europeu, nem Sudoeste Europeu, e até Europa do Sul parece ter caído em desuso (TODOROVA, 1999).

categorias usadas para distinguir as nacionalidades (*narod* era o termo em servo-croata) das minorias nacionais (*narodnosti*) da ex-Iugoslávia que, no período socialista, contava com seis estados federados (Eslovênia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Sérvia, Macedônia e Montenegro). Cada um destes estados federados era, pelo menos teoricamente, dominado por uma nacionalidade soberana – Eslovenos, Croatas, Muçulmanos, Sérvios, Montenegrinos e Macedônios. A escrita das nacionalidades com letras maiúsculas e das minorias (húngaros, albaneses, romenos, eslovacos etc.) com minúsculas,⁸¹ é hoje consensual na vasta literatura sobre a Iugoslávia, apesar do processo atual de reconfiguração desse sistema classificatório do período socialista.⁸² Desta forma, acredito que manter o uso diferenciado de maiúsculas e minúsculas, além de recriar um sistema classificatório, pode contribuir para a naturalização das hierarquias entre nacionalidades que, hoje em dia, não dividem mais o mesmo estado. Acaba por legitimar, por fim, um regime totalitário, sugerindo seu sucesso na superação de “ódios ancestrais” (uma outra naturalização frequente em relação à Iugoslávia) que arreventaram o país.

⁸¹ Os muçulmanos da Bósnia foram considerados, entre 1945 e o início dos anos 1970, ora como uma coletividade religiosa (opondo-se, assim, aos “católicos da Bósnia” e aos “ortodoxos da Bósnia”), ora como uma minoria nacional (em oposição aos Croatas e aos Sérvios) e, portanto, o termo se escrevia com ‘m’ minúsculo. Nas reformas constitucionais do início da década de 1970, os “muçulmanos da Bósnia” passaram a ser considerados como uma nacionalidade a mais e passaram a ser, assim, definidos como “**Muçulmanos**”.

⁸² Textos publicados no Brasil acabaram aderindo a este consenso. Ver, por exemplo, os artigos publicados no dossiê Bósnia-Herzegovina de *Novos Estudos Cebrap*, n. 47, 1997.



Mapa 5 Voivodina na atual Sérvia

Марадик / Maradék / Maradik

A vila, junto com Csantavér, foi um dos locais da etnografia feita no mestrado e foi o local privilegiado para a pesquisa de campo do doutorado. Trata-se de uma aldeia muito pequena (2 mil habitantes, segundo o censo de 2002) e heterogênea, localizada nas ladeiras do sul das montanhas Fruška Gora, que separam Maradék de Novi Sad, capital da Voivodina, a uns quarenta quilômetros de distância. Infelizmente, não possuo os dados demográficos oficiais do censo referentes a Maradék, por este não ser um município autônomo e os dados serem computados junto com Indija, uma cidadezinha próxima, e outras vilas ainda menores da vizinhança, como Sattrinca ou Dobradol. Os dados fornecidos pelos habitantes húngaros do local foram bastante contraditórios, sendo que o número aproximado de 400 húngaros e 1.500 sérvios foi mais ou menos consensual. As opiniões se dividiam, contudo, em relação aos croatas. A maioria dos informantes colocava seu número entre 200 e 300, mas para outros só “sobrariam” entre 100 ou 200. Um grande silêncio envolve o “sumiço” de algumas famílias croatas, como em geral os eventos da guerra da Croácia e da Bósnia, cujo impacto deve ter sido particularmente marcante em Maradék devido à proximidade da vila às frentes de batalha e de sua maior heterogeneidade. Tanto a República Srpska, que hoje em dia é a parte sérvia da Bósnia-Herzegovina, como Vukovar, que durante o Império Austro-Húngaro era capital da província de Szerémség e que atualmente se encontra na Croácia, foram os palcos mais violentos das guerras na década de 1990. Os bombardeios da OTAN em 1999 também deixaram suas marcas nos arredores da vila: a torre de transmissão no alto do Fruška Gora foi um dos primeiros alvos da organização militar. Da vila era possível vislumbrar as bombas que caíam sobre Belgrado e sobre as pontes de Novi Sad.

a gente nem precisava ligar a TV, para ver imagens esverdeadas de videogame. Bastava subir no telhado e ver tudo ao vivo, tudo mais bonito e colorido, pareciam até fogos de artifício, não fosse pelo medo que a gente passava de poder ser o próximo alvo...

– contou-me Jani, que era ainda criança na época, referindo-se aos soldados e ao armamento do exército escondidos na escola da vila. Mas o incidente mais tenso, lembrado por todos, muitas vezes com lágrimas nos olhos, foi quando num domingo, durante a missa, alguns “*grandes sérvios do boteco da frente*” atiraram com uma metralhadora para dentro da igreja calvinista. *Nagyszerbek* – onde *nagy* significa grande – foi o termo usado para descrever os sérvios mais

nacionalistas, que “*facilmente podem virar chetniks, que são os sérvios nacionalistas que fizeram as guerras recentes*”.⁸³

Elmentek, esta era a expressão usada em relação às famílias croatas que, frente às ameaças, inclusive de expulsão, dos nacionalistas sérvios, teriam conseguido trocar as suas casas com famílias sérvias que constituíam uma minoria de uma vila na Croácia. Podemos traduzir a expressão como “*os que se foram*” (‘*el-*’ dá a ideia de ir para longe sem deixar a possibilidade de uma futura volta), usada também em relação a outros grupos, particularmente judeus e alemães que em tempos passados desapareceram da vila e sobre os quais se evitava falar. Desta forma, a fuga de famílias croatas era colocada numa história cíclica de idas e vindas, guerras e mudanças de império ou de regime. “*Nunca consigo lembrar de todas as batalhas, revoluções, reis e guerras. Aprender a história sérvia parece mais complicado que de qualquer outro país*” – dizia Boro, jovem sérvio que um dia batera na minha porta para conversar, apresentando-se como um “nacionalista sérvio”. Na época, Boro era o único universitário da vila e optara pelo curso de história na universidade de Novi Sad para “entender as guerras”. Também era ajudante do padre ortodoxo, pois passara a acreditar em deus quando foi largado só, esquecido por seus oficiais, nas trincheiras durante a retirada do exército iugoslavo da Bósnia.

Referindo-se a Maradék como um lugar que já fizera parte do Império Austro-Húngaro, László Ipacs também colocava as mudanças em termos linguísticos:

somos húngaros, mas, como a Hungria está longe, sempre apreendemos a língua do rei, se é que você me entende. Aqui já se falou alemão, húngaro, croata e sérvio. Depois da segunda guerra aprendemos o ‘camaradês’, que hoje não serve mais para nada.

Havia também famílias que ainda recordavam suas origens. Józsi Detelin, encarregado de tocar o sino da igreja protestante todos os meios-dias e motorista de trator no *zadruga* (cooperativa) que na altura estava falindo e em processo de privatização,⁸⁴ assim como a família Heretek, afirmavam ser de origem eslovaca em função de seus nomes; os Prickel e os Becker, de sua parte, observaram que seus nomes teriam uma sonoridade alemã. Segundo

⁸³ Do mesmo jeito, *nagymagyar* se referia aos húngaros nacionalistas “*que se agitam contra os outros batendo no peito*” e *nagyhorvát* aos croatas considerados nacionalistas, também denominados *ustashas*. *Chetniks* e *ustashas* eram grupos da Segunda Guerra mundial, e estas denominações foram resgatadas ao longo dos conflitos que na década de 1990 acabaram por levar ao fim da Iugoslávia. Retomarei estas classificações mais adiante.

⁸⁴ Na Hungria e pelo visto na Voivodina também se toca o sino ao meio-dia para lembrar a vitória das tropas de János Hunyadi sobre os turcos e a “reconquista” de Nándorfehérvár, atual Belgrado, em 1456.

György Becker, estas diferenças eram “*muito antigas, só na nossa lembrança*” e que tanto “alemães” como “judeus” mantinham algumas das suas tradições, como por exemplo a “*mesa limpa dos judeus*”. Todos falavam correntemente em húngaro.⁸⁵

Os censos do começo do século XX também atestam essa heterogeneidade passada: em 1900, 839 dos 2.157 habitantes da vila definiam o húngaro como a sua língua materna, 131 indicavam o alemão, 9 o eslovaco, 2 o romeno, 1.158 o sérvio e o croata e 18 indicaram outras línguas. 1.086 habitantes se definiram como católicos romanos, 802 como ortodoxos, 13 como evangélicos (luteranos), 217 como protestantes (calvinistas), 20 como israelitas e 19 indicavam outras religiões. Em 1919, havia 1.125 húngaros, 102 alemães, 1 eslovaco, 10 romenos, 276 croatas e 926 sérvios. Dos 2.445 habitantes, 1.196 eram católicos romanos, 12 católicos gregos, 927 ortodoxos, 4 evangélicos, 294 protestantes e 10 israelitas.⁸⁶

Em meio a esta heterogeneidade passada e atual, disputava-se e construía-se a anterioridade da presença no local por meio de mitos de origem que giravam em torno do nome da vila. Todas as versões húngaras fazem menção à ideia de “sobra” ou “resto”. Alguns inseriam a fundação de Maradék entre as histórias de luta contra os turcos, lutas estas cujos testemunhos ainda podem ser achados nas florestas do Fruška Gora, onde vários moradores da vila acharam moedas turcas e espadas em forma de meia lua. Contava-se que após uma grande batalha entre húngaros e turcos, uma antiga localidade da região teria sido quase totalmente destruída e devastada por soldados turcos. Segundo István Répássy, a batalha acontecera “*um pouco antes*

⁸⁵ Não soube mais nada da “partida” destes dois grupos. Podemos, porém, inferir algumas hipóteses. Com a ascensão do nazismo, em muitas localidades com presença de populações alemãs, foram constituídas o *Kulturbund*, também denominado de *Volksbund* (em alemão o primeiro termo significa *laço ou elo de cultura*, o segundo *laço do povo ou elo popular*), organizações nazistas que, quando a Alemanha ocupou a Iugoslávia em 1941 e os alemães passaram da condição de minoria ao topo da hierarquia entre as nacionalidades, desempenharam um importante papel na administração dos territórios ocupados e na deportação dos judeus. Não sabemos se este foi o caso dos alemães de Maradék, mas certamente foram eles os deportados no final da guerra. Na deportação dos judeus também podem ter participado soldados húngaros do exército que reocupou a Voivodina em 1941 e que chegou até Novi Sad. O exército húngaro fez incursões com o objetivo de “limpar” o Fruška Gora de *partisans*, e foi responsável pelo fuzilamento de mais de 3 mil pessoas, principalmente sérvios e judeus (Brabham, 1981; Gyurgyák, 2002). Em *Eichmann em Jerusalém*, Hannah Arendt sugere que na Sérvia ter-se-ia chegado a “uma solução local” sem intervenção do exército nazista, porém não consegue explicar as motivações locais (2003:200-214). Uma delas pode ter sido justamente a assimilação dos judeus aos húngaros, o que se reflete na afirmação de István Becker. A monografia de Ferenc Fejtő demonstra como as minorias judias e, inclusive, alemãs dos territórios que passaram para a Romênia e a Iugoslávia após a Primeira Guerra Mundial resistiram às políticas assimilacionistas de seus novos estados definindo-se como “húngaros” (Fejtő, 2000). Esta troca de identidade foi duramente retaliada, tanto na Romênia como na Sérvia, que não respeitaram a orientação alemã e acabaram solucionando a “questão judaica” com fuzilamentos e massacres em vez de deportações.

⁸⁶ Cf.: *Magyar Statisztikai Közlemények. Új sorozat, I könyv. A magyar Szent Korona Országainak 1900. Évi népszámlálása*. [Comunicações estatísticas húngaras. Censo do ano de 1900 dos países da Sacra Coroa húngara], Budapeste, 1902 e *Magyar Statisztikai Közlemények. Új sorozat, 42. kötet. A magyar Szent Korona Országainak 1910. Évi népszámlálása*. Budapeste 1912.

ou um pouco depois” de uma derrota histórica do exército otomano, numa curva pantanosa do Danúbio a uns vinte quilômetros da vila:

Era a época em que os húngaros ainda ganhavam guerras, pela força e coragem e pela ajuda de Deus, que, apesar de ser pleno agosto, mandou os ventos frios descerem do Fruška Gora e os turcos congelaram e afundaram nos pântanos.⁸⁷

Depois veio a vingança dos turcos que passou também pela vila anterior, que ninguém lembra como chamava. Só sobrou a varanda de uma das casas desta vila antiga, que foi reconstruída por nossos antepassados. Por isso que Maradék chama Maradék.

Para outros, a origem da vila é muito mais recente e está relacionada a uma repartição de terras de um grande latifúndio que

foi dividido em parcelas iguais entre os filhos de uma família da nobreza. Na repartição, para garantir a paridade das parcelas, sobrou um pedaço pequenininho que foi chamado de Maradék e onde foram assentados os camponeses húngaros que trabalhavam para os senhores nobres.

Segundo uma terceira versão bastante repetida, e que traduzo com as palavras de Rozalia, uma viúva que voltou para a Voivodina em 1988, após trabalhar por vinte anos como empregada doméstica na Alemanha:

houve uma época em que todas as vilas da região ganharam denominação nova. Só uma pequena aldeia ficou sem, então decidiram chamá-la de Maradék.

O que as três versões têm em comum é a referência ao significado húngaro da palavra: “resto” ou “sobra”. Na primeira versão, afirma-se explicitamente a anterioridade dos húngaros no local; na segunda, a anterioridade, ou ao menos a presença antiga, está pressuposta, pois só uma vila com presença de húngaros ganharia um nome em húngaro. Note-se como só os camponeses ganham uma denominação nacional, enquanto a nobreza não, e, de fato, pelo histórico da região, esta poderia ser tanto húngara, como sérvia ou croata, já que as três chegaram a dominar a província na qual Maradék se encontra. Talvez a mudança de nome da terceira versão faça justamente referência a uma das múltiplas mudanças de fronteiras que, como sabemos, muitas vezes implica na troca de línguas e topônimos.

Vejamos agora as versões sérvias e croatas contadas por Boro e traduzidas por Karcsi, jovem que, apesar de se definir como húngaro, dizia não falar mais a língua – o que

⁸⁷ São infinitas as histórias contadas sobre batalhas entre turcos e húngaros e, de fato, a região era um dos palcos principais da luta entre cristãos e otomanos. No local apontado por István encontra-se Karlovci (Karlóca em húngaro), centro importante da ortodoxia e onde, em 1699, foi assinado o tratado de paz entre o Império Otomano e o Habsburgo. Até hoje, uma das igrejas no local exibe a meia lua turca, a cruz católica e a cruz ortodoxa.

significava ser xingado diariamente pela avó. Em nossas conversas, Boro falava em sérvio e Karcsi traduzia para o inglês, língua que aprendera durante sua estadia em Tel-Aviv como operário ilegal. Tanto os sérvios como os croatas referiam-se à vila como Maradik e ambos contavam versões diferentes, porém igualmente míticas, para explicar o nome. Segundo os membros da família Stojanovic:

havia dois jovens camponeses, Mara e Diko, que moravam em dois vales separados do Fruška Gora. Certa vez, eles se encontraram justamente no morro entre os dois vales e se apaixonaram na hora. Após o casamento, para lembrar o local do primeiro encontro, decidiram construir sua casa no morro entre os dois vales e por isso que a nossa vila chama de Maradik.

Na versão croata também aparece uma moça chamada Marin, “*que era tão bonita que decidiu-se renomear a vila para Marindik, que significa ‘por orgulho’ ou ‘pela beleza’ de Marin.*” Segundo Boro, o importante é que em nenhuma das versões aparecem os húngaros, que só “*vieram depois*”. Tal afirmação é bastante provável se visitarmos os cemitérios da vila. No cemitério ortodoxo, religião predominante entre os sérvios da vila, os túmulos mais antigos datam de pelo menos meados do século XVIII, enquanto que no católico, dividido por croatas e húngaros, ou no protestante, mesmo os túmulos mais antigos são bem mais recentes, da primeira metade do século XIX.

A preocupação constante dos nativos com as origens das vilas – os nomes e seus significados, os antecedentes na Idade Média, seus primeiros colonos etc. – traduzia, na verdade, um esforço de explicação da situação atual. Talvez desta forma possamos complementar o trecho de István Bibó (1986) citado na introdução deste trabalho e dizer que, para as comunidades húngaras das duas vilas, o espaço e a sua heterogeneidade atual se tornam compreensíveis a partir do tempo e da memória das gerações anteriores.

É importante percebermos, ainda, como as histórias contadas assim como as categorias e classificações locais giravam em torno de uma mesma questão, a saber, a legitimidade de estar aí, de ser “mais nativo”. Poderíamos traduzir essas construções como uma procura por representações da “autoctonia” que, ao legitimar uma “presença anterior”, protegeria o grupo frente a ameaças de expulsão ou eventuais mudanças nas fronteiras estatais. Tais representações acabam, no fundo, por revelar tensões quase que estruturais, fruto dos desencontros entre nacionalidade e cidadania, de histórias de assentamentos e expulsões ou de relações múltiplas e justapostas entre estabelecidos e *outsiders*. Paradoxalmente, a construção

de “autoctonia”, ou de uma relação mais legítima e anterior com o local, é acompanhada da percepção de que não há uma história interna à Voivodina: esta história foi e de certa forma continua sendo decidida fora do território, seja nos centros imperiais como Constantinopla ou Viena, promotoras de assentamentos, seja em Paris, Trianon, Yalta, Potsdam ou Dayton, cidades nas quais cartas geográficas foram desenhadas e redesenhadas, desenhos que além de pôr fim a impérios e criar novos estados, sempre acabaram por intervir nas relações pessoais, transformando e revertendo hierarquias locais.

2. Antropologias, métodos e dilemas

Métodos

Na pesquisa de mestrado (BASCH, 2003), circulei por diferentes localidades da Voivodina e procurei comparar situações e localidades nas quais húngaros constituem uma maioria local com outras nas quais constituem uma minoria. Em contrapartida, para a pesquisa de doutorado, minha escolha foi a de focar na localidade de Maradik (Maradék em húngaro). A escolha de Maradik teve várias razões. Uma delas surgiu a partir do contato com Ágnes, uma professora de húngaro em Subotica que tentara, com uma bolsa do governo da Hungria (do *Határon Túli Magyarok Hivatala* – Escritório dos Húngaros Além-Fronteiras), ensinar húngaro para jovens e crianças em Maradék. Segundo Ágnes:

A bolsa salvou a minha vida e a da minha família, pois a Sérvia ainda estava sob embargo e meus pais estavam velhos e doentes demais para emigrarmos. De húngaro eles não aprenderam nada [risos]... Maradik é parte da Sérvia profunda, com húngaros de cabeça dura que nem os rác [termo arcaico e hoje considerado pejorativo que designava sérvios até os finais do século XIX]. Lá, discussões são resolvidas na base da faca, quando não são os Kalashnikovs das máfias. Tive que mentir no relatório, mas húngaro não se fala mais naquele lugar dos infernos...

Para além da experiência desastrosa de Ágnes, também contou o fato de que Maradék tornara-se um vilarejo bastante popular nos meios acadêmicos e chegou a receber um grupo de estudantes da disciplina de métodos do curso de folclore da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste. O local também se tornou uma das destinações prediletas do canal Duna TV, que todos os dias transmite as campanadas de igrejas de localidades húngaras do mundo inteiro, como um dos vilarejos mais austrais onde ainda se fala húngaro.⁸⁸ Por fim, o nome húngaro da vila, Maradék, que poderia ser traduzido como ‘Sobrança’ ou ‘Resquício’, foi também um fator importante, despertando minha curiosidade antropológica, junto com a

⁸⁸ As campanadas do meio dia constituem um ritual católico bastante comum na Europa, que também foi adotado por igrejas protestantes no Leste Europeu. Originalmente, foi instituído pelo papa Calixto III em 1456 com a pretensão de criar um equivalente católico ao muezim ou almuédão muçulmano (que, no mundo islâmico, anuncia com o chamamento *Allah hu Akbar* o momento das cinco preces diárias do alto das minaretes) como uma forma de encorajar e rezar pelas tropas cristãs que na altura estavam em campanha contra o Império otomano nos Balcãs. Como a notícia da bula papal espalhou-se pela Europa junto com a notícia da vitória das tropas cristãs em Belgrado (22 de julho de 1456), as campanadas do meio dia foram associadas no imaginário popular com a “reconquista” dos Balcãs. Com a vitória em Belgrado o texto da bula papal foi corrigido e transformado numa chamada para rezar o pai nosso pela vitória sobre os turcos sob o novo título *Cum his superioribus annis impius nominis Christiani persecutor Turcorum tyrannus*.

heterogeneidade populacional da vila (500 húngaros, 1500 sérvios, e 100 croatas) e a proximidade com Novi Sad, a capital da Voivodina (quarenta quilômetros ao norte), e Belgrado, a capital da Servia ao sul, como também com Vukovar (uma das principais frentes da guerra na Croácia, sitiada durante 87 dias por forças paramilitares sérvias e o JNA e defendida pela Zbor narodne Garde – Guarda Nacional Croata, em 1991) e a República Sérvia da Bósnia (república Srpska) ao oeste.

Talvez pelo longo período abarcado pela pesquisa – a primeira visita a Maradik aconteceu ainda durante a pesquisa de mestrado em 2001 – ou pela heterogeneidade linguística, de etnicidade, de grupos etários, ou ainda relativos à relações diferenciadas com o estado socialista Iugoslavo, com a Hungria e com os estados sucessores da antiga Iugoslávia, não tive uma única entrada em campo, nem uma única situação densa nos moldes da “briga de galos” do texto já clássico de Clifford Geertz (2008).

No período inicial, hospedei-me na paróquia calvinista, pois a congregação dispunha de uma residência para o pastor nas adjacências da igreja, mas não tinha um pastor fixo e residente na vila. A paróquia me foi cedida gentilmente pelo pastor Béres, que vinha aos domingos para a celebração do culto e que, durante a semana, dirigia uma das primeiras ONGs ecumênicas e multiculturais da Voivodina em Novi Sad. Neste período, o contato com o pastor, cuja família era também de Maradék, e a residência na paróquia proporcionaram um acesso relativamente irrestrito à comunidade calvinista, composta quase exclusivamente pelos húngaros de Maradik. Porém, isso também significou uma maior dificuldade para estabelecer contatos com a comunidade católica, composta por croatas e húngaros, e com a comunidade ortodoxa sérvia. Para compensar essa assimetria, acabei optando por revezar meus domingos, frequentando alternadamente o culto calvinista, a missa católica e ortodoxa e estabelecendo contato com os frequentadores das três igrejas.

Durante os primeiros contatos e entrevistas mais formais não pude deixar de perceber como meus interlocutores, principalmente os mais velhos, estavam acostumados a lidar com antropólogos, húngaros e sérvios, mas também iugoslavos. Estes praticavam uma antropologia muito diferente da qual eu pretendia fazer em Maradik, pois se interessavam mais por contos, canções, roupas, objetos antigos em geral, enfim, tudo aquilo que constitui o interesse de uma certa vertente da antropologia húngara, ou, de uma forma mais geral, das antropologias nacionais do Europa Central.⁸⁹ Assim, passei uma boa parte dos meus tempos

⁸⁹ O centro mais importante da antropologia húngara encontra-se na universidade Eötvös Lóránd de Budapeste, onde existem dois cursos independentes ligados ao que chamamos de antropologia nas universidades brasileiras.

iniciais em Maradék tentando colocar em prática a noção de observação participante, para além da insistência constante dos maradikianos para que fotografasse e catalogasse objetos e costumes.

A frustração com objetos, artesanato e costumes em geral nem sempre foi acompanhada de tamanha sobriedade, principalmente quando era obrigado a aprender todos os segredos das frutas e grãos destiláveis e a experimentar aguardentes de todos os tipos. De maçã, pera, uva, batata, trigo, ou a mistura de alguns ou todos estes, assim como receitas diferentes, com muito açúcar, para uma fermentação mais rápida e alcoólica e geralmente para consumo próprio (com 40, 50 ou 60 graus de teor alcoólico), com pouco ou nada de açúcar, ou de fermentação natural, única ou dupla, e de 35 a 40 graus de teor alcoólico, guardados para ocasiões especiais como *slava*, batismos, funerais, ou então para a venda de restaurantes e bares chiques de Belgrado ou Novi Sad, que na época começavam a atrair turistas em busca de “segredos gastronômicos ainda não descobertos” nos Balcãs. Como a minha estadia em Maradék geralmente coincidia com o final de outono / começo do inverno (entre novembro e dezembro), pois os habitantes de Maradik, quase todos camponeses, estavam mais disponíveis para entrevistas mais longas, além dos *pálinka* e *rakija* (aguardente em húngaro e sérvio), pude experimentar todas as receitas de linguiça e chouriço de porco. A matança ritual (*disznótoros* – literalmente “funeral de porco” em húngaro) começa tradicionalmente no dia de Santo André (30 de novembro), quando os animais já estão suficientemente gordos – entre 200 e 300 quilos – e todas as famílias estavam matando e guardando a carne para os meses de frio que estavam por vir.⁹⁰

Desta forma, além de experimentar aguardentes e de tomar parte nos banquetes de linguiça e torresmo, passei as primeiras semanas em campo, se não meses, tentando explicar

Por um lado, o curso de Etnologia, que congrega, por assim dizer, a tradição herderiana e a orientalista, cujos temas predominantes dizem respeito às populações húngaras além fronteiras, principalmente os húngaros da Transilvânia e da Moldávia, à cultura popular e camponesa, à etnomusicologia (tradição iniciada por compositores como Béla Bartók ou Zoltán Kodály) ou então, aos estudos fino-úgricos, ou seja, o estudo de povos que atualmente se encontram na Rússia e Ásia Central e teriam algum grau de parentesco com os húngaros. Já o curso de Antropologia Cultural, é mais voltado para antropologia urbana, antropologia histórica e visual. Um outro centro importante é o Instituto de Pesquisas Minoritárias da Academia Húngara de Ciências, que tem três linhas de pesquisa: as “comunidades húngaras além-fronteiras”, as “minorias não-húngaras da Hungria” e “estudos ciganos”.

⁹⁰ Segundo a tradição, os leitões começam a ser engordados na primavera. Tudo começava em *Szent György napján* (no dia de São Jorge, 24 de abril) quando o *kanász*, ou seja, o pastor de porcos da vila, juntava todos os animais e os levava para o campo todos os dias até o *Mihálynap* (dia de São Miguel, 29 de Setembro) (Beszédes, op.cit.: 43; Pénovátz, 1979:72). Hoje em dia, com a difusão do cultivo de milho ou a possibilidade de acesso à ração industrial, os *kanász* deixaram de existir e os porcos são criados dentro de casa na vila por cada uma das famílias. Preservaram-se, porém, as datas associadas às várias fases da criação e abate de porcos. Depois da colheita de outono, começa a época de matança de porcos que marca a transição do outono para o inverno.

por que não estava tão interessado em tirar fotos de objetos antigos e tradicionais, tampouco em gravar músicas, contos e piadas ou filmar danças típicas. Neste empreendimento, encontrei uma aliança nas pessoas de Józsi Urbán e Pali Csepregi, fundamental para a superação desse estranhamento inicial. Józsi era aprendiz de açougueiro na escola técnica de processamento de carne em Indjija, sede do município. Pali era o contato preferencial e o especialista da vila em lidar com folcloristas e etnógrafos, pois sabia todas as canções tradicionais e tocava a sanfona. Pali, além disso, pertencia à camada mais pobre da vila, detinha menos terra (10 hectares) e não dispunha de dinheiro suficiente para comprar um trator novo – sem poder consertar o velho, às vezes ainda arava a terra com o método tradicional, com dois bois e o arado que pertencera ao seu pai, que, por sua vez, também o herdara do pai. Foram eles os primeiros a descobrirem e traduzirem o significado da observação participante para os termos locais. Eles é que me convocaram a acompanhá-los à aldeia vizinha, Satrinca, para ser ajudante no *disznótoros* (matança de porcos): “*já que vocês antropólogos no Brasil observam participando, venha me ajudar com duas belezas de 200 quilos*”. Pali era também o principal *böllér* (matador/açougueiro de porcos, em húngaro) de Maradék e das vilas vizinhas e era chamado pela maioria das famílias, pois a maioria não podia nem queria arcar com os custos de um açougueiro profissional para liderar a matança e o corte dos porcos.



Foto 2- Matança de porcos no udvar



Foto 3- A matança de porco

A minha presença em Satrinca como antropólogo inicialmente não provocou nenhum estranhamento, afinal de contas a matança de porcos e os costumes ligados a ela constitui um tema bastante explorado na antropologia húngara. Tradicionalmente, todas as famílias, mesmo as mais pobres, os *zsellér*, que não tinham terra para cultivar e trabalhavam nas terras dos outros, criavam no mínimo dois ou três porcos, sendo os dois primeiros junto com as galinhas, os que cobriam as necessidades de carne para o inverno e a primavera (de novembro a março) e boa parte do verão, e o terceiro, o que poderia ser vendido, fornecendo recursos para a compra de outro leitão (Beszédes, 1995, 43). Em Satrinca, o pai do anfitrião, József, foi me apresentado como o velho que sabia mais histórias. Ele me perguntou qual era minha área de interesse, se eu gostaria de anotar versões locais de histórias patrióticas sobre lutas antigas entre turcos e húngaros ou sobre revolução de 1848, ou se queria canções de amor, do período de colheita, do período de guerra, ou se preferia aquelas que eram proibidas em épocas passadas. Após algumas rodadas de *pálinka*, József acabou confessando que, além dessas áreas de especialização, contava com um estoque de histórias e contos, canções e piadas eróticos especialmente preparadas para deixar as antropólogas jovens constrangidas e enrubescidas.

O dia em Satrinca começou cedo, às quatro da madrugada. Foram servidos os últimos pedaços de bacon do porco do ano que passou, com aguardente nova, feita nos dias anteriores, acompanhada de “café turco” para esquentar,⁹¹ pois o frio chegara antes do previsto e, nas madrugadas de novembro, a temperatura já pode alcançar 10 graus negativos. Fui apresentado à família de Józsi como “antropólogo” e *böllérsegéd* (ajudante do *böllér*) de Pali, o que então provocou um certo choque. Como dizia Józsi, os antropólogos “só gostam de participar do *disznótor*”, a festa para comemorar a matança de porcos, do qual participa toda a família, amigos e vizinhos, acompanhada de música e dança, quilos de *töpörtyűs pogácsa* e *fánk* deliciosos – sendo o primeiro um salgadinho feito com torresmo novo e o segundo um bolo recheado com geleia caseira de damasco e frito na gordura fresca do porco recém morto – e muitos litros de aguardente.

Em um primeiro momento, Józsi queria que me juntasse à família da cunhada que estava de visita após dez anos de ausência. A presença da família provocava um grande constrangimento para Józsi. A irmã de Rózsa, mulher de Józsi, tinha saído da Voivodina para a Alemanha depois dos primeiros sinais de violência em Satrinca, quando os habitantes croatas foram expulsos da vila por seus vizinhos sérvios. Mas não era isto que o constrangia. O problema era que:

eles ficaram civilizados e agem como gente da cidade. Não só não aguentam ver sangue, mas meus sobrinhos não sabem falar húngaro, parecem gente estranha.

Pali deu, então, sua primeira aula de antropologia, explicando que eu pertencia a uma corrente diferente da antropologia, cujos praticantes, além de observar, participam de todas as fases. Quer dizer, eu não participaria apenas da comida e da bebida, mas também da parte pesada e sangrenta da “brincadeira”. Esta novidade agradou bastante a Józsi, que, durante o dia, aproveitou a minha presença como antropólogo e aprendiz de *böllér* para zombar da cunhada:

⁹¹ Trata-se de um café de moagem mais grossa que é misturado com uma pequena quantidade de água fria e açúcar, colocado numa cafeteira maior de cobre com água fervente, e servido após um minuto de descanso. Depois de servido, não se mexe com colher para deixar que os grãos se assentem no fundo da xicara, a qual é chamada até hoje de *dzezva*, *cezve* ou *csésze* (em turco, sérvio e húngaro). Em localidades com presença de roma, a borra que fica na xicara é tradicionalmente usada para a leitura da sina. No início da pesquisa, café turco era a denominação mais difundida do café local. Porém, com o tempo, a partir de 2006, ou seja, do tempo em que a Sérvia iniciou seu processo de aproximação com a União Europeia, cafés e restaurantes urbanos de Novi Sad, Subotica ou Belgrado acabaram renomeando o café turco como café sérvio. Hoje em dia, com o distanciamento da UE e o crescimento do campo “europeísta” na política sérvia, em alguns lugares retomou-se a denominação anterior. Segundo as palavras de um interlocutor meu em Novi Sad, hoje é fácil saber se um estabelecimento é nacionalista ou não, “basta olhar o cardápio: paradoxalmente, se o lugar servir ‘café turco’, é nacionalista, se for ‘café sérvio’ é europeísta. Ai, que saudades da Iugoslávia!”

“estão vendo? O menino é húngaro de verdade: é trabalhador e não se assusta com uns pingos de sangue”.

Em seguida, fomos tirar o primeiro porco do chiqueiro, empreendimento nada fácil tratando-se de um animal com mais de 200 quilos. Enquanto os ajudantes seguravam o animal, Pali deu a machadada, deixando o porco no chão. Imediatamente, a jugular foi cortada, para extrair o sangue, que, ainda fresco, começou a ser preparado pelas mulheres para servir o café da manhã: pão com sangue coalhado frito. Com três paus de madeira de uns três metros cada fizemos um tripé onde penduramos o porco para que todo o sangue saísse do corpo. Com o porco da pendurado, Józsi me perguntou se eu fazia questão de optar pelo método tradicional *“que antropólogo gosta de ver”* para tirar os pelos do porco.⁹² Aliviado pela resposta negativa, pegou um lança-chamas para fazer o *“trabalho fedido”* e depois deu início ao trabalho guiado pelo *böllér* de cortar o animal em pedaços. No segundo porco já pude participar de todas as fases, mas pouparei o leitor de mais detalhes da aventura de matar porcos, cuja notícia correu pelas ruas de Maradék e ajudou tanto a vencer o estranhamento inicial como a superar meu desinteresse em bordados e utensílios antigos.

Dessa forma, com a ajuda inicial de Pali, consegui me incorporar à vida comunitária da Maradik. Em 2006, com a construção do centro cultural húngaro Petőfi no quintal da paróquia protestante, que até então era minha acomodação, e a chegada casal Gyenge, pastores calvinistas húngaros oriundos da Transilvânia, acabei transferindo minha residência para a antiga sede do centro cultural, uma casa antiga e desabitada. O imóvel era de propriedade da família Berta, que usava o quintal da casa para estacionar a *“maravilha de Maradik”*, uma colheitadeira Massey Ferguson, gigante e moderna, e o quarto principal para armazenar sementes de girassol. Consciente dos comentários e de um certo convívio a contragosto, ou, em alguns casos, até de um desprezo cordial dos habitantes de Maradék para com colegas folcloristas e etnólogos – *“que gostam de participar das comilanças e pálinka boas, ouvir histórias, mas esquecem que fama e artigos de revista não alimentam”* –, tentei negociar um contrato de aluguel.⁹³ Como a casa estava em mau estado e os Berta não queriam aceitar aluguel

⁹² No método tradicional raspam-se os pelos do porco manualmente e sem lança-chamas, com faca e água fervente.

⁹³ Durante certo período da minha estadia em Maradék, um casal de antropólogos húngaros estava fazendo pesquisa de campo em Satica (Satrinci, em sérvio), um vilarejo conectado a Maradék por inúmeros laços, como casamentos e relações de parentesco, e por compartilhar durante muito tempo do mesmo pastor protestante. Com o tempo, soube que um dos temas prediletos em encontros e rodas de fofoca entre os habitantes de Maradik e Satica era justamente comparar nossos métodos e práticas. Ouvi em várias ocasiões como a presença do casal Papp na casa de um dos grandes gazda de Satrinci era tido como sinal de prestígio e orgulho para os anfitriões, mas os mesmos também faziam alguns comentários maldosos, *“enquanto eles ficam tomando cafezinho, o antropólogo de vocês suja as mãos de terra, e ajuda na lavoura”* (conforme a fofoca que me foi confessada por

em dinheiro de nenhuma maneira, acabamos negociando os termos de aluguel em *napszám*, ou seja em jornadas de trabalho. Eu trabalharia nas colheitas de maçã no outono (setembro-outubro) e na preparação de milho de ração para armazenamento, primeiro colocando a colheita para secar no *csűr* (um tipo de galpão para guardar grãos), depois tirando os grãos da espiga com o *morzsoló*, e colocando os grãos em sacos de 50 quilos para serem vendidos no mercado ou usados na alimentação de porcos, galinhas ou gado. As espigas secas seriam usadas ao longo do inverno para alimentar os fogões à lenha, usados para cozinhar, e também como calefação durante o inverno.

Na casa dos Berta, do mesmo modo que durante os tempos da residência na paróquia protestante, tive que prestar atenção em manter um certo equilíbrio entre os vários segmentos dos habitantes de Maradék. Os Berta eram uma das famílias chamadas de *gazda* (o termo é usado tanto em sérvio como em húngaro), que até os dias atuais marca uma posição de respeito e prestígio, associado ao camponês proprietário de terras e chefe de família, que dispõe sobre a mão de obra familiar e sobre trabalho contratado.⁹⁴ Por isso, sempre prestei atenção em fazer visitas frequentes aos outros *gazda* prestigiosos da vila, como os Stojanovic, os Becker, os Urban, assim como em tomar parte em atividades variadas, entrevistas, almoços e jantares com famílias com menos prestígio social. Com o tempo adquiri uma rotina bastante previsível na casa alugada, que acabou ganhando o apelido de *kuća u brazilać*, e que era adjacente à residência Berta. Começava meus dias às cinco e meia da manhã, relativamente tarde para os padrões locais, o que, contudo, era justificável pois minhas galinhas e porcos estavam sendo alimentados junto com os animais dos Berta. No inverno, reavivava o fogo no fogareiro com

Ilonka Berta, após uma reportagem no programa de tevê para as minorias húngaras da Voivodina produzido pela televisão sérvia).

⁹⁴ Historicamente, os *gazda* sempre foram associados à posse de terra. Além deles, havia também os *árendas*, que consistiam em camponeses pobres que arrendavam terra de outrem para cultivar, e os *zélter*, camponeses que não detinham terra e eram empregados na lavoura dos terratenentes. Na Hungria Histórica, os *gazda* eram sempre diferenciados pelo tamanho da terra ao seu dispor. A unidade básica era o *telek*, uma medida entre 25 e 30 hectares de terra. Entre os séculos XIII e XIX os *telkes gazda* dispunham de um *telek*, enquanto que os *háromnegyedes gazda*, os *féltelkes* e os *negyedes gazda* dispunham, respectivamente, de três quartos, de metade e de um quarto de *telek*. Essas denominações eram válidas mesmo quando os senhores feudais eram os proprietários *de jure* da terra (ORTUTAY, 1977). Após a abolição da servidão e emancipação política do campesinato, o termo *gazda* permaneceu e passou a ser usado para diferenciar grandes e pequenos proprietários: *Kisgazda* era o termo utilizado para se referir àqueles que detinham pequenas extensões de terra que era cultivada pelos membros da unidade doméstica. Os *kisgazda* não trabalhavam em terras alheias, mas também não contratavam trabalho alheio. Já *nagygazda* dizia respeito aos grandes proprietários que recorriam à contratação de trabalho para o cultivo de suas terras e que, em muitos casos, já não participava diretamente do cultivo, supervisionando o trabalho de seus empregados. Com o tempo, os *nagygazda* passaram a ser considerados *polgár*, membros de uma burguesia rural nascente, cujo distintivos durante muito tempo eram o uso de relógio, a participação da vida pública rural em cafés, teatros e associações políticas rurais e a ocupação de posições de prestígio na vida religiosa protestante (Ortutay, id. ibidem).

espigas de milho e saía para cortar a lenha do dia, pois, no período mais frio do ano, a casa cuja chaminé apagassem durante o dia podia ser alvo de zombaria e piadas, deixando os donos envergonhados, por supostamente terem dormido, tomado *rakija* demais ou por terem esquecido de calcular a lenha necessária para alimentar o fogo.⁹⁵ Às seis da manhã, geralmente tomava café com os Berta. Este era preparado por Ilonka *néni* (tia Ilonka), que, nessa altura, já havia ordenhado suas vacas e vendido leite fresco para os moradores que não criavam gado de leite. Os cafés com os Berta, preparados por Ilonka consistiam geralmente em ricota fresca, bacon, ovos e *tejföl* (um creme bastante gorduroso derivado de leite, parecido ao *crème fraîche*), ou então *puliszka* (farinha de milho cozida no leite) com mel e alho, além do noticiário completo de Maradik que a freguesia compradora de leite já havia compartilhado com ela.⁹⁶ Depois de ouvir as fofocas e notícias da manhã cada um partia para o seu dia. No meu caso, podia consistir em uma entrevista agendada com pessoas mais idosas que já não saíam para o trabalho pesado (principalmente no inverno ou em tempos de lavoura), ou na ajuda em pequenos afazeres como quebra de nozes, moagem de páprica defumada etc. Com o tempo também acabei aderindo à técnica que os ingleses chamariam de *hanging around*, ou seja, saía caminhando pelas ruas da vila sem um destino fixo, ou me sentava em um dos botecos para encontrar moradores aleatórios, dentre outras coisas não previamente programadas. Esses encontros aleatórios tornaram-se fundamentais, pois foi assim que acabei acompanhando e observando húngaros

⁹⁵ Para manter a brasa durante o dia inteiro, era necessário queimar vários metros cúbicos de espiga de milho, que, por estarem secas queimavam rápido, mas deixavam uma brasa persistente, além de deixar em cima da brasa lenha não tão seca, que duraria várias horas e cuja brasa podia ser reavivada com mais espigas de milho no final do dia. A única exceção da necessidade de manter o fogo durante o dia inteiro, era durante os dias do *košava*, um vento raro que vinha do sul e que durava poucos dias, mas que, pela orientação das chaminés, fazia com que fosse impossível manter a brasa, pois o vento cortava a circulação do ar dos fogareiros. Durante o *košava* os habitantes de Maradék ligavam seus aparelhos de calefação a gás ou petróleo, algo considerado urbano e luxuoso demais, mesmo para as famílias mais abastadas.

⁹⁶ Por mais que dona Ilonka insistia que não ela não estava fofocando, mas repassando as novidades “tal como as tinha ouvido, sem nenhuma uma gota a mais ou a menos”, confesso que as fofocas do dia foram extremamente úteis para me manter bem informado das atualidades de Maradik, permitindo com que soubesse de imediato as pautas do dia, como por exemplo os Ipać que sempre conseguiam vender trigo a 200 dinar a mais do que a média do mês anterior, que nasceram dois bezeros na casa dos Urbán, que o filho dos Heretek se metera em “briga de nacionalistas” na sede do município etc. Certamente, como com o casal de antropólogos de Satrinca, eu também fui alvo de fofocas, mas até onde eu sei, estas não diziam respeito a morar de graça, tomar cafezinho e participar do circuito de matança de porcos sem colocar “a minha parte de trabalho”. Como o portão da casa que acabei alugando não podia ser trancada, e a casa em si carecia de porta, quando havia luz na janela no final do dia, muitas pessoas acabavam passando, para compartilhar alguma história e alguns copos de aguardente. Assim, uma das fofocas a meu respeito, que soube muito depois de sua circulação em Maradék, dizia respeito a uma caixa de chá, que havia comprado numa loja de produtos verdes em Novi Sad, e que servia para ajudar na digestão e poupar o fígado. Na caixa só estava escrita a palavra “detox”, do qual alguma das minhas visitas deve ter concluído que eu era um drogadicto em fase de desintoxicação. Mas foi graças ao chá detox que “sobrevivi” à estadia em Maradik, sua culinária pesada e litros de aguardente, pesando apenas quinze quilos a mais e com um fígado razoavelmente saudável.

adultos indo para a sede do município (em Indija, a dez quilômetros de Maradik) para resolverem burocracias, notando como se sentiam inseguros no uso da língua sérvia e percebendo que eu mesmo acabei aprendendo um servo-croata bastante viciado e incorreto – a ponto de certa vez ser chamado de *mađarski seljak* (‘camponês húngaro’ em sérvio) em Ruma, capital do Srem, quando errei gramaticalmente a conjugação de algum verbo.⁹⁷

Os meus conhecimentos da língua sérvia e a fluência em húngaro também influenciaram diferentemente as várias fases da pesquisa, principalmente no meu acesso aos diferentes segmentos dos habitantes de Maradék. Nos períodos iniciais tive um acesso maior aos húngaros adultos de Maradik, pois muitos dos jovens sentiam-se inseguros para falar em húngaro comigo.⁹⁸ Durante este tempo aprendi a usar a minha condição de “húngaro do brasil”, para me distanciar dos estudiosos de Budapeste, que de alguma forma faziam os húngaros de Maradék sentirem-se julgados na sua hungaridade – “*passamos mais um teste*”, dizia Laci Koroknai toda vez que vinha um pesquisador relâmpago ou alguma equipe de cineastas documentando a vida nos “confins”.⁹⁹

Na primeira temporada completa que passei em Maradik, em 2005, durante a colheita de dados sobre as fases iniciais da Iugoslávia titoísta, acabei cedendo à curiosidade de Jani Gulyás e Gyurka Heretek, ambos com vinte anos na época, e fizemos um conjunto de entrevistas coletivas com idosos lembrando as épocas de coletivização forçada e instituição

⁹⁷ Dependendo do contexto, *seljak* podia ser um termo pejorativo, usado em referência a camponeses do interior sem conhecimento dos modos urbanos, com roupa sem estilo (geralmente moletom e tênis, no caso de jovens camponeses) ou então uma categoria positiva, principalmente em relação ao turbo-folk, um gênero musical que mistura música tradicional, de inspiração turca com batidas eletrônicas, e é observado (ouvido) com horror pelas elites liberais urbanas, mas com muito orgulho em contextos nacionalistas, tido como a representação por excelência de um espírito balcânico. Sobre o gênero turbo-folk e a relação com nacionalismo, “balcanismo” ou a iugonostalgia ver a tese excelente de Archer, *Paint Me Black and Gold and Put Me in a Frame”: Turbofolk and Balkanist Discourse in (post) Yugoslav Cultural Space* (ARCHER, 2009).

⁹⁸ A última turma húngara na escola de Maradék formou-se em 1980. A partir de então, o aprendizado do húngaro ficou restrito às atividades da igreja protestante, com aulas informais nos finais de semana, ou dentro de casa principalmente com os avós, ou seja, com as gerações que nasceram durante a década de 1950 ou antes. Segundo os dados de Gábrityné enquanto em 1980 havia 32 escolas secundárias bilíngues, isto é, com turmas húngaras e servias em salas separadas, em 1996 este número reduziu-se a 13 (Gábrityné Molnár, 2008). Nos anos 2000, o número de alunos húngaros inscritos em escolas húngaras ou bilíngues da Voivodina voltou a crescer, mas em vilarejos pequenos como é o caso de Maradék, a escola nunca atingiu um número suficiente de inscritos para a abertura de uma turma húngara, explicado em parte com a pressão das autoridades municipais preocupados com os gastos e contratações extras que a abertura de turmas húngaras significaria, mas também muitas famílias preferiam garantir o aprendizado do sérvio para as gerações mais jovens e ensinar o húngaro “do portão para dentro”. Durante a minha estadia em Maradék não havia um jovem húngaro sequer em escola secundária normal, sendo que a maioria frequentava escolas técnicas, de costuraria, marcenaria, técnico em agricultura em Indija, sede do município.

⁹⁹ *Végeken* é o termo em húngaro, frequentemente usados em situações como esta, cuja raiz, “vég”, significa literalmente “fim”, no caso, o fim do mundo húngaro, hoje fazendo referência à fronteira linguística e vilarejo mais ao sul onde ainda se fala húngaro. O termo tem a sua origem nas guerras de reconquista da Hungria Histórica e referia-se sempre aos territórios reconquistados e à Fronteira Militar do Império Austro-Húngaro.

do socialismo de estado. Depois contei com o apoio de Jelena Stojanović, que, além de ajudar com as entrevistas, me deu aulas de sérvio, e de seu irmão Marko e repetimos a experiência na parte sérvia da vila. Assim, ser húngaro residente no Brasil acabou também possibilitando um acesso maior aos sérvios adultos, sempre desconfiados de pesquisadores húngaros que só queriam documentar os conflitos e a perseguição aos húngaros e não a “*parte boa do convívio*”. Dessa forma, em algumas situações, o próprio pesquisador era visto como um ser exótico, um húngaro morador de uma “terra de índios selvagens e canibais” pesquisando um vilarejo da Voivodina.

Em um de meus primeiros encontros formais com o pope Sloba Mihajlović, o padre ortodoxo da vila, e um grupo de homens sérvios, sabendo das minhas limitações com a língua sérvia e dificuldades em ler o alfabeto cirílico, eles decidiram me testar: pediram para que eu assistisse junto com eles um canal de TV de Belgrado que transmitia filmes e seriados nas línguas originais com legendas no alfabeto cirílico. De repente, para provar que entendia português, tive que traduzir trechos completos da novela “O Rei do Gado” para o grupo ali reunido. Como se tratava de um público predominantemente masculino, é claro que uma semana depois tive que repetir a dose para uma audiência feminina. Desta vez, assistimos o canal PINK TV e minha tarefa foi a de traduzir os diálogos da Vera Fisher na novela “Laços de Família”. Esses testes, devo acrescentar, fizeram com que os moradores sérvios de Maradik conseguissem o que meus colegas e amigos brasileiros em vão tentaram durante toda a minha estada no Brasil: vencer minha resistência para com as telenovelas brasileiras.¹⁰⁰

Meu acesso aos jovens sérvios e croatas da vila foi o processo mais demorado de todos, talvez em função das minhas dificuldades linguísticas, quem sabe por um certo desprezo por alguns dos temas que abordava com as gerações mais velhas, como agricultura, organização socialista do trabalho, ou ainda, como mais tarde ouviria dizer Miša (um jovem sérvio que na época estudava teologia e era ajudante do pope ortodoxo), porque “*nação não se observa e não se estuda, não se conversa, mas é a gente que faz*”. Finalmente, numa noite de inverno depois de uma entrevista longa com a família Ipacs, aceitei o convite de Jani, Gyuri e Marko e fui tomar cerveja no único bar/boate da vila, o Casablanca, que até então tinha procurado evitar, pois era frequentemente associado pelos moradores adultos ao crime organizado envolvido em

¹⁰⁰ A preferência dos homens por “Rei do Gado” pode ser explicada em função de um dos assuntos mais comentados na época, o qual dizia respeito à uma possível redistribuição de terras confiscadas logo depois de Segunda Guerra Mundial, ainda na fase estalinista do regime iugoslavo, enquanto “Laços de Família” tinha uma audiência mais feminina ou familiar.

redes de prostituição e tráfico de drogas.¹⁰¹ Naquela altura, a imprensa internacional e a imprensa húngara seguiam com atenção e certa apreensão uma série de incidentes violentos (que variavam entre brigas em bares e na rua, pichações xenófobas e depredações em cemitérios) contra membros da minoria húngara da Voivodina, enquanto a imprensa sensacionalista sérvia focava em uma briga de Temerim (ao norte de Novi Sad) na qual dois jovens húngaros acabaram retaliando e ferindo seriamente um jovem sérvio. Naquela noite, um grupo de jovens de Indija acabou provocando uma briga com os locais ao perguntar se Maradik era uma vila *ustaše* (aliados croatas da Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial) ou comunista. A provocação foi o estopim para o quebra-quebra generalizado no bar entre os jovens sérvios, croatas e húngaros de Maradik, de um lado, e os de Indija, de outro.¹⁰² Embora eu tenha tentado ficar na posição de observador neutro, virado para o balcão com a minha cerveja Jelen, a certa altura me vi obrigado a me esquivar de uma cadeira voando na minha direção e acabei me refugiando no canto dos maradikianos. Ali, passei algum tempo me defendendo de cadeiradas e garrafas voadoras e acabei retribuindo os ataques. A partir do dia seguinte, todos os jovens de Maradék passaram a me cumprimentar, ganhei o apelido de *brazilac the Clint* (uma referência aos filmes de faroeste protagonizados por Clint Eastwood na sua juventude) e tive a oportunidade de estender a pesquisa incorporando todos os grupos nacionais e etários de Maradik. Felizmente, e apesar do novo apelido, esta foi a única briga em Maradik da qual participei. Contudo, esse não foi o único dilema moral que enfrentei ao longo da pesquisa de campo.

¹⁰¹ Muito tempo depois, Vesna, a dona do bar acabou conformando uma parte das suspeitas, quando contou os seus tempos de prostituta em Munique e a sua volta para a Voivodina, onde abria o bar com os marcos alemães que economizara durante os tempos na Alemanha. Na época, de fato, parecia um elemento curioso, que o dono de um bar que apenas vendia cerveja, café e aguardente (todos a centavos) tivesse dois carros considerados de luxo: um Jaguar com placa alemã e um Peugeot 405.

¹⁰² Tratava-se de uma *ustawka*, uma briga arranjada (geralmente entre torcidas organizadas de futebol), ao mesmo tempo teatral e real, onde duas torcidas, ou no caso vilas, arranjam uma briga violenta, mas no final levantam-se todos a festejar e fazer as pazes. O termo originou-se nos campeonatos de futebol da Polônia e da Rússia, mas é uma prática bastante difundida em todo o Leste Europeu e cada vez mais conta com a adesão de torcidas da Europa ocidental. Os *ustawkas* em Maradék opunham os jovens locais com os das vilas vizinhas, e nessas brigas teatrais nunca presenciei oposições de acordo com linhas nacionais, embora os xingamentos frequentemente diziam respeito a nacionalidade ou posições e ideologias políticas presumidas.



Foto 4- Guardando as hastes de milho



Foto 5 - O csůr ou celeiro para guardar milho

Antropologia em situações de conflito/pós-conflito – alguns dilemas morais

Em Maradék não era incomum a presença de “boinas vermelhas”, que passavam pela cidade em seus carros Hummer blindados seguindo em direção à Fruška Gora. Segundo os rumores locais, naquela montanha estaria localizado o esconderijo do general Ratko Mladić, então procurado pelo Tribunal Criminal Internacional para a ex-Iugoslávia (ICTY- *International Criminal Tribunal for the former Yugoslavia*). Muitos dos membros dos boinas vermelhas foram presos por envolvimento no genocídio na Bósnia, outros por envolvimento direto no assassinato do ex-presidente Ivan Stambolić (rival de Milošević), em 2000, e do primeiro-ministro Zoran Đinđić, que pretendia entregar os membros dos JSO acusados de crimes de guerra e contra a humanidade ao ICTY, assassinado em 2003.¹⁰³

Em 2006, a polícia prendeu em flagrante um habitante local que os rumores e fofocas associavam aos boinas vermelhas. Junto com ele, foram apreendidos um caminhão cheio de armas de fogo e balas.¹⁰⁴ Também se sabia de vários jovens envolvidos em tráfico de drogas, sendo que um dos meus interlocutores iniciais, Karolj, foi assassinado com 45 facadas em Indjija, supostamente num acerto de contas e dívidas para com o tráfico. Assim, por questões de segurança pessoal, ao longo das diferentes etapas da pesquisa, procurei me manter distante de assuntos relativos a certo tipo de crime organizado bastante presente na região.¹⁰⁵ Curiosamente, foi este distanciamento consciente que acabou também por me transformar em

¹⁰³ Em 2007, alguns membros dos “boinas vermelhas” foram condenados a quarenta anos de prisão pelo assassinato de Đinđić. Ratko Mladić acabou sendo preso em 2011, em Lazarevo na Voivodina, e, atualmente, está sendo julgado no Tribunal de Haia como principal responsável pelo genocídio de Srebrenica, no qual 8700 bósnios foram exterminados em 1995.

¹⁰⁴ Segundo os dados recentes da *Small Arms Survey* a Sérvia perde apenas para o Iêmen e os EUA no número de armas de fogo em posse da população civil, com 39.1 armas para cada 100 habitantes (KARP, 2018)

¹⁰⁵ Entendo aqui por crime organizado atividades como tráfico de armas e drogas e/ou participação em alguma das máfias nacionais, que, além das atividades mencionadas, participaram por exemplo, no assassinato do primeiro ministro Zoran Đinđić em 2003. A maioria dos habitantes de Maradik participava com certo orgulho em algum tipo de atividade ilícita, mas isso significava, na maior arte dos casos, destilar aguardente em casa sem permissão dos órgãos fiscalizadores e sanitários. Durante os anos do embargo internacional, principalmente no final dos anos 1990, muitos chegaram a participar de contrabando de gasolina em pequena escala, passando de carro para a Hungria ou para a Romênia, enchendo os tanques de gasolina, e, na volta, vendendo o combustível nos mercados de Novi Sad ou de Belgrado. De modo semelhante, entre 2013 e 2015, ou seja, no começo da “crise migratória europeia”, alguns dos meus interlocutores – principalmente os que tinham parentes vivendo na Alemanha e, assim, tinham acesso a carros de documentação alemã – acabaram contrabandeando refugiados sírios e afegãos para a Alemanha, cobrando geralmente até 300 euros por cabeça. Após o auge de crise, em 2015, quando estados da União Europeia decidiram fechar as suas fronteiras externas (do tratado de Schengen) o tráfico de pessoas na rota balcânica acabou sendo monopolizado pelos grandes grupos de crime organizado (baseados principalmente na Sérvia e na Albânia), excluindo os “amadores” ou empreendedores independentes. Sobre máfias e crime organizado nos Balcãs ver a coletânea *Transnational terrorism, organized crime and peace-building: human security in the Western Balkans* (Benedek; Daase; Dimitrijevic, 2010).

infrator da lei sérvia, a qual exigia que estrangeiros residentes informassem à polícia todos os seus movimentos. Por conta dos rumores constantes sobre membros dos boinas vermelhas foragidos e procurados pelos tribunais de justiça internacional (o de Haia e o ICTY) e que teriam sido realocados para unidades policiais de Srem na Voivodina, como parte do esforço do estado em ocultar e proteger o general Mladić e outras figuras proeminentes das guerras da Croácia e da Bósnia, fui aconselhado por um grupo de maradikianos e decidi não fazer o meu registro na polícia de Inđija.

O segundo dilema moral que enfrentei ao longo da pesquisa em Maradék diz respeito às inúmeras narrativas, algumas vezes genocidas, outras vezes simplesmente nacionalistas e chauvinistas, que ouvi em relação à Segunda Guerra Mundial ou então sobre as guerras sangrentas que puseram fim à Iugoslávia socialista. Apesar de Maradik não ter constituído uma frente direta de batalha, os impactos das guerras se fizeram e se fazem presentes. Até hoje, as crianças são proibidas de brincar no “vale dos ciganos”, que fica a poucos metros da saída da cidade. Segundo os relatos, cerca de dez alemães e húngaros de Maradik teriam sido ali assassinados por *partisans* no final da Segunda Guerra Mundial por terem apoiado seja os *chetniks* sérvios e a ocupação húngara do Bácska seja a administração do Bánát entregue aos *volksdeutsche* em 1941. Ouvi de muitas das mulheres que frequentavam as feiras livres semanais de Inđija e de Novi Sad que, ao longo dos anos 1990, suas vizinhas de bancada, em muitos casos conhecidas de mais de uma década, perguntavam se já tinham preparado a mudança e preparado sua “volta” para a Hungria, pois tinham ouvido dizer que húngaros seriam os próximos a serem obrigados a saírem da Sérvia. As ameaças mais diretas, porém, vinham sempre do líder nacionalista sérvio e hoje deputado do SRS (Partido Radical Sérvio) Vojislav Šešelj.¹⁰⁶ Nas palavras de Roža Čepregi e Rozalija Novak:

diziam que somos refugiados de 56, que fugimos do exército vermelho e fomos generosamente acolhidos pela Iugoslávia. Mas agora que os russos não estão mais na Hungria, deveríamos agradecer pela acolhida generosa e deixar

¹⁰⁶ Mentor de grupos paramilitares de *chetniks*, Šešelj foi condenado em 2018 por crimes de guerra. Nascido numa família sérvia de Sarajevo, Seselj, com doutorado em direito e ciência política, foi o membro mais jovem da Academia de Ciências Iugoslava. Foi preso em 1984, por agitação contra a federação socialista. Em 1989 visitou o general *chetnik* da Segunda Guerra, Momčilo Đurić, que o nomeara *voivod* dos Chetniks. O título lhe foi retirado em 1997, quando Šešelj foi nomeado presidente do Parlamento Sérvio em troca do apoio do SRS ao regime de Milošević. Durante as guerras da Bósnia e da Croácia foi o único líder sérvio a fazer ameaças diretas de expulsão às populações húngaras e eslovacas da Voivodina, prometendo dois sanduíches de graça para eslovacos e um para húngaros, pois a viagem para Eslováquia demoraria dois dias, enquanto a fronteira húngara poderia ser alcançada num dia só.

voluntariamente nossas terras e empregos aos sérvios. Devolver a Voivodina para a Sérvia.

Šešelj é tão psicótico quanto o Miloš [Milošević], pedia para os nossos próprios vizinhos que nos expulsassem e que preparássemos o lanche para o caminho até a Hungria.

Vários homens de Maradék contavam que, na Voivodina, os húngaros foram convocados para o exército sérvio em número bastante superior ao da sua proporção no total da população.¹⁰⁷ Além disso, os oficiais, sempre sérvios, teriam dado preferência aos soldados não sérvios (pertencentes às minorias) quando se tratava de enviar contingentes para as primeiras linhas de combate:

Nós também participamos da destruição da Iugoslávia. Eles nos diziam que éramos iugoslavos também e era nosso dever patriótico lutar contra os croatas. Enquanto isso, nossas mulheres e filhos ficaram em casa, tentando trabalhar a terra e, à noite, assistindo o noticiário de Belgrado. Certa vez, o noticiário abriu com a frase ‘Os tanques sérvios estão a caminho da Croácia na estrada bratstvo i jedinstvo’. Nós estivemos na frente de batalha numa guerra que nada tem a ver conosco. Na nossa frente estávamos encarando armas ustashas, por trás, sentíamos as armas chetniks nas nossas nuças.¹⁰⁸

Esta narrativa é de Pityu, um dos poucos homens que, ao falar da guerra, não me pediu para silenciar sobre o seu nome. Todos os outros tinham medo “*das listas*”. Estas, dizia-se, ainda estavam em circulação por causa de “*alguns eventos*” ocorridos durante a guerra, os quais, por sua vez, estariam relacionados aos procedimentos de recrutamento a partir de 1991-92. Em muitas localidades, oficiais reservistas responsáveis pela entrega das cartas de recrutamento acabaram queimando as que, não raro, incluíam seus próprios familiares e amigos ou conhecidos: “*a guerra não era nossa e, assim, aqueles que quiseram escapar para a Hungria tiveram tempo de se organizar*”. Em algumas localidades, muitos contaram com a ajuda de padres e pastores que escondiam alguns homens nas suas paróquias enquanto organizavam a deserção. A resistência ao recrutamento terminou quando o exército entrou com tanques nessas vilas e todos os homens em idade militar foram levados à força. Ainda assim, muitos conseguiram escapar do exército. Estima-se que aproximadamente 50 mil húngaros saíram da

¹⁰⁷ Esta é uma afirmação bastante frequente nos relatos e também na literatura sobre as guerras na ex-Iugoslávia – como, por exemplo, o artigo de Juhász (1995: 42) –, mas sempre sem citação de fontes.

¹⁰⁸ *Bratstvo i jedinstvo*, como notado anteriormente, significa ‘fraternidade e unidade’ e era o slogan oficial da Iugoslávia de Tito, baseada numa ideologia igualitária e “multiculturalista”. A frase do noticiário é até hoje frequentemente lembrada em tom de piada: “*se você achou o Underground [filme de Emir Kusturica] surreal, os noticiários o eram muito mais. Os tanques avançavam na estrada que simbolizava a união de sérvios e croatas justamente para destruir essa união*”.

Voivodina entre 1991 e 1995. Entre eles, muitos homens que preferiram atravessar a fronteira para evitar participar da guerra, assumindo assim todos os riscos que uma deserção pode envolver.¹⁰⁹ As tais listas referiam-se justamente a esses desertores e quase todas as famílias tinham algum parente ou conhecido que desertara em algum momento da guerra e que não podia voltar devido ao medo de represálias.

Esse medo acabou por revelar uma desconfiança em relação às mudanças políticas pelas quais a Sérvia tem passado desde a derrocada de Milošević e o julgamento dos criminosos de guerra em tribunais internacionais. Muitos ainda desconfiavam da lei de anistia geral, que garante a volta dos desertores ao país: “*uma lei dessas nada adianta, porque as listas estão nas mãos dos soldados do exército nos postos de fronteira*”, “*o governo pode ter mudado, mas os soldados continuam os mesmos, assim como seus comandantes*”.

O medo ao exército também se sustentava em casos de soldados húngaros mortos por armas do seu próprio exército por terem recusado obedecer às ordens:

Nós, húngaros, fomos levados à região de Eszék e Vukovar [Osijek, na Croácia], onde o número de húngaros é maior, mas isso não foi suficiente. A outra metade de unidades com soldados húngaros teve que lutar em Vukovár, na frente mais sangrenta de toda a guerra.

Em Eszék e nas vilas húngaras ao redor, os homens de Arkan chegaram na nossa frente, destruíram e saquearam algumas casas e expulsaram boa parte da população. Só tivemos que fazer a limpeza final, invadir casas e expulsar as pessoas que ainda estavam escondidas nos porões e estábulos. Para as casas húngaras, os oficiais escolhiam, propositadamente, soldados húngaros e ficavam rindo de nós com as armas apontadas. Houve vários casos em que húngaros se negaram a fazer isso. Se era em combate, levava um tiro na hora. Em situações mais tranquilas, eram punidos ou simplesmente levavam uma surra. O pior de tudo, foi que, no ano passado, indo para a feira de Szeged, encontrei um homem, húngaro da Croácia, quem, ao conversarmos sobre a guerra, me contou como foram expulsos da sua casa e como teve que assistir ao saqueio. Aí, pela descrição da vila e da casa, lembrei que eu estava entre os aqueles homens que ele lembrava com horror. Naquela noite, precisamente, dormi na casa dele, que era uma das mais bonitas da vila.

Os comentários e trechos de entrevistas acima citados giram em torno de eventos da década de 1990 – as guerras na Sérvia, na Croácia e na Bósnia, por um lado, e o conflito no Kosovo e posterior bombardeio dos estados da Organização do Tratado do Atlântico Norte, por outro – que marcaram a vida cotidiana na Iugoslávia e que acabaram por transformar a realidade de um estado que uma década antes ainda se pretendia multinacional. Além das lembranças,

¹⁰⁹ É interessante notar que boa parte dos húngaros que migraram para a Hungria neste período acreditavam numa futura volta à Voivodina, pois só 3.845 pediram cidadania ou asilo. No mesmo período, dos 74.298 húngaros da Romênia que migraram para a Hungria, 45.021 pediram cidadania (Gábrity, 2001: 411).

pesadelos e um esforço contínuo de voltar para uma nova “normalidade”, reconstituindo não só relações de parentesco, no caso das muitas famílias mistas, e relações de vizinhança, mas também relações com os estados sucessores e a memória da antiga Iugoslávia. Em muitos casos os horrores da guerra marcam até hoje pequenas práticas cotidianas. Um dos exemplos é de Boro e Joco, dois dos desertores de Maradik que abandonaram o exército já depois de terem passado semanas na frente de Vukovar. No começo dos anos 2000, ambos voltaram para a vila, vindos um da Alemanha e o outro da Suécia. Ambos eram frequentemente provocados pela maneira com que fumavam seus Drina sem filtro com a brasa virada para dentro da palma da mão. Cigarro de pobre à “maneira ocidental”, troçavam. Ao que os dois costumavam retrucar: *“Vocês não sabem de nada... Os alemães nem fumam mais, idiotas. Só quem já ficou de sentinela nos morros ao redor de Vukovar sabe o que é passar a noite no escuro, rezando a cada cigarro fumado para que nenhum franco-atirador tenha visto as brasas.”*

Fazer pesquisa de campo em Maradik significou, assim, estar diante de narrativas sobre os horrores da guerra, interações cotidianas como as de Boro e Joco, ou então silêncios desconfortáveis, rumores sobre o esconderijo do general Mladić, considerado herói nacional por alguns e criminoso de guerra por outros. Como a vila era habitada por croatas e húngaros, além da maioria de sérvios (da Voivodina ou com origens na Bósnia e o Montenegro), e, dentre estes, católicos, ortodoxos, calvinistas ou ainda ateus e socialistas, o campo também significou estar em contato, por diálogo ou escuta, com as muito diversas narrativas sobre as guerras dos anos 1990, os conflitos e incidentes recorrentes em regiões como o Kosovo ou o Sandžak, e até mesmo a Segunda Guerra Mundial.¹¹⁰

Se, na história recente da disciplina, tem sido cada vez mais frequente a prática de uma “antropologia engajada”, que denuncia a situação de populações vulneráveis perante o Estado ou as discriminações raciais, de gênero etc.¹¹¹, são relativamente poucos os comentários em relação à metodologia ou à prática antropológica em contextos de (pós-) conflito ou em sociedades divididas, não obstante dispormos de um acesso um pouco mais imediato e direto a

¹¹⁰ O Sandžak é uma região com menos exposição na mídia internacional, localizada na fronteira da Sérvia e do Montenegro, habitada por bósnios muçulmanos, albaneses e sérvios.

¹¹¹ Também temos exemplos sobre o oposto, ou seja, pesquisa de campo com os “perpetradores” como por exemplo a monografia de Vincent Crapanzano sobre os brancos da África do Sul (CRAPANZANO, 1985).

situações de conflito violento graças às mídias sociais.¹¹² Como explicitarei anteriormente, desde a minha chegada na Voivodina, procurei colocar em suspenso a imagem construída sobre húngaros além-fronteiras na Hungria. Além disso, suspendi qualquer pressuposto sobre grupos étnicos claramente delimitáveis e autocontidos, contrariando assim uma boa parte das narrativas políticas e acadêmicas sobre a guerra nos Balcãs, bem como a intenção dos diferentes lados do conflito. Da minha perspectiva, as linhas fixadas nos acordos de Dayton acabam justamente reforçando e legitimando a “vitória política do medo” (THOMAZ, 2001), política esta que implodiu a Iugoslávia em nome e contra as suas nações constitutivas, e que, na Bósnia, por exemplo, acabou fixando entidades separadas para sérvios, bósnios e croatas quase que em conformidade plena com os desejos e projetos nacionalistas de líderes como Slobodan Milošević, Radovan Karadžić ou Franjo Tuđman.

A convivência com húngaros e sérvios ordinários colocou uma série de outros dilemas práticos e metodológicos. Se para os húngaros da Maradék o fato de eu ser residente no Brasil possibilitou um distanciamento tanto das percepções que húngaros da Hungria compartilham sobre húngaros além-fronteiras, como também de posições que húngaros na Voivodina esperam de pesquisadores ou visitantes vindos de Budapeste, ao longo da pesquisa também ficou claro que precisaria me distanciar de um certo senso comum ocidental, no qual bósnios são vítimas e sérvios vilões absolutos. Infelizmente, a estratégia de não reproduzir tais discursos (e talvez pela própria temática da pesquisa, sobre a qual sempre fui aberto e compartilhei com todos os meus interlocutores), acabou fazendo com que tivesse que escutar outros discursos, igualmente preocupantes mas diametralmente opostos, nos quais sérvios se autorreferenciavam como vítimas de uma conspiração mundial, ou melhor, norte-americana, pró-bósnia e pró-croata.¹¹³ Em muitas ocasiões, como durante uma conversa na sala de estar da família Stojanović embaixo de uma fotografia gigante do líder serbo-bósnio, Radovan

¹¹² Penso por exemplo nos relatos e investigações de cunho acadêmico (feito a partir de universidades, mas também a partir de organizações internacionais, como a ONU, ONGs etc.) sobre a situação atual na Síria, que, em sua maioria, proveem de pesquisadores situados fora da zona de conflito.

¹¹³ O ressentimento sérvio para com os norte-americanos era bastante grande e não só entre pessoas que se autodenominavam ou eram percebidos como nacionalistas sérvios. Em 1999, numa operação designada para evitar massacres no Kosovo, a aliança militar bombardeou diversos alvos na Sérvia, como edifícios governamentais em Belgrado e refinarias de petróleo, além das pontes no Danúbio na cidade de Novi Sad, impossibilitando o fluxo de mercadorias no Danúbio e dificultando a venda de produtos agrícolas para os produtores de Maradik. O bombardeio dos edifícios governamentais e das refinarias foi visto por alguns dos meus interlocutores como “razoável”, “pois era necessário conter os lunáticos do governo Milošević”. Ao mesmo tempo, muitos consideravam o bombardeio de Novi Sad, como injusto pois a Voivodina e sua capital era um dos principais centros de resistência ao regime de Milošević. Foi neste contexto, como detalhei em outro texto (Basch, 2003), que observei a população em Subotica e Novi Sad celebrarem com gritos, aplausos e tiros no ar, os atentados do 11 de Setembro em Nova York.

Karadžić,¹¹⁴ acabei silenciando minhas convicções pessoais, ao ouvir as perspectivas sombrias dos meus anfitriões sobre o futuro dos sérvios na Bósnia (República Srpska) e do Kosovo e sobre o estatuto das duas unidades territoriais. De fato, nacionalistas ou não, muitos dos meus interlocutores compartilhavam a visão segundo a qual os acordos de paz eram soluções temporárias, e a nova guerra e conflito era só uma questão de tempo. Também silenciava minhas opiniões pessoais quando era perguntado sobre a situação atual, sobre o futuro da República Srpska da Bósnia e do Kosovo ou sobre os estados sucessores da Iugoslávia em geral. Primeiro, porque não tinha resposta, e, tal como a maioria dos meus interlocutores, tinha mais dúvidas e perguntas; e, segundo, porque queria fugir a qualquer custo do papel do “especialista ocidental”, cuja relação com os estados pós-iugoslavos é no mínimo análogo às relações pós-coloniais.¹¹⁵

Em outras ocasiões, e com alguns interlocutores que ao longo do tempo tornaram-se mais próximos, acabei compartilhando algumas das minhas posições pessoais. Este foi o caso dos debates que acompanharam o plebiscito na Hungria sobre a concessão de cidadania plena para húngaros além-fronteiras. Naqueles debates, compartilhei com a maioria dos meus interlocutores a minha posição contrária ao governo húngaro da época (uma coalizão do Partido Socialista Húngaro com o partido liberal, Aliança de Democratas Livres), cuja campanha pelo “não” era baseada em narrativas abertamente xenófobas, alertando sobre os “perigos da invasão de milhões de operários romenos e sérvios”. Outras vezes, tomei posições contrárias ao lado “conservador” da política húngara, quando por exemplo alguns jovens húngaros de Maradik foram convidados pelo movimento ultranacionalista MIÉP (*Magyar Igazság és Élet Pártja* - Partido da Vida e Verdade Húngara) para marcharem no feriado nacional do 20 de Agosto, em celebração à fundação da Hungria medieval. Como a viagem para Budapeste ficou por conta do partido, aceitaram o convite. Em troca, tiveram que passar por um constrangimento bastante grande quando, na passeata, foram chamados para carregarem placas com mapas da Grande

¹¹⁴ Radovan Karadžić, primeiro presidente da República Sérvia da Bósnia. Procurado para responder por sua responsabilidade no genocídio de Srebrenica, ficou treze anos foragido da justiça internacional. Foi preso em 2008, na Sérvia, e condenado a quarenta anos de prisão pelo Tribunal Internacional de Haia em 2016.

¹¹⁵ Em relação à suspensão de opiniões pessoais, Ioannis Armakolas relata experiências semelhantes em sua pesquisa de campo em Pale, entre sérvios da Bósnia (ANNAKOLAS, 2001). Para Ioannis, a sua nacionalidade grega faria com que seus interlocutores pressupusessem uma simpatia de sua parte para com as “causas sérvias ou servo-bósnias. No caso de simpatias e narrativas históricas na Hungria, até recentemente olhava-se para a Croácia com suspeita em função da “traição” croata em 1848, quando, nas guerras de independência de várias nacionalidades contra o Império Habsburgo, o movimento independentista croata, liderado por Jelašić, aliou-se à Viena em troca de uma autonomia maior para o Reino da Croácia. Por outro lado, os sérvios ocupam um lugar mais ambíguo na geografia simbólica da Hungria, com associações negativas em relação à situação dos húngaros da Voivodina, mas também uma certa admiração e exotização em outros contextos que não os relativos aos húngaros da Voivodina.

Hungria e com *slogans* nacionalistas que faziam referência direta ao período entreguerras, período em que a política oficial do regime era o irredentismo ou, para usar o termo dessa época, o “revisãoismo”.¹¹⁶ Esses dois casos fazem parte de outros muitos nos quais húngaros além-fronteiras são instrumentalizados na luta simbólica e partidária, que pouco tem contribuído para o bem-estar de húngaros além-fronteiras.

Ainda sobre os meus silêncios, não creio que se trate de uma objetividade ingênua, tampouco de um relativismo moral. Talvez possamos chamá-lo de uma “neutralidade temporária”, para não usar o termo *epoché* no sentido de suspender minha própria opinião ou julgamento moral sobre certos assuntos.¹¹⁷ Muito longe de serem uma “solução” para métodos de pesquisa em sociedades divididas, meus silêncios foram a forma – extremamente desconfortável – que encontrei para não ser enquadrado em um sistema classificatório de amigos-inimigos, como pró- ou anti-sérvio, ou pró- ou anti-bósnio etc. Infelizmente, suspeito que esses silêncios, que eu mobilizava também em vista da minha incapacidade de reação e profunda indisposição para o diálogo com narrativas genocidas, possam ter sido interpretados como se fossem simpatias para com tais discursos. Talvez esta seja uma das lacunas da reflexão sobre práticas de pesquisa antropológica em situações de conflito.¹¹⁸ Se reflexões sobre violência e pesquisa de campo pouco têm chegado às discussões da antropologia *mainstream*, pesquisas em terrenos (pós-) socialistas têm ganhado uma posição de destaque nos anos mais recentes, mas quase sempre a partir de trabalhos de pesquisadores anglo-americanos com uma ausência marcante de antropólogos nativos. Destaco alguns pontos a seguir.

¹¹⁶ Foi esta política que levou a Hungria a se aliar à Alemanha nazista, que prometia a revisão das fronteiras de Trianon. Hoje em dia, referências tão diretas constituem um atentado ao bom senso. Entre as placas da passeata, além do mapa, estavam os clássicos do revisionismo: *Nem, nem, soha!* [Não, não, jamais!], que faz referência à aceitação das fronteiras impostas nos tratados de paz posteriores à Primeira Guerra Mundial, e o versinho “*Kis Magyarország nem ország / Nagy Magyarország menyország*”, ou seja, “A pequena Hungria (literalmente: o pequeno país magiar) não é um país, o Grande País magiar é o paraíso (literalmente: país dos céus)”. Além das placas “politicamente incorretas”, a passeata exibia grupos de jovens executando danças de Szék típicas da Transilvânia, cuja presença é quase obrigatória em toda celebração da festa nacional.

¹¹⁷ Saba Mahmood usa o termo “humildade epistêmica” no contexto de suas investigações sobre os movimentos de reavivamento islâmico no Egito. A atitude é mobilizada pela autora tanto em contraposição ao secularismo como em contraposição aos ideais feministas “ocidentais” (MAHMOOD, 2005).

¹¹⁸ Sobre antropologia em situações de conflito destacaria a obra de Joseba Zulaika, *Violência vasca: metáfora y sacramento* (Nerea, Madrid, 1990), com a ressalva de que o autor não deixa claro sua relação com os *etarras* de Itziar. Em relação à reflexões metodológicas com exemplos de Israel/Palestina, os “Troubles” na Irlanda do Norte, Cambodia e Nigéria destacamos *Researching Violently Divided Societies Ethical and Methodological Issues* (SMYTH; ROBINSON; INCORE, 2001) e *Fieldwork under Fire* (Robben & Nordstrom, 1996).

Antropologias, nações e (pós-)socialismos

Como indiquei anteriormente, durante toda a pesquisa de campo em Maradék pude presenciar inúmeros indícios de encontros anteriores entre antropólogos e os habitantes da vila. Era evidente que a maioria dos habitantes já estavam treinados em antropologia e lidavam naturalmente com a presença de um antropólogo entre eles. Devo confessar que, com minha formação, sentia-me frustrado e em alguns momentos até um pouco entediado sempre que era obrigado a passar horas olhando os bordados insistentemente mostrados por István Becker e sua esposa Ilona, ou então arados, máquinas de tecelagem e outros instrumentos antigos empoeirados nos sótãos. Tia Mári teve o cuidado de separar todos os seus instrumentos de trabalho, procurando atender o que deveriam ser as expectativas de um estudante de antropologia, que deveria fotografá-los ou desenhá-los. Na maior parte dos casos, tais instrumentos eram guardados especificamente para ocasiões etnográficas, porém, durante a pesquisa, acabaram ganhando um lugar especial, quando o senhor Momćilo, um ex-funcionário público que construía sua *vikendica* em Maradik já no final dos anos 1970,¹¹⁹ e que, após aposentado, converteu-se ao que denominara de *etnobiznis* abrindo o famoso *etno-kuća* (etno-casa em sérvio) de Maradik. O *etno-kuća*, celebrado como uma construção importante para o desenvolvimento do turismo em Maradék, é uma mistura de museu etnológico e hotel. Promete proporcionar a “*verdadeira experiência camponesa da Voivodina*” com alojamentos de acordo com as tradições locais, decorados com “artefatos históricos”. As acomodações disponíveis no hotel recebem o mesmo nome de um dos espaços mais importantes e decorados das casas consideradas típicas em Maradék: *tisztaszoba* (literalmente “quarto limpo” em húngaro). O *tisztaszoba* daquelas casas tem como principal atração a cama, que é feita com a roupa de cama (*ágynemű*) que a então noiva trouxera da casa paterna como parte do dote. O quarto e os elementos do *kelengye* ou do *Mupaz* (dote em húngaro e em sérvio) passam a ser um elemento de competição entre as mulheres, que comparam não só a qualidade e beleza dos bordados dos

¹¹⁹ *Vikendica* era o termo não oficial para casas de veraneio ou, como o nome derivado de *weekend* indica, de final de semana que se popularizaram a partir dos anos 1960 principalmente entre profissionais urbanos e membros das burocracias estatais. Oficialmente, eram denominados de *kuća za odmor* ou *kuća za odmori i rekreaciju* (casa para descanso ou casa para descanso e recreação), e eram permitidos pela lei como forma de propriedade privada, desde que fosse para uso pessoal e não comercial (Taylor, 2010:194). Ao contrário dos resorts de férias coletivas, construídas pelos sindicatos e empresas, as *vikendica* proporcionavam férias com privacidade, onde seus donos podiam passar seu tempo livre com hobbies como horticultura, ou mesmo ao movimento de lazer do “faça você mesmo” (*Sam svoj majstor* – seja seu próprio mestre ou seja seu próprio artesão). Segundo as estimativas de Taylor (op.cit), em 1986 a Iugoslávia contava com mais de meio milhão de *vikendicas* registradas e outros centenas de milhares construídos ilegalmente ou sem declaração. No caso de Maradik e das ladeiras do Fruska Gora, apenas a uma hora e meia de viagem de carro de Belgrado ou Novi Sad, constituíam um lugar bastante popular para a construção de *vikendicas*, principalmente entre altos funcionários públicos e diretores de empresas.

lençóis e mantas, indicativos das habilidades manuais e senso estético dos seus donos, mas também a quantidade, pois uma cama mais alta significa um casamento mais rico, com um número muito maior de lençóis (BESZÉDES, 2011).

A organização dos quartos do *etno-kuća* desencadeou um grande debate folclorístico em Maradik: os quartos decorados como se fossem todos *tisztaszoba* não agradaram a todos os moradores, pois este espaço raramente era usado nas suas casas e estava reservado para convidados muito especiais, como parentes distantes (geralmente morando no estrangeiro), padres, pastores, políticos ou outras notoriedades que em tempos passados e presentes visitavam a vila e precisavam de hospedagem. Além do mais, no *etno-kuća*, localizado numa das casas que pertencera a uma das famílias alemãs deportadas após a Segunda Guerra Mundial, as camas altas e decoradas foram colocadas embaixo e em posição paralela à viga principal da casa, contrariando assim a tradição de colocar as camas no mesmo sentido da viga, mas nunca exatamente embaixo dela. Como nota Beszédes (2011), tradicionalmente os caixões eram colocados embaixo e em paralelo à viga principal das casas durante os velórios. Assim, uma cama na mesma posição seria um convite para a morte dos hóspedes do hotel. Contudo, a despeito dos debates entre os habitantes de Maradék sobre folclore, o hotel abriu suas portas e passou a fornecer oportunidades de trabalho para vários habitantes da vila. Para grupos grandes de turistas organizavam-se *disznótoros* (as matanças de porco), com oficina e degustação de linguiças e chouriços, aulas de bordado e outros artesanatos, ou simplesmente oferecia-se pão fresco no forno à lenha, construído à maneira antiga e tradicional por Pali Csepregi.

O contato e a reflexão dos habitantes de Maradik sobre o folclore enquanto uma categoria científica era constante. Durante os encontros e negociações com as diferentes vertentes antropológicas, encarnadas nos pesquisadores que frequentavam a região, eles continuamente contrastavam suas práticas específicas com aquilo que sabiam que deles era esperado. Tal era o caso das reuniões das duas associações culturais da vila – *Petőfi Sándor Művelődési Egyesület* (Associação Cultural Sándor Petőfi, em húngaro) e *Kulturno Drustva* (Associação Cultural) – que apresentavam suas tradições, principalmente danças e músicas, em festivais folclóricos. Muitas das reuniões contavam com coreógrafos e etnomusicólogos profissionais, não raro importados da Hungria ou da Transilvânia, que tratavam de “renacionalizar”, para usar o termo de Rogers Brubaker (1999), os cantos e danças. Nas reuniões, muitos membros expressavam suas críticas e sua dificuldade em “reaprender” as suas próprias tradições.

...*picka mater* [“buceta da mãe”, em sérvio misturado numa entrevista realizada em húngaro] *da cultura viva. Cultura viva é quando acordo às 5 da manhã e canto pros meus porcos, cavalos e vacas enquanto dou comida. Estes camponeses limpinhos de museu querem que cante num tom mais grave, que use palavras mais bonitas*

– foi o desabafo de Pali Csepregi, considerado a melhor voz da vila e com maior repertório, pois nas suas andanças pela Voivodina, aprendera “*canções montenegrinas; nos tempos no exército, os cantos boszanic* [“bósnios”, em sérvio com pronúncia e grafia húngara], *além das músicas de colheita das três regiões da Voivodina. Aqui é sempre essa reviravolta permanente*” – reclamava Pali, entre muitos outros, fazendo referência aos tempos do KUD. No período Iugoslavo, uma única associação, o KUD (*Kulturno-umetnicka drustva* – Sociedade Cultural-artística, em servo-croata) representava Maradék nos encontros folclóricos anuais, denominados Encontros de Vila (*Susreti Sela*), organizados pelo KPZ (*Kultumo-prosvetna zajednica* ou Associação Cultural-Educacional) nas inúmeras casas de cultura (*domovi kulture*) construídas e inauguradas sem exceção em todas as localidades iugoslavas ao longo dos anos 1950. Como mostrou bem Ana Hofman em sua monografia sobre as políticas culturais iugoslavas (HOFMAN, 2011), a partir dos anos 1950, os KUD tiveram um papel fundamental na promoção da *novi narodna* ou *pucka kultura* (nova cultura popular, em sérvio) e tinham por intuito a promoção da união das diferentes nações e nacionalidades por meio de festivais municipais (os “encontros de vilas”), regionais e nacionais, além de uma final no nível da federação, quando cada vila apresentava seu próprio folclore. No caso de Maradik e de outras localidades multiétnicas da Voivodina, os festivais serviam para mostrar a união das diferentes nacionalidades, mas serviam também, de uma forma mais geral, como vitrines das transformações sociais e do desenvolvimento socialista.¹²⁰ Assim, a reclamação de Pali acima citada, que se somava a de outros da vertente “saudosista” ou “iugonostálgica”, dizia respeito aos tempos dos festivais, quase sempre lembrados em tons positivos. Naqueles festivais, a associação da vila tinha que apresentar todas as tradições folclóricas da vila, o que envolvia o aprendizado e a unificação dos diferentes repertórios da vila, ou seja, danças e canções húngaras, sérvias, croatas, montenegrinas e bósnias, construindo assim um senso de unidade iugoslava e uma identidade supranacional ou multicultural.¹²¹

¹²⁰ Como bem observou Deema Kaneff na Bulgária, tais vitrines eram bastante comuns em todo o espaço socialista, na medida em que constituíam um espaço privilegiado e ritualizado para mostrar as transformações socialistas no campo como também para mostrar (ou fingir, de acordo com a perspectiva de cada um dos atores envolvidos) o comprometimento dos municípios e suas associações culturais com tais transformações (KANEFF, 2004).

¹²¹ Faço referência novamente ao trabalho de Ana Hofman sobre cultura popular e os festivais folclóricos na Iugoslávia. Hofman aborda o caráter emancipatório dos festivais tanto no sentido de um incentivo ao



Foto 6 - O grupo de folclore sérvio de Maradik

Numa outra ocasião, a comunidade foi avisada que, na semana seguinte, chegaria uma antropóloga para filmar um documentário que participaria numa mostra de cinema etnográfico. Tratava-se de uma antropóloga nativa, nascida na vila, mas que morava na cidade e vinha realizando trabalhos com os húngaros em Maradék. Na primeira reunião entre a antropóloga e alguns dos húngaros na casa comunitária foram distribuídos os *papéis*. Pali, “um homem bonito com bigode de hussardo”, foi destinado a pegar seus cavalos e a levar na sua carroça antiga a etnóloga e um grupo de mulheres para visitar uma família com um recém-

“multiculturalismo” iugoslavo, pois os participantes viajam pelo país e entram em contato e executavam música popular de outros grupos nacionais, assim como no sentido de emancipação de gênero, quando mulheres pela primeira vez subiam em palcos na qualidade de artistas ou simplesmente viajavam sem a supervisão direta de seus parentes homens (Hofman, op.cit.). A criação de uma nova cultura multinacional contou com etnomusicólogos e folcloristas que ajudaram a criar a *novocomponovana narodna muzika*, a “música popular de composições novas”, baseada muitas vezes em melodias pré-existentes “purificadas” de conteúdos não apropriados. No caso do cancionário húngaro, substituíam-se versos saudosos da Grande Hungria ou de guerras passadas contra turcos por versos sobre a grandeza dos *partisans*, a libertação do nazismo ou elementos da nova cultura material e os milagres da industrialização.

nascido.¹²² A antropóloga orientou as mulheres a vestirem suas “roupas étnicas” e a ensaiarem algumas canções tradicionais. Além disso, ela pediu que elas fizessem um bolo especialmente decorado para uma mulher com uma criança recém-nascida – algo que seria um costume típico dos húngaros da região. Também ficou combinado a filmagem dos jovens que, vestindo roupas típicas, fariam uma dança tradicional. Já Becker Gyuri confeccionaria, ao vivo, vassouras de sorgo (uma espécie de milho selvagem) na companhia de Pali, que se encarregaria de fazer cestos de vime. Géza Berta ficou de mostrar suas ferramentas antigas de marcenaria e seu arado de madeira. Combinou-se também que, à noite, os homens da vila se reuniriam no quintal da casa comunitária para destilar aguardente enquanto as mulheres preparariam um jantar típico, alegre, com bebida, canções e danças.

Com o roteiro feito, combinaram a data das filmagens na qual a antropóloga já voltaria com a equipe técnica. A semana que se seguiu foi cheia de agitação. Os jovens estavam bastante entusiasmados com a perspectiva de serem filmados. Algum tempo antes haviam fundado um grupo de dança “para manter a tradição” e já tinham participado de eventos regionais do Bokréta (Ramo), encontro regional onde grupos húngaros da Voivodina inteira apresentam suas danças e canções típicas, e até em um encontro de folclore na Hungria. Há algumas semanas o grupo já estava ensaiando uma coreografia aprendida com um professor de Feketics (Фекетић ou Feketić), especializado em dança, para participar da edição anual do Bokréta. Os outros participantes, porém, exibiam uma certa indignação com a ideia das filmagens:

Se é para filmar nossos costumes, por que somos obrigados a fazer coisas que não fazemos mais? Eu não sei fazer vassoura do jeito que ela quer, acho que nem meu pai fazia mais, isso é coisa dos antigos

– resmungou Gyuri Becker durante as filmagens.

As mulheres também se queixavam e, ao mesmo tempo, riam da antropóloga:

ela nasceu aqui, mas não sabe nada dos nossos costumes. Esse negócio do bolo a gente raramente faz, muito menos vestir aquelas roupas.

Ao longo da semana, Pali também fez a sua piada:

Ainda bem que o inverno passado foi fraquinho, mas, do jeito que está, esse ano a minha carroça velha vai virar lenha. Só estou preocupado com os cavalos, não se anda com eles quando está vinte abaixo de zero, podem pegar um resfriado.

¹²² Os hussardos eram uma unidade húngara de cavalaria dentro do exército do Império Austro-húngaro.

Apesar das críticas e revoltas, a maioria dos “atores” parecia empolgado: “*Vai ser uma boa diversão, brincar de húngaro e aparecer na TV*” – me dizia Pali. No decorrer da semana de preparativos para as filmagens, várias pessoas me procuraram para pedir a minha opinião e eu tive que concordar: a imagem que se passava deles os aprisionava dentro das tradições que se creem como sinalizadoras da “hungaridade” além-fronteira. Creio que foi também durante essa semana que a minha proposta ficou clara e foi aceita pela comunidade, tanto que quando a minha colega chegou com as câmaras, Pali Csepregi e Zoli Berta deram-lhe uma aula sobre “observação participante”.

As filmagens decorreram bem. Foram, contudo, descobertas outras distorções que se tornaram motivos de comentários maldosos nos dias posteriores. A antropóloga foi filmada na frente de sua casa natal, porém os mais velhos ainda lembravam qual era a casa na qual ela tinha nascido. Segundo Mári néni (tia Mári) “*a casa filmada é bem mais bonita e na outra hoje mora uma família gyüttment boszanac*”.¹²³ As mulheres também criticaram as roupas “supostamente tradicionais” vestidas pela antropóloga no dia das filmagens. Ela teria misturado várias tradições. A saia parecia adequada, “de húngara”, mas o lenço era “de cigana”.

Devo reconhecer que a reação crítica me surpreendeu bastante, pois tudo parecia indicar que um grupo de húngaros além-fronteira estava criticando e se rebelando tanto contra a imagem que se faz deles na Hungria e nos centros urbanos da Sérvia como também contra um certo estilo de fazer antropologia:

quando vamos para Hungria, vocês ficam surpresos pois estamos de jeans e camiseta, e não com botas, camisa e chapéu. Até parece que sempre andamos assim e cantamos e dançamos o tempo inteiro.

Creio que as filmagens do documentário, além de jogarem luz sobre negociações entre antropólogos e seus informantes, acabaram por revelar um desencontro não só entre representações de húngaros além e aquém-fronteiras, mas também entre concepções de uma comunidade rural na Sérvia e as representações que certas antropologias locais dela fazem, enfatizando costumes e tradições ou cultura material.¹²⁴ Ao mesmo tempo, é importante percebermos que as referências contínuas à antropologia nacional e ao folclore, com suas

¹²³ O termo *gyüttment boszanac* se refere a uma família de refugiados vindos da Bósnia. Retomarei a questão da presença de refugiados mais adiante.

¹²⁴ É importante ressaltar que tais representações não se restringem apenas às antropologias nacionais, sejam sérvias ou húngaras, mas estão presentes também no cinema, se pensarmos nos filmes de enorme sucesso de Emir Kusturica, exibidos em todos os grandes festivais. Talvez com a exceção de *Underground*, uma grande metáfora sobre o fim da Iugoslávia, os filmes mais recentes do diretor, como ‘Gato preto, gato branco’, por exemplo, operam com o mesmo “falso realismo” e representações do arcaico tão criticados pelos habitantes de Maradik.

temáticas preferidas – cultura material, tradições e costumes, danças, enfim, tudo aquilo que costuma ser relacionado à identidade nacional tanto por nativos como seus interpretes acadêmicos –, estão totalmente ausentes das monografias feitas por pesquisadores ocidentais, e quando referidas são rapidamente descartadas por serem antropologias “*nation-building*” e, portanto, menores.

Mesmo com o desaparecimento da Cortina de Ferro em 1989, quando olhamos para o debate público ou para campanhas antimigratórias como a do Brexit (que, além dos imigrantes oriundos das ex-colônias britânicas, também acusavam poloneses, romenos e húngaros de tomarem os empregos britânicos) na recente crise econômica, persistem dúvidas se aconteceu o mesmo, seja no senso comum seja no universo do conhecimento. Mapas mentais continuam dividindo o mundo em leste/oeste (Wolff, 1994; Todorova, 2009), ou em primeiro, segundo e terceiro mundos, associando cada um desses “mundos” a determinadas “tradições” políticas: democracia no Norte e no Primeiro Mundo e pós-colonialismo ou autoritarismo/totalitarismo no Terceiro. Concordando com Michał Buchowski, estas divisões – ou como diria Bourdieu *divisões* – influenciaram de maneira profunda o lugar do Leste Europeu e dos Balcãs nos debates acadêmicos, deixando-os em segundo plano dentre os estudos regionais (BUKOWSKI, 2007).¹²⁵

Se no período da Guerra Fria a maior parte do conhecimento sobre o mundo socialista era produzida por cientistas políticos, nos dias atuais temos à disposição um número cada vez maior de monografias antropológicas. Os pioneiros da antropologia sobre o Leste Europeu trilham o difícil caminho estudando o que poderíamos denominar de “real socialismo real”, revendo as representações e categorias “duras e estritas” da ciência política e da sociologia, mas, antes de tudo, estudando aspectos do socialismo vivenciados por pessoas comuns: camponeses romenos (VERDERY, 1977, 1996; KIDECKEL, 1993; KLIGMAN, 1988), húngaros (HANN, 1986, SOZAN, 1977) e iugoslavos (Halpern, 1958; Hammel, 1968), operários e intelectuais poloneses (SAMPSON, 1984; NAGENGAST, 1991; BRIDGER; PINE, 1997; DUNN, 2004). A influência desses autores, tanto no que se refere aos temas por eles estudados como às abordagens que adotaram, está presente ao longo deste texto. Cabe, contudo, indicar

¹²⁵ Como desenvolvimento mais recente, podemos pensar na caracterização de alguns países do Leste, como Hungria, Polônia, Macedônia, Turquia ou a própria Sérvia como *democracias iliberais*, que seriam fundamentalmente diferentes das democracias liberais do oeste europeu, onde movimentos xenófobos ou autoritários constituiriam um desvio anêmico frente ao autoritarismo e nacionalismo inerentes ao Leste.

os trabalhos mais relevantes sobre a Iugoslávia feitos seja por antropólogos ocidentais seja por etnógrafos locais.

No caso da *etnologia* sérvia, a sua institucionalização remonta a 1880, particularmente com a fundação do departamento de geografia comparada pelos discípulos de Vuk Stefanović Karadžić (1787-1864). Karadžić, tido também como pai fundador do romanticismo e do nacionalismo sérvios, foi influenciado diretamente por Herder e, em especial, pela noção de *Volkgeist* por ele elaborada; focou toda sua obra linguística, filológica e folclórica no campesinato, tido e construído por ele como detentor da cultura nacional. Cabia à nova ciência nacional identificar os elementos dessa cultura, muitas vezes “escondidos” por trás das influências imperiais otomanas e austro-húngaras. O departamento fundado por seus discípulos incluía disciplinas de etnologia na Velika Skola de Belgrado. Este, por sua vez, foi precursor da Faculdade de Filosofia, que contava com departamento próprio de etnologia, fundado em 1922.

Na geração seguinte, Jovan Cvijić (1865-1927), considerado fundador da etnologia sérvia moderna, sistematiza a obra de Karadžić. Cvijić concentra seus esforços em justificar a legitimidade histórica para a existência de um Estado sérvio, procurando demonstrar a continuidade temporal e territorial de elementos da cultura oral do medievo e a sobrevivência do regime patriarcal, o qual teria também se rejuvenescido no vácuo de poder após o colapso do sistema feudal e as invasões otomanas (GORUNOVIĆ, 2008, PRELIĆ, 2008). Assim, a principal questão tanto da etnologia como da geografia e da historiografia sérvias (e também na Croácia) diz respeito à etnogênese das tribos eslavas. No plano teórico, a inspiração vem do evolucionismo de Morgan, a partir do qual Cvijić formula sua teoria da continuidade histórica do ‘sistema tribal eslavo’ (Gorunović, 2008). Para ele, as tribos eslavas teriam se diferenciado tardiamente em função de razões ecológicas e políticas e teriam levado à islamização de grupos de agricultores sedentários na Bósnia e no Kosovo, ou à formação de unidades familiares/patriarcais nos grupos que fugiram para as montanhas após as invasões otomanas. Não é à toa que Cvijić fora convidado como consultor principal da delegação servo-croata-eslovena nas negociações de paz de Paris-Versalhes em 1919, nas quais foram estabelecidas as novas fronteiras nacionais (HALPERN & HAMMEL, 1969).

Dessa forma, após a Segunda Guerra Mundial, o regime socialista de Tito encontrou uma ciência altamente institucionalizada e com alto prestígio social e acadêmico. Tal prestígio constituía-se a partir de seu papel de advogar pelas culturas nacionais, catalogar suas tradições, designar os lugares de memória e consolidar as línguas nacionais (NAUMOVIĆ, 2008). O foco nas comunidades camponesas e a ênfase nas tradições tornava as *etnologijas* nacionais

ameaçadoras para o papel auto-atribuído pelos novos regimes socialistas. Ao mesmo tempo, o campesinato continuou no centro das atenções dos novos regimes na medida em que constituía uma classe a ser superada e eliminada no caminho da transição para a sociedade sem classes. Num primeiro momento da Iugoslávia socialista, a *etnologija* é declarada ciência burguesa e, com a criação do Instituto Etnográfico em Belgrado, é substituída pela *etnografija*, cujo objetivo era promover a unidade supranacional iugoslava. Esta tendia a se concentrar na criação do folclore socialista, focando no cancionário popular partisan, na cultura material urbana ligada à industrialização ou então em elementos tradicionais camponeses ligados à resistência às classes terratenentes otomana ou austro-húngara e à cooperação entre clãs e famílias extensas nas zonas de montanha, construídos agora como um tipo de sociedade proto-socialista (NAUMOVIĆ, 2008). Não obstante, a *etnologija* do pré-guerra da escola de Cvijić, considerada burguesa e sérvia demais, continuou tendo seu espaço na Universidade de Belgrado e seus membros passaram ao trabalho de *nation-saving* na medida em que consideravam que os elementos da cultura tradicional estariam condenados a desaparecer com a urbanização do espaço rural e a crescente industrialização, isto é, com a organização socialista da vida.

De uma forma geral, a problemática camponesa é transferida para os departamentos de sociologia, economia e história focados nos estágios de transição à sociedade sem classes, enquanto a *etnologija* e a *etnografija* perdem o seu prestígio do pré-guerra e passam a organizar e supervisionar o *Kulturno-prosvetna zajednica Srbije* (Comunidade Cultural-Educacional da Sérvia), responsável pela competição *Susreti Sela* (Encontro entre Aldeias), a competição entre aldeias onde cada uma mostrava elementos de suas roupas e tecidos, cantos, e danças, já sem os elementos retrógrados do pré-guerra. Como aponta Naumović, uma das principais contradições envolvendo a *etnografija* socialista iugoslava é que, por um lado, ela contribuiu de modo decisivo para a politização do folclore, por outro lado, ela se ausenta, após a morte de Tito em 1980, dos debates sobre alteridades nacionais internas e da etnicização da vida política iugoslava que envolvem os departamentos de filosofia, linguística, historiografia e psicologia (Naumović, 2008). Uma das possíveis explicações para essa contradição, como o próprio Naumović aponta, foi justamente a entrada e recepção dos estudos sobre etnicidade da vertente construtivista ocidental na obra da antropóloga croata Edit Petrović e seu estudo de colonos montenegrinos na Voivodina (SIMIĆ; PETROVIC, 1989), assim como o trânsito entre antropólogos sérvios da diáspora, como era o caso de Andrei Simić (Prelić, 2008).

É também importante ressaltar que a relação entre as *etnologijas* nacionais e, posteriormente, a *etnografija* socialista e as diferentes vertentes antropológicas ocidentais nunca foi inteiramente inexistente. A *Balkan village*, a primeira monografia balcanista, é

resultado da pesquisa realizada por Irwin Sanders em Dragaljevci (na Bulgária Contemporânea) em 1935. Nessa mesma época, Albert Lord, de Harvard, faz uma viagem longa da Bulgária até a Bósnia colhendo histórias e poesia oral. O caso mais exemplar dessa interação é de Philip E. Mosely e Milenko Filipovic. Mosely realizou pesquisa de campo sobre os diferentes modelos de organização da família extensa nos Balcãs em diversas localidades da Iugoslávia. Ele incorporou em sua etnografia o trabalho de Milenko Filipović, principal representante da escola de Cvijić, e acabou por introduzi-lo nos debates da antropologia americana e britânica da época. Nesse período, vale dizer, Mosley frequentava o curso de Malinowski sobre metodologia e pesquisa de campo na London School of Economics e também consultava com Ruth Benedict e Margaret Mead nos EUA. No pós-guerra, ele assume a direção do Instituto de Estudos Russos na Columbia University. Por intermédio do então diretor do Instituto de Estudos Russos, Filipović chegou a receber um convite e uma bolsa na LSE para estudar com Malinowski. Porém sua ida para Londres foi impedida pela Segunda Guerra Mundial (Mirjana Prosić-Dvornić, 2008:353-380). Após a guerra, Filipović concentrou seus esforços na introdução do funcional-estruturalismo britânico e da antropologia americana na *etnologija sérvia*. Passa então a ser acusado por seu principal oponente, Špiro Kulišć, diretor do Museu Etnográfico de Belgrado, de se deixar seduzir pela ciência imperialista e burguesa.¹²⁶

No que diz respeito ao *néprajz* (etnografia) húngara, a Voivodina ocupou um lugar periférico tanto nos finais do século XIX como na primeira metade do século XX. Os primeiros trabalhos especificamente relacionados à Voivodina surgem já no regime socialista, em 1969, com a criação do Instituto Hungarológico em Novi Sad, mais tarde incorporado à Faculdade de Ciências Humanas. O trabalho no Instituto era realizado por um grupo de estudantes formados em letras e literatura húngaras em Novi Sad, dentre os quais estavam Károly Jung (tradição oral e poesia popular), Olga Penavin (dialetos e comparação de variações linguísticas entre húngaros nas diferentes regiões da Voivodina) e Valéria Beszédes (formada em *néprajz* em Budapeste e com importantes trabalhos publicados sobre arquitetura voivodinense, religião e contos populares). O objetivo em comum destes trabalhos era basicamente a necessidade urgente de catalogar elementos da cultura húngara e camponesa da Voivodina, pois esta tenderia a desaparecer com a modernização da sociedade.

¹²⁶ Ao contrário de Filipović, Špiro Kulišć pode ser considerado porta-voz das novas políticas culturais na nova *etnografija* iugoslava. Kulišć concentrou seus esforços na introdução do materialismo histórico e do evolucionismo de Engels, tentando provar as origens matriarcais e agrárias das instituições de parentesco nos Balcãs, as quais, para ele, constituíam uma espécie de estágio intermediário entre a comunidade matriarcal primitiva e a família nuclear moderna (Prosić-Dvornić, 2008).

Um novo interesse nas instituições antropológicas e etnológicas da Hungria surge após a queda dos regimes socialistas em ambos os estados, seguida da guerra na Iugoslávia, a qual contou com envolvimento direto e ameaças concretas às comunidades húngaras da Voivodina. Ao mesmo tempo, porém, ocorre um retrocesso em relação aos folcloristas locais do Instituto em Novi Sad. Assim, ao contrário de estudiosos nativos, pesquisadores húngaros tendiam a desconsiderar por completo o caráter multicultural ou plurinacional do Voivodina, isto é, desconsideravam as interações e influências mútuas entre as mais de dez nacionalidades e minorias nacionais ali presentes. Guiados por uma espécie de nacionalismo metodológico (WIMMER; GLICK-SCHILLER, 2002), pressupunham que húngaros da Voivodina seriam vítimas do novo nacionalismo sérvio ou então que estariam fadados ao desaparecimento por conta da assimilação forçada pelo novo Estado Sérvio, tida como nacionalizante. Com raras exceções, ao longo dos anos 1990, este é o tom dos inúmeros artigos que aparecem nas publicações especializadas sobre os húngaros além-fronteiras, como o *Regio*, publicado pelo Instituto de Estudos de Minorias, ou a revista *Kisebbségkutatás* (estudos de minorias), entre outras. É também neste período recente que são publicadas pesquisas antropológicas realizadas na Voivodina pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Eötvös Lóránd de Budapeste. O departamento foi fundado em 1990 com o intuito de “ocidentalizar” o *néprajz* húngaro. Nos anos 1990, a criação de departamentos de antropologia independentes dos institutos e departamentos tradicionais de etnologia ou folclore foi um fenômeno geral em todos os países pós-socialistas. Como aponta Saša Nedeljković (2014), tratava-se de uma necessidade autoimposta e imaginada de ocidentalizar a disciplina. Assim, hoje em dia, na maioria dos casos coexistem departamentos de “etnologia tradicional” e de antropologia com pouco ou nenhum diálogo entre si. Retomarei essa questão adiante. Entre os estudos antropológicos sobre a Voivodina, cabe destacar os trabalhos de Richárd Papp e Virág Hajnal (PAPP 2003 ; HAJNAL & PAPP, 2008) com trabalhos em comunidades húngaras de Satrianca e Feketics, porém sem nenhuma menção a outros grupos nacionais presentes nessas localidades ou nos municípios dos quais elas fazem parte.

Por parte das antropologias ocidentais, os primeiros estudos seguiam basicamente o modelo da escola norte-americana de estudos culturalistas dos alunos de Franz Boas. Tratavam-se de pesquisas que enfatizavam aspectos da vida social, como ritos de passagem, e conceitos, como honra, parentesco, amizade, autoridade etc. É nessa tradição que podemos incluir os trabalhos de Philip E. Mosely (1976) sobre a organização social camponesa e a *zadruga* dos eslavos do sul. Mosely (1905-1972), inicialmente treinado como historiador de relações diplomáticas entre a Rússia e a URSS e os Estados Unidos, voltou-se para antropologia

após ter frequentado, como já mencionado, os seminários de Malinowski na London School of Economics e ter colaborado com Ruth Benedict e Margaret Mead no projeto de estudos de culturas à distância (MEAD, 1953). Seu ensaio “Algumas técnicas de negociação soviéticas” foi bastante influente na época (MOSELY, 1951). O *Russian Institute* da Columbia University (renomeado em 1982 para *Harriman Institute*) foi fundado por ele em 1946 com uma doação do Rockefeller Foundation. Mosely, além de fundador, foi diretor do Instituto Russo entre 1951 e 1955.

A relação triangular entre as agências norte-americanas de financiamento de pesquisas (como a Ford e a Rockefeller), as agências de segurança (CIA, Pentágono e o Departamento de Estado Americano) e os mais variados departamentos de estudos regionais e culturais das Universidades norte-americanas, foi recentemente sistematizada na monografia de David H. Price, *Cold War Anthropology: the CIA, the Pentagon, and the growth of dual use anthropology* (2016). Nessa monografia, Price revela como Mosely foi um dos principais atores na coordenação entre a CIA, a Fundação Ford e a SSRC (Social Science Research Council), ajudando principalmente na designação de áreas de interesse e agendas de pesquisa (PRICE, 2016:62). Infelizmente, ao longo da monografia, Price optou por focar quase que exclusivamente na América Latina e no Sudeste Asiático, deixando completamente de lado os projetos e pesquisas realizadas nos países do socialismo realmente existente.

No campo estritamente antropológico, a principal contribuição de Mosely continua sendo a sua descrição e síntese sobre a *zadruga*, ou seja, a família extensa, considerada durante muito tempo tanto por antropólogos nativos como estrangeiros como o principal fenômeno que distinguiria os Balcãs (da Bulgária até certas regiões da Croácia contemporânea) do resto da Europa. Como bem nota Maria Todorova em sua síntese mais recente (2006), Mosely, usando dados de sua passagem por 45 localidades da Iugoslávia, Albânia e Bulgária entre 1936 e 1938, conseguiu unificar abordagens e definições complementares que anteriormente procuravam classificar os diferentes tipos de *zadrugas* em função de seu tamanho e composição – que variava entre a junção de duas a três famílias nucleares, mas que poderia alcançar *zadrugas* com centenas de membros –, ou que focavam separadamente em seus aspectos legais, econômicos, políticos ou de parentesco. Nesse último grupo, cabe destacar o pai fundador da antropologia Sérvia, Karadžić (1898), o jurista búlgaro Stefan Bobchev (1907), ou o fundador da sociologia sérvia Valtazar Bogišić (1887). Bogišić distinguia entre três tipos de organização de parentesco e comparou-as do ponto de vista jurídico e econômico: A família nuclear (*varoska porodica*, literalmente “família urbana”), na qual o pai/chefe tinha os direitos de propriedade sobre todos os bens da família; a *zadruga* simples (*inokostina* ou *inokozna kuća* – família ou casa simples),

idêntica à família nuclear no que diz respeito à sua composição, mas onde os direitos de posse eram exercidos coletivamente; e a *zadruga* ou *zadružna kuća* (família ou casa complexa/unida), também definida pela exercício coletivo dos direitos de propriedade, composta por pelo menos duas famílias nucleares, mas cujo número podia chegar à uma centena principalmente em territórios controlados pelo Império Otomano (onde o imposto era determinado por família independentemente do número de unidades nucleares que a constituíam, permitindo assim uma espécie de evasão de impostos), ou em territórios da Fronteira Militar do Império Habsburgo (onde a organização em *zadrugas* teria permitido uma otimização de alocação de recursos humanos para a agricultura, pastoreio e defesa militar do território). (BRKOVIC: 2018, TODOROVA:2006). Nas palavras de Mosely, a *zadruga* é um:

household composto por duas ou mais famílias pequenas ou biológicas, intimamente relacionadas por sangue ou adoção, que possuem conjuntamente seus meios de subsistência, e que regulam juntas o controle sobre suas propriedades, trabalho e subsistência (1976: 31).

Depois da Segunda Guerra Mundial, Joel Halpern e Barbara Kerewsky-Halpern iniciam em 1953 sua pesquisa de campo em Orašac, na Sérvia Central, tornando-se assim os primeiros antropólogos ocidentais a conduzirem uma pesquisa de campo antropológica em um estado socialista. A pesquisa dos Halpern, orientados por Mosely, mas também tremendamente influenciados por Robert Redfield e seus estudos de comunidades camponesas mexicanas, continuou a focar na organização familiar e as mudanças da *zadruga*, particularmente com o impacto da organização socialista na agricultura e da migração massiva do meio rural para os centros urbanos no processo extremamente rápido e centralizado de industrialização socialista (HALPERN & KERESKY-HALPERN, 1958, 1963, 1972). Como nota Todorova, a observação das profundas transformações do início do período socialista foi central não apenas para as *etnologias* nacionais mas também para os trabalhos de observadores externos. Esse direcionamento da observação foi o que permitiu ao casal Halpern identificar a *zadruga* mais como um tipo ideal atingido apenas por uma porcentagem mínima da população, mas que, a todo momento, parecia servir como um guia ideológico para os sujeitos da pesquisa na Sérvia Central (TODOROVA, 2006:140).¹²⁷

¹²⁷ Também é importante notar aqui a observação de Todorova que guia todo seu resumo histórico sobre parentesco entre os eslavos do sul: para a autora búlgara, a *zadruga* seria antes um “engano histórico” – que depois viraria um elemento central no *nation-building* nos Balcãs – na medida em que o termo não tem nenhum uso êmico registrado anterior à publicação do Dicionário Sérvio de Vuk Karadžić, de 1818. Na perspectiva de Todorova trata-se de uma invenção ou neologismo criado a partir de adjetivos (usados junto com outros adjetivos como *velika-malija*, grande-pequeno) para a descrição da família (*zadružen*, *zadrugarski*, *zadrugna*), mas também para relações

Depois da publicação de sua primeira monografia, *A serbian village* (1958) e de períodos de pesquisa mais curtas ao longo dos anos 1960, os Halpern voltam para a Iugoslávia no começo dos anos 1970 e dão continuidade a seu estudo de comunidade em Orašac. No entanto, o trabalho é interrompido quando o jornal *Politika*, num artigo editorial intitulado *Znanost i špijunaža* (Ciência e Espionagem), acusa os Halperns de serem professores de espiões americanos.¹²⁸ Após essa publicação, o regime iugoslavo fecha as suas fronteiras para quaisquer antropólogos estrangeiros. A pesquisa antropológica é então transferida para as vizinhas Romênia, com as pesquisas de Katherine Verdery, e Hungria, com Chris Hann. Ambos iniciam suas pesquisas na segunda metade dos anos 1970.¹²⁹

No que diz respeito à *zadruga* e ao parentesco nos Balcãs, depois de Joel e Barbara Halpern, a questão ainda seria retomada por Eugene A. Hammel a partir de uma perspectiva processual (HAMMEL, 1969, 1973). Hammel questiona toda a tipologização da literatura nacional e internacional da *zadruga* em função de seu tamanho (número de famílias nucleares unidas ou número total de membros). A partir de documentos históricos, como relatórios de coleta de impostos da época Otomana ou os censos do Império Habsburgo (que em vez de famílias ou *zadruga* referia-se a *Hausgenossenschafts* ou *Hauskommunions* – cooperativas ou comunhão de casas), ele mostra como a família nuclear e a união ou co-residência de múltiplas famílias, isto é, a *zadruga*, não são modelos opostos, mas sim fases diferentes de um único ciclo de parentesco. Para Hammel, a fusão e fissão de famílias constituem uma resposta à pressões externas – mudanças demográficas, econômicas, ecológicas, militares ou legais – que, contudo, mantém os princípios organizativos (tendência linhageira, virifocalidade, patrilocalidade e um viés agnático) mais ou menos estáveis ao longo do tempo (LASLETT, 1972).

estáveis ou temporárias de trabalho onde sem exceção tem o significado de “união” ou “associação” (TODOROVA, 2006:136).

¹²⁸ A base para tal acusação teria sido um livro publicado por um general do exército norte-americano, que citou a monografia dos Halpern, junto com o manual elaborado por Margaret Mead sobre o caráter e as atitudes perante a autoridade soviéticas (GOLDMAN; MEAD, 1952), como exemplos de entender outras culturas e mentalidades (Halpern em entrevista a PROŠIĆ-DVORNIĆ, 2008). Anos antes, um aluno de Joel Halpern também teria sido expulso da Iugoslávia, por ter se envolvido em debates ideológicos sobre socialismo e propagado a sua versão albanesa em detrimento do titoísmo.

¹²⁹ Embora ambos antropólogos tenham focado em estudos de comunidades camponesas e suas relações com as políticas de coletivização dentro das fazendas e cooperativas estatais, o trabalho de ambos é considerado pioneiro no campo dos estudos (pós-)socialistas. Cabe também destacar que Verdery foi a primeira antropóloga ocidental do pós-guerra a atentar para a ‘questão nacional’ persistente no Leste Europeu em seu trabalho sobre camponeses romenos, húngaros e alemães alsacianos na Transilvânia (VERDERY, 1983) e Chris Hann foi o primeiro a trazer para a discussão antropológica o descontentamento de trabalhadores rurais com as cooperativas socialistas e as brechas “capitalistas” ou de mercado encontradas por eles dentro do sistema (HANN, 1980).

No campo intelectual iugoslavo, as discussões sobre *zadruga* e parentesco em geral serão abandonadas ao longo dos anos 1960, principalmente pelas fortes pressões políticas de introdução das teorias marxistas no campo da etnologia. Como relata Olivera Burić, pesquisadores que antes da guerra identificavam e idealizavam a *zadruga* eslava como definidor da cultura nacional ou regional, agora eram acusados de desvios e saudosismos burgueses. Assim, num momento inicial do socialismo iugoslavo, a narrativa predominante seria a do parentesco como elemento tradicional e arcaico do passado a ser superado pela industrialização e desenvolvimento socialistas (BURIC, 1976). Frente à necessidade de introduzir o marxismo nas ciências etnológicas e nos estudos de folclore, muitos autores do pós-guerra (especialmente após a ruptura entre Tito e Stálin em 1948) vão empreender uma releitura da *zadruga* enfatizando e isolando elementos que indicariam o coletivismo e a solidariedade presentes no sistema de parentesco. A *zadruga* passaria a ser tratada como uma espécie de antecedente natural do socialismo. Seria essencialmente democrática e igualitária, em oposição, por exemplo, à família russa autocrática e patriarcal ou mesmo ao sistema de parentesco das famílias urbanas e burguesas. No parentesco russo, a autoridade máxima é concentrada na figura do patriarca e é herdada pelo filho mais velho após a morte deste, ao passo que na *zadruga* sul-eslava a tomada de decisões é feita num conselho familiar do qual participam homens e mulheres de todas as gerações co-residentes (BURIC, 1976). Tendo isso em vista, os estudiosos socialistas da *zadruga* ressaltam o caráter coletivo da tomada de decisões, notadamente no que dizia respeito à compra e venda de propriedades (terra, gado, etc.), bem como à possibilidade de substituir, via votação, a *starešina*, isto é, o chefe ou representante da família extensa perante o mundo externo.

Na visão dos ideólogos socialistas do regime iugoslavo, a *zadruga*, enquanto principal característica da organização social dos eslavos do Sul, representava a tendência natural dos Balcãs, uma espécie de antecedente proto-socialista que se completaria com a criação do socialismo autogestionado. Assim, após a ruptura com Stálin, com o socialismo centralizado e com o planejamento central, a *zadruga* deixa de designar a família típica ou idealizada da Iugoslávia e passa a denominar as cooperativas operárias ou camponesas – *Opšta Zemljoradnička Zadruga*, a cooperativa geral, e a cooperativa camponesa de trabalho *Seljačka Radna Zadruga* – do socialismo democrático autogestionado. Essas *zadrugas* ou cooperativas manteriam, no plano econômico, o caráter igualitário e democrático no processo de tomada de decisões nas fábricas ou na agricultura, e, no plano simbólico, representariam a união de

diversas famílias nucleares, ou seja, as diversas nações e nacionalidades numa grande família extensa iugoslava.¹³⁰

Durante a consolidação do regime titoísta, o tema clássico da antropologia balcanista, a *zadruga* ou família extensa camponesa, deixa de ser central a partir dos anos 1960. Pressupunha-se que a industrialização e a urbanização da Iugoslávia levariam ao fim da instituição, na medida em que estes processos levaram aproximadamente 6 milhões de famílias iugoslavas do campo à cidade (SIMIĆ, 1974), criaram oportunidades de emprego tanto no campo como nas cidades para uma massa gigante de mulheres etc.¹³¹

Na antropologia, o incidente e as acusações de espionagem ao casal Halpern nos anos 1970 significaria que antropólogos ocidentais só voltariam para a Iugoslávia nos últimos anos da década de 1980 e começos dos 1990. A partir desse período, os estudos são exclusivamente voltados para temas étnicos e religiosos, como é o exemplo de Tone Bringa, autora da primeira monografia sobre a “questão bósnia”, (BRINGA, 1991, 1995), ou dos trabalhos de Robert Hayden (HAYDEN, 1992; 1996) e David Kideckel sobre as guerras que representariam o fim da Iugoslávia (HALPERN; KIDECKEL, 2000).¹³²

É importante ressaltar aqui que, a partir dos anos 1990, para a maior parte da produção acadêmica ocidental, a alteridade do Leste só aparecia em estudos de identidades, nacionalismo e minorias nacionais, principalmente sobre as sucessivas guerras que representaram o fim da antiga Iugoslávia, mas também envolvendo as minorias de nacionalidade russa que, com o fim da URSS, subitamente encontravam-se fora da Rússia enfrentando novos Estados independentes que os tratavam com desconfiança, se não com

¹³⁰ É claro que se trata meramente de uma formulação simbólica ou ideológica, pois a posição de Tito como chefe máximo da família iugoslava era inquestionável. Já dentre os principais teóricos do socialismo autogestionado, Milovan Đilas, tido como número 2 e possível sucessor de Tito, foi deposto e expulso do Comitê Central do Partido Socialista Iugoslavo após sugerir que a autogestão e democracia socialistas deveriam se estender ao próprio partido. Ele também foi preso ao criticar a abstenção iugoslava na ONU, que condenava a intervenção soviética na revolução húngara de 1956. Por sua vez, Edvard Kardelj perdeu sua posição predominante dentro do partido nos anos 1960 ao propor uma descentralização ainda maior.

¹³¹ Uma rara exceção é a monografia de Simić, *Peasant Urbanites: Study of Rural-Urban Mobility in Serbia* (1973), justamente sobre a imigração massiva do campo para a cidade, na qual o autor investiga a manutenção de certos elementos da *zadruga* no novo contexto urbano e socialista, e a continuidade de laços afetivos e econômicos com os parentes que ficaram no campo. Mesmo assim, para Simić, a lógica da *zadruga* estava fadada ao desaparecimento com o processo rápido de mudanças na Iugoslávia.

¹³² Cabe ressaltar aqui que, no campo da filosofia e sociologia, acadêmicos iugoslavos continuavam mantendo contato e diálogo com seus pares ocidentais. Talvez o exemplo mais conhecido seja a Escola Práxis, criada nas Universidades de Belgrado e Zagreb, um dos principais movimentos de diálogo entre marxistas do Leste Europeu (principalmente iugoslavos mas também os alunos de Lukács em Budapeste) e ocidentais e que se reunia anualmente na ilha de Korčula e que contava com Agnes Heller, Jürgen Habermas, Henri Lefebvre, Herbert Marcuse entre seus participantes.

políticas públicas discriminatórias para com cidadãos que tinham a nacionalidade dos antigos “tiranos”.

Outra das questões que mais chamam a atenção é como a antropologia do pós-socialismo, ou como diz Chris Hann dos “pós-socialismos realmente existentes”, participou dos debates acadêmicos nos quais a sociologia e a ciência política procuravam explicar a queda do muro de Berlim, reviam seus grandes paradigmas explicativos da Guerra Fria e construíam as suas teorias de transição (HANN, 2004). A vasta produção de monografias pós-1989 e o estado efetivo das democracias e das economias de mercado em lugares como Polônia, Hungria, Sérvia ou Montenegro mostram muito bem como essa “transitologia” é inteiramente inadequada. Nesse sentido, é importante pensarmos sobre as razões pelas quais a antropologia do pós-socialismo ficou marginal nos debates mais recentes da academia.

Será que os processos de transformação em curso na Europa Central são considerados radicalmente diferentes de outros processos estudados pela antropologia, o que faz com que a antropologia do pós-socialismo tenha se transformado em uma subdisciplina que, à maneira de especializações regionais, reúne os estudiosos das sociedades em questão ao mesmo tempo que os isola da comunidade antropológica ou das perspectivas comparativas mais amplas? Isso explicaria, por exemplo, o fato de nenhum dos centros com estudos pós-socialistas ter encorajado ou produzido um estudo sequer sobre socialismos outros, ignorando sistematicamente lugares como Cuba, na América Latina, Vietnam ou Nepal, na Ásia, ou então as inúmeras experimentações socialistas na África pós-colonial.¹³³

Paralelamente à falta de diálogo entre as antropologias do pós-socialismo e os estudos africanos e pós-coloniais devemos também mencionar um outro tipo de silenciamento, notadamente a rejeição por parte das antropologias “franglus” – o termo é de Verdery em referência às antropologias franco- e anglófonas (VERDERY, 2007) – de qualquer tipo de diálogo com seus pares locais, considerados antropólogos menores ou subdesenvolvidos. Neste ponto, é preciso levar a sério o desabafo de Michal Buchowski (2007) com o Centro Max Planck

¹³³ De forma geral, a maioria dos autores prefere traçar paralelos entre pós-colonialismo e pós-socialismo. Concordamos com Verdery e Chari nas diferenças importantes entre as duas áreas disciplinares: enquanto o termo pós-socialismo surge imediatamente após a queda do muro de Berlim, indicando portanto, uma descrição temporal – o que vem depois do socialismo, com a privatização dos meios de produção e da propriedade coletiva –, os estudos pós-coloniais aparecem muito depois da descolonização e o fim dos Impérios ultramarinos entre os anos 1940 e meados da década de 1970. Antes de uma temporalidade, os estudos pós-coloniais surgem com o enfraquecimento relativo das teorias marxistas na economia e na historiografia, a partir da obra de autores como Foucault e a publicação de *Orientalismo*, de Edward Said, e tendem a focar em continuidades das práticas coloniais por parte das novas elites pós-independência ou dependências persistentes para com as antigas metrópoles em termos de conhecimento ou a economia (VERDERY; CHARİ, 2009)

de Antropologia Social, dirigido por Chris Hann, um dos pioneiros da antropologia do pós-socialismo. Em seu artigo, Buchowski revisou as quatro monografias mais citadas sobre pós-socialismo na Polônia, todas elas de autores formados em centros ocidentais (HANN, 1985; NAGENGAST, 1991; DUNN, 2004; CAHALEN-SCHNEIDER, 2006). Buchowski constatou que os autores locais citados eram em sua maioria economistas, historiadores ou cientistas políticos, sendo que apenas dois eram etnólogos.¹³⁴ Para Buchowski, departamentos de estudos pós-socialistas, como o do Instituto Max Planck, por exemplo, ao ignorarem as tradições antropológicas locais, acabam contribuindo para uma certa subalternização das etnologias do Leste, onde em vez do estabelecimento de diálogos, debates ou uma agenda de pesquisa em comum, acaba-se partindo da necessidade de “retreinar” os etnólogos do Leste, que teriam ficado presos na história dos tempos de Herder.

Curiosamente, quatro décadas antes do debate entre Chris Hann e Michal Buchowski, Tamás Hofer havia tratado da diferença e da falta de interação entre etnógrafos nativos e antropólogos ocidentais, que naquela altura começaram a interessar-se por comunidades rurais do outro lado da cortina de ferro. No artigo, ainda considerado atual e, talvez por isso, republicado recentemente (SÁRKÁNY; HANN; SKALNÍK, 2005), Hofer provoca:

Antropólogos sempre dedicaram muita atenção a especialistas (xamãs, mitógrafos, curandeiros etc.) que guardam conhecimentos tradicionais de uma sociedade dada. Porém, etnógrafos nacionais europeus nunca foram estudados como figuras equivalentes de suas próprias sociedades (Hofer, 1968).¹³⁵

Hofer também faz um chamado para a colaboração entre o que denominou de duas “personalidades profissionais” das duas disciplinas.¹³⁶ Para ele, antropólogos americanos que embarcavam a partir daquela época em estudos de populações rurais no Leste Europeu

¹³⁴ Mantenho aqui o uso do termo *etnologia* no sentido do seu uso nos países de Europa central e oriental (*néprajz* em húngaro, *etnologia* na Polônia, *etnologija* na Sérvia e Croácia etc.), ou seja, aquilo que a literatura em inglês e francês tem por costume denominar de “antropologias nacionais”. Para o contexto brasileiro fica a pergunta das razões epistêmicas e práticas da distinção entre antropologia e etnologia.

¹³⁵ A relação entre antropólogos locais e antropólogos de fora, geralmente de universidades ocidentais, está longe de ser uma questão só na Europa oriental. Assim caberia pensarmos na relação entre “brasilianistas” americanos e pesquisadores locais, ou então entre antropólogos brasileiros que fazem pesquisa fora do Brasil, principalmente em territórios pós-coloniais e lusófonos, onde antropólogos locais são usados como informantes, ou então para providenciarem ajuda logística com hospedagem ou na relação com autoridades locais, mas raramente referenciados e citados como interlocutores acadêmicos.

¹³⁶ Em 1965, Hofer passou uma temporada na Universidade de Chicago com bolsa da Fundação Ford para acadêmicos da Europa Central e oriental e sob orientação de Sol Tax. Neste período elaborou junto com Edit Fél, a monografia sobre Átány (Hofer & Fél, 1968), talvez até hoje a melhor monografia que junta a tradição do *néprajz* (etnografia) húngaro e a antropologia sócio-cultural americana.

acabavam por descartar estudos dos etnógrafos locais sobre as mesmas comunidades, estudos empreendidos ao longo de mais de um século pelas etnologias locais, e consideravam as antropologias nacionais como subdesenvolvidas pois a temática parecia irrelevante para os problemas teóricos da antropologia americana ou ocidental. Em contrapartida, etnógrafos locais olhavam com perplexidade os métodos e as práticas da antropologia ocidental a partir dos quais pesquisadores com pouco tempo de pesquisa de campo e desconhecimento da língua chegavam a conclusões generalizantes, sem nenhuma menção às dimensões históricas, locais, regionais e trans-fronteiriças ou às publicações antropológicas locais sobre a mesma região ou, em muitos casos, sobre a mesma comunidade (HOFER, 1968:311).

É claro, e assim também o menciona Hofer, a principal diferença entre as duas tradições reside principalmente no fato das antropologias nacionais desta parte da Europa terem surgido junto com os estados nacionais da região, e o principal papel de seus praticantes iniciais era justamente estabelecer e catalogar aquilo que viria a constituir a nova cultura nacional. Neste sentido, as antropologias nacionais eram, antes de tudo, *nation-building*. Para isso, como nota Verdery (1995), era preciso construir o sujeito coletivo, a saber, o povo real, o campesinato. Isto significa que no Leste, ao contrário da França de Ernst Renan por exemplo, a nação era construída com o campesinato e não contra ele, como era o caso francês onde o campesinato era visto como o primitivo interno e elemento retrógrado no caminho do progresso. Assim, a construção do campesinato, e, com isso, da nação, está para a fundação das antropologias nacionais do Leste Europeu e dos Balcãs do mesmo modo que os primitivos e a problemática de como governá-los estão para o foco principal e inicial da antropologia social – *empire-building* e *primitive-building* – que surgia nas metrópoles coloniais europeias.

Neste ponto, concordo plenamente com Maria Todorova (2004) sobre a necessidade urgente de uma revisão crítica das antropologias nacionais de uma maneira análoga à releitura crítica da história das antropologias *empire-building* e sua associação aos empreendimentos coloniais, por um lado, e uma reaproximação entre as antropologias nacionais do Leste com as hegemônicas, por outro. Tal processo já foi proposto por Hofer em seu artigo de 1968, mas segue até hoje inacabado. A necessidade dessa revisão e dessa reaproximação, bem como uma comparação densa entre pós-socialismos e pós-colonialismos para além de analogias, tornam-se ainda mais urgentes, tendo em vista desenvolvimentos recentes em alguns países do Leste Europeu, onde movimentos nacionalistas e ultraconservadores tendem a se apropriar de narrativas pós- e decoloniais. Este foi o caso dos debates envolvendo a “lei do Holocausto” polonês, aprovada em 2017, a qual criminaliza qualquer menção à campos de extermínio polacos, pois estes teriam sido uma imposição da Alemanha nazista. Como mostrou bem

Narkowicz, enquanto o mundo inteiro ficava espantado com a lei, seus defensores argumentavam que a Polônia precisava se reapropriar de sua história sem conceitos impostos de fora à moda colonial (NARKOWICZ, 2018). De maneira análoga, a campanha no país contra a aceitação e assentamento de refugiados sírios em 2016-17 teve como seus principais slogans frases como “não deixemos que Bruxelas seja o novo Moscou” ou “não seremos colônia da União Europeia”.

Como diz Michał Buchowski em seu debate com Chris Hann sobre a relação entre antropólogos do Leste Europeu e seus pares ocidentais, os antropólogos do leste seriam vítimas do “orientalismo categórico” e marginalizados ou autocolonizados pela necessidade de “ocidentalização” dos departamentos ou ainda pelo “retorno histórico à Europa” que marcavam, e ainda marcam, as longas “transições” da Europa Oriental. As tradições antropológicas de Leste Europeu ou dos Balcãs, bastante bem definidas, são praticamente invisíveis no corpo textual construído pela antropologia ocidental ou pela antropologia do pós-socialismo. Mesmo no caso de Chris Hann, que manifestou em várias ocasiões o esforço para incluir a produção de acadêmicos locais, as citações mostram que, no debate e nas monografias, só aparecem trabalhos que acabaram sendo usados pelos acadêmicos ocidentais como pano de fundo histórico, econômico ou político, mas muito raramente fazem uso ou dialogam com etnografias locais. Para Buchowski, a marginalização de etnólogos do Leste Europeu por seus colegas ocidentais se assemelha ao estranhamento de antropólogos ocidentais trabalhando em outros lugares. Como colocaram Restrepo e Escobar (2005), as antropologias dominantes “ocupam um espaço epistêmico único no qual a antropologia funciona como uma prática real” e onde as antropologias dominantes, as antropologias “Franglus”, acabam por exercer práticas que normalizam, estabelecem normas e cânones, no sentido foucaultiano, isto é, definem o que é a antropologia e quem é o antropólogo. Curiosamente, tanto na revisão extensa de críticas às antropologias dominantes como na elaboração das possibilidades epistemológicas de expansão dos horizontes da antropologia nas possibilidades de outras antropologias não encontramos nenhuma menção às tradições locais nos antigos regimes socialistas do Leste Europeu.

Assim, acaba-se negligenciando uma tradição local, definida e descrita como antiquada. Em muitos casos, com razão. Mas, em outros, acaba por contradizer uma das premissas fundamentais da antropologia social moderna, na medida em que acaba por reduzi-las a meras teorias nativas das culturas locais. A falta de diálogo também pode indicar a disputa ou a pretensão de controle ou hegemonia para produzir conhecimento antropológico sobre as sociedades denominadas de pós-socialistas. A questão colocada por Verdery (2001) sobre quem será o Frantz Fanon da Europa oriental ainda permanece em aberto.

3. Tempo e espaço em Maradik

Látod fiam, a történelem szelei veszettiül fájnak itt Isten parlagán, a birodalmak segglikában, mintha egyszerre volnnánk zsidók és palesztinok, vagy inkább csak cigányok, kallódunk kicsit ide is, meg oda is, no meg parasztok végül, kik éhen döglenek, ha parlagon marad a föld.

Veja bem, meu filho, os ventos da história sopram loucamente aqui nas terras não cultivadas de deus, no cu dos grandes impérios, como se fôssemos ao mesmo tempo judeus e palestinos, ou melhor, ciganos, que perambulam de lá pra cá,¹³⁷ e também camponeses, que morrem de fome se deixam a terra sem cultivo.¹³⁸

(János Becker, concluindo uma conversa típica na *kafana* de Maradék)

O *Pijaca Najlon* (mercado de nylon ou plástico) e o mercado de produtores de Novi Sad eram frequentados por quase todos os maradikianos, seja para vender seus produtos artesanais, principalmente queijos, destilados, geleias, seja para compra e venda de roupas, eletrodomésticos usados. As nossas viagens frequentes para o *pijaca najlon* eram como uma viagem para o futuro, ironicamente referidas como ida à União Europeia. Ao mesmo tempo, essas viagens eram também verdadeiras aulas e reflexões sobre a história regional. A sucessão de impérios, começando quase sempre pelo Império Romano, mas também os ávaros, hititas, kazares, quando o assunto fosse autoctonia e povos originais, passando para o Império

¹³⁷ As referências a judeus, palestinos e ciganos são recorrentes nas narrativas etnopsicologizantes populares na Sérvia e na Voivodina. Expostos aos ventos da história, seus destinos são sempre decididos alhures. No caso de palestinos, a simbologia é de párias abandonados e perseguidos pelo mundo inteiro, já a comparação com judeus vem de uma metáfora frequentemente utilizada na era Milošević, onde o Kosovo aparece como uma Jerusalém sagrada, berço da civilização sérvia e objeto de disputa com albaneses. Na sua monografia *Serbian Dreambook*, Marko Živković fornece uma análise detalhada sobre estes tópicos recorrentes no imaginário da Sérvia dos anos 1990-2000 (ŽIVKOVIĆ, 2011). Assim como em outras partes da Sérvia, na Voivodina, judeus também apareciam como vilões de grandes conspirações ocidentais. Dizia-se, por exemplo, que, por ocasião dos bombardeios da OTAN em 1999, a aliança militar ocidental teria destruído as pontes sobre o Danúbio em Novi Sad e não as de Belgrado porque estas estavam seguradas nos bancos Rothschild e, bombardeando-as, o Ocidente teria que pagá-las; como as de Újvidék não tinham seguro, era mais fácil e barato destruí-las, o que deixara a Voivodina inteira sem comunicação e acesso a bens essenciais.

¹³⁸ *Parlag* hoje em dia é usado como sinônimo de terra abandonada ou não cultivada. No sistema de produção feudal denominava a terra “em descanso”, sendo que os camponeses dividiam seus lotes em três parcelas iguais nos quais revezavam as culturas a cada ciclo, deixando um dos lotes sem plantio para que a terra não desgastasse e aproveitasse os nutrientes deixados pelo cultivo do ano anterior.

Bizantino e o Otomano, eram assuntos sempre presentes. Certa vez, *gospoda* Marković me explicou:

pois aí tem de tudo que tem na EU, euros, alemães [o nome original de Novi Sad era Neusatz], os humanitar internacionais [das ONGs e da OSCE],¹³⁹ a sinagoga de estilo bizantino, o bairro Bangladeš [bairro roma], o bairro dos húngaros, a colônia ou Telep, o Petrovaradin dos croatas, mas também eslovaacos, romenos, ucranianos, senhores e camponeses cada um em seus kafanas tradicionais e siliconados e kafíci modernos.”¹⁴⁰

No caminho de volta a Maradék, quase sempre cruzávamos a Ponte da Liberdade (*Most Slobode*), destruída durante os bombardeios da OTAN em 1999 e reconstruída entre 2003 e 2005, para cruzar a municipalidade de Petrovaradin (*Pétervárad*, em húngaro), hoje um bairro da cidade, cujo forte é até hoje conhecido como o Gibraltar do Danúbio. O forte de Petrovaradin foi construído para ser o centro militar de fronteira durante as guerras com o Império Otomano e hoje constitui um importante centro de peregrinação de croatas não apenas da Voivodina mas também da Bósnia e da Croácia, pois foi ali que nasceu o conde Josip Jelačić, herói da revolução de 1848 e um dos fundadores da Croácia moderna. A depender da carona do dia, o conde Jelačić poderia ser mencionado como herói da causa croata – era assim que o senhor Marković a ele se referia –, ou como traidor da guerra de libertação húngara de 1848-9.

Avançando mais em direção a Maradék pelo *stari put*, ou seja, o “caminho velho”, havia uma parada obrigatória “*ali na curva do Danúbio onde o exército Otomano sofrera uma das suas maiores derrotas, quando uma providência divina, apesar de ser pleno agosto, mandou os ventos frios descenderem do Fruška Gora e os turcos congelaram e afundaram nos pântanos*”. No local apontado por István (Maradik, 59 anos) encontra-se Sremski Karlovci (*Karlóca*, em húngaro, *Karlowitz*, em alemão), centro importante do cristianismo ortodoxo e onde, em 1699, foi assinado o tratado de paz entre os Impérios Otomano e Habsburgo. Para a

¹³⁹ OSCE ou Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, na época da pesquisa desenvolvia vários projetos ligados à resolução de pós-conflito ou à criação de sociedade civil, meios de comunicação das minorias da Voivodina etc.

¹⁴⁰ A distinção social entre *kafana* e *kafíc* é extremamente importante na Sérvia contemporânea. *Kafanas* são tavernas, cafés ou bistrôs tradicionais, que servem café turco, destilados e cerveja, enquanto os *kafíc* são ambientes mais modernos com máquinas de café expresso geralmente frequentados por populações mais urbanas e pró-ocidentais. Já “*kafana* siliconada” é uma brincadeira com os cafés frequentados por uma juventude nacionalista e com ligações ao crime organizado, onde se ouve *turbo-folk*. A referência ao silicone diz respeito às namoradas ou companheiras dos frequentadores de tais kafanas, quase sempre com implantes de silicone nos seios. Um dos bairros de Belgrado ganhou o nome de “Silicon Valley” justamente por ser o centro na vida noturna dos amantes do turbo-folk.

historiografia acadêmica, também sempre mencionada pelos habitantes de Maradik para reforçar ou legitimar suas versões, Karlovci é um dos locais mais importantes da “reconquista”, pois o tratado de 1699 marcava a primeira grande perda territorial do Império Otomano e o início de um longo período de paz ou calma relativa.¹⁴¹ Uma boa parte da população da região também remontava trajetórias familiares a essa época, pois foi com o tratado que teve início o *Белуге сеобе Србао* (*Velike seobe Srba* ou Grande Êxodo dos Sérvios), quando “30 mil almas sérvias” lideradas pelo Patriarca Arsenij III abandonaram o que seria o Kosovo atual ainda sob controle otomano.¹⁴² É partir deste período também que têm início as políticas de colonização de Viena, que ofereciam terra e isenção de impostos para camponeses alemães e húngaros, mas que também atraíram famílias que mais tarde se identificariam como eslovacas, romenas, ucranianas.

Ainda em Karlovci, e ainda dependendo da índole da minha companhia de viagem, mas também das notícias bombásticas da semana, a conversa iria das guerras contra os “turcos” para os períodos de paz. O senhor Markovic, que nos anos 1960 e 1970 trabalhou na secretaria de planejamento urbano de Novi Sad, costumava apontar para a arquitetura ortodoxa e habsburga de Karlovci para ressaltar a grandeza da verdadeira herança bizantina e austríaca da Voivodina, em contraste com às “*versões kitsch neobizantinas*” preferidas pelos novos ricos da era Milošević. Outros reclamariam do gosto dos sérvios ortodoxos por construir catedrais e igrejas – só em Karlovci há nove igrejas ortodoxas –, apontando ainda para o liceu que formara alguns dos fundadores do nacionalismo sérvio no século XVIII, dentre os quais o já mencionado Vuk Karadžić. E a conversa frequentemente terminava com comentários sobre os rumores permanentes de que os mosteiros do Fruška Gora estariam servindo de esconderijo para os criminosos de guerra mais procurados da época, entre eles Ratko Mladić e a gangue de ex-boinas vermelhas do clã de Zemun responsáveis pelo assassinato do primeiro ministro Zoran

¹⁴¹ A historiografia contemporânea coloca o tratado de Karlowitz ao lado dos grandes tratados de paz da época, como a de Westfália, na medida em que configura e consolida relações de poder que de certa forma durariam até o tratado de Versailles no fim da Primeira Guerra Mundial. Em Karlowitz, além de Habsburgos e Otomanos, as negociações envolveram a Liga Santa, liderada pelo Papa Inocêncio XI, englobava o Sacro Império Romano Germânico de Leopoldo I, a República de Veneza, o Império Russo e a República de Duas Nações – Polônia e Lituânia (ÁGOSTON; MASTERS, 2010; BERENGER, 2014).

¹⁴² Segundo Malcolm não há fontes precisas sobre o número exato. O Próprio patriarca Arsenij cita trinta mil almas, o que para muitos representaria trinta mil famílias extensas como sugere um documento do mosteiro de Šišatovac localizado no Fruška Gora (MALCOLM, 2002).

Dinđić em 2003.¹⁴³ Saindo de Karlovci e entrando nas ladeiras mais suaves, cobertas de vinhedos, do Fruška Gora, ainda escutaríamos algumas referências à *longue durée*, pois aqui tinha sido a primeira região vinícola que no Império Romano ganhara o direito de plantar uvas e produzir e exportar vinho para a capital.¹⁴⁴

Chegando ao desvio para Čortanovci, também chegávamos à região das *vikendicas*, as casinhas de final de semana. Pela proximidade com as florestas e trilhas das montanhas de um lado, e com o Danúbio, do outro, a área tornou-se, a partir de meados dos anos 1960, um dos lugares privilegiados para a construção de *vikendicas* das populações urbanas, principalmente funcionários públicos na administração política ou da burocracia estatal.¹⁴⁵ Como já mencionado, as *vikendicas*, ao lado de televisões e carros nacionais como os Fiço /Фићо, aparelhos de TV e outros eletrodomésticos, tornaram-se símbolos do bem-estar socialista.¹⁴⁶ No início, a localização dessas casas em geral indicava as distinções sociais da época: os mais altos funcionários do partido e dos ministérios ocupavam os casarões expropriados da burguesia do pré-guerra, preferencialmente no litoral croata ou nos Alpes eslovenos. Mas, com o tempo e a consolidação do sistema iugoslavo, as *vikendicas* deixaram de ser marcadores de privilégios e transformaram-se então em um dos símbolos da “vida boa iugoslava”. Com a difusão do movimento *Sam svoj majstor* (“seja seu próprio mestre” ou “seja seu próprio artesão”, em servo-croata),¹⁴⁷ o relativo bem-estar da sociedade, e o fluxo de divisas ocidentais trazidos pelos *Gastarbeiter*, as *vikendicas* popularizam-se entre os segmentos mais variados da população urbana.¹⁴⁸

¹⁴³ De fato, Mladić, apelidado de “açougueiro da Bósnia”, foi preso em Lazarevo a vinte quilômetros de Karlovci, em 2011, e condenado em 2017 à prisão perpétua pelo Tribunal de Haia.

¹⁴⁴ O autor da concessão foi o imperador Marcus Aurelius Probus Augustus (século III), nascido em Sirmio, atual Sremska Mitrovica, na região de Srem. O vinho feito hoje em dia nas vinícolas da região é ácido e bastante ruim, mas ideal para o *fröccs*, uma mistura de água com gás e vinho branco.

¹⁴⁵ Cabe lembrar que o termo oficial para as *vikendicas* era *kuća za odmor i rekreaciju*: casa para descanso e lazer.

¹⁴⁶ Tratava-se do Zastava 750, fabricado em Kragujevac, a partir da licença da Fiat 600 italiana. Apelidados tanto no masculino como no feminino de *Fića* (Фића) ou *Fiço* (Фићо) são até hoje lembrados com muito carinho e nostalgia, apesar de seu tamanho diminuto.

¹⁴⁷ Trata-se da versão iugoslava do movimento DIY, *do-it-yourself*, ou faça você mesmo, ou ainda de mutirões para a construção de *vikendicas* para todos os membros associados.

¹⁴⁸ Segundo dados citados por Karin Taylor, no início da década de 1980, a Iugoslávia contava com mais de meio milhão de *vikendicas* registradas (TAYLOR, 2010:171-210). Trata-se de um número significativo para um universo de 20 milhões de habitantes. Como já notamos, um número significativo de casas permaneceu sem registro, algumas certamente construídas ilegalmente, outras em terrenos

Toda a região em torno do Fruška Gora era especialmente atraente não só pelas opções variadas de lazer – jardinagem, pescaria e canoagem no Danúbio, cultivo de uvas e produção de vinho, caça de javalis e cervos nas florestas do Fruška Gora – mas também pela sua proximidade à Novi Sad, capital da Voivodina, e à Belgrado, capital da Iugoslávia. No período socialista, a área tornou-se um lugar preferencial para uma parte dos grupos urbanos que preferiam passar férias e finais de semana com uma privacidade e reclusão maiores em comparação aos lugares de veraneio coletivos e aos resorts gigantes construídos pelos sindicatos nos litorais do adriático (TAYLOR, 2010:171-210).¹⁴⁹ As opções de lazer durante o período titoísta representavam não apenas uma relativa sensação de bem-estar mas também a possibilidade de fuga ou de espaços onde as pessoas teriam um tempo para si, no caso dos donos de casas de campo, ou ainda a possibilidade de uma fonte de renda extra, no caso dos residentes locais, que estabeleciam relações de reciprocidade e uma rede extensa mediada por favores e contra-favores ajudando na construção das casas, na jardinagem, nos métodos para fazer vinho ou aguardente etc.

Katherine Verdery, recuperando um dos temas clássicos da antropologia pelo menos desde os Nuer, de Evans-Pritchard, descreve a *estatização do tempo* na Romênia e suas consequências para a noção de pessoa. Ali, no estado vizinho, dispositivos de vigilância e observação permanente por meio da *Securitate* (agência de espionagem interna), os ritmos de trabalho imprevisíveis, ora frenéticos, ora ociosos, dependendo da escassez de matérias primas e insumos, provocavam uma arritmia permanente. A obrigação constante de participação nas exposições de poder do estado, nas marchas, nos novos feriados comunistas, acabariam limitando

emprestados ou cedidos por cooperativas sem transferência de títulos, uma prática bastante comum, vale acrescentar, característica da “economia de favores” (LEDENEVA, 1998).

¹⁴⁹ A popularidade e a difusão das casas de final de semana, hoje lembradas com certa nostalgia, não significa que questões de moradia tenham sido plenamente resolvidas na Iugoslávia socialista. Enquanto as *vikendicas* proporcionavam momentos de lazer e refúgio particular para certos segmentos de população urbana, as grandes cidades como Niš, Belgrado ou Zagreb, sofriam com a falta de moradia para as massas que migraram para os centros urbanos durante a industrialização frenética dos anos 1950. A solução adotada foi a construção dos *blokovi*, bairros inteiros, como Novi Beograd, compostos de conjuntos habitacionais construídos com elementos de concreto pré-fabricados. Os apartamentos eram alocados de acordo com a profissão e tamanho das famílias: as famílias de três membros recebiam os apartamentos de 50m², as de quatro membros, 60m², e as famílias com mais de quatro membros, os apartamentos de 70m². Sobre a economia moral da moradia e os *blokovi* nas grandes cidades ver Archer (ARCHER, 2018). Em geral, os residentes desses bairros operários mantinham suas ligações com seu meio rural de origem, e, conforme notam Igor Duda (2010) e Patrick Hyder Patterson (2011), dividiam suas férias entre o campo, ajudando durante a colheita aos familiares que continuavam vivendo da agricultura, e os grandes centros de turismo social construídos no litoral do Adriático pelos sindicatos de suas fábricas e cooperativas.

e restringindo preocupações individuais ou contra-hegemônicas, e o tempo, se não a História em si, tornava-se atemporal (VERDERY, 1996:53-57). Ao contrário da Romênia de Ceaușescu, as narrativas marcadas por uma certa iugonostalgia apontam exatamente para o oposto: o incentivo sistêmico para que operários fossem trabalhar na RFA ou em outros Estados da Europa Ocidental, as opções de lazer individuais e coletivas, o *crveni pasoš* (passaporte vermelho em servo-croata),¹⁵⁰ que possibilitava circulação livre no mundo inteiro, tornavam de certa forma o mundo iugoslavo mais tolerável e previsível, com uma ordem temporal mais regular.

Como sugere Marko Živković (2011), é só no período dominado pelas políticas de Slobodan Milošević (1986-2000) que encontramos algo semelhante à estatização do tempo descrita por Verdery. Neste período domina a incerteza econômica, com a crise dos anos 1980 que culminaria no período de hiperinflação entre 1989 e 1994,¹⁵¹ o embargo e as sanções econômicas impostas pela comunidade internacional (1992-2000), e, claro, a destruição da Iugoslávia. Antes de uma estatização do tempo, tratar-se-ia da *nacionalização* do mesmo, na qual todas as crises do dia a dia eram explicadas com a mobilização de narrativas apocalípticas e messiânicas, a partir das quais ganhariam sentido as migrações e êxodos passados, as mudanças constantes de fronteiras sempre determinadas pelos donos do mundo reunidos em salas escuras. Essa nacionalização do tempo não é desacompanhada de referências constantes à Idade de Ouro Bizantina e sua herança atual na forma da Ortodoxia cristã, ameaçadas de destruição pelos resquícios perniciosos do Império Otomano; de referências a muçulmanos do Kosovo ou da Bósnia e suas maquinações para destruir a Grande Sérvia, suas alianças com os banqueiros judaicos, norte-americanos, com os Tribunais Internacionais e suas caças às bruxas, e, claro, seus agentes locais, ongueiros, liberais-esquerdistas da sociedade civil urbana, financiados sempre pela Open Society Foundation de George Soros, cidadão estadunidense de origem húngara e judaica, a figura diabólica que sintetizaria toda a conspiração mundial contra a nação sérvia. Como resumiu certa vez meu amigo de Maradik, Boro Jovanović (32): “*aqui, as torneiras azul e vermelha não representam a água quente e fria. Você abre uma, sai história,*

¹⁵⁰ Ao contrário dos tempos do *crveni pasoš*, a circulação e viagens internacionais são bastante complicadas com o passaporte atual (*plavi pasoš*, passaporte azul). Como mostra a etnografia de Stef Jansen sobre a circulação regional de cidadãos pós-iugoslavos, a entrada até nos países vizinhos (Croácia, Hungria, Romênia e Bulgária, hoje membros da União Europeia) tornou-se extremamente rígida e burocratizada (JANSEN, 2012).

¹⁵¹ Em 1993 a inflação era de 5 000 000 000 000 000%.

abre a outra saem teorias de conspiração, e, quando as duas se misturam, temos os Balcãs, nem quente, nem frio. Justed fucked-up, man!”

As terras e a *zadruga*

Quem chega em Maradék vindo de Novi Sad pelo *stari put* avista as parcelas relativamente grandes de terras logo após a região de *vikendicas* de Čortanovci. À esquerda (leste) da estrada encontra-se Beska (Бешка, em sérvio), à direita (oeste) chegamos a Maradik. Nesse trecho, as pessoas mais idosas, que eram economicamente ativas na década de 1940, costumavam lembrar-se dos antigos donos (“originários”) dos lotes: eram os alemães de Beska e Maradik.¹⁵² Tidos como excelentes *gazda*, gozavam de alto prestígio social, e, no período pré-socialista, constituíam junto com os outros *gazda* de Maradik e Beska os patronos preferenciais nas relações de patrono-cliente. (*Gazda*, termo usado até hoje, refere-se a camponeses independentes e autossuficientes, no sentido de serem proprietários de terra necessária para a manutenção estável da família, entre 10 e 15 hectares. Com isso, não havia a necessidade de estabelecimento de relações de dependência unilateral com os grandes proprietários da região,¹⁵³ mas isso não significava que, dependendo do tamanho da família, não era preciso recrutar mão de obra adicional nos períodos de colheita). Diferentemente dos mais velhos, as gerações mais novas, tendiam para uma espécie de esquecimento estrutural dos

¹⁵² Trata-se de um grupo hoje desaparecido do mapa voivodinense. A principal organização alemã, a *Schwäbisch-Deutscher Kulturbund* (Associação Cultural Alemã-Suábia), foi fundada ainda no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos em 1920. Inicialmente, organizava escolas, cursos para agricultores e diversas atividades culturais. No final dos anos 1920 passou a funcionar como uma espécie de partido político representando o interesse dos mais de 500 mil alemães da Iugoslávia. Em 1939, a facção que se identificava com as políticas da Alemanha hitlerista toma conta da organização, que passa a promover abertamente o nacional-socialismo alemão. Com a invasão da Iugoslávia pela Wehrmacht em 1941, o *Bund* é dissolvido, e suas lideranças assumem a administração de Banat. Sobre a história do *Schwäbisch-Deutscher Kulturbund*, ver a monografia de Böhm (BÖHM, 2009). Enquanto o Banat ficava sob administração direta dos *Volksdeutsche*, os alemães do Srem tendiam a apoiar o regime *ustasha* croata, que administrava a área. Com o fim da guerra, os que não conseguiram fugir do avanço dos partisans de Tito foram deportados para campos de prisioneiros e de trabalho na própria Iugoslávia, entregues ao exército vermelho, que os deportara para a região de Donbass (hoje na Ucrânia ocupada pela Rússia) ou expulsos e deportados para a Alemanha.

¹⁵³ *Nagybirtokos* era a denominação dos grandes proprietários ou fazendeiros no período pré-socialista. Até o século XIX, Ruma (Рума), 25 quilômetros ao sudoeste de Maradik, era um dos centros das extensas terras do conde Pejačević que se estendiam pela Eslavônia croata e chegavam até as redondezas de Maradik.

alemães da região. Esse esquecimento era interrompido somente quando os debates nacionais sobre restituição das terras confiscadas entre 1945 e 1948 coincidiam com o avistamento de turistas alemães nas redondezas, o que costumava desencadear uma série de especulações e rumores que se estendiam por todos os vilarejos vizinhos. *Será que eles voltaram para se reapropriar das terras de seus antepassados?*¹⁵⁴

Assim, para os socializados nos anos do pós-guerra, essas terras entre Beska e Maradék representavam os melhores lotes da *zadruga* (cooperativa), por serem parcelas grandes e contínuas, “*mais fáceis de serem trabalhadas com a maquinaria moderna, sem necessidade de manobras de rali com a colheitadeira-combinada de duas toneladas, que de nada servem nas nossas parcelas minúsculas.*” – como dizia Józsi Detelin, tratorista e mecânico da *zadruga* a partir dos anos 1970. No período pré-socialista, os Detelin estavam entre as camadas mais pobres de Maradik, com várias parcelas de terra que totalizavam três hectares. A família duplicou suas terras graças à reforma agrária da “*Primeira Iugoslávia*” e ao fato de a família ter “*um nome com sonoridade eslovaca.*” A reforma agrária de 1919 no recém-criado Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, referido por Józsi Detelin e muitos outros como “*Primeira Iugoslávia*” (1921-1939), expropriou na Voivodina aproximadamente meio milhão de hectares dos seus donos anteriores (BRASHICH, 1954). Tratava-se principalmente dos grandes proprietários húngaros ou da nobreza croata associada ao Reino da Hungria (como era o caso do conde Pejačević, maior terratenente nesta área do Srem), mas também de alemães e austríacos, todos tidos como “*nacionalidades estatais*” do período anterior. Na Voivodina, os principais destinatários da terra distribuída eram camponeses locais sem-terra ou com as menores propriedades (1-3 hectares) e os *dobrovoljci*, que é a denominação para soldados voluntários na Primeira Guerra Mundial, principalmente montenegrinos, que participaram do primeiro programa de “*colonização voluntária*”. A segunda onda de “*colonização*” ou de

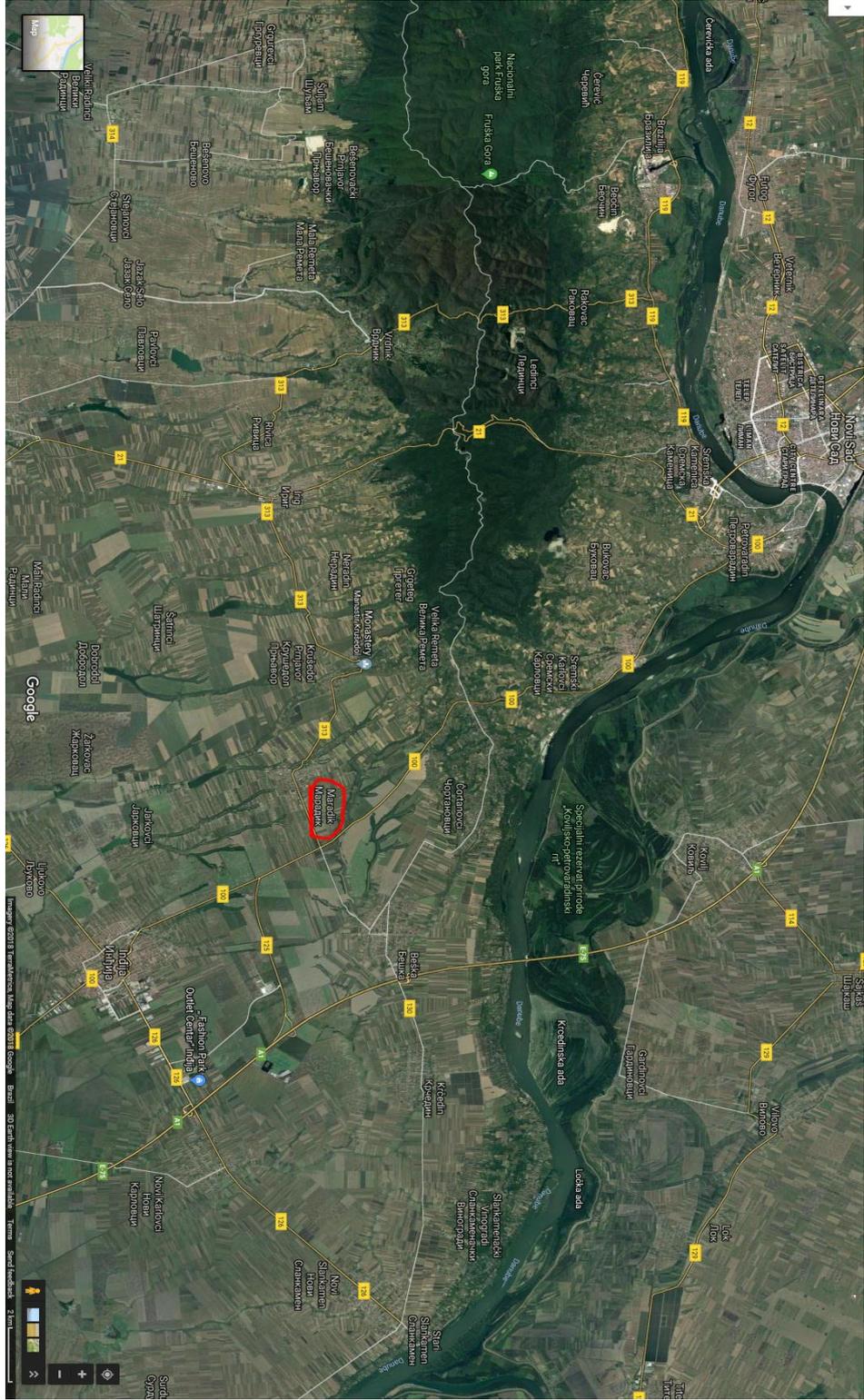
¹⁵⁴ A lei sobre restituição de bens e propriedades confiscadas e estatizadas a partir de 1945 foi aprovada em 2011 e os processos foram encerrados em 2014. Essa lei, porém, excluía todos aqueles que foram condenados após a segunda guerra mundial por crimes de guerra, que deveriam entregar um pedido de reabilitação e provar que não cometeram nenhum crime durante a guerra e só foram condenados em função dos exageros do regime comunista. Como húngaros e alemães da Voivodina foram condenados coletivamente por seu apoio à Alemanha (SAJTI, 2013), ao governo Ustaše ou à Hungria que invadiu a região de Bácska houve pouquíssimos processos de restituição. Em Maradék, restituíram-se terras confiscadas em 1945 à Igreja Católica e à congregação protestante, porém nenhum caso individual foi aprovado ou chegou à comissão de restituição.

assentamentos foi organizada pela “Segunda Iugoslávia” (1946-1991).¹⁵⁵ No próximo capítulo essas questões serão retomadas.

Já saindo da estrada velha e virando para o oeste, chegamos em Maradék. A placa, que na maior parte do tempo está pichada, indica o nome da vila em sérvio cirílico, *Maraduk*, e em húngaro, *Maradék*. À esquerda do caminho, que aqui já leva o nome de Cara Dušana (czar Dusan), em homenagem a Stefan Uroš Dušan (entre 1331 e 1355, Imperador de Gregos e Sérvios e *basileus* e *autokrator* de Sérvios, Búlgaros, Gregos e Albaneses), encontramos os lotes minúsculos e fragmentados dos agricultores da vila. À direita, parcelas de terra razoavelmente grandes, semelhantes às que beiram a estrada que chega de Novi Sad.

A primeira construção que se avista é o edifício administrativo da antiga *zadruga*, o pátio e a garagem dos tratores e colheitadeiras ao centro, e o silo graneleiro usado para armazenar grãos até o momento da venda. A *zadruga* foi formada e consolidada nos anos 1950, após o fim da fase estalinista da Iugoslávia e o desastre da coletivização forçada. Hoje em dia, embora uma boa parte dos maradikianos continue a se referir à área como *zadruga*, com cada vez mais frequência o termo *Agrounija* está sendo adicionado, em referência ao atual nome da extinta cooperativa socialista. Após as dificuldades dos anos 1990, a cooperativa foi transformada em sociedade anônima e os membros tiveram a opção de retirarem suas terras para produção privada ou de permanecerem como pequenos acionistas.

¹⁵⁵ Sobre os *dorovoljci* montenegrinos na Voivodina ver o estudo etnográfico de Simić & Petrovic (SIMIĆ; PETROVIC, 1989).



Mapa 6 - Maradék e seus entornos [fonte Google Maps, 2018]



Mapa 7- Maradik e as terras [fonte Google Maps, 2018]

As ruas e as casas

Depois do conjunto da *zadruga* adentramos a vila propriamente dita. Entre a *zadruga/agrounija* e a primeira rua que corta a Cara Dušana, *ulica Žarka Zrenjanina*,¹⁵⁶ encontramos casas relativamente recentes, habitadas por famílias sérvias, oriundas do que hoje seria a *Republika Srpska* da Bósnia, que chegaram em Maradék a partir da segunda metade dos anos 1950.¹⁵⁷ Nos primeiros anos, na segunda metade dos anos 1940, as famílias sérvias foram trazidas como mão de obra complementar na colheita de trigo e girassol na fazenda coletiva, com a cooperativização nos anos 1950, acabaram migrando para Maradik. Os recém-chegados na cidade foram inicialmente hospedados em albergues provisórios e, com o tempo, receberam lotes relativamente pequenos principalmente nas proximidades da *zadruga*; já os que chegaram anos mais tarde foram alocados nas extremidades da Maradik da época. Até hoje os habitantes mais antigos da vila, que ainda lembram da chegada dos trabalhadores rurais paupérrimos do interior da Bósnia, referem-se a eles como *boszanac*. Do mesmo modo, as famílias de colonos de Montenegro são chamadas de *crnogorac*. Trata-se de sete famílias de *partisans*, que entre 1946 e 1948 foram recompensados pelos serviços prestados na Segunda Guerra com lotes mais generosos na rua Moše Pijade, aberta logo após a guerra e nomeada no final dos anos 1950.¹⁵⁸

Depois das partes mais novas, chega-se ao miolo mais antigo de Maradék. De acordo com os que ali residem, os terrenos exatamente iguais e perfeitamente paralelos indicam sinais do loteamento que data do Império Austro-Húngaro. Nos termos dos residentes, esta seria a área dos Maradikianos *ōslakos* (literalmente, “nativos” ou “indígenas” em húngaro) ou dos *домаћи* ou *домородачки* (*domaći* ou *domorodački*, “domésticos” ou “nativos” em servo-croata). Assim, na área à direita da rua principal, no trecho compreendido entre a rua da escola,

¹⁵⁶ Žarko Zrenjanin, herói nacional e líder partisan da durante a Segunda Guerra Mundial, nascido na Voivodina e morto em combate em 1942. Além das ruas em sua homenagem em inúmeras localidades, a terceira maior cidade da Voivodina, Bečkerek, foi renomeada para Zrenjanin em 1946.

¹⁵⁷ Após o acordo de Dayton, em 1995, a República Sérvia é uma das duas entidades legais que compõem a Bósnia e Herzegovina e foi um dos principais palcos da guerra entre 1991 e 1995. Na época, Mirko e Zoli de Maradik já estavam cumprindo seu serviço militar obrigatório e foram levados às redondezas de Srebrenica, na parte oriental da República Srpska, onde o exército Iugoslavo dava suporte às milícias de Ratko Mladić e Radovan Karadžić. Ao voltar da frente em 1993, já com o genocídio em curso, conseguiram alertar os outros jovens da vila, que queimaram suas cartas de recrutamento e evitaram assim o alistamento.

¹⁵⁸ Conhecido também como tio Janko (Čiča Janko), Pijade era um dos colaboradores mais próximos de Tito. Comunista de velha guarda, começara sua militância já durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1941 foi o principal organizador da resistência no Montenegro contra o exército italiano.

a rua Žarka Zrenjanina, no trecho paralelo à Cara Dusana, até a rua Fruškogorska, vivem famílias predominantemente sérvias. A maioria dos húngaros de Maradék reside nas ruas Kertiz, Vuka Karadžića e Petefi Šandara.¹⁵⁹

A última rua da vila, a *ulica* Baranjska, era até recentemente tida como a área habitada por croatas que teriam vindo da região de Baranja, entre o Danúbio e o rio Drava, hoje dividida pela fronteira entre a Croácia e a Hungria. Embora em Maradék não tenha havido atrocidades diretas durante a guerra, o clima de tensão, a retórica bélica, as ligações anônimas e as ameaças de lideranças sérvias da Voivodina a húngaros e croatas,¹⁶⁰ fez com que ao menos dez famílias croatas desta parte da vila trocassem suas propriedades com sérvios da Croácia, os quais experimentavam uma situação semelhante na Croácia após a declaração de independência em 1991. Em Maradik, ao contrário do que sugere a literatura que tende a ressaltar o papel dos novos estados e das Igrejas Católica e Ortodoxa na organização das trocas forçadas de população (DUIJZINGS, 1995:129-52), as trocas de casas e terras foram feitas sem mediação, por meio de anúncios de jornais.¹⁶¹ Na outra ponta da vila, no final da rua Fruškogorska, também residiam famílias sérvias refugiadas da guerra da Bósnia. Essas famílias chegaram em Maradik entre 1991 e 1992 e receberam lotes e casas com a ajuda do município.

A designação geral para as famílias sérvias que chagaram da Croácia e da Bósnia era inicialmente *izbjeglica* (“refugiados” em servo-croata). Dependendo do contexto, geralmente para marcar alguma diferença linguística ou de costumes, sérvios locais podiam referir-se a eles como *došljak*, ou seja, recém-chegados, enquanto húngaros usavam

¹⁵⁹ Como já vimos, Vuk Karadžić, filólogo folclorista é tido como o pai fundador do primeiro projeto nacional sérvio, no século XIX. Já Sándor Petőfi é considerado o primeiro revolucionário e poeta nacional húngaro, ligado à revolução e guerra de independência de 1848-49. Nascido como Alexander Petrovics, húngarizou o nome no início dos anos 1840. Durante muito tempo supunha-se que a família Petrovics seria de origem sérvia, mas, hoje em dia, a origem eslovaca é consenso entre os historiadores (KERÉNYI, 2008). Kertiz, por sua vez, não tem significado algum em sérvio e é derivado do húngaro *kertész* (jardineiro). Segundo os moradores da rua Kertiz, era ali que ficavam as hortas na época da fundação da vila.

¹⁶⁰ Os discursos de Vojislav Šešelj, presidente até hoje do Partido Radical Sérvio, são os mais lembrados. Durante a guerra, Šešelj foi o principal agitador na Voivodina e pedia a deportação imediata das principais minorias da província. Era ele quem prometia um sanduíche para húngaros e dois para eslovacos, por precisarem de uma viagem mais longa. Em 2016, Šešelj foi absolvido de todas as acusações de crimes contra a humanidade no tribunal de Haia, o que representou a vitória dos defensores de limpeza étnica, ou seja, a “vitória política do medo” (THOMAZ, 1997). Em Abril de 2018 porém, a Corte de Apelações o condenou a 10 anos de prisão por incitação a deportações e crimes contra a humanidade.

¹⁶¹ Tratava-se literalmente de anúncios colocados na seção de classificados nos jornais, onde as famílias anunciavam a sua casa, suas parcelas de terra e animais domésticos para troca por equivalentes na área para onde desejavam “migrar”.

frequentemente o termo *gyüttmentek* ou *jöttmentek*. Os termos em si revelavam as tensões no processo de reconfiguração identitária vivida pelos diferentes grupos da Voivodina. Se em Maradék as famílias croatas “foram embora” (*elmentek*) frente às ameaças de expulsão, a expressão *gyüttmentek*, tem um sentido mais complexo. *Gyüttmentek* significa literalmente significa “os que vieram (*gyüttek* ou *jöttek*) e os que foram (*-mentek*)”. Assim, a expressão denota o movimento de deslocamento completo: o abandono de um lugar, ou a partida, mas também a chegada a outro lugar. Ao mesmo tempo, essa expressão tem uma conotação claramente negativa e poderia ser traduzida como “vagabundo” ou, como sugere o dicionário húngaro-português, “João-ninguém”.

Finalmente, já saindo de Maradik, temos mais um loteamento de casas de final de semana ou de veraneio. Como as outras aldeias das redondezas do *Fruška Gora* e o Danúbio, Maradek teve seu próprio loteamento de *vikendicas*, construído a partir do final dos anos 1950, quando a cooperativa cedeu terrenos para *apparatchiks* de Novi Sad e de Belgrado no caminho para Krušedol Selo. Entre os donos mais ilustres das *vikendicas* encontramos um alto funcionário da Elektrovoivodina de Novi Sad, um professor de literatura da Universidade de Belgrado, e diversos secretários do Partido Socialista Iugoslavo. Mais tarde, vários *Gastarbeiters* também construíram suas casas por aqui, com os marcos alemães trazidos das fábricas da Volkswagen da RFA. Com o tempo, depois do estranhamento inicial de ter gente “urbana, tão refinada e poderosa” os weekendeiros acabaram entrando na já mencionada “economia local de favores” e passaram a participar da vida em Maradék.¹⁶² Assim o senhor Popović, subdiretor da estatal de energia elétrica, providenciara já nos anos 1960 a instalação da infraestrutura da rede elétrica em Maradik, muito antes das vilas da vizinhança. Alguns dos mais velhos da vila ainda lembram da “*enorme festa de inauguração oficial da rede elétrica, com cantigas, danças e marchas dos membros locais do ORA para os representantes do Partido. Mas, no final, os nossos melhores presuntos e bacons defumados foram parar na despensa do gospoda Popović*” (László Ipacs, 68 anos, Maradik).¹⁶³

¹⁶² Acrescento que optei pelo uso de economia de favores, termo cunhado por Ledeneva para a economia socialista soviética, porque descreve melhor o uso de relações pessoais para a obtenção de itens ou serviços escassos ou cujo acesso envolvia longas negociações burocráticas com o Estado. Trata-se de uma mistura entre o “formal” e “informal”, entre a troca de presentes e os subornos, ou, para usar os termos maussianos, entre a dádiva e a corrupção (LEDENEVA, 1998; HENIG & MAKOVICKY, 2017).

¹⁶³ ORA ou *Omladinske radne akcije* (literalmente, “ações de trabalho da juventude”), eram brigadas de trabalho da juventude, que tiveram uma função importante na reconstrução no pós-guerra. Chegaram a participar da construção da estrada Fraternidade e Unidade, que partia da fronteira com a Áustria e chegava até a Grécia.

Já as lembranças de Jovan Ilić, advogado liberal – termo que usa no sentido de “não nacionalista” – de Belgrado, cujos avós escolheram Maradik para ter a casa de campo em função da família ser da elite do pré-Segunda Guerra e da religiosidade da avó, que “*precisava ser escondida nos anos 1950 e 1960 para não pegar mal diante das ideologias da época, e aqui podia frequentar vários monastérios e igrejas ortodoxas sem ser vista pelos comunistas*”, dizem respeito a um período conturbado mais recente:

Em 1992, meu irmão mais velho e a maior parte da turma dele recebeu a convocatória para se apresentarem ao exército, e, como a gente era contra a guerra, toda a turma veio se esconder na vikendica de Maradék. Toda a Fruška Gora estava cheia de jovens, fora da residência oficial para não poder receber as cartas de alistamento. [...] E meu pai [professor de direito da Faculdade de Belgrado], vinha uma vez por semana, mas não para trazer suprimentos e sim para fazer as compras para a família inteira e para o departamento também. A cidade estava sob embargo e sem eletricidade, era difícil achar verdura ou carne frescas. Maradik nos alimentou por um bom tempo.

Por sua vez, os habitantes de Maradik também lembram a importância das *vikendicas* e seus habitantes ocasionais durante o período da guerra descrito por Jovan:

Éramos milionários, se contarmos os zeros nas notas. Mas não valia nada. A zadruga já tava falida, mal havia dinheiro para a compra de sementes e gasolina para a maquinaria. Cheguei a arar 2 hectares com bois em vez do velho IMT [Industrija mašina i traktora]. Os jovens tavam nas fronteiras da Romênia e da Hungria, contrabandeando gasolina, vendendo depois por marcos alemães; às cidades mal chegava comida e era difícil levar os produtos até as feiras. O Pali e o Józsi começaram a levar a colheita de carroça na feira de Indjija. Mas ali era um desgosto também, nossos vizinhos sérvios de banca de décadas, perguntavam por que os húngaros continuavam na Voivodina se o Šešelj havia dito que teríamos que ir embora. Os que tinham proteção e gasolina em Belgrado e Novi Sad vinham até aqui, para comprar ovos, queijo, carne e verduras. Alguns chegaram a trocar um Fiço velho por dois porcos inteiros. [...] Mas tem alguns que continuam vindo agora que está normal, principalmente esses novos modernos, que seguem a moda orgânica, que naquela época descobriram como a carne de porco alimentado com milho é melhor que o de ração ou da indústria e que nossa galinha tem mais carne e mais sabor. No final descobrimos uma vantagem em ser “biopobre”.

Apesar das diferenças nacionais e as diferentes camadas de grupos de colonos que foram chegando em Maradik a partir dos finais do século XVII, a *kuća* ou *porta*, como são chamadas as casas, consideradas típicas são bastante semelhantes na sua estrutura e organização do espaço. Cabe ressaltar que *kuća*, embora seja traduzido como casa, indica todo o conjunto de construções que se encontram atrás do portão. A referência em sérvio e croata era sempre *kuća* acompanhado do sobrenome da família ali residente; os húngaros tendiam a se referir ao todo como *porta*, também acompanhado do sobrenome da família.

Em Maradék, a maioria das *kućas* compõe-se de duas construções: um *nagyház* ou *velika kuća* (“casa grande”, em húngaro e sérvio) e um *kisház* (casa pequena), separados pelo *tisztaudvar*, o pátio ou jardim dianteiro (limpo ou arrumado), com uma passagem no meio para carros ou tratores estacionados no *hátsó* ou *gazdasági udvar* (pátio traseiro ou de trabalho), que também é o espaço dos celeiros para a secagem de milho e armazenamento de outros grãos, do curral, do chiqueiro e do galinheiro. O *udvar* de frente e de trás são em geral separados por uma cerca ou muro e seguidos por outra cerca que dá lugar à horta (*kert*). Nos *kert*, geralmente de meio acre de tamanho, cultivam-se a maior parte das verduras consumidas pela família durante o ano. Tipicamente planta-se feijão, batata, repolho, pepino, páprica e pimentões, pepino, alho e cebola. Apesar da separação física das duas casas pelo pátio limpo e de os dois espaços serem ocupados por gerações diferentes – a mais velha no *nagyház*, o do filho com sua família na menor –, o conjunto todo, incluindo o pátio limpo e o da economia e a horta atrás, constituíam uma única unidade.



Foto 7 - O barroco dos tempos do Império Austro-Húngaro



Foto 8 - Kisház e nagyház de duas kućas vizinhas

Todas as casas da vila são construídas perpendicularmente à rua. Uma das partes mais importantes é precisamente a parte frontal, mais visível da rua, e, por isso, quase sempre decorada com referências do barroco Habsburgo ou com alguma outra decoração ou cor peculiar.¹⁶⁴ Dizia-se que a parede frontal é como o vestido de noiva, tem que estar sempre arrumada e decorada. No *nagyház*, que seria a casa principal, encontramos o *tisztaszoba* (quarto limpo ou arrumado) diretamente na parte frontal que dá para rua. As famílias ainda mantinham o *tisztaszoba*, que podia ser um quarto pequeno ou um canto da sala grande – e que, como já vimos, é o favorito dos estudiosos do folclore –, deixando à mostra elementos do dote como a caixa de madeira decorada e pintada ou a roupa de cama, lençóis, edredons e tecidos costurados pela mãe e pela avó da noiva, com recheio de plumas ou penas de pato e ganso dependendo da riqueza do dote.

Em seguida, vinha o quarto grande (*nagyszoba*, equivalente a nossa sala de estar). Este cômodo antes era decorado com os móveis antigos, como o *almarium* (armário grande de madeira, com as duas portas decoradas e pintadas) e o *sublót* (gaveteiro também em estilo barroco), que o casal ganhava por ocasião do casamento e que era encomendado com os marceneiros famosos nas feiras regionais, de Inđija ou Novi Sad. Os móveis antigos deixaram de ser usados com a difusão do *kombinovana soba* (literalmente, “sala combinada”), um conjunto de móveis combinados com sofá, duas poltronas, estante para rádio e, depois, TV, armário de sala e mesa do centro.¹⁶⁵

¹⁶⁴ Beszédes usa o termo *parasztbarokk* (barroco do campesinato) para denominar este estilo arquitetônico e de decoração, que teria surgido como consequência dos decretos da imperatriz austríaca Maria Teresa (reinando de 1740 a 1780), que regulamentavam as construções e o planejamento habitacional. Os decretos determinavam os materiais a serem usados nas construções, a obrigação de construir chaminés e a obrigatoriedade de construir todos os edifícios de maneira perpendicular à rua (BESZÉDES, 2011:57-60).

¹⁶⁵ Na publicidade da época os *kombinovana soba* eram apresentados como o grande avanço da modernidade socialista. Em Maradik, as salas de todas as casas tinham um conjunto combinado com design dos anos 1960-70. Curiosamente, os *kombinovana soba* foram substituídos no imaginário popular pelos móveis IKEA, uma loja de origem sueca que vende móveis de baixo-custo e com visual moderno, montados pelos próprios clientes em casa. A IKEA abriu uma loja em Belgrado em 1991, mas a unidade foi fechada em 1992 em função do embargo internacional. A partir de então, uma possível reabertura do IKEA na Sérvia esteve sempre em pauta, chegando a constar até em promessas de campanha eleitoral, como se representasse uma “volta” da Sérvia ao mundo civilizado e moderno. Muitas pessoas organizavam viagens às lojas em Viena ou Budapeste para adquirir os móveis da rede. A loja reabriu em 2017. No período da pesquisa de campo, só a família Beker, ex-*Gastarbeiter*, e a família Berta, cujo filho mais velho trabalhava como engenheiro gráfico na Alemanha, possuíam estes móveis tão desejados. Sobre IKEA no imaginário pós-socialista ver a excelente descrição etnográfica de Ildikó Erdei, “*IKEA in Serbia: Debates on Modernity, Culture and Democracy in the Pre-Accession Period* (ERDEI, 2014).

Além dos móveis, nas salas eram exibidos objetos de status e de memória familiar dos mais diversos períodos. Geralmente havia alguma foto dos antepassados, principalmente as registradas a partir dos anos 1920, período em que se populariza a ida ao fotógrafo da cidade nas ocasiões marcantes da vida na vila. Além de fotos de casamento de todas as gerações, havia fotos do *regrutabál* ou *regrutabúcsú* de todos os homens da família, a grande celebração por ocasião do alistamento dos filhos jovens ao exército da época.¹⁶⁶ Ao lado das fotos do “adeus ao recruta”, também estaria a primeira fotografia oficial com o uniforme do JNA. Junto com as fotos de família, mas nas prateleiras menos visíveis, ainda se exibia a foto de “*nosso pai Tito*”, além de imagens de “heróis” mais recentes como Radovan Karadžić ou Ratko Mladić.¹⁶⁷ Entre as fotografias mais recentes, já do período das câmeras automáticas, podia-se ver fotos de férias coletivas em alguns dos resorts no litoral do Adriático, ou das viagens organizadas a monumentos da Segunda Guerra, ou ainda das visitas à *Kuća cveća* (“casa das flores”), como é denominado o mausoléu de Josip Broz Tito em Belgrado. Dependendo da religião seguida pela família também encontramos artigos e quadros religiosos entre os objetos da sala. Nas casas católicas, estátuas de porcelana da Virgem, ou souvenirs religiosos comprados nas peregrinações à Međugorje (local das aparições mais recentes da Virgem na Herzegovina), ou registros de visitas feitas ao Vaticano. Algumas famílias chegaram a viajar até Fátima e exibiam com orgulho as lembranças de Portugal, pois estas viagens eram mais prestigiosas pela distância e custo. Nas *kuće* sérvias, a posição de destaque era do quadro da *slava*, o santo padroeiro familiar, que constitui a principal celebração religiosa na religião ortodoxa.¹⁶⁸

¹⁶⁶ Em termos de tamanho, dinheiro gasto na organização e nos presentes, os *regrutabúcsú* são comparáveis às festas de casamento, quase como se fossem as festas de debutantes ou de 15 anos celebrados no Brasil e na América Latina. Pelo que sei, entre 1991 e 1995, no período da guerra real não se celebraram estas festas em Maradik. Contudo, a tradição foi retomada e o adeus ao alistado é celebrado até os dias de hoje. Como apontou Tanja Petrović, em alguns contextos, como nos encontros com antigos camaradas, os tempos do serviço militar no JNA (*Jugoslovenska narodna armija*, Exército Popular Iugoslavo) são lembrados de uma maneira bastante positiva. Os homens que serviram a JNA costumam ter uma tatuagem com a data e local do quartel e o nome da unidade. Mas também há ocasiões onde uma tatuagem JNA a vista pode levar à desconfiança e acusações de esquerdismo ou iugonostalgia (Petrović, 2010:31-81).

¹⁶⁷ Uso “heróis”, entre aspas, pois obviamente se trata de criminosos de guerra, tenham sido condenados ou não. Um dos efeitos nefastos e não pretendidos dos longos processos de Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia (ICTY) foi precisamente terem transformado os acusados em heróis nacionais nos estados pós-Iugoslavos. Basta lembrarmos as festas populosas nas ruas de Zagreb, quando o general Gotovina foi absolvido, ou a recepção calorosa a Vojislav Šešelj em Belgrado. Sobre os processos no ICTY e a formação da opinião pública na Sérvia, ver a monografia de Gordy, *Guilt, Responsibility, and Denial: The Past at Stake in Post-Milošević Serbia* (GORDY, 2013, 2017).

¹⁶⁸ A *Krsna Slava* é celebrada dentro de casa no dia do santo com o *slavski kolač* (uma espécie de pão ritual, ornamentada com a cruz ortodoxa), o *koljivo* (trigo cozido na água ou leite). Os padroeiros mais

Do *nagszoba* abria-se a cozinha de inverno ou a cozinha grande (*téli konyha* ou *velika kuhinja*), de decoração simples, com mesa grande de madeira, fogão elétrico ou a gás e armários no estilo *kombinovana*. Aqui, celebravam-se as refeições de domingos e de ocasiões especiais; no dia a dia, a preferência era pela cozinha pequena ou de verão (*nyári konyha*), localizada na casa pequena do outro lado do pátio. Atrás da cozinha localizava-se o quarto pequeno, com a cama de casal, alguns móveis mais antigos que deram lugar aos mais modernos no quarto grande. Entre o quarto e a cozinha, algumas casas preservavam o *kemence*, um forno à lenha aberto localizado ao lado da cozinha e cuja parede dava para o quarto, servindo assim também de calefação. Por fora e ao longo da casa localizava-se o *tornác*, um alpendre ou varanda comprida e coberta por cima. A grande parte dos *tornác* foi fechada com a eletrificação da vila e a introdução do encanamento de gás e água a partir dos anos 1960. Com a modernização, construíram-se banheiros neste espaço, que é também o local do *boiler* ou caldeira a gás natural, que esquentava a água levando-a às torneiras da cozinha e do banheiro e cujo vapor é colhido e distribuído até os aparelhos de calefação hoje em dia instalados em todas as habitações. Atualmente, como uma das primeiras consequências do embargo imposto à Iugoslávia nos anos 1990, a grande maioria dos maradikianos parou de usar o serviço de gás e as caldeiras foram readaptadas à lenha e carvão.

Do outro lado do pátio (*tisztaudvar*) encontramos o *kisház* ou casa pequena, que seguia uma estrutura semelhante da casa grande. Nas *kuća* de duas ou três gerações, a *kisház* era o local de moradia do filho e sua esposa, e, em geral, dos netos – dependendo do tamanho da casa pequena, estes podiam também dormir na casa grande.¹⁶⁹ O quarto frontal, que dá para

comuns em Maradik eram São Jorge (Đurđevdan), São João (Jovanjdan), São Sava (Savindan – padroeiro da Sérvia inteira) e São Nicolau (Nikoljdan). A *slava*, tida como o nome do antepassado mais antigo que protege a família, é passada patrilinearmente. As mulheres passam a adotar a *slava* da família do marido após o casamento. Como nota Hammel em sua análise de relações rituais, o termo em si vem de *slaviti* – celebrar. Ter uma *slava* em comum indicaria uma ancestralidade compartilhada no passado, e se assemelha ao que seria uma lógica linhageira (HAMMEL, 1968). Embora não seja proibido, até hoje namoro ou casamento entre duas pessoas da mesma *slava* é malvisto entre os mais velhos.

¹⁶⁹ Trata-se de uma readaptação do sistema rotativo de moradia e cultivo do período prévio à Segunda Guerra Mundial. No período pré-guerra, a *kuća* tinha também um terceiro elemento nas zadrugas familiares, localizado fora dos limites do município e da vila: o *szállás* ou *salaš*. *Szállás* era uma espécie de acomodação nas terras e pastos mais distantes da vila, onde morava durante a maior parte do ano o filho mais velho com sua esposa e crianças pequenas. No *szállás* havia mais espaço para rebanhos maiores (gado e ovelhas) e construções para o armazenamento da colheita. Na vila, morava a geração mais velha, que cultivava as terras nas proximidades da vila, e os netos em idade escolar. No caso de famílias com mais de um filho homem, (algo comum até a Segunda Guerra Mundial, e pouco frequente hoje em dia), um deles morava na casa pequena, e ou outro no *salaš*. Após a morte da geração mais velha, o filho mais velho voltaria para a casa grande em Maradék, e os netos já casados mudariam para

a rua, era o dormitório da casal, seguido da cozinha de verão (*nyárikonyha*), que era o lugar preferencial para cozinhar no forno e fogão à lenha e onde a maior parte das refeições ocorria. Era nesta área que se processava o leite diariamente, fazendo *tejföl* (o derivado de leite aparentado ao *creme fraiche*), ricota, queijo, seja para consumo ou para a venda nas feiras livres de Indija, Beška, Novi Sad e Belgrado. A casa menor se complementa com uma despensa grande, para armazenamento dos alimentos não perecíveis preparados para durarem o ano inteiro, como compotas, chucrute, as geleias de páprica e pimentões e as carnes defumadas em casa para conservação.

A cozinha de verão, mais aberta, com fogão a lenha era o local de todas as refeições durante os dias de trabalho – que iam de segunda-feira até domingo às seis da manhã, quando, após completarem os afazeres com os animais, a maioria dos habitantes começaria se arrumar para ir às igrejas. Também era ali, no *nyárikonyha*, que recebiam as visitas comuns, de amigos, vizinhos ou parentes distantes. O *nagyház* era reservado às visitas especiais, alguma autoridade do município, o pope ortodoxo, o padre ou o pastor, médico ou visitas mais distantes de parentes que moravam no exterior. A cozinha de verão era também o local onde as mulheres de uma mesma vizinhança se reuniam para o *bandázás* nos intervalos do trabalho ao menos uma vez no período da manhã e uma à tarde. Tratava-se de pequenas reuniões nas quais tomava-se café turco, compartilhava-se fofocas da vila, discutia-se sobre os preços dos grãos e as estratégias agrícolas tomadas pelos homens, ou então sobre a situação das feiras frequentadas nas redondezas onde as mulheres vendiam seus produtos derivados de leite, principalmente ricota e *tejföl*.¹⁷⁰

Ao lado das casas “típicas” encontramos em Maradék algumas casas pré-fabricadas no estilo *plattenbau* socialista, construídas ao longo dos anos 1960, além de algumas construções consideradas especiais. Os *panel*, como são denominados, foram tipicamente construídos para alguns dos novos habitantes da vila, principalmente para posições novas, como

o *salaš*. Com a socialização da economia iugoslava, os *salaš* praticamente desapareceram da paisagem da Voivodina (PÉNOVÁTZ, 1979:20-34).

¹⁷⁰ As feiras frequentadas para venda abarcavam uma área de oitenta quilômetros quando “valia a pena”. Algumas chegavam a ir até Novi Sad e Belgrado e Temerin (ao norte de Novi Sad), locais onde a ricota e *tejföl* de Maradik vendiam bem. Nestes havia uma feira permanente, com local reservado a pequenos produtores rurais. A feira de Karlovci era nas quartas, com boas possibilidades de venda para geleias e páprica aos sábados quando a cidadezinha histórica recebia turistas em seus centros ligados à ortodoxia. No verão as feiras de Beska e Čortanovci também compensavam, pois era quando os donos de *vikendicas* passavam mais tempo em suas casas de veraneio. Durante o período da pesquisa reclamava-se muito das feiras de Ruma e Indija, que estavam “tomadas pelos recém-chegados”. A reclamação era de um grupo de húngaras, e dizia respeito à falta de conhecimentos históricos sobre a presença de húngaros nesta região do Srem. Assim as húngaras de Maradik preferiam ir a estas duas últimas feiras com suas vizinhas sérvias “dos tempos antigos”.

o médico do posto de saúde (no pré-guerra o médico que atendia em Maradék era de Beska, localizada a sete quilômetros de distância), veterinários ou funcionários administradores e agrônomos da *zadruga* socialista. Na rua principal, ficavam o pequeno supermercado e o *domovi kulture*, o prédio de cultura onde funcionava o grupo de danças e cantos folclóricos iugoslavo e que era também o local de celebração dos novos feriados e datas socialistas.

No que diz respeito às casas “especiais”, cabe mencionar os dois *svábház* (casas de suábios ou alemães) da vila, ocupada pelas famílias alemãs até 1944, quando fogem de Maradék junto aos alemães de Beška, e que ainda hoje são tidas como as melhores construções. Essas construções têm paredes resistentes, construídas de pedra importada, em vez do tijolo de terra queimados em forno comum às outras casas, e o teto era coberto com telhas de cerâmica.¹⁷¹ As casas alemãs foram estatizadas em 1946 e assignadas a colonos *partisans* montenegrinos, que ocuparam cargos na secção local da Liga dos Comunistas da Iugoslávia.

Outras duas construções de Maradék também eram apelidadas de alemãs, mas tendiam a ser consideradas curiosidades excêntricas, “*passatempo de milionários*”. Tratava-se das casas alpinas dos Beker e dos Pavlović. As duas famílias passaram décadas na Alemanha Ocidental, onde seus filhos e netos continuavam a residir, mas os pais decidiram passar os anos de aposentadoria na sua vila natal, construindo a casa dos sonhos. Com seus três andares, além de uma longa sacada no andar superior, onde exibiam-se gerânios durante a maior parte do ano como mandava o costume aprendido em Munique, as casas realmente destoavam das outras da vila. É claro que, por trás dos comentários maldosos (“*casas de milionários*”), era possível notar uma certa inveja. Apesar disso, não era difícil notar também que as casas destoavam do ethos de trabalho dos outros residentes na vila. Como os dois casais eram aposentados e ganhavam em euro, os espaços que seriam reservados ao trabalho com cultivo e animais deram lugar à churrasqueira – além de mais gerânios.

¹⁷¹ Hoje em dia, todas as casas são cobertas de telha, antigamente a telha era acessível apenas para camponeses independentes, com propriedades maiores. Os que trabalhavam nas possessões dos grandes proprietários em regime feudal ou semifeudal, cobriam suas casas com *caniço*, uma planta semelhante à cana-de-açúcar que cresce em zonas pantanosas à beira do Danúbio. O telhado de caniço precisava ser trocado a cada dois ou três anos.



Foto 9- Trator na rua Kertiz



Foto 10 - Pali Csepregi em seu udvar

As Igrejas

Julis Ipacs: *Aqui é uma vila de três torres, bem altas e que nos guiam nos caminhos. E eu acho as três bem bonitas. Uma para cada povo. A cruz ortodoxa é sérvia. Nós húngaros temos a estrela de Calvino; e a cruz católica é compartilhada por húngaros e croatas.*

Rozi Özvegy: *Ah, comadre, estás esquecendo os ateus. Quero dizer, os comunistas! Esses não têm torre!*

Julis: *Mas não está certo. Agora está na moda falar mal deles. E o Vörös Jankó [vermelho]? Vais esquecer tua paixão da juventude? Alguma vez ele deixou de celebrar o natal? Ou a páscoa? Ou os nossos górac? Foram trazidos para cá pelo partido, sabes de algum que não faça o brioche santo deles, com o sinal de cruz feito de nozes? Acho que na vida deles Jesus estava de férias, ou eles que ‘tavam de férias da igreja.*

Gábor: *E quem é filho de casamento misto?*

Julis: *Os iugoslavos? São os únicos que ainda se dizem ‘jugós’. Para eles, é ainda melhor, tem dois natais e ainda podem celebrar a slava. E, se não forem à igreja, melhor para eles. Os sérvios reclamam do pope novo, do mesmo jeito que nós do pastor. Pelo menos o padre é o mesmo de sempre.*

Rozi: *Antigamente, quando os pais eram de religiões diferentes, os filhos seguiam a do pai e as filhas a da mãe. Mas nem era tão comum assim. Começamos a misturar quando ficamos iugoslavos, lembra Julis? De moças praticávamos sozinhas a kolo em casa para não passar vergonha, caso um dos szerbianac nos chamasse no baile. Nem íamos tanto à igreja, preferíamos os bailes [risos].*

Julis: *hoje em dia, quem é da minoria e casa com sérvio, dos nossos ou dos novos, fica ortodoxo, reza em segredo, ou até para de rezar.*

O diálogo acima aconteceu entre Julis Ipacs, Rozalia Özvegy, duas senhoras nascidas na década de 1940, e eu mesmo durante uma caminhada de inverno ao culto protestante.¹⁷² Acredito que ele representa bem algumas das atitudes mais frequentes em relação à religião, e, além disso, também constitui um dos temas preferenciais da antropologia húngara contemporânea que tem por objeto as populações húngaras além-fronteiras.

Em primeiro lugar, o diálogo diz respeito às três torres, ou seja, às três igrejas de Maradék, e a associação delas a determinadas nacionalidades. Essa concepção geral, onde a

¹⁷² Geralmente os húngaros de Maradik evitavam ao máximo a mistura de línguas na minha presença, mesmo que no seu dia a dia usassem intercaladamente expressões em servo-croata ou sérvio. O termo *górac* é a forma abreviada e “semi-magiarizada” de *crnagorac*, ou seja, montenegrino, sendo que a forma “correta” seria ‘montenegrói’. Do mesmo modo, *szerbianac* refere-se a sérvios no húngaro falado na Voivodina, onde a raiz preserva o húngaro ‘szerb’, mas a declinação já é em sérvio (-anac). Brioche de santo é o *slavski kolač* consumido durante a celebração da *slava*. E o *kolo* é a dança circular típica sérvia.

igreja ortodoxa é associada aos sérvios, a católica aos croatas, e as protestantes aos húngaros, é também compartilhada pela literatura etnográfica (PAPP, 2003, 2007; KLAMÁR, 2005).¹⁷³ Mas, ao mesmo tempo, esse tipo de associação dá uma relevância social à religião como “conservadora de certos traços nacionais ou culturais”, para usar os termos de Papp (2003, 2007), que, no caso da Voivodina, nem sempre se observa no terreno. Durante a minha estada na vila, todos os domingos eu ia com um grupo de locais a um dos cultos religiosos. Mesmo nos momentos mais festivos – Natal, dias dos padroeiros mais comuns, Páscoa –, o público das igrejas alcançava no máximo oitenta pessoas em cada uma delas, o que significaria que os outros 1800 habitantes da vila seriam iugoslavos ou não religiosos.¹⁷⁴ Apesar disso, como a própria conversa entre Julis e Rozi indica, as referências à religião de origem persistem e continuam sendo associadas à nacionalidade, mesmo nos casos de casamento entre grupos.

O casamento mais comentado durante a pesquisa foi celebrado na igreja ortodoxa entre Saša e Jelena. A família de Jelena era sérvia e ortodoxa. Já Saša fazia parte do grupo denominado de *izbeglica*, era filho de casamento misto, sendo o pai sérvio e a mãe croata. Antes de Maradek, a família do noivo vivia numa aldeia nas redondezas de Vukovar, na região da Krajinas na Croácia, que contava com uma forte presença sérvia. Após o reconhecimento internacional da independência croata, líderes sérvios das Krajinas também declararam uma república independente,¹⁷⁵ dando início à guerra que duraria quatro anos. No início da guerra, a família recebeu ameaças de expulsão por parte dos sérvios da aldeia, que os acusavam de serem croatas. Diante de um ambiente cada vez mais hostil, o pai, sérvio, abandonou, em conjunto com a família, seu povoado de origem. Pretendendo garantir a segurança dos filhos e da mulher, os pais de Aleksandr escolheram como destino uma aldeia com maioria croata: foram então acusados de serem sérvios e, mais uma vez, foram hostilizados e ameaçados de expulsão. Ficou evidente a impossibilidade de permanecer nas Krajinas, e a família dirigiu-se sob o estatuto de “refugiados” para a Voivodina e acabou comprando a casa de uma família croata que decidira abandonar Maradik. Planejando o que seria o primeiro casamento em Maradik entre um refugiado e uma moça local, o jovem casal tinha que decidir por uma das

¹⁷³ No caso do calvinismo. No período pré-1945 a maioria dos alemães do Srem (os suábios ou Schwaben) era de religião católica, embora em Beska e outras localidades ao sul do Fruska Gora encontremos referências a alemães luteranos e calvinistas, que migraram a partir de 1860 da Hungria Oriental e do nordeste da Voivodina (KÓSA, 1993:147-161).

¹⁷⁴ No censo de 2011, dos 2095 habitantes, 105 declararam-se iugoslavos ou outros.

¹⁷⁵ Trata-se da República Sérvia da Krajina, só reconhecida pela Sérvia, que permaneceu sob administração da UNTAES (United Nations Transitional Administration for Eastern Slavonia, Baranja and Western Sirmium) até 1998, quando foi reintegrada à Croácia.

igrejas para celebrar o casamento, pois a família de Jelena – e a opinião pública de Maradik – fazia questão de ter casamento no local e casamentos não religiosos só poderiam ser celebrados em Inđjija, na sede do município.

A família de Jelena, feliz com o casamento da filha, não fazia questão de que os jovens celebrassem a união na Igreja Ortodoxa. Mas tinha que ser numa igreja. O problema era que tanto o pope ortodoxo como o padre católico só celebrariam o casamento se Saša fosse batizado, e Saša não conseguia decidir em qual das igrejas queria ser batizado: “*meu pai é sérvio, então por essa lógica eu deveria ser ortodoxo. Mas a minha mãe é croata e meus avós eram bem católicos. E eu aqui com esta confusão da minha cabeça. Foi bem mais fácil responder ao censo, disse simplesmente que era iugoslavo... e sei que não existe mais, mas seria mais fácil se existisse.*” Certamente a “*confusão*” de Saša reinou, e reina, entre uma descendência que não necessariamente encontra na atualidade lugar para uma dupla herança nacional. Ao definir-se como *iugoslavo* mais de vinte anos depois do fim da Iugoslávia, Saša nos apresenta outro significado para esta classificação nacional que *já não existe*: definir-se como *iugoslavo* expressa saudades dos tempos de paz, de uma Iugoslávia hoje lembrada como tranquila, na qual nações e nacionalidades conviviam pacificamente dentro dos marcos do *brastvo i jedinstvo* (fraternidade e unidade).

Voltando para o diálogo de Julis e Rozi encontramos uma outra associação maradikiana entre nação e religião, a qual diz respeito à conversão dos húngaros ao protestantismo há pouco mais de cem anos atrás. Historicamente, Maradék era uma vila de duas torres: a ortodoxa da Igreja São Sava, construída por volta de 1850 em homenagem ao fundador da ortodoxia sérvia e primeiro arcebispo entre 1219 e 1233, e a torre católica da Igreja Sant’ Ana. Conforme nota Kósa (1993), a documentação histórica sugere que as primeiras referências a calvinistas nesta região do Srem datam de 1842, quando a Igreja Reformada húngara nota um aumento de fiéis na área, em decorrência da migração para o sul de populações camponesas protestantes e a necessidade de criação de uma missão especial para cuidar destes protestantes distantes.¹⁷⁶ O Distrito Danubiano das Igrejas Reformadas cria um posto em Beska, enviando Nandor Spaniel, um pastor-professor para cuidar da alma dos protestantes da Slavonia oriental, na época sob

¹⁷⁶ Trata-se de uma onda de migração das regiões do Bácska e do sudeste da Hungria atuais, provavelmente decorrente da modernização da agricultura que liberou uma parte da mão de obra nestas regiões e da disponibilidade de terra no Srem, pelo desflorestamento, por um lado, e pela incorporação da Fronteira Militar na administração civil, por outro. (Kósa, 1993).

domínio do Reino da Croácia (ZOVÁNYI, 1977). Enquanto isso, Maradék era ainda uma localidade com uma maioria ortodoxa, que pertencia ao Patriarcado de Karlovci, e uma minoria católica, sob jurisdição do arcebispado de Đakovo (na Croácia atual) liderado por Josip Juraj Strossmayer, um dos fundadores do paneslavismo croata, que tinha por objetivo unir todos os eslavos do sul sob a égide da igreja católica.

Segundo os relatórios do missionário em Beska citados por Kósa (1993:150-152), foi neste período que alguns dos húngaros em Maradék teriam pedido ao padre croata a possibilidade de cantarem trechos da liturgia em húngaro. Após a negativa do padre, que provavelmente seguia as diretrizes do bispo Strossmayer, o grupo liderado por György Özvegy decidiu mandar uma carta ao bispo, solicitando o envio de um padre que ordenasse a missa em croata e húngaro. Em relação à resposta do bispo ouvi duas versões. Segundo a primeira, contada por Rozi Özvegy, que era bisneta de György Özvegy, Strossmayer teria respondido que *“preferia ouvir um cão ladrar dentro da igreja, mas missas em húngaro de jeito algum”*. Irrados diante da resposta do bispo, os húngaros começaram a boicotar a igreja e enviaram uma comitiva ao pastor de Beska pedindo que incluísse Maradék em sua rota anual e celebrasse a reza em húngaro, assim como fazia em alemão e húngaro nas suas viagens e missões pela Eslavônia. Depois de um tempo, o grupo decidira se converter de vez, enviando um representante com o pedido ao bispo calvinista de Budapeste em 1898. Uma segunda versão, contada por Géza Berta, cujo bisavô também estava no primeiro grupo de convertidos, confirma a negativa do padre de Maradék diante do pedido dos húngaros. Na versão de Berta, porém, quando os húngaros comunicaram Strossmayer a sua decisão de conversão ao calvinismo, o bispo teria respondido à ameaça da conversão ao protestantismo com um solene *“tomara que todos os húngaros se convertam ao protestantismo, assim queimarão no inferno todos juntos.”*

Infelizmente, nos anos 1970, a paróquia protestante foi destruída por um incêndio e muitos documentos antigos que poderiam elucidar melhor as circunstâncias da conversão foram perdidos. Entre eles, as cartas mandadas ao bispo calvinista de Budapeste comunicando as decisões de conversão de novas famílias, assim como pedidos pelo reconhecimento de casamentos realizados na igreja católica. Reconstituí em outro texto as minúcias da conversão dos húngaros de Maradék, que é tida pela historiografia do calvinismo na Hungria como a última conversão em massa três séculos depois de chegada da Reforma ao Reino da Hungria (BASCH:2003). Aqui, gostaria de ressaltar alguns pontos.

Não há qualquer indício do envolvimento de missionários de evangelização na conversão, já que a iniciativa partiu do seio da comunidade e resultou de um confronto com o padre católico local e, depois, com a igreja católica croata. Esse confronto, embora envolvesse

a religião, não se deu em termos religiosos e sim no “idioma nacional”, pois a reivindicação de missas na língua nacional da comunidade é indicativa de como em Maradék religião e língua caminharam junto à nacionalidade. Com efeito, o conhecimento e a insegurança no uso da língua magiar entre os pouco mais de cem húngaros católicos era bastante marcante e muitos deles relatam terem sido discriminados ou ridicularizados em visitas recentes à Hungria. “*Nós [calvinistas] pudemos ficar húngaros, os católicos foram ficando croatas e, em muitas famílias, os filhos se casaram com croatas ou mesmo com sérvios e não falam mais húngaro*” – dizem Géza Berta e Rozi Özvegy. De fato, enquanto os pastores calvinistas, desde a conversão em 1898, organizaram atividades de ensino de língua e história, a língua dominante entre os católicos foi a variante *ijekaviana* do dialeto *stokaviano*, que serviu como base do servo-croata.¹⁷⁷ Por sua vez, húngaros calvinistas, principalmente os mais velhos nascidos por volta de 1940 e finais dos anos 1950, são bem mais inseguros em servo-croata. Na única escola de Maradék, a última turma que teve a opção de estudar algumas matérias em húngaro foi a turma de 1974. As gerações escolarizadas desde então aprenderam o húngaro em casa e com o pastor calvinista, que oferecia aulas de húngaro também para filhos de famílias católicas. Hoje em dia, espera-se que as novas gerações que já têm acesso à internet e ao Canal Danúbio, criado pelo Estado húngaro para os húngaros da diáspora, melhorem seus conhecimentos de húngaro.

Quando indagados pelas diferenças entre as religiões, a maioria dos habitantes de Maradék enfatizava tanto o uso de línguas diferentes, no caso do catolicismo e do calvinismo, como a diferença de calendários com a religião ortodoxa, que usa o calendário juliano. A diferença era pequena, mas, como costumava dizer em tom de brincadeira Pali Csepregi, “*muito antiga*”:

remontava até começo dos tempos, quando os húngaros e os sérvios saíram à procura do Tempo. Enquanto os húngaros calçavam botas, os sérvios calçavam bocskor [um tipo de sandália ou sapato com sola de pele mal curtida, que era usado no cotidiano], e, quando tiveram que atravessar um pântano enorme, o bocskor afundou na lama e os sérvios tiveram que voltar pra trocar de calçado. Os húngaros chegaram antes, daí a diferença nos calendários.

Borislav Nikolić contava uma versão semelhante:

a diferença surgiu quando húngaros e sérvios saíram para saudar o menino Jesus, mas, quando chegaram ao pântano, os sérvios tiveram que tirar seus bocskor e continuaram descalços chegando treze dias atrasados, que é justamente a diferença entre o nosso natal e o dos húngaros e croatas.

¹⁷⁷ Os linguistas diferenciam três grandes dialetos no território da antiga Iugoslávia: a *kajkaviana*, a *chakaviana* e a *stokaviana*. Os três dialetos ganharam o nome a partir da variação do pronome que, *kaj*, *ča* e *što*. O *stokaviano*, que acabou por servir como a base da língua servo-croata que foi padronizada nos anos 1950, se subdivide em três variantes: o *ekaviano*, o *ikaviano* e o *ijekaviano* (por exemplo o termo “bonito” seria *lep*, com a vogal ‘e’ mais comprida no *ekaviano*, *lip* no *ikaviano*, e *lijep* no *ijekaviano*).

Por último, a minimização das diferenças religiosas em tom de brincadeira, assim como os bailes comuns citados por Rozi no início desta seção, ilustram bem uma contraposição aos pressupostos da literatura que, na Hungria, leva o nome de estudos de húngaros além-fronteiras ou mesmo estudos de “hungaridade” (*magyarságkutatás*). Como já abordado anteriormente, estes estudos quando focam na Voivodina tendem a se concentrar nos mundos estritamente húngaros. Na monografia resultante da pesquisa no Srem, que leva o título de *Mundos Húngaros da Voivodina*, Papp Richárd e Hajnal Virág (2008) identificam a igreja protestante como a única instituição que seria a garantia da sobrevivência da hungaridade na Voivodina. Na mesma linha do casal Papp-Hajnal, Zoltán Klamár (2005), nas suas pesquisas em Maradék e em outras localidades com presença de húngaros na Voivodina, chega a conclusões semelhantes, sugerindo a existência de mundos paralelos sem ou com pouco contato com uma comunidade local ou mesmo com algum tipo de identificação regional. Assim, casamentos interconfessionais, para não dizer interétnicos, são tidos como declínio ou assimilação, sinal de desaparecimento da cultura húngara. Mas nem Papp, em sua discussão sobre “mundos húngaros” ou sobre “religiões étnicas” na Voivodina (PAPP, 2003), nem Klamár, nos seus estudos de caso, abordam um fenômeno do qual o diálogo entre Julis e Rozi é indicativo, a saber, o processo de secularização decorrente em parte da ideologia de estado – que, ao longo de quase cinco décadas, tolerava, mas não incentivava, a vida religiosa –, mas que parece ser também um fenômeno mais geral na Europa inteira, onde o número de fiéis das igrejas tradicionais parece estar em declínio geral. Acredito que as monografias citadas estão corretas em identificarem os espaços da casa e da igreja como locais onde os húngaros e croatas de Maradék vivenciam sua nacionalidade de forma mais plena; de fato, estes são os espaços onde se usa a língua nacional e onde praticam suas religiões. Porém, se isolados na análise, podem dar uma ideia de mundos paralelos ou mesmo de sociedades secretas. Essa compreensão se desfaz se olharmos seja para o mundo do trabalho e da agricultura seja para o passado recente de “multiculturalismo socialista”, onde ser Iugoslavo era compatível e complementava identidades outras.



Foto 11 - As três igrejas

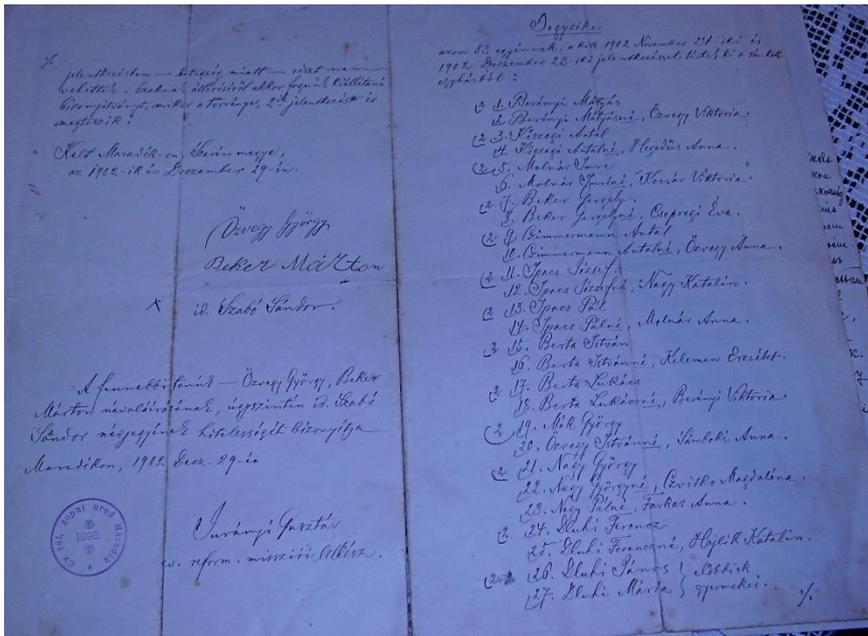


Foto 12 - A lista original com os convertidos ao protestantismo



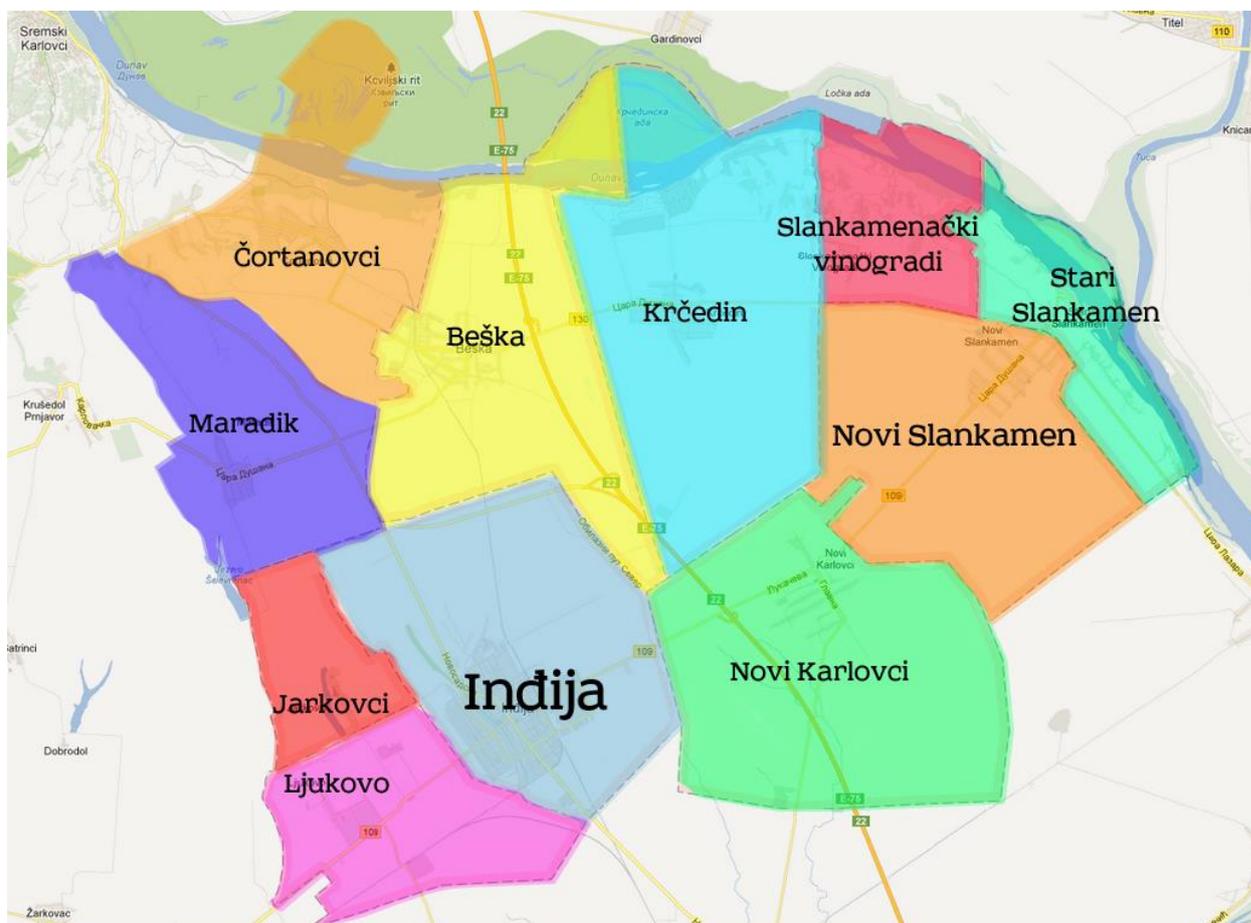
Foto 13- celebração do slava na casa dos Stojanović

4. Do *otkup* ao dinheiro vermelho: transformações rurais em Maradék

O diálogo de Rozi e Julis citado no capítulo anterior revela um outro aspecto que eu gostaria de explorar agora: as referências aos tempos de Tito costumam ser positivas, mencionadas quase sempre conjuntamente com expressões como “vida boa”, “tempos bons”, enquanto memórias sobre comunistas ou ateus têm uma carga negativa. Tal distinção remete ao período da “coletivização comunista” do pós-guerra, compreendido entre 1945 e 1953, cuja lembrança e recuperação esteve e está particularmente forte no período mais recente da Sérvia. O período atual é com frequência caracterizado como “recomeço” ou como “nova transição”, simbolizados pela “revolução Bulldozer” do 5 de Outubro de 2000, a qual representa o fim da era Milošević.¹⁷⁸ Neste capítulo, farei uma reconstrução das transformações no meio rural de Maradék e da Voivodina desde a primeira reforma agrária realizada após a Primeira Guerra Mundial até o fim do regime, ou o início da “nova transição”. Resgato, a partir da memória dos meus interlocutores, as diferentes estratégias adotadas pelos maradikianos diante das políticas de coletivização empreendidas pelo Partido Comunista Iugoslavo no pós-guerra. Essas políticas de certa forma seguiram a receita soviética, mas foram sendo abandonadas após um longo e silencioso conflito com o campesinato, que se recusava a aceitar seu papel de classe revolucionária. As memórias dos camponeses de Maradék constituem uma reflexão informada pela “nova transição sérvia” e a procura por estratégias contemporâneas frente a uma nova ordem econômica, a qual pretende mais uma vez transformar ou intervir nas relações no campo. Trata-se certamente de um processo de “produção de história”, nos termos de Trouillot (1995), a qual poderia ser contada das maneiras mais diversas. A vasta literatura sobre os “socialismos realmente existentes”, contudo, costuma silenciar a respeito das resistências no mundo rural, como se movimentos anticomunistas ou demandas por reforma só tivessem acontecido nas

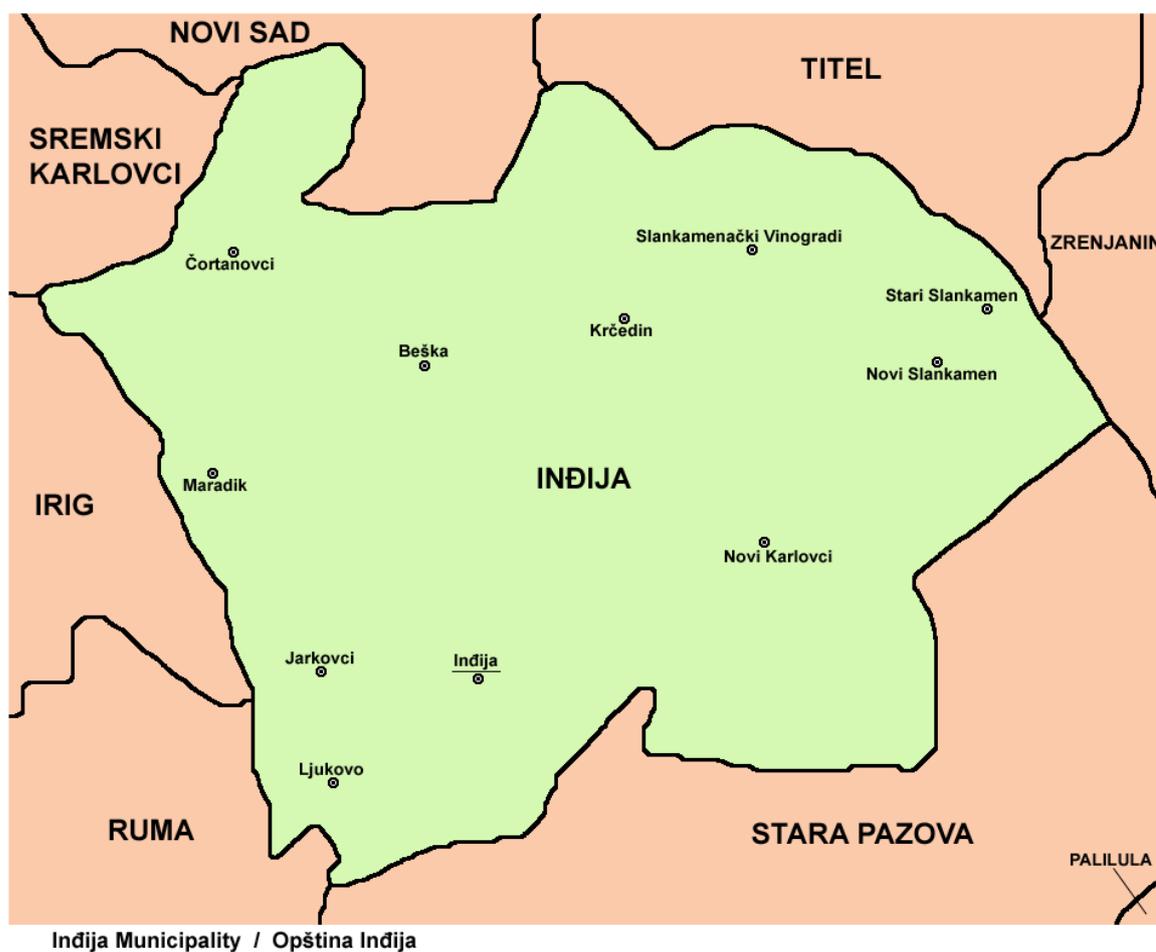
¹⁷⁸ O Bulldozer ou escavadeira virou o símbolo do fim da era de Milošević. Nas eleições gerais de 2000, Milošević recusara-se a reconhecer a derrota e a transferir a presidência para o candidato do DOS (Демократска опозиција Србије, Oposição Democrática Sérvia). Durante os protestos que se seguiram, a multidão usou uma escavadeira para assaltar o edifício da Rádio e Televisão Sérvia. A eleição de 2000 foi marcada pelo assassinato de Ivan Stambolić, mentor de Milošević, cujo corpo foi encontrado nas florestas do Fruška Gora. Em 2005, provou-se que a morte fora encomendada a unidades das forças especiais do exército pelo próprio Milošević, que via em Stambolić uma ameaça à sua continuidade no poder. Em 2003, o iniciador da nova transição, o primeiro ministro Zoran Đinđić também fora assassinado por membros das mesmas forças, cada vez menos ligadas ao exército e mais associadas ao mundo do crime organizado e ao novo empresariado. Sobre a morte de Đinđić e a sua percepção como o “Kennedy sérvio”, ver o artigo de Greenberg, “*Goodbye Serbian Kennedy*”: Zoran Dindic and the New Democratic Masculinity in Serbia” (GREENBERG, 2006). De acordo com muitos dos habitantes de Maradik, desde a morte de Đinđić a Sérvia vive uma espécie de “transição” permanente, com uma sucessão sem fim de programas de modernização, racionalização.

esferas das fábricas socialistas – se pensarmos na revolta operária de Berlim em 1953, nos protestos de Poznan em 1956 – ou nos meios estudantis urbanos – se pensarmos nos estopim na revolução na Hungria em 1956 ou na primavera de Praga em 1968.¹⁷⁹



Mapa 10 - O município de Indija [fonte Wikipedia Commons, 2018]

¹⁷⁹ Também caberia pensarmos na vasta literatura sobre sociedade civil no leste europeu, (para uma revisão geral ver COHEN; ARATO, 1994. Uma releitura antropológica pode ser encontrada em DUNN; HANN, 1996) cujo pressuposto geral é que as diversas formas de resistência frente aos autoritarismos socialistas e a reivindicação de direitos ou por democracia seriam fenômenos estritamente urbanos.



Mapa 11 - Indija e seus arredores [fonte Wikipedia Commons, 2018]

A primeira reforma agrária

Sem sair da minha rua, já morei em sete países e sobrevivi a três reformas agrárias. Um dia, era bebê ainda, fui dormir como húngaro, mas acordei no Reino Servo-Croata-Esloveno. Depois viramos o Reino da Iugoslávia; na Segunda Guerra aqui virou Croácia; depois a República Federal Socialista da Iugoslávia. Veio guerra de novo, aí viramos a República Federal Pequena e agora estamos na Sérvia. Mas todo este tempo e em todas estas mudanças sempre fui camponês, por mais que todos tentassem mudar e dizer o que era melhor para nós. Mas terra é terra; nossa vida. Pra eles é só papel... ou sujeira embaixo da unha.

– Jani bácsi, Maradék

János Varga, o Jani bácsi, nasceu em 1917 e morreu em 2005. O trecho acima citado foi por mim gravado em 2005, poucos meses antes de sua morte. Um ano depois, em 2006, um plebiscito em Montenegro marcaria o fim da União Estatal de Sérvia e Montenegro.¹⁸⁰ Já abordamos anteriormente a dissociação entre os conceitos de nacionalidade e cidadania (cf. tb. BASCH, 2011). Aqui, cabe retomar um dos elementos que representam para muitos dos que se consideram “nativos” o principal elemento de continuidade em meio a tantas rupturas: o ser camponês nas terras que dão subsistência a Maradék.

Os pais de János pertenciam à camada mais pobre de Maradék, com uma propriedade pouco maior que 1 hectare. Antes da Primeira Guerra Mundial, para garantir a subsistência da família, chegaram a trabalhar nas propriedades do conde Pejačević, cujo centro estava em Ruma e Indjija, a poucos quilômetros ao sul de Maradik. Segundo a literatura antropológica, os Pejačević, família da nobreza croata, empregavam preferencialmente camponeses húngaros e croatas em suas terras, enquanto as camadas sérvias mais pobres trabalhavam como diaristas nas propriedades dos mosteiros ortodoxos ao norte-noroeste da vila – Krušedol, Grgeteg e Hopovo (ÉGETŐ, 1990). Acima das famílias sem-terra ou com propriedades minúsculas (até 2,9 hectares), encontravam-se os camponeses médios (*middle peasants*) com parcelas de até 11,5 hectares e os *nagygazda* ou camponeses mais ricos (entre 11,5 e 57 hectares).¹⁸¹

¹⁸⁰ Mais precisamente, a República Federal da Iugoslávia, composta por Sérvia e Montenegro, existiu entre 1992 e 2003, quando foi renomeada como União Estatal da Sérvia e Montenegro. Assim, János teria morado não em sete, mas em oito formações estatais diferentes.

¹⁸¹ Segundo dados de Brashich, em 1895 mais de 80% da população do Srem estava nas duas primeiras categorias: 41,9% das parcelas de terra eram menores de 2,9 hectares, 40,8% entre 2,9 e 11,5 hectares, e 16,7% até 57,6 hectares. As terras acima da última categoria eram da aristocracia Croata da Eslavônia, constituam propriedade das igrejas ortodoxa e católica ou eram propriedades de bancos (BRASCHICH, 1954:15).

Foi neste contexto que teve lugar a primeira reforma agrária, iniciada logo em 1919 e que duraria até a invasão e partição da Iugoslávia em 1941. A reforma tinha basicamente um objetivo declarado e dois objetivos implícitos. Em primeiro lugar, era necessário resolver a “questão social”, ou seja, era preciso distribuir terra entre a grande massa de população rural com pouca ou nenhuma propriedade para cultivo. Tal objetivo era extremamente urgente nos territórios mais férteis como a própria Voivodina e partes da Bósnia-Herzegovina e da Croácia, todas sob regime de propriedades privadas bem demarcadas, mas onde a maior parte da população ainda vivia uma subordinação semifeudal em relação aos grandes proprietários que dispunham da maior parte das terras aráveis.¹⁸² O segundo objetivo, implícito, partia da percepção do novo estado reino sobre a necessidade de unificar minimamente o país em termos de cadastro populacional e de terras. Afinal, o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos reunia territórios que até 1918-19 pertenciam diretamente à Monarquia dual Austro-Húngara, à Bósnia, que foi anexada temporariamente pela Monarquia em 1878, ao Reino da Dalmácia, que fizera parte do Reino de Veneza até o final do século XVIII, e aos vastos territórios na Sérvia Central, Montenegro e Macedônia, que até 1912-13 faziam parte do Império Otomano. Finalmente, junto com a necessidade de unificação ou pelo menos de uma padronização administrativa, havia um outro objetivo não declarado, o qual dizia respeito a uma “eslavização” dos territórios incorporados ao reino onde as grandes propriedades, e, no caso da Voivodina, também as propriedades médias, pertenciam a elites ou a grupos que agora eram considerados estrangeiros ou de origem não-eslava. No Bačka e no Banat, as duas regiões do norte da Voivodina, os grandes latifúndios estavam em mãos de bancos, e, no caso do Banat, também das nobrezas húngara e romena. No Srem, como já vimos, os grandes proprietários tendiam a ser membros da nobreza croata. Assim, o assentamento de colonos e veteranos de guerra sérvios e montenegrinos provenientes do sul da Sérvia também fazia parte do projeto de nacionalização.¹⁸³

No caso específico da Voivodina, após a Primeira Guerra Mundial, a região, tradicionalmente considerada como celeiro dos estados e impérios dos quais formava parte, passou por um momento especialmente conturbado. Além das dificuldades provocadas pela guerra – redução drástica da produção, inflação, introdução de uma moeda nova, expropriações de terra, migrações forçadas e expulsões massivas etc. –, a Voivodina teve que carregar o peso

¹⁸² De acordo com dados citados por Jovana Diković, em 1910 o número dos sem-terra na província da Voivodina, recém incorporado ao Reino, era de 38,3% da população (DIKOVIĆ, 2014).

¹⁸³ Sobre a etnicização da primeira reforma agrária iugoslava, ver o texto de Christiano Giorgano, *The Ethnicization of Agrarian Reforms: The Case of Interwar Yugoslavia* (2014).

e a responsabilidade pela reconstrução econômica do estado recém-criado. Para as “novas minorias”, em particular húngaros e alemães, as novas políticas econômicas significaram a perda de suas posições dominantes na economia na medida em que Belgrado, o novo centro político, procurava conferir um caráter mais nacional, entenda-se sérvio, à economia da Voivodina (A. SAJTI, 2004: 136). Assim, em 1921, uma das primeiras medidas do governo, denominado na época de *Narodna uprava* (Diretoria Nacional), tinha por objetivo a nacionalização das empresas consideradas “estrangeiras”. De acordo com as novas regras, sociedades limitadas só poderiam funcionar se a maioria dos acionistas e a diretoria fosse “eslava” e, além disso, era obrigatório o uso da língua sérvia para a administração. Apesar dos créditos oferecidos pelos governos da Áustria e da Hungria a Belgrado, a perda dos contatos e de boa parte da clientela localizada nas antigas capitais imperiais, ou seja, em Viena e Budapeste, e as novas medidas introduzidas por Belgrado resultaram, já em 1922, na nacionalização completa da maior parte das empresas, bancos e cooperativas de crédito anteriormente em mãos alemãs (A. SAJTI, 2004).¹⁸⁴

No meio rural, as reformas tiveram seu início em 1919, com o manifesto do regente Alexandr sobre o que chamou de uma solução justa para a questão agrária. A proposta previa o fim dos resíduos feudais para os camponeses assim como a eliminação dos grandes latifúndios. De acordo com a proposta, o exército começou a confiscar as terras da igreja católica, de bancos húngaros e austríacos, além de ocupar a refinaria de açúcar e as terras do príncipe Habsburgo, Frederico, que totalizavam cento e dez mil hectares.¹⁸⁵ A reforma agrária visava antes de tudo unificar e homogeneizar a agricultura do estado recém-criado, unificando a estrutura fundiária e privilegiando as pequenas propriedades camponesas presentes no sul da Sérvia. O alvo da reforma eram as grandes propriedades localizadas em territórios que antes pertenciam às elites do Império Austro-Húngaro e às associações ou cooperativas camponesas, principalmente as baseadas na Croácia. Ainda que não fizessem referência direta e explícita às minorias, as medidas da reforma agrária continham elementos nacionalistas, como a cláusula que determinava que apenas cidadãos do Reino poderiam receber parcelas das terras confiscadas. Esse tom das medidas fez com que os camponeses húngaros, alemães, e romenos, com pouca ou sem nenhuma terra não pudessem receber das terras que estavam sendo redistribuídas, pois

¹⁸⁴ No do Bácska, as cooperativas de crédito húngaras sobreviveram até os anos 1930 graças ao financiamento recebido do Estado húngaro. Em 1923, as cooperativas alemãs fundaram sua própria organização, a *Agraria*, e continuaram recebendo crédito da Alemanha quase até o final da Segunda Guerra Mundial (WOLFF, 2000:150).

¹⁸⁵ Sobre a nacionalização de suas propriedades, Frederico chegou a interpelar o Reino Sérvio-Croata-Esloveno na corte da Liga das Nações, em Haia, pedindo não só a devolução de suas terras como a concessão da possibilidade para que retornasse e vivesse nas propriedades referidas (Gaćeša, 1972).

ainda estavam em curso as negociações sobre as repatriações, as trocas de populações e sobre a possibilidade de optarem pela sua cidadania anterior.

O “direito de opção individual” foi um dos pontos dos tratados de Trianon-Versailles, que redesenharam as fronteiras da Europa Central e Oriental, e dizia respeito à decisão individual para húngaros, judeus e alemães, de optarem individualmente por sua nacionalidade até o ano de 1924, e, em caso de optarem por outra que não a Sérvia, abandonarem o país até 1926 (A. SAJTI, 2004). Os prazos significaram que os membros das minorias referidas tiveram sua cidadania temporariamente suspensa, não tinham direito ao voto nem direito de participar da reforma agrária.¹⁸⁶

Na Voivodina, a situação anterior à reforma agrária apresentava uma dualidade curiosa: se, por um lado, a maior parte dos latifúndios estava em mãos alemãs e húngaras, por outro lado, os húngaros representavam mais de 40% dos camponeses sem terra (GACÉŠA, 1972). Num primeiro momento foram confiscadas as propriedades maiores de 100 hectares e o total das terras nacionalizadas chegou a quase 500 mil hectares. Desse total, aproximadamente a metade estava ou em mãos privadas (48% com proprietários húngaros, na sua maioria membros da aristocracia, 22% com proprietários alemães e 10% com proprietários judeus) ou pertencia à Igreja Católica; a outra metade constituía terras comunais que pertenciam a determinados municípios. A maior parte das terras confiscadas foi entregue às famílias colonas assentadas na Voivodina (7 hectares por família) e às famílias dos *dobrovoljci* (voluntário, em sérvio), isto é, às famílias dos soldados sérvios e montenegrinos que se alistaram e serviram como voluntários no exército sérvio na Primeira Guerra Mundial e aceitaram migrar do Montenegro, do sul da Sérvia, e da Bósnia, para a Voivodina. Segundo Enikő A. Sajti (2004), neste período foram assentadas aproximadamente 20 mil famílias de colonos e voluntários. O restante das terras a serem distribuídas foi entregue a camponeses sem ou com propriedades pequenas; húngaros e alemães, porém, não receberam nada devido à demora para resolver a indefinição de sua cidadania. Um outro aspecto importante foi a isenção de impostos para os colonos e voluntários, que, além disso, recebiam ajuda para comprar equipamentos para o cultivo da terra, dado que na sua maioria procediam de áreas de pastoreio e não possuíam muita experiência em cultivo de terra.¹⁸⁷

¹⁸⁶ O direito de opção dos tratados de paz da Primeira Guerra Mundial dizia respeito a quase todos os Estados sucessores do Império Austro-húngaro, dado que nenhum deles aceitava a possibilidade de dupla nacionalidade. Em alguns casos, como por exemplo entre a Tchecoslováquia e a Hungria, tomaram-se medidas mais drásticas para resolver as questões das minorias com deportações e repatriações massivas (A. SAJTI, 2004).

¹⁸⁷ Uma das consequências da reforma agrária foi a migração massiva de húngaros e alemães para as Américas. Estima-se que neste período um total de 50 mil pessoas saíram da Voivodina (A. SAJTI, 2004).

Após as reformas, a estrutura fundiária da Voivodina ficou da seguinte forma: de toda a terra cultivada, 52% pertencia a sérvios ou montenegrinos, 14% pertencia a húngaros e os 33% restantes a alemães e outras minorias nacionais (MESAROŠ, 1989). A província continuava com seu caráter rural, com mais de 70% de seus habitantes trabalhando na agricultura. Diante das dificuldades geradas pelas perdas da Primeira Guerra Mundial, a crise de 1929, e as políticas de Belgrado, a província mais rica e fértil pagava em média quatro vezes mais em impostos do que as outras províncias: eram 290 dinares anuais por cabeça, enquanto que no restante da Sérvia o mesmo imposto era de 70, na Croácia 100 e na Eslovênia 193 (SAJTI, 2004).

Do ponto de vista prático, além das restrições às nacionalidades não eslavas, a reforma privilegiou camponeses com pouca ou nenhuma terra, famílias de soldados mortos em combate e veteranos da guerra. Todas as propriedades que excediam os limites máximos estipulados pela lei de 1919 foram expropriadas e seus donos eram compensados com títulos financeiros ou dinheiro equivalente. As terras expropriadas passavam a fazer parte do fundo estatal de terra e eram distribuídas para os novos beneficiários na forma de concessão ou arrendamento temporário. Os beneficiados, por sua vez, para se tornarem proprietários efetivos e definitivos das parcelas distribuídas, tinham que completar pagamentos anuais da concessão durante quatro anos, se comprometiam a não deixar nenhuma parcela das terras distribuídas sem cultivo, e, a fim de evitar uma nova concentração latifundiária, eram proibidos de revender a terra distribuída para terceiros (Diković, 2014).

Se os principais objetivos eram alterar e, depois, consolidar relações de propriedade privada, mediante a criação de um campesinato de pequenos e médios produtores, e acabar com os vestígios feudais, a reforma acabou produzindo resultados bastante adversos, mesmo nas regiões mais férteis como era o caso de Maradék ou da Voivodina em geral. Do ponto de vista da produtividade, os resultados caíram bastante em comparação aos índices do pré-guerra, na medida em que novos proprietários tinham pouco acesso à tecnologia e fertilizantes modernos (BRASCHICH, 1954). Do ponto de vista social, a vinda de novos colonos de regiões diversas provocou alterações nos múltiplos universos sociais nas localidades da Voivodina. Em Maradék, muitos das gerações mais velhas, nascidas nos anos 1930, ainda relembram o ressentimento dos que não foram beneficiados pela reforma. Alguns desses ressentimentos até hoje são narrados com conotações nacionais, na medida em que as novas minorias do Reino da Iugoslávia foram excluídas da reforma. Outros maradikianos relembram os atritos entre os sérvios locais e os recém-chegados da Sérvia central ou do Montenegro. É bastante provável que piadas e estereótipos que sérvios da Voivodina contam sobre seus compatriotas do Sul

tenham origem nessa época. Na maior parte dessas piadas, os sérvios ao sul do rio Sava e do Danúbio (que inclui o centro político, Belgrado) são “*verdadeiros selvagens*”, “*menos civilizados*”, “*bebem demasiado*”, e, acima de tudo, “*não entendem nada de economia*”.

Ao mesmo tempo, é importante notar como a reforma agrária acabou criando algumas alianças inesperadas, sobretudo se pensarmos no objetivo de “eslavização”. De maneira geral, as circunstâncias econômicas e a crise mundial de 1929 resultaram num endividamento geral da população. O grupo dos beneficiários ou destinatários da reforma agrária foi especialmente afetado, pois a grande maioria teve que contrair créditos adicionais para o pagamento das parcelas referentes à concessão das terras para seu resgate final. Os descendentes dos colonos *dobrovoljci*, vindos do Montenegro e da Sérvia Central, lembram até hoje como nos primeiros tempos suas terras tinham um rendimento muito menor que o dos locais, pois lhes faltavam conhecimentos técnicos sobre cultivo de grãos e não dispunham de redes familiares e alianças mais extensas que poderiam ter suprido a falta de acesso à maquinaria moderna e à mão de obra necessárias para o cultivo. Foi assim que surgiria uma aliança inusitada entre os *dobrovoljci* e os camponeses húngaros, que não foram contemplados pela reforma agrária, mas tinham bons conhecimentos dos segredos do cultivo e, assim, acabaram arrendando as terras concedidas aos seus novos vizinhos. Além de facilitarem os pagamentos e de possibilitar o direito de propriedade, acabaram também estabelecendo laços de solidariedade e de cooperação que culminariam em vários casamentos celebrados já no final dos anos 1930.

O fim da reforma e a Segunda Guerra Mundial

A partir de 1931, o Reino da Iugoslávia passou por uma série de dificuldades para a “liquidação” das reformas. Por um lado, a maior parte do campesinato estava endividada e não conseguia completar o pagamento final pelas terras, por outro lado, o Estado também enfrentava crises econômicas e políticas e não conseguia compensar os donos originais das terras expropriadas. Assim, o Ministério da Agricultura optou por possibilitar acordos privados e facultativos entre proprietários originais e os beneficiários da reforma. Essa medida, mais uma vez, beneficiaria camponeses mais ricos ou então endividaria ainda mais os mais pobres, pois o pagamento das concessões era requisito obrigatório para o registro e transferência final da posse para os destinatários da reforma (DIKOVIĆ, 2014). Tais dificuldades impediram que a reforma pudesse ser considerada como finalizada e resultaram no descontentamento cada vez maior tanto por parte dos beneficiados pela reforma como das elites que tiveram suas

propriedades expropriadas, mas não recebiam a compensação prometida pelo Reino. Finalmente, a partir de 1939, o início da Segunda Guerra Mundial extinguiu qualquer tentativa do governo de encontrar uma solução para o imenso endividamento no meio rural e o descontentamento geral com as políticas fundiárias e os monopólios estatais do mercado interno e externo de grãos (LAMPE; JACKSON, 1982). Em 1941, após um golpe de estado contra o regente Pavle Karađorđević, o Reino da Iugoslávia é invadido pelas potências do Eixo e dividido em quatro unidades: a Sérvia fica sob controle alemão direto; sob comando do governo fantoche do Movimento Revolucionário Croata (*Ustaša*), a Croácia declara sua independência, incorporando a maior parte da Bósnia-Herzegovina; a Itália anexa o litoral da Dalmácia e do Montenegro bem como o sul da Eslovênia; e a Bulgária anexa a Macedônia iugoslava e grega. Na Voivodina, o Srem é reincorporado à Croácia, o Bačka é invadido e anexado pela Hungria, e o Banat fica sob administração dos *Donauschwaben* (alemães locais).

Na Voivodina, as maiores atrocidades foram cometidas no Bácska, ocupado pelo exército húngaro, que deportou imediatamente a população judaica de Subotica (Szabadka) e Novi Sad (Újvidék). Entre os vários pogroms incitados por soldados do exército destaca-se o massacre de 1942 de Novi Sad, quando mais de 4 mil civis acusados de serem simpatizantes comunistas e *chetniks* são fuzilados na beira do Danúbio (Golubović, 1991).¹⁸⁸ Após o avanço dos *partisans* na guerra de libertação do povo (*Narodno Oslobodilački Rat*) e a “reconquista” do Bačka e da Voivodina, o pogrom de Novi Sad seria retaliado e aproximadamente 50 mil civis, principalmente húngaros e alemães, mas também sérvios acusados de serem simpatizantes nazistas e *chetniks*, são ou mortos, ou deportados para a União Soviética, ou desaparecem (SAJTI, 2004).

Como o Srem fora incorporado ao regime *ustaša* da Croácia, em Maradik não temos indícios de atrocidades semelhantes aos do norte da Voivodina. Embora pouco se fale deste período na vila, poderíamos descrevê-lo com a frase atribuída a Josip Broz Tito: “*O campesinato segue sempre quem quer que seja o mais forte*” (Tito 1942 apud. BOKOVOY, 1998). No período inicial, uma parte dos não-sérvios em Maradék estava esperançosa com os *ustaša* em vista do descontentamento com os resultados da reforma agrária, do endividamento geral, da perspectiva de passar a integrar novamente Croácia, tida por muitos como mais moderna e desenvolvida, além dos ressentimentos nacionais principalmente com os colonos *dobrovoljci*. Mas a simpatia inicial, já por volta de 1942-43 se transformaria em medo, diante

¹⁸⁸ De acordo com Golubović, a maior parte das vítimas eram sérvias (2578) e judias (1068).

da brutalidade das milícias *ustaša*, que saquearam repetidamente os vilarejos do Srem ocidental levando basicamente todas as reservas de grãos e animais para abate.¹⁸⁹ A brutalidade da guerra e a crueldade dos movimentos nacionalistas deixou um terreno fértil para o movimento comunista e os *partisans* de Tito, que lutavam tanto contra as potências invasoras como contra seus aliados locais. Embora a população no meio rural desconfiasse da ideologia socialista, também reconheciam méritos de Tito e os comunistas pela sua oposição às políticas agrárias do período entreguerras. Segundo nota Bokovoy, na competição pelo “coração e as mentes camponesas”, foi essencial a percepção de Tito sobre a necessidade de abandonar o linguajar socialista complicado e dogmático. Assim, já desde cedo, os *partisans* abandonam as referências à luta de classes e a aliança camponesa-operária e passam a tratar o campesinato na sua condição de produtores e proprietários, prometendo reforma agrária plena, sem as exigências burocráticas do pré-guerra e com ampla distribuição de terras (BOKOVOY, 1998). No caso específico de Maradik, o Srem oriental e o Fruška Gora passam a ser um dos palcos principais da guerra quando os *partisans* tomam Belgrado ao derrotar as unidades *chetniks* na Sérvia Central e avançam até o Srem com o objetivo de cortar as linhas de comunicação e de logística do exército alemão distribuídas por toda a zona oriental do Mediterrâneo (principalmente Albânia e Grécia).

Em 1944, milícias *ustaše* e unidades alemãs entrincheiram-se na frente do Srem para tentar defender as linhas de suprimento, construindo linhas defensivas escalonadas entre Vukovar e Indija (PAVLOWITCH, 2008). Em Maradik, a proximidade de Indija garantiu uma relativa segurança perante massacres e vendetas descontroladas, pois o KPJ (Partido Comunista Iugoslavo) organizou a distribuição de comida de uma maneira mais ordenada e sem saques ou assaltos à população. Uma parte da população húngara e sérvia, principalmente camponeses das camadas mais pobres, entraram nas fileiras do exército de Tito. A vingança nesta região atingiu sobretudo as comunidades alemãs de Beška e Ruma; muitos conseguiram fugir junto com as unidades alemãs e croatas em retirada, mas também uma parte significativa seria

¹⁸⁹ Em outras partes da Voivodina, da Sérvia, e nas Krajinas Croatas, a brutalidade dos *chetniks* teve efeitos semelhantes, embora tivessem um apoio maior no meio rural na medida em que mobilizavam com maior sucesso a simbologia camponesa e se referiam ao campesinato de fala sérvia como detentor e guardião dos valores nacionais. Em relação aos movimentos *ustaše* e *chetnik*, ver a monografia de Jozo Tomasevich (reeditada em 2001). Cabe ressaltar que até hoje são poucas as monografias acadêmicas bem documentadas sobre este período da guerra, silenciado tanto durante o período socialista, que classificava ambos movimentos como colaboradores derrotados, como nos dias atuais. As novas historiografias dos Estados pós-Iugoslavos tendem a silenciar a colaboração dos dois movimentos com a Alemanha nazista e a Itália fascista e as atrocidades cometidas contra a população civil, especialmente as minorias nacionais e étnicas. Nos dias de hoje, lideranças *ustaše* foram reabilitadas na Croácia e o uso de simbologia *ustaše* é bastante frequente na vida política. Na Sérvia observa-se um movimento semelhante: a principal liderança *chetnik* Draža Mihailović, executado em 1946 por crimes de guerra, teve a sentença anulada e foi reabilitado em 2015.

deportada para campos de prisioneiros em Sremska Mitrovica e, de lá, para a Alemanha. Além das perdas humanas e da destruição quase total da infraestrutura, a guerra e os saques colocaram a maior parte das terras fora de cultivo. É neste contexto de devastação total que se forma a Iugoslávia socialista. O marechal Tito assume a presidência da nova federação e, entre as suas primeiras medidas no Partido Comunista da Iugoslávia, dá início à segunda reforma agrária com o lema “a terra é de quem o cultiva” (*zemlja seljacima*), mantendo assim a sua promessa feita ao campesinato durante a guerra.

O pós-guerra e a segunda reforma agrária

As primeiras leis aprovadas pelo novo regime seguiam basicamente o caminho e as diretrizes da União Soviética, estatizando e nacionalizando todas as esferas produtivas com a exceção da agricultura. Por um lado, e como sugerem os debates internos no KPJ analisados por Ivo Banac e Melissa Bokovoy, entre outros, Tito e a elite partidária estavam cientes do desastre econômico e humano da coletivização forçada na URSS dos anos 1920. Por outro lado, percebia-se a necessidade de assegurar o apoio do campo para a reconstrução do país e para o projeto de industrialização acelerada (BANAC, 1988; BOKOVOY, 1998). Assim, ao lado das medidas de estatização, já em agosto 1945, é aprovada a Lei sobre a Reforma Agrária e Colonização, que suspendia todas as dívidas do campesinato perante os bancos e expropriava todas as terras em propriedade das igrejas, dos monastérios, dos bancos e das grandes empresas, e dos alemães expulsos e deportados da Iugoslávia. A lei também fixava o tamanho máximo da propriedade de terra por família. O limite dependia da região. No Bánát e Bácska, onde se encontrava a maior parte das terras expropriadas, o limite era de 36 hectares por família; no Srem, era de 25 hectares. A terra foi imediatamente distribuída, primeiro para os camponeses com menores parcelas, depois para camponeses médios, e finalmente para os novos “colonistas”, que era a denominação das famílias de *partisans* que lutaram na guerra e que ganhariam recompensa por seus serviços na forma de lotes nas regiões mais férteis, no caso da Voivodina (BOKOVOY, 1998:37). Aqui é importante notarmos como a segunda reforma não apresentava nenhuma medida etnicizante, pois um dos objetivos do socialismo era o de superar tais diferenças. Ao mesmo tempo, a distribuição de colonistas-partisans por todas as localidades, era vista como um meio eficaz de fazer chegar e disseminar os ideais socialistas, além de garantir certo controle do partido por meio de seus membros mais fiéis sobre a população. Em Maradik, conta-se até hoje a desconfiança inicial em relação aos colonistas que,

antes de chegarem à localidade de destino e de receberem seus lotes de terra, eram obrigados a realizar cursos rápidos de marxismo-leninismo, e, uma vez no local, passavam a presidir os conselhos locais de liberação nacional (NOO ou *Narodnooslobodilacki odbor*). Nas reuniões regulares dos NOO, os novos quadros tentavam, sem muita eficácia, preparar o terreno para a implementação futura da organização socialista da propriedade e do trabalho no meio rural. Alguns dos maradikianos ainda se lembram das reuniões do conselho, nas quais transmitiam-se notícias políticas oficiais sobre a nova Iugoslávia e agitava-se em prol do novo sistema:

Até hoje lembro que não entendia metade das palavras que eles usavam. Alienação, materialismo histórico, meios de produção, que no fundo era só um jeito complicado de chamar as ferramentas. [...] Mas o Stojanovic, nosso primeiro comissário, também não entendia muito, ficava nervoso que nem pupilo na chamada oral, mas ele ficava lendo as notas e lia as novas palavras soletrando. [...] Não sei se é verdade, mas ouvi uma história sobre o camarada conselheiro de Dobradol, que era bastante burro: ele dizia que a metade do mundo já era socialista, e que num futuro seria um quarto, e depois um oitavo e um dezesseis avo, e no final o mundo inteiro seria socialista. E a gente ria dele, porque de números a gente entende, e a gente não conseguia imaginar ele lá no sul, porque mesmo que nunca tenha cultivado terra, eles deviam precisar de números até para contar as ovelhas. Mas talvez não precisassem de frações (Slobo Đorđević, nascido em 1935).¹⁹⁰

Apesar da desconfiança inicial, as primeiras medidas socialistas consolidaram o apoio da maioria ao novo sistema. Isso porque, e contradizendo os medos e pressupostos, a reforma agrária consolidava a propriedade privada do campesinato. Em Maradék, não sobrou nenhum camponês sem-terra e a reforma transformaria a grande maioria dos seus habitantes em camponeses médios, com propriedades entre 7 e 15 hectares.

Como costumam lembrar, contudo, em Maradék “*o casamento com os comunistas durou muito pouco*”. O governo não conseguiu implementar a urbanização, a industrialização e a modernização na velocidade que se julgava necessária. A industrialização e a modernização urbana dependiam do aumento drástico da produtividade no campo, o que era impossível para o campesinato com terras de médio porte e sem acesso a maquinaria e fertilizantes modernos; ao mesmo tempo, para providenciar maquinaria moderna para o campo era necessário industrializar e produzir os equipamentos (BOKOVOY, 1998). A reforma agrária apaziguara o descontentamento no meio rural, sem o qual seria impossível modernizar as zonas urbanas.

¹⁹⁰ Talvez o discurso lembrado por Slobo não tenha sido proferido em Dobrodol e seja um elemento “universal” do folclore socialista. Na Hungria, por exemplo, circulou uma história bastante parecida sobre um secretário do partido, com a diferença de que, hoje em dia, ressalta-se a precisão do tal camarada ao prever o futuro – ao menos até a parte em que um dezesseis avo do mundo seria socialista.

Agora, porém, era a paz urbana que estava em risco pela falta de emprego e pela dificuldade de suprir as demandas por alimentos da população das grandes cidades, dos veteranos de guerra e das brigadas de voluntários que reconstruíam as estradas, portos e ferrovias destruídas na guerra.¹⁹¹ Para agravar a situação, os camponeses na Voivodina também estavam perdendo seu entusiasmo inicial e as “brigadas voluntárias” foram abandonando a lavoura nas terras estatais que não tinham sido distribuídas na reforma agrária e estavam reservadas para as futuras fazendas coletivas. Mesmo tendo retomado a produção nas suas terras privadas, muitos dos produtores estavam segurando ao máximo a venda de grãos, pois os preços fixados pelo estado estavam muito abaixo do esperado.¹⁹² Para contornar os preços achatados – e para o desespero dos membros locais do partido encarregados de disseminar os ideais socialistas no campo –, foram imediatamente criadas estruturas paralelas de compra e venda, de troca e de crédito ilegal. Em Maradik e outras vilas da redondeza, criou-se, por exemplo, um comércio clandestino envolvendo os produtores de trigo e centeio e os moleiros da região. Durante a noite, uns moíam os grãos, outros assavam pão, que na época estava sendo racionado, ainda outros transportariam o pão clandestinamente para as cidades da região (Ruma, Índija, mas também Novi Sad e Mitrovica). Ao final, os custos e lucros eram divididos entre todos os envolvidos. Os camponeses contornavam os pontos oficiais de distribuição de comida e a agência estatal, a única opção para venda. Ironicamente, enquanto os comunistas, receosos de implantarem cooperativas estatais, optaram pela introdução gradual da agricultura socialista, os camponeses criavam justamente o que os comunistas pretendiam, mas de forma clandestina: cooperativas de produção e venda, só que ilegais.

Para tentar resolver o impasse da urgência pela industrialização e o aumento da produtividade do campo com a mecanização, a cúpula do SKJ decide então se desviar do plano inicial e acelerar a implementação de estruturas coletivas no campo, introduzindo uma série de medidas restritivas. Como discute Jovica Luković (2015), as agências agrícolas de cada unidade

¹⁹¹ Para piorar a situação, a URSS de Stálin também estava exercendo uma pressão sobre o regime Iugoslavo, e formulava suas primeiras críticas de desvio da ortodoxia comunista justamente em relação à reforma agrária, que acabou fortalecendo e consolidando a propriedade privada. A pressão de Stálin era formulada por meio de comunicados do escritório do Kominform, sediado justamente em Belgrado (BOKOVOY, 1998). KOMINFORM era o acrônimo em russo do Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários, que promovia o intercâmbio de informação entre os diferentes partidos comunistas da Europa Oriental e o PC da URSS, e que também servia como instrumento de pressão e influência da União Soviética sobre o resto do bloco (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cominform>).

¹⁹² Apesar das dificuldades no período da Grande Depressão, quando o estado tentava tabelar preços, no pré-guerra havia mais opções de compra e venda. Entre elas, agências privadas de exportação ou a associação agrária alemã, que na Voivodina, era responsável pelas exportações para a Alemanha e para a Áustria (LAMPE; JACKSON, 1982).

administrativa foram orientadas a reunir toda a maquinaria confiscada (principalmente dos alemães, mas também dos “inimigos do povo” que apoiaram os *chetniks* ou os *ustase* na Segunda Guerra) e todos os donos de tratores e colheitadeiras foram obrigados a registrar suas ferramentas. Com o confisco, são criadas estações de maquinaria agrícola, cuja função seria controlar o uso e a distribuição do maquinário. Por sua vez, a agência agrícola estatal, a *Poljopromet*, centraliza ainda mais a compra, venda e distribuição de grãos e, em 1947, a produção agrícola seria incluída no primeiro plano quinquenal. Proíbe-se a compra, a venda e o arrendamento de terra, o que significaria o fim de qualquer circulação de capital e propriedade, e institui-se o *otkup*. O *Otkup* significava a entrega compulsória de produtos da agricultura e da pecuária à agência estatal com preços fixos (abaixo dos preços do mercado) e em quantidades previamente determinadas (LUKOVIĆ, 2015:172-174). As quantidades a serem entregues ao estado eram estabelecidas em função do tamanho das terras cultiváveis por cada família, independentemente de seu acesso a maquinaria e fertilizantes, e não pela qualidade das terras ou rendimento prévio. Portanto, o *otkup*, particularmente por conta das cotas estabelecidas anualmente, significou mais uma restrição séria na economia camponesa. Em primeiro lugar, a lei permitia a coleta da *otkup* pelas autoridades imediatamente após a colheita, o que impedia o armazenamento do trigo que cada família calculava que seria necessária para sua subsistência durante o ano. O mesmo acontecia com o milho, que era a principal ração para a engorda de porcos para os meses de inverno. Em segundo lugar, o *otkup* significava a abolição dos poucos mecanismos de mercado que ainda restavam, como a possibilidade de vender o excedente, a qual, na economia camponesa tradicional, era a parte que se reinvestia no cultivo ou, em condições ideais, possibilitaria a expansão para além da subsistência. Por fim, uma outra forma de *otkup* denominada de *radne akcije* (ação trabalhista) seria introduzida com o esfriamento do entusiasmo inicial e da vontade de participação nas brigadas voluntárias que reconstruíam a infraestrutura iugoslava destruída na guerra. Tratava-se de dias de trabalho obrigatórios e sem remuneração em obras urbanas. Em Maradék, os jovens da vila foram recolhidos por caminhões do exército popular iugoslavo e levados para a construção de Novi Belgrado, o bairro novo aberto na capital onde estavam em construção as *cohabs* gigantes destinadas à moradia popular dos novos operários que trabalhariam na indústria ainda a ser criada nos grandes centros urbanos.

Ao lado do *otkup* e as *radne akcija*, com o intuito de resolver o problema da produtividade, o SKJ decide em 1946 implantar o sistema de cooperativas. Com base no modelo soviético, criam-se então as *seljačka radna zadruga* (SRZ, cooperativa de produção camponesa), que seriam o equivalente às fazendas coletivas soviéticas (os *kolkhoz*), e as *opšta*

zemljoradnička zadruga (OZZ, cooperativa agrícola geral).¹⁹³ Cabe notar que, para a coletivização da agricultura, escolhe-se um termo familiar à maior parte do campesinato, pois *zadruga* até recentemente designava as famílias extensas comunais. De acordo com o plano do SKJ, as OZZs seriam uma cooperativa transicional e, com o tempo e a adesão do campesinato, seriam transformadas em cooperativas SRZ. A principal diferença entre as duas formas é que nas OZZs os membros retinham formalmente seus títulos de propriedade, mas o cultivo, a compra de insumos e a venda dos produtos se daria de forma coletiva. A divisão da renda dava-se proporcionalmente à contribuição de cada um, em parte pelo número de dias trabalhados no coletivo e em parte proporcionalmente ao tamanho de terra contribuída no momento de entrada na cooperativa. Nas SRZ, ao contrário, a entrada significaria a transferência formal dos títulos de posse ao coletivo, que seria o dono formal. A SRZ seria a forma socialista ideal da produção, na qual o coletivo dispõe não apenas das terras, mas também dos meios de produção, da divisão do trabalho e dos salários. Dessa maneira, chegamos a um outro paradoxo deste momento inicial do socialismo iugoslavo, constantemente cobrado e criticado pela União Soviética e pela Kominform, e que dizia respeito à coexistência de três formas de propriedade: a propriedade privada, que foi consolidada e fortalecida com a distribuição de terras; a propriedade privada administrada coletivamente nas *zadrugas* intermediários; e a propriedade coletiva genuinamente socialista, administrada coletivamente. Essa confusão ou pluralismo de “regimes de propriedade”, para usar o termo de Katherine Verdery (2004), leva à primeira resolução oficial da Kominform que condenava a Iugoslávia pela sua relutância em implementar políticas agrárias socialistas e por proteger o campesinato burguês (LUKOVIĆ, 2015).¹⁹⁴

Como mostram os debates internos no SKJ analisados por Bokovoy (1998), as medidas aparentemente contraditórias consolidariam os planos de Tito e seus principais conselheiros econômicos, Moša Pijade e Milovan Djilas, e resultariam na opção de transformar a economia gradualmente, de maneira que formas privadas evoluiriam lentamente até a coletivização plena e a consolidação do projeto alternativo resultaria no primeiro plano quinquenal. A implementação dessas medidas, contudo, encontrou sérios obstáculos no campo. Em Maradék, assim como em outras partes da Voivodina, o período é lembrado com horror

¹⁹³ O termo *kolkhoz* em si, é uma abreviação da expressão russa ‘propriedade coletiva’, *коллективное хозяйство* (*kollektivnoye khozaystvo*).

¹⁹⁴ Em 1948, a URSS e a Kominform rompem definitivamente com a Iugoslávia de Tito. Embora a historiografia oficial da Guerra Fria enfatize outras razões para o rompimento – o envolvimento da Iugoslávia na guerra civil da Grécia, os planos de Tito sobre a fusão com a Bulgária e a percepção de Stálin da pouca confiabilidade dos iugoslavos – certamente o “desvio ideológico” na política agrária teve um papel fundamental. Sobre a ruptura Tito-Stálin, ver a monografia de Ivo Banac, *With Stálin against Tito: Cominformist Splits in Yugoslav Communism* (1988).

e é o início de um longo período de “resistência” e sabotagem ao novo sistema proposto pelo Partido Comunista, que acabou por desfazer rapidamente o período inicial de entusiasmo conquistado no meio rural durante a Segunda Guerra e a posterior distribuição de terras. O principal problema era o *otkup* e as quantidades, consideradas enormes, de grãos e de carne a serem entregues ao estado, que não só confiscava o “excedente”, outrora vendido nos diferentes mercados para ser depois reinvestido na terra, mas ameaçavam seriamente a garantia das reservas para a subsistência. A impossibilidade de providenciar comida para a família e os animais era, e é até hoje, o principal sinal de fracasso de um *gazda* na Voivodina. Assim, em Maradék, desde o começo, a grande maioria se recusava a entregar o *otkup* na agência coletora instalada junto com a primeira cooperativa do tipo OZZ: as estratégias iam da alegação de perda de partes da colheita pela seca, ou pela chuva e umidade dependendo do clima, ao ocultamento da colheita em compartimentos secretos cavados nos currais e nos porões das *kuća*.

Os conselhos locais, encarregados de convencerem os habitantes a ingressarem na cooperativa agrícola, também foram encarregados da supervisão das entregas forçadas. O problema era que, nos conselhos, encontramos pessoas da própria comunidade, eles mesmos produtores, ou então colonos e veteranos, com pouco poder de convencimento e com relações locais não muito consolidadas. Janko “Crveni” (vermelho) que se tornaria comissário do partido em Maradék na década de 1960, lembra até hoje a sua dificuldade de agir como intermediário com os poderes e comissões regionais: *“quando era notícia boa, era fácil chamar uma reunião geral na vila, mas, quando eram coisas mais complicadas, passava dias tentando formular um jeito bom de repassar diretrizes, afinal de contas os moradores daqui eram meus primos, meus vizinhos e meus amigos”*. Ainda que Jankó tenha sido comissário do partido já num período considerado mais tranquilo ou menos conturbado, sua fala permite ressaltar este elemento ambíguo na relação dos representantes do partido e a população local. Essa ambiguidade é frequentemente ignorada por uma certa visão do senso comum ocidental sobre os totalitarismos de esquerda, que costuma enxergar nos estados socialistas uma imposição ideológica que se difundia “de cima para baixo”. Como notam Verdery e Kligman na sua monografia sobre a coletivização na Romênia, a relação entre representantes do partido e a população local era dinâmica. A partir dela, com o tempo, seriam formados tanto sujeitos socialistas como também quadros locais. Estes, pouco treinados, negociavam tanto para cima como para baixo (KLIGMAN; VERDERY, 2011). A ideologia, no caso a coletivização nos termos do Partido Comunista, vinha de cima, mas seus agentes no terreno nem sempre agiam de acordo com as diretrizes, moldando e negociando com elas. Na Voivodina, os comitês locais estavam sob fogo cruzado, pois eram cobrados pelos centros regionais pelo mau desempenho na colheita do *otkup*

e pelos maus resultados no recrutamento de membros para a cooperativa. Por outro lado, eram constantemente desafiados pelos locais, que boicotavam as entregas compulsórias e se recusavam a entrar na cooperativa.

Até os anos de 1949 e 1950, ingressaram na cooperativa apenas as famílias de veteranos do Montenegro e da Sérvia, os moradores mais recentes da vila com suas terras recém-obtidas, e alguns poucos camponeses cuja propriedade e recursos eram menores para o cultivo de suas terras e a entrega do *otkup*. Esse tipo de fenômeno preocupava os centros distritais e regionais do Partido, pois julgava-se que a coletivização só seria bem-sucedida a partir do momento que os proprietários médios e grandes entrassem nas *zadrugas* coletivas, não só porque esses proprietários possuíam um volume maior de terras (entre 15-20 hectares por família), mas também porque poderiam influenciar o restante da população uma vez que eram os segmentos com maior prestígio social.

Géza Berta, que na época tinha cinco anos, lembrava a relutância de seu pai em entrar na *zadruga*. A resistência com as entregas da *otkup* era ainda maior. Os Berta e outras famílias tiveram incêndios “acidentais”:

Já que não se podia vender o milho, meu pai preferiu queimá-lo. Houve muitos incêndios na vila aquele ano. E quando vinham cobrar o otkup, culpávamos a seca e o vento. Eu e meu irmão éramos crianças e não conseguíamos entender como a maior parte do tempo faltava pão para comer junto à sopa, aí, de repente, meu pai nos acordava de madrugada e todos os parentes e vizinhos estavam no udvar matando dois porcos ao mesmo tempo. E os mais velhos diziam para todo mundo comer o máximo, pois não se sabia quando iríamos comer carne de novo.

Tratava-se de todo um circuito de abates e banquetes clandestinos. Como não era possível guardar e preservar a carne como nos dias de hoje, toda a vizinhança era convidada.¹⁹⁵ Em duas ou três semanas seria a vez dos vizinhos, e, no final do inverno, não sobrariam porcos para o *otkup*. Muitos preferiam matar os porcos em vez de entregar a carne, pois a cota era de 300-400 quilos anuais, o equivalente a dois ou três porcos que cada família consumia. Os abates eram feitos de madrugada, para não levantar a suspeita das autoridades, mas às vezes contavam com a presença de membros locais dos comitês, “*pois eles também tinham que comer e era uma forma de agradecer e garantir que não nos denunciariam no comitê distrital da Indija*”. Os

¹⁹⁵ Marko Živković relata banquetes e festas semelhantes que aconteceram em Belgrado durante diferentes fases do embargo internacional, ao longo dos anos 1990, e durante o bombardeio da cidade pela OTAN, em 1999. Com a destruição das pontes de Novi Sad, das refinarias e de algumas linhas de transmissão da rede elétrica que supriam a cidade, os banquetes eram itinerantes e aconteciam sempre nos bairros onde havia eletricidade para guardar comida perecível (ŽIVKOVIĆ, 2011).

habitantes da rua Kertész relembram até hoje as matanças de porco do inverno de 1949-50. “*O ano foi bem magrinho, os porcos também, porque o milho foi para o otkup. Mas nunca na minha vida enchi a pança como no dia de Santo André de 1949*” – lembrava Géza, enquanto me ensinava os segredos de fazer o torresmo durante a matança que iniciaria a temporada em novembro de 2007.

Embora não seja possível falarmos de uma resistência aberta e frontal, o boicote ao *otkup*, a recusa a entrar voluntariamente na *zadruga*, e as queimadas da colheita, constituem aquilo que James Scott (2003) chamaria de *Weapons of the weak*, isto é, armas dos fracos, meios de resistência de grupos subalternos perante agentes do colonialismo, elites latifundiárias, a comercialização da agricultura ou, como mostram os exemplos de Maradik, a coletivização da agricultura. Uma outra forma de resistência era a ridicularização e constrangimento dos comissários e agitadores da coletivização, como mostra a referência de Sloba Đorđević ao comissário Stojanović no trecho anteriormente citado. Géza Berta contou sobre uma reunião convocada pelo mesmo comissário em Maradék em que um agrônomo socialista de Ruma explicaria melhor as vantagens da *zadruga*. O principal ponto da palestra era mostrar como era interesse do próprio campesinato o trabalho coletivo, que seria mais racional e eficiente:

“Camaradas camponeses, a terra não será desapropriada, distribuimos ela justamente porque vocês serão a essência da economia socialista. A terra continuará sua. Mas cultivaremos juntos”. Aí levantou a viúva Anja, que tinha pouca terra e já tava meio enlouquecida, mas tinha a língua muito afiada: “Mas camarada, isso não faz sentido! Se eu cortar seu negócio e colocá-lo em suas mãos? A coisa continuará sua, mas o senhor camarada não vai conseguir nem procriar, nem fazer xixi”.

A partir de fontes documentais dos arquivos do SKJ, Melissa Bokovoy relata uma série de casos semelhantes. Em Zemun por exemplo, uma sessão informativa sobre os benefícios da *zadruga* foi interrompida por gritos e relatada pelo comissário em tom de desespero: “*Abaixo com a zadruga. Sua mãe é comunista!*” Ainda em um outro local, o prédio comunitário foi pintado com o slogan religioso: “*Vós que entraís na zadruga, renunciái a Cristo*” (BOKOVOY, 1998:101).

O descontentamento no campo começa a preocupar os dirigentes do partido quando, em Cazin e outras cinco aldeias nas redondezas de Bihać, no noroeste da Bósnia, um grupo de camponeses e veteranos de guerra iniciam um levante armado, destruindo o centro de colheita do *otkup*, cortando linhas telefônicas e ocupando uma antiga base *partisan* no morro do Kozara. O levante é rapidamente reprimido, dezessete participantes são fuzilados e outros 714 são presos, condenados e enviados ao campo de reeducação na ilha-prisão de Goli Otok (BANAC,

1988:236-238). As chamadas “varreduras de porão” tornam-se mais frequentes, com polícia e soldados do exército procurando grãos e carne escondidos da *otkup*, e as sessões de convencimento para a coletivização também passam a contar com a presença da polícia. O SKJ importa mais uma vez um conceito forjado da União Soviética: os *kulak*, termo que denominava os camponeses mais ricos, que, por meio de sua influência e prestígio burgueses, estariam sabotando a coletivização e a coleta da *otkup*. Os *kulak* são, por óbvio, declarados inimigos da aliança camponesa operária.

A pressão sobre comissários e membros de conselhos locais, municipais e distritais, também aumenta. Aqui, e lembremos que já estamos no período posterior à ruptura entre Tito e Stálin, a acusação que pesava sobre os comissários e membros dos conselhos era de que seriam *kominformistas* e estariam sabotando o caminho iugoslavo por desvios estalinistas. Em Maradék, quinze chefes de família desaparecem na mesma noite, levados primeiro para Indjija e depois para a ilha de Goli Otok na Croácia. Esses chefes de família retornariam à vila só no ano seguinte graças a uma anistia geral aos emprisoados por sabotagens pequenas. Sob acusação de *kominformismo* membros de comitês locais são depostos, principalmente pelo seu fraco desempenho em atrair membros para a *zadruga* e garantir as cotas do *otkup*.¹⁹⁶ Além dos comitês distritais (*okružni komiteti*), novos órgãos são criados ou incluídos na campanha pela coletivização: a *Narodni front Jugoslavije* (Frente Popular Iugoslava), a *Okružni Narodno Oslobodilacki Odbori* (Comitê distrital de Libertação Nacional), os comitês provinciais e de condado (*Pokrajinski Komiteti* e *Sreski Komiteti*), a Liga da Juventude Comunista da Iugoslávia (*Savez Komunističke Omladine Jugoslavije*) e a Frente Antifascista das Mulheres Iugoslavas (*Antifasistički Front Žena Jugoslavije*). No nível local, as comissões da vila são obrigadas a enviar relatórios detalhados sobre as atividades de seus quadros, elaborar listas com as entregas de *otkup* de cada família e reportar sobre indivíduos suspeitos de desvios, sobre *kominformistas* e sobre as atividades dos *kulak*. Por meio de decretos, o governo introduz impostos sobre a produção em lotes privados e a proibição da exploração burguesa de terceiros.

Em uma reunião secreta entre as dez famílias mais influentes e afluentes de Maradék, para a qual foram convidados o pastor protestante, o pope ortodoxo e um membro do comitê local considerado confiável, os presentes concluem que, com a proibição de arrendar as terras ou empregar trabalho alheio, não vão conseguir produzir o suficiente para o *otkup* nem trabalhar todas as terras. Os Berta, os Urbán e os Mijatović, famílias com filhos ainda pequenos

¹⁹⁶ Segundo dados de Bokovoy, citados em um documento interno do Ministério da Agricultura, a Voivodina só colhera 20% do *otkup* previsto para a província.

para o trabalho físico e pais já idosos, decidem entrar na *zadruga* com 10 hectares por família, reservando 15 para cultivo privado. As outras famílias entram com 5 hectares cada uma. Todas as famílias escolhiam levar suas parcelas com menor rendimento – pela qualidade do solo ou por serem aquelas localizadas em terrenos mais acidentados na direção do Fruška Gora. Antes, na boca pequena, houve uma segunda consulta clandestina com seus conhecidos com propriedades médias (entre 10 e 20 hectares), explicaram o motivo da manobra, e constataram satisfeitos que seus vizinhos continuariam em seus lotes privados. O membro aliado do comitê local julgou as quantidades de terra destinadas à *zadruga* como suficientes; a expansão da cooperativa significaria um aumento considerável do terreno coletivo e esperava-se que a pressão diminuísse por parte dos comitês aos quais estavam subordinados. Mas o fenômeno seguramente era mais generalizado, pois, do outro lado da relação, os planejadores ministeriais interpretavam os dados enviados pelas *zadrugas* locais como mais uma forma de boicote. Eram justamente os camponeses recentemente declarados como inimigos da Libertação Nacional, os *kulak*, os camponeses mais ricos, responsabilizados pela persistência de ideais burgueses, que estavam entrando nas *zadrugas*. Nos relatórios citados por Bokovoy, funcionários do Ministério de Agricultura reclamavam que os *kulak* ingressavam nas *zadrugas* para não pagarem impostos, diminuíssem suas parcelas de *otkup* e para terem suas terras aradas e cultivadas pelos que já eram membros da *zadruga*; os funcionários mais bem treinados, que já tinham aprendido a linguagem oficial, alertariam seus superiores para a possibilidade de que a entrada dos mais ricos estivesse ligada a planos de boicote e sabotagem internos (BOKOVOY, 1998:122).

De fato, a organização interna das *zadrugas* estava bastante caótica, pois não havia descrições e diretivas claras sobre seu funcionamento. As brigadas de trabalho organizavam-se a partir de laços extra-*zadruga* e muitos registravam dias e horas adicionais de trabalho, o que distorcia os dados de produtividade, por exemplo. Os membros que tinham terras privadas fora da *zadruga* preferiam se dedicar mais a elas e negligenciavam o trabalho na cooperativa. Por essas razões, já por volta de 1950 estava claro até para a mais alta cúpula do Partido Comunista que a implantação da agricultura coletiva era um fracasso. O descontentamento geral e o levante de Cazin serviam de alerta. Mas o aumento da repressão, as prisões e ameaças só pioraram o desempenho das cooperativas. Adicionalmente, o ostracismo que a Iugoslávia sofria no campo sob influência soviética e no cenário internacional fizeram com que o SKJ decidisse rever seus planos para o meio rural.

Do ponto de vista das teorias clássicas sobre campesinato, encontramos os habitantes de Maradék a meio caminho entre as teorias de escolha racional influenciadas por Chayanov (CHAIANOV; 1925, ou para uma releitura antropológica SAHLINS, 1972) e as

formas de resistência cotidiana ou às vezes aberta descritas por James C. Scott no sudeste asiático (SCOTT, 2000, 2003). A coletivização oferecia um caminho possível para uma vida melhor e foi por esta razão que algumas das famílias mais pobres decidiram ingressar na cooperativa socialista, afinal “*algumas terras nunca antes tinham sido aradas por tratores*” (Pali Csepregi, Maradék); ao mesmo tempo, a coletivização apresentava uma afronta à independência e à autonomia ou, para usar o termo de E.P. Thompson, à “economia moral” dos camponeses.¹⁹⁷ Não obstante, como lembram muitos em Maradik, havia um ganho positivo nesta fase do socialismo iugoslavo. Uso novamente as palavras de Pali Csepregi: “*nunca antes nesta aldeia estivemos tão unidos*”. E este era precisamente um dos objetivos da coletivização na Voivodina, que era vista pelos comunistas iugoslavos como um laboratório para a cooperação entre as mais de dez minorias nacionais da região e onde o socialismo pretendia criar o campesinato socialista. Na Voivodina, o campesinato resistia às pressões pela coletivização enquanto agia, mesmo sendo extremamente heterogêneo, como uma classe social. Esse campesinato se recusava, porém, a desempenhar o papel de classe revolucionária e agir como um dos pilares da libertação nacional. Recusavam-se a ser aquilo que os comunistas tanto queriam que fossem.

A mudança radical e a autogestão operária-camponesa

Na virada de 1949 para 1950 ficou claro para a cúpula do Partido Comunista Iugoslavo que o projeto de coletivização tinha fracassado por completo. Internamente, corria-se o risco da radicalização da “revolta” camponesa. No cenário internacional, a Iugoslávia caíra no ostracismo dentro do bloco socialista, o que também significava perder o acesso a produtos soviéticos industrializados. Mesmo tendo inicialmente recusado, junto com os outros Estados socialistas, a participação no Plano Marshall, a Iugoslávia pede em 1950 a sua inclusão entre os beneficiários do plano. Com o plano, o Estado Iugoslavo acaba recebendo assistência direta dos Estados Unidos, primeiro, em dinheiro e comida (grãos), e, depois, entre 1950 e 1953, em dinheiro e produtos industriais, especialmente maquinaria agrícola, que seria quase exclusivamente investida na agricultura coletiva da Voivodina e da Croácia. O

¹⁹⁷ Como nota de curiosidade, lembro aqui que E.P. Thompson participara de uma das brigadas britânicas que estiveram presentes na Iugoslávia no período de reconstrução. Tratava-se de uma brigada da Associação Britânica-Iugoslava, que participara da reconstrução da linha de trem que unia Sarajevo e Šamac (MCILROY, 2017; THOMPSON, 1948).

reestabelecimento do contato com os EUA também significaria, a partir de 1953, um acesso iugoslavo diferenciado a mercados e linhas de crédito norte-americanos (LAMPE et al., 1990). Enquanto isso, o Politburo e os diferentes órgãos do planejamento central procuravam uma nova solução para a grave crise no meio rural. Primeiro, grandes campanhas de propaganda são lançadas e aproveita-se a ruptura para culpar Stálin e a União Soviética pelos fracassos da coletivização.¹⁹⁸ As cotas obrigatórias do *otkup* são relaxadas e lentamente abandonadas entre 1950-53. Em Maradék, os homens presos e acusados de serem *kulak*, especuladores e papistas inimigos do povo, recebem anistia em Goli Otok e voltam à vila. Pelo país inteiro, quadros considerados ineficientes são removidos, muitos acabam presos sob acusação de serem *kominformistas*, corruptos ou traidores. A *zadruga* de Maradék, apesar de não constar entre as mais beneficiadas com o programa de assistência estadunidense, recebe um trator da marca Caterpillar, diversas ferramentas e outros equipamentos de trabalho. Inicia-se uma troca paralela entre a *zadruga* e os agricultores da vila, na qual a *zadruga* “empresta” o trator em troca de entregas de comida e o que sobrava dos estoques de grão escondidos em anos anteriores. Alguns chegam a trocar meia dúzia de galinhas por um par de botas de borracha PVC.

Em 1952, o ministro de agricultura Mijalko Todorović decreta o fechamento das cooperativas do tipo SRZ (as *seljačka radna zadruga* - cooperativa de produção camponesa), descrevendo-as como “*estranha mistura de famílias patriarcais, campos de trabalho forçado para camponeses tratados em parte como prisioneiros em parte como operários assalariados*” (apud LUKOVIĆ, 2015). Em 1953, o SKJ admite abertamente o fracasso da segunda reforma agrária e passa à reorganização das cooperativas camponesas. Com a aprovação da lei sobre o “Fundo agrário de terras de Propriedade Popular Comum” (*Zakon o poljoprivrednom fondu opštenarodne imovine*) é introduzida uma nova forma de propriedades, que coexistiria com a propriedade estatal e a propriedade privada até 1991. Trata-se da propriedade social ou comum, autogestionada, que, na visão de Kardelj, o principal ideólogo da “correção” iugoslava, corrigiria o viés estadocêntrico e burocrático. O problema para Kardelj era que o Estado estalinista, ao nacionalizar e administrar a propriedade coletiva, alienava os meios de produção

¹⁹⁸ Cabe notar para uma maior precisão histórica, que, em 1945, foram precisamente excessos estalinistas que levam o SKJ à consolidação da propriedade privada e à adoção de um plano para a coletivização gradual e voluntária na qual o campesinato entraria nas *zadrugas* pelas vantagens que a propriedade administrada coletivamente proporcionaria. Tal prática estaria mais próxima ao leninismo e sua Nova Política Econômica de 1921 (formação voluntária das cooperativas) e ao pensamento de Kautsky, para quem as possibilidades e capacidade técnicas determinariam o ritmo da coletivização (WOODWARD, 1995).

da mesma maneira que faziam as empresas capitalistas do Ocidente. A lei manteve a forma de propriedade estatal, principalmente no caso de fazendas e fábricas estratégicas. Não obstante, ao introduzir o autogerenciamento da propriedade coletiva comum, a ideia era que, com o tempo, a propriedade privada se transformaria em coletiva e convergiria junto com as outras duas formas de propriedade socialista, a estatal e a social ou comum, para a administração coletiva de todos os meios de produção (LUKOVIĆ, 2015).¹⁹⁹

No campo, a nova lei traria novamente mudanças consideráveis. Agora, o limite máximo da propriedade privada é de 10 hectares por *kuća* (*household*). Além disso, é introduzida uma nova categoria profissional, a do camponês-operário (*radnika-seljaka*), que poderia dispor no máximo sobre 5 hectares de terra. Tratava-se aqui de uma tentativa de resolver o paradoxo da economia socialista iugoslava entre industrialização nas cidades e mecanização da agricultura. Assim, na nova categoria de camponeses operários caíam aqueles que mantêm uma parcela de suas terras nas suas vilas de origem, mas trabalham nas fábricas criadas nas cidades próximas. No que diz respeito à autogestão na cooperativa, as decisões mais importantes eram tomadas em assembleias gerais de todos os cooperados e pelo conselho de membros. O conselho “gestor” em princípio era eleito pelos membros, mas, implicitamente, o diretor geral e os diretores responsáveis pelos vários setores da cooperativa precisavam contar com o aval ao menos dos comitês municipais ou regionais sob controle do Partido. Com o tempo e a formação de quadros, a partir dos anos 1960 chegariam gerentes especializados, principalmente agrônomos. Apesar da nova limitação da propriedade privada (10 hectares), a nova lei relaxa as outras medidas punitivas sobre proprietários privados. O imposto sobre a propriedade produtiva privada deixa de depender de seu rendimento e passa a ser fixo, tabelado a partir da qualidade do solo (numa escala de 1 a 7, do mais ao menos rentável).

Em Maradék, embora a diferença entre os 25 e os 10 hectares de terra privada permitidos entre 1946 e 1953 possa parecer grande, quase ninguém na vila perdeu terras em consequência da nova legislação. A maior parte das famílias com terras entre 20 e 25 hectares conseguiu registrar divisões de seus lotes e casas no cadastro fundiário. Assim, as *kuća* tradicionais foram listadas como duas casas separadas, uma no nome do pai, que registrava como sua propriedade 10 hectares, e a segunda casa constava no nome do filho ou dos filhos, que registravam o restante das terras em seu próprio nome. Algumas famílias com filho único registraram 10 hectares no nome dos pais, enquanto o filho ou filha ficava com o restante,

¹⁹⁹ Como nota Luković, nas novas leis há também um deslocamento linguístico, e o uso indiscriminado e massivo de *narod* e seus derivados (povo, popular) dá espaço a *društvo*, sociedade.

declarava-se camponês-operário e corria para as cidades próximas (Indjija, Ruma ou até Novi Sad) à procura de emprego nas fábricas que eram então inauguradas. Com o tempo e os avanços da industrialização e urbanização, por volta da segunda metade dos anos 1960, muitos acabaram requisitando e conseguindo moradias populares nos *panel* das cidades, algo visto positivamente, pois o sistema inibia a expansão de propriedades e um *panel* numa zona urbana era considerada um avanço.

Anos mais tarde, no início dos 1960, a assembleia geral da cooperativa votaria com unanimidade a alocação de terrenos para a construção de *vikendicas*. Um dos primeiros recipientes de *vikendica* seria precisamente o funcionário que era responsável pelos cadastros fundiários e imobiliários em Indjija, o qual a essa altura já avançara na hierarquia burocrática e trabalhava no setor de planejamento urbano da província. Mas o ciclo de reciprocidades não acabaria ali. A *vikendica* original foi construída em um mutirão que reuniu habitantes de Maradik e amigos e familiares do funcionário. Alguns maradikianos ainda lembram do “*verão que a nossa brigada construiu a casa e podíamos mandar nos birokrat de Novi Sad e rir quando eles não conseguiam carregar os sacos de cimento de 50 quilos*”.²⁰⁰ Ainda no final dos anos 1960, alguns dos filhos dos que estavam presentes no mutirão conseguiram empregos melhores no setor público de Novi Sad. Com isso, conseguiram posições bastante favoráveis na hora de requisitar apartamentos subsidiados e mais perto do centro da cidade. Hoje em dia, vale notar, durante o Festival de música Exit de Novi Sad alguns destes apartamentos são oferecidos para locação no site *AirBnb* pelos netos e bisnetos de alguns dos participantes do mutirão original e a renda em Euros garante uma parte considerável do orçamento familiar.²⁰¹

Retomando a configuração do sistema iugoslavo de autogestão e as estratégias locais de adaptação a elas, as relações com a *zadruga* reorganizada e a esfera coletiva melhorariam bastante, apesar da desconfiança inicial e das memórias amargas do *otkup*. Sem a entrega das cotas obrigatórias e sem a exigência de contrapartida, todos os agricultores da Maradik acabaram estabelecendo algum tipo de relação com a cooperativa. Os que já eram membros viam positivamente a chegada do subsídio estatal e dos equipamentos modernos importados. Como antes e no imediato do pós-guerra tinham pertencido às camadas com menos terra, agora tinham um certo orgulho da possibilidade de usarem equipamentos modernos,

²⁰⁰ Noto que recolhi essa história enquanto eu mesmo era alvo de uma ridicularização semelhante, subindo sacos de 50 quilos de farinha de milho no porão da família Csepregi.

²⁰¹ O Exit festival começou no ano 2000 como parte dos protestos estudantis e da organização OTPOR! (literalmente, Resistência!) contra o regime de Milošević na Faculdade de Filosofia de Novi Sad. Desde então virou um dos festivais de música mais premiados na Europa, com um público anual de 200 mil participantes, muitos dos quais procedentes da Europa Ocidental.

melhores que os dos não cooperados, e de serem os primeiros a aprenderem o uso de novas tecnologias, novas sementes etc. Com a manutenção de redes de solidariedade do pré-guerra dentro da estrutura de comando da *zadruga*, também era possível obter sementes e fertilizantes para o cultivo na horta de cada *kuća*. Depois dos primeiros anos, os camponeses-operários que viajavam diariamente para seus locais de trabalho nas cidades próximas começam a ingressar com seus lotes de 5 hectares na *zadruga*. Muitos não conseguiam manter a vida dupla, especialmente nos tempos de lavoura, quando nem todos conseguiam tirar férias, e, mesmo quando tiravam, as terras de seus pais e irmãos precisava de mão de obra. Com o tempo, quase todos os agricultores de Maradék acabaram por ter alguma relação contratual com a *zadruga*. Para os não membros, a *zadruga* acabava sendo o principal comprador do grosso da colheita. Embora o preço que se calculava era sempre um pouco menor do que o calculado pelos agricultores ou mesmo do que dos índices do mercado, o sistema socialista acabava restringindo seriamente as opções de venda. As mesmas restrições existiam para a compra e a venda de terra. Juridicamente era possível, mas a *zadruga* gozava de opção de compra a preços muito menores do que o estipulado nos cálculos locais. A *zadruga* também oferecia serviços múltiplos aos cultivadores privados, era possível alugar tratores e colheitadeiras, máquinas para debulhar milho, comprar sementes, fertilizante etc.²⁰² Esses serviços, por sua vez, tendiam a ser bastante baratos e eram acessíveis mesmo para os não cooperados. Para quem era membro ou tinha algum parente ou aliado próximo na cooperativa, tais serviços podiam ser ainda mais baratos, na medida em que sementes, fertilizantes ou até diesel para tratores podiam “se perder”, “serem derramados”, e “dados de baixa”.

Por fim, com a reorganização do sistema econômico e a criação daquilo que muitos economistas chamaram de “socialismo de mercado”, a coletivização da economia parecia estar funcionando. O termo “socialismo de mercado” foi bastante difundido entre os economistas a partir dos anos 1970 (p.ex. HORVAT, 1976; PROUT, 1986). Os elementos de mercado são pouco visíveis a partir de perspectiva privilegiada aqui, isto é, aquela dos agricultores de Maradik, mas a ideia central era de que os arranjos do sistema faziam com que trabalhadores, fossem rurais ou urbanos, teriam um interesse em aumentar a eficácia e a produtividade das empresas que gerenciavam pois haveria uma competição entre as diferentes empresas dentro de uma mesma república, no nível da federação, ou mesmo no acesso ao mercado internacional. A competição também era mais ou menos garantida, na medida em que o governo central

²⁰² Luković distingue entre trinta tipos de serviços que as *zadrugas* na Sérvia ofereciam para terceiros (LUKOVIĆ, 2015).

liberalizava cada vez mais as possibilidades de produção. Assim, as cooperativas e as fábricas tinham uma liberdade razoável na hora de decidir quais produtos deveriam produzir ou plantar. Do mesmo modo, o fim da repressão (como era o *otkup*) deixava bastante liberdade para produtores privados no meio rural, mas, ao mesmo tempo, havia poucas vantagens ou incentivos para a produção em terras privadas, o que começava a ser percebido pelos habitantes de Maradék já no começo dos anos 1960, quando um número cada vez maior de agricultores acaba se associando à cooperativa, cedendo mais uma parte de seus lotes particulares para serem administrados pelo coletivo. A entrada na *zadruga* significava uma isenção de impostos, que, embora não muito elevados, ainda estavam em vigor sobre a produção particular. Ser membro da cooperativa significava também melhor acesso a certos serviços públicos, como uma perspectiva de aposentadoria fixa, um auxílio-família para cada filho, acesso mais fácil a certas escolas técnicas em Novi Sad ou Belgrado. Como a Voivodina era uma província estratégica, como principal provedor de grãos no mercado interno mas, com o tempo, também principal exportador, os subsídios do estado eram percebidos como uma espécie de seguro contra colheitas ruins em anos de seca, pragas etc. Nas assembleias anuais, apresentavam-se os resultados e balanços do ano decorrido e, a partir da renda líquida, os membros deliberavam sobre os bônus anuais a serem distribuídos para os membros da cooperativa e sobre a quantidade a ser reinvestida no ano seguinte.

Um dos elementos mais marcantes das entrevistas com pessoas que eram membros ou tinham alguma relação com a *zadruga* a partir dos anos 1960 era o fato de que, ao contrário das narrativas sobre períodos anteriores, era a primeira vez que se mencionavam moedas e dinheiros. Muitos se referiam a esse período como “*os tempos do dinheiro vermelho*”. Com vermelho, referiam-se ao socialismo de Tito, que agora já ganhava conotações claramente positivas, mas também à nota mais usada da época, a cédula avermelhada de 100 dinares. Como já vimos anteriormente, vermelho era também o passaporte da Iugoslávia socialista, que, ao contrário de outros passaportes socialistas da Europa Oriental, possibilitava viagens internacionais para ambos os lados do Muro de Berlim. Associado ao passaporte, muitos lembravam da lira italiana, cuja nota mais alta era a de 10 mil (e era também avermelhada) e que foi muito usada nas viagens de compras cada vez mais frequentes a Trieste.²⁰³ Segundo a

²⁰³ No final da Segunda Guerra Mundial, Trieste foi libertada e depois ocupada pela Iugoslávia. Após a guerra, a cidade é dividida em duas partes. O lado italiano fica sob administração britânica e estadunidense, e o lado Iugoslavo sob controle iugoslavo. Em 1947, na conferência de Paris, Trieste ganha o estatuto de cidade-estado livre (Território Livre de Trieste), mas a cidade continua dividida em Zona A – italiana, e Zona B – iugoslava. Finalmente, em 1954, o “Território Livre de Trieste” é dissolvido e a Zona A é incorporada à Itália, e a Zona B à Iugoslávia.

reconstrução de Francesca Rolandi, a descoberta de Trieste como “paraíso de compras” data de 1961, quando uma agência de viagens organizou uma excursão da torcida para um jogo de futebol entre a Itália e a Iugoslávia celebrado em Trieste a qual incluía um passeio por Veneza no dia anterior ao jogo. Segundo jornais italianos da época, havia um grupo de camponesas do Banat que, em vez de irem ao estádio para assistir ao jogo, preferiram vender a comida trazida de casa nas ruas de Trieste e, com as liras obtidas, foram comprar roupas (ROLANDI, 2017: 195). A partir de então, muitos iugoslavos cruzariam a fronteira para comprar roupas, relógios, óculos, mas também eletrodomésticos, ainda raros na Iugoslávia. Por conta da afluência dos novos consumidores, as lojas de Trieste passaram a publicar anúncios em jornais e revistas de todas as repúblicas Iugoslavas.²⁰⁴ Ao longo dos anos 1960 e 1970, quase todos os maradikianos fizeram ao menos uma viagem a Trieste. Com a difusão do automóvel naquela época, muitos visitavam anualmente a cidade para a renovação do guarda-roupas em viagens de bate e volta denominadas “viagens de uma calcinha”. Além das compras na Itália, os húngaros de Maradék também viajavam para a Hungria, onde gastavam suas notas de 100 florins – também vermelhas – nos melhores restaurantes de Budapeste, na ópera e nos teatros, além de visitarem os monumentos históricos, como o castelo de Buda, o Parlamento, dos quais só tinham ouvido nos relatos de seus avós ou bisavós; ou então visitavam Szentendre, uma cidadezinha sérvia localizada a trinta quilômetros da capital. Essas viagens de lazer e turismo para a Hungria são hoje contrastadas com experiências mais recentes e não tão boas:

Fui ainda adolescente com meus pais, e lembro de ter comido no Mátyás Pince, no Gundel, de ter ido nos banhos turcos, na Ópera e no Parlamento. E como era bom ouvir todo o mundo em volta falando húngaro. Em 1993, meu filho recebeu a carta de alistamento para o exército. Depois do primeiro pânico, decidimos agir rápido. Coloquei ele e mais dois meninos no carro, e saímos disparados para a Hungria. Não queria que eles fossem para a guerra. E já na fronteira nos trataram como criminosos; em Budapeste também. Fui tentar descobrir como fazia para pedir asilo para o meu filho e perguntaram se eu era yugo e por que falava húngaro com sotaque. A crise, a hiperinflação e a guerra levaram todo o dinheiro que havia por aqui. As notas de 100 já não valiam muito, mas o pior foi o tratamento.

– contou, por exemplo, Károly Béres, pastor de Maradék até 2006.²⁰⁵

²⁰⁴ Pelos dados de Rolandi, a Iugoslávia registrou 190 mil cruzamentos de fronteira em 1960. O número, dez anos depois, era de 14 milhões de cruzamentos feitos por cidadãos iugoslavos (ROLANDI, 2017).

²⁰⁵ Tratei com mais detalhes da relação tensa entre húngaros da Hungria e húngaros além-fronteiras na minha dissertação de mestrado (BASCH, 2003). Em 2005, após um plebiscito inválido (por falta de quórum) sobre a concessão de cidadania a húngaros além-fronteiras, a relação pioraria ainda mais. Desde 2010, qualquer húngaro da diáspora pode requisitar a cidadania, porém a campanha contra dos partidos liberais e de esquerda e a falta de quórum em 2005 causam até hoje uma revolta entre húngaros da Voivodina. Muitos consideram que quando estão longe são idolatrados como húngaros mais autênticos e verdadeiros que resistiram na condição de minorias nacionais no espaço além-fronteiras, mas quando viajam para a Hungria são tratados com desdém e preconceito.

Além das referências à cor física e simbólica, encontramos nas narrativas sobre o consumo e o lazer na Itália ou na Hungria, assim como na própria expressão “*como era bom, nos tempos dos dinheiros vermelhos*”, referências a quantidades. Não se trata, contudo, de uma situação de monetização jamais antes vista na economia. Afinal, nos relatos de viajantes do século XVII, analisados por Larry Wolff (1994), ou na atuação dos coletores de impostos enviados pelo Império Otomano, citados por Lampe e Jackson (1982), não são poucas as menções à presença e circulação das moedas mais variadas – dos impérios Otomano e Habsburgo, da República de Veneza, da Transilvânia semi-independente (LAMPE; JACKSON, 1982; WOLFF, 1994). Essas menções indicam no mínimo um histórico de monetização ampla e a participação em várias esferas de troca e circulação. A novidade introduzida pelo sistema socialista de autogestão consistia, antes, na disponibilidade de dinheiro e em maiores quantidades. Este era um assunto frequentemente comentado nas conversas de inverno nos *nagyszoba* das casas. Eu apontaria para um objeto qualquer e, em seguida, ouviria histórias das viagens a Trieste, das compras de eletrodomésticos, aparelhos de TV, móveis. Quando havia presença das gerações mais velhas, estes só tendiam a balançar a cabeça: “*todo esse dinheiro gasto em futilidades*” – reclamava sempre o senhor Özvegy, nascido na década de 1930. “*Antes da guerra também havia dinheiro. Bem menos, é verdade. Mas não parava. Quando você vendia a colheita, já sabia quanto que o próximo plantio ia levar. Se sobrava, guardava um pouco na gavetinha, que era para o dote da filha. E se ainda sobrasse, guardava para comprar terra. Mas vocês jovens só queriam comprar perfume italiano!*” A reclamação do senhor Özvegy está relacionada a uma das limitações do sistema socialista. Esse sistema, ainda que fosse baseado na existência paralela das mais diversas formas de propriedade (privada, estatal, coletiva e a mistura de todas elas), na verdade colocava sérias restrições para aquilo que no mundo do pré-guerra era o desejo, muito raramente realizado, da maior parte dos camponeses da Maradik: a compra e a expansão da propriedade e do *kuća*.

Como vimos, as diversas distribuições de terra e reformas agrárias ao longo do século XX e a reformulação do sistema iugoslavo em 1953, cuja restrição de 10 e 5 hectares como limite máximo de propriedade privada de terras, tiveram como resultado uma certa uniformização do meio rural na Voivodina no que diz respeito ao tamanho das terras. Enquanto no Maradék anterior a 1941, os principais marcadores sociais diziam respeito à qualidade dos *gazda*, não só em função da sua riqueza mas também em relação àquilo que se pode chamar de economia moral. É claro que se tratava de uma sociedade altamente hierarquizada. Num extremo, estavam os grandes latifundiários da nobreza croata; no outro, os camponeses sem-

terra; e, no meio, camponeses que se diferenciavam entre si não tanto em função de suas riquezas materiais, já que a diferença entre um *nagygazda* (camponês grande) e um camponês médio ou até com pouca terra podia ser de apenas de 5 hectares, mas sim a partir de outras distinções sociais. Desse modo, trabalho duro e intenso durante o ano inteiro, boa capacidade de organização do trabalho dentro de seu *kuća*, cooperação no seio do *household*, capacidade de providenciar um hectare ou dois como dote no casamento da filha, cuidado e tratamento dos animais, qualidade da aguardente oferecida aos aliados e consumo moderado de álcool, podiam ser todos marcadores de status que davam mais ou menos prestígio para uma família camponesa. Muitas dessas distinções persistem ao longo do período socialista. Por exemplo, a decisão dos camponeses-operários de levarem suas terras de 5 hectares para a *zadruga* é em grande parte informada pela vergonha de não conseguirem arar e plantar a terra decentemente, pois terra mal cultivada ou sem cultivo é até hoje tido como sinal de preguiça, alcoolismo e decadência. Ao mesmo tempo, outros marcadores vão perdendo força ou se transformando. É o que as narrativas sobre os “dinheiros vermelhos” indicam em Maradik, onde muitos ainda hoje se lembram quem foi o primeiro proprietário orgulhoso de uma Fića, da primeira viagem a Trieste num ônibus fretado pela *zadruga*, ou dos primeiros aparelhos de TV e de som trazidos pelos *Gastarbeiter* em suas visitas anuais.

Ainda nos primeiros anos em que a *zadruga* fechava o ano com saldo positivo, os membros votariam um aumento do salário e das bonificações e a grande maioria investiria o dinheiro obtido nas reformas das suas casas. No ano seguinte, a *zadruga* fecharia no negativo, pois a decisão tinha sido de não reinvestir os lucros na expansão agrícola, mas os órgãos de planejamento da província tapariam o déficit. Com o tempo, os membros da *zadruga* acabam aprendendo o funcionamento do sistema e buscam um equilíbrio na hora da decisão anual sobre reinvestimentos e expansão dos serviços, tais como construção de unidades de armazenamento de grãos, investimento em maquinaria e insumos mais modernos, e sobre as parcelas distribuídas entre os membros. Também há uma diferenciação moral entre os diferentes tipos de dinheiros, de acordo com a sua origem e os usos considerados apropriados. O salário fixo, por exemplo, era bastante valorizado, pois era fruto do trabalho, enaltecido tanto pelo ethos camponês como pela ideologia socialista. Em geral, o dinheiro dos salários era reinvestido nas terras privadas da família e, durante toda a década de 1960, a produtividade dos lotes privados alcança ou até mesmo ultrapassa a das terras coletivas. Apesar de se tratarem de duas esferas de produção e propriedade diferentes, uma alimentava a outra na medida em que a maior parte do plantio nos lotes privados era vendido à própria *zadruga*. Por sua vez, os insumos investidos nos lotes privados também se originariam na *zadruga*, pois os membros tinham acesso com

descontos a sementes, fertilizantes, aluguel da maquinaria etc. O rendimento das terras privadas era o mais valorizado, tendia a ser usado na celebração de casamentos ou nos dotes e guardado para reformas ou mesmo para construção de novas casas. Finalmente, o dinheiro procedente das bonificações extras e aumentos salariais votados em assembleias anuais tendiam a ter um valor menor e era este dinheiro que se destinava ao consumo e ao lazer. Embora sem referências diretas a teorias macroeconômicas, de equilíbrio ou sustentabilidade entre investimentos, gasto com salários e benefícios sociais, tinha-se a noção de que a aprovação do gasto cada vez maior com aumentos e benefícios adicionais no orçamento da *zadruga* não estava totalmente certo. Contudo, a memória do *otkup* justificava os benefícios considerado impróprios:

Durante anos, eles sugaram tudo o que a gente tinha. Eu mesmo vi soldados do JNA limpando nosso celeiro, levando toda a ração reservada aos porcos. E, antes, já tinham tirado uma parte do trigo. Na zadruga costumávamos dizer que eles nunca pagaram nada pelo otkup, aquilo era simplesmente roubo. Então era a nossa vez. Se dava déficit, o ministério daria um jeito. Ou, se não, achávamos que o Tito resolveria.

– argumentou Géza Berta.

Muitas outras narrativas faziam referência à justiça histórica. Como ouvi de Mirko Jovanović:

Antigamente, muitos pagavam dizimo às igrejas, ou, se não, trabalhavam nas terras deles de graça, só para a manutenção dos padres. Depois, os comunistas, que a gente tinha apoiado durante a guerra, vieram e roubaram tudo. Com a zadruga, era a nossa vez, se eles podiam, a gente podia também.

Os dinheiros assim obtidos, apesar de não terem um valor muito elevado, ao menos no começo do grande “boom iugoslavo”, ganhariam sentido no período que é hoje lembrado como o da “vida boa iugoslava” ou como os “tempos do dinheiro vermelho”. Esse dinheiro, em geral administrado pelas mulheres, era usado nas esferas de consumo e lazer, que acabaram constituindo toda uma esfera de diferenciação e competição social. “*Se o vizinho comprava um Fíco, o outro tentava economizar para comprar a versão melhorada, o Yugo 311, depois vinham os eletrodomésticos; a máquina de lavar Gorenje era muito boa, mas a Zanussi italiana era muito melhor.*” – lembrava Rozalija Novak. Embora não esteja explícito em nenhuma das falas citadas, cabe ressaltar aqui a ausência de maiores distinções e particularismos neste abraço entusiasta do consumo. A marca de eletrodomésticos *Gorenje*, da Eslovênia, era um dos orgulhos da Iugoslávia multinacional.²⁰⁶ Como nota Patterson em sua monografia sobre a

²⁰⁶ De acordo com a página de internet da marca, tanto as máquinas de lavar como as geladeiras da Gorenje eram fabricadas sob licença da Zanussi italiana (www.gorenje.com). Da mesma forma, a Zastava 750 (o Fíco) e o Yugo 311 eram modelos baseados em licenças da FIAT italiana.

cultura de consumo iugoslavo, no mercado publicitário não há referências a repúblicas particulares ou a padrões diferenciados por classe social. Todos consumiam e queriam copiar o vizinho. Os anúncios publicitários do período enfatizavam o senso de unidade, promovendo a ideia de *jugoslavenstvo*, isto é, a “iugoslavidade” (PATTERSON, 2011).²⁰⁷

Com a autogestão e as decisões tomadas nas fábricas e cooperativas, nas quais os próprios trabalhadores e camponeses aprovavam orçamentos, planos de produção e salários, o dinheiro para o consumo era acessível a quase todos os cidadãos em todos os cantos da federação. Na interpretação da romancista Slavenka Drakulić (1993), tratava-se apenas de uma ilusão e de um contrato social implícito assinado entre cidadão e o Estado. Nesse contrato, como provoca Drakulić, o Estado permitia o acesso à vida boa e, em troca, a população tolerava o Estado e a classe política, a qual era, por seu turno, a única esfera que continuava autoritária e sem qualquer elemento democrático ou de autogestão (DRAKULIĆ, 1993). Mas além do caráter autoritário do Estado, havia um outro problema também de natureza sistêmica. Sem abordar as minúcias macroeconômicas, tratava-se de um déficit que se tornava cada vez mais permanente na maior parte das unidades produtivas autogestionadas. Em outras palavras, tirava-se mais dinheiro do sistema, para bancar a “vida boa iugoslava”, e reinvestia-se cada vez menos. Ao longo dos anos 1960, os déficits múltiplos das companhias, cooperativas e fábricas eram bancados com a renda das exportações, onde a Iugoslávia estava em uma posição bastante privilegiada, na medida em que, por ser membro e líder do Movimento dos Países Não Alinhados, tinha um bom acesso aos mercados em ambos os lados da Cortina de Ferro. Também é a partir de 1961 que há um incentivo intenso para a ida dos *Gastarbeiters* à Alemanha Ocidental. De acordo com Woodward, o número de operários na RFA alcançaria o meio milhão em 1971, adiando assim o problema do desemprego e ao mesmo tempo proporcionando à Iugoslávia remessas gigantescas de marcos alemães (WOODWARD, 1995).

Mesmo assim, o sistema acaba apresentando os primeiros sinais de crise já em 1973 com a crise do petróleo. O SKJ implementa os primeiros pacotes econômicos e tenta exercer uma maior pressão sobre as esferas autogestionadas, que passam a ser cada vez mais dominadas pela nova classe de especialistas. Antes, comitês municipais e distritais do SKJ tendiam a aprovar sem muita discriminação os conselhos diretores das *zadrugas* e fábricas – bastava ser

²⁰⁷ Também não há consumo e propagandas diferenciados em termos de classe, na medida em que não havia uma classe mais alta ou privilegiada, ao menos em termos práticos de consumo e modos de vida. A diferenciação se daria em termos de ‘poder’, e as críticas surgiriam no seio do movimento estudantil de 1968 cujo alvo era a “burguesia vermelha” de Zagreb e Belgrado. É importante notar que os críticos do consumo, possibilitado em grande parte pelo sistema de autogestão inspiravam-se justamente no conceito de Nova Classe de Milovan Đilas, um dos principais ideólogos e formuladores do socialismo de autogestão (DJILAS, 1982).

membro de qualquer uma das organizações do partido e ser confiável no sentido de não ter um passado ou uma família *chetnik, ustaše ou kominformista*. Com as mudanças, o SKJ passa a privilegiar e nomear, ou fazer nomear, aqueles com conhecimentos técnicos especializados, profissionais, engenheiros e agrônomos. Cooperativas, empresas e fábricas passam a ser dirigidas por *direktors, rukovodilac, poslovođa* (termos para gerentes e diretores) e *agronoms*. A nova classe de burocratas-especialistas continua sua ascensão também no seio do SKJ.²⁰⁸ Em 1978, com a inflação e o desemprego já em alta, a Iugoslávia pede seu primeiro grande empréstimo ao Fundo Monetário Internacional. A inflação a partir do final dos 1970 está ao redor dos 30% anuais. Pacotes de austeridade revezam-se com empréstimos internacionais. Em 1980 morre Marechal Tito.

De acordo com meus interlocutores em Maradik, até a segunda metade dos anos 1970, pouco se percebia dos desajustes sistêmicos e macroeconômicos e o período é identificado como parte do *dobar život* (vida boa) iugoslava. As viagens de compras a Trieste e o número considerável de famílias que tem ao menos um membro como *Gastarbeiter* na Alemanha, acaba fazendo com que muitos guardem seus dinheiros em marcos alemães, reduzindo também o impacto da inflação na economia familiar. A *zadruga* também atinge seu auge neste período, cultivando pouco mais de 1500 hectares de terra e contando com cerca de duzentos funcionários fixos. Como mostrei anteriormente, quase todos os habitantes tinham alguma relação contratual com a *zadruga*; nessa altura, a maioria das famílias tem parcelas de terra tanto na *zadruga* como em regime de cultivo privado. Grande parte das *kuća* também tem pelo menos um membro trabalhando em fábricas nas cidades dos arredores, principalmente nas plantas de processamento de alimentos de Inđija ou Ruma, ou então membros que acabam se mudando definitivamente para Novi Sad ou para Belgrado para assumirem posições no setor público ou nas fábricas de têxtil. É a primeira geração em que as mulheres de Maradék têm acesso a empregos formais.

A família Guyaš é um bom exemplo. O chefe da família, Ištvan, é *gazda* e cuida do cultivo das terras privadas. O filho mais velho, János, é membro da *zadruga*, onde em seu nome tem 5 hectares transferidos para a gestão coletiva. János é líder da brigada de tratoristas e recebe salário fixo como tal, além da renda proporcional e calculada em função da sua contribuição em horas e hectares à cooperativa. Eszter, esposa de János, começa a trabalhar em Inđija como

²⁰⁸ Slobodan Milošević, que se tornaria presidente do SKJ em 1986, inicia sua carreira política já na Faculdade de direito de Belgrado, onde preside o comitê ideológico da Juventude Comunista. Uma vez formado, trabalha como conselheiro econômico na prefeitura de Belgrado, e depois passa a ser diretor da companhia Tehnogas, distribuidora de gás natural para a indústria. Do Tehnogas, passa à Beobanka, também na função de diretor. Inicia sua carreira política no diretório de SKJ de Belgrado em 1984 (RAMET, 2006).

secretária na administração municipal. O filho do casal, Jani, faz parte da geração que continua seus estudos após os oito anos da escola primária e estuda na escola secundária técnica, com especialização em indústria de carne em Indija. Eszter, com a sua posição no município, conseguiria uma vaga para a filha mais nova na escola técnica de indústria têxtil para Ágnes, a filha mais nova.

Na casa dos Ivanović, vizinhos dos Guyaš, temos uma configuração parecida. Nos anos 1970, Dejan cuida do cultivo privado, enquanto o filho mais velho, Miško, trabalha na brigada de transportes da *zadruga*. Seu filho mais novo, Mladen, embarca para Nuremberg em 1969, onde trabalha na fábrica de caminhões da MAN. Milica, a esposa de Mladen, trabalha como empregada doméstica na cidade alemã. Alguns anos mais tarde, os Ivanović seriam os primeiros em Maradik a dirigir um carro ocidental, um Volkswagen Golf apelidado de “coelho”. O impacto do sucesso de Mladen, um dos primeiros *Gastarbeiters* de Maradik, influenciaria muitos outros jovens da vila, que acabam seguindo o caminho de Mladen ao longo dos anos 1970.

Ao contrário do que sugere a literatura sobre parentesco iugoslavo, as estratégias e trajetórias familiares indicariam não a dissolução ou nuclearização das *zadrugas familiares*, mas um processo de reformulação, tal como notava Joel Halpern em seu estudo sobre Orašac já nos anos 1960 (HALPERN; HALPERN, 1972). De certa forma, as famílias reproduziam em suas escolhas profissionais a pluralidade das formas de propriedade, e seus membros trabalhavam não só nas diferentes esferas produtivas e administrativas como acompanhavam as mudanças na economia socialista.

No ano da morte de Tito, em 1980, os sinais da crise chegam em Maradék. Contrariando o voto coletivo na cooperativa, o comitê do Partido Comunista não apenas sugere a nomeação de um novo diretor geral para a *zadruga*, como também nomeia o jovem senhor X como agrônomo-chefe da *zadruga*. O senhor X, nascido em Kragujevac e formado em Belgrado, seria o primeiro membro em cargo de mando que não é originário de Maradik ou do Srem. A inflação em alta e o início da crise permanente significam o fim de subsídios para a *zadruga*, que precisa racionalizar e economizar seus gastos. Os membros da *zadruga* também: Ištvan Guyaš abandona o cultivo de girassol e trigo nas terras particulares da família, mantendo o milho, que usam como ração animal. Como suas parcelas estão perto de onde antigamente localizavam-se os vinhedos, em terrenos mais apropriados para pomares, Guyaš decide criar um plantio de árvores de maçã e pêssigo. Seu neto Jani, agora já empregado em Indija como açougueiro, decide criar mais porcos e a família dobra o número de suas vacas leiteiras. Jelena, esposa de Ištvan, passa a acompanhar a filha Eszter e os netos Jani e Ágnes em seus

deslocamentos para os seus locais de trabalho em Indiža e Novi Sad, levando inicialmente ricota, *tejföl* e yogurt para vender na feira de produtores. Em dois anos, os pessegueiros e as macieiras começam a dar frutos e os Guyaš começam fazer compotas e geleias para venda. János, ainda com seu emprego como brigadista e cuidando da maquinaria cada vez mais deteriorada da *zadruga*, seria um dos primeiros a comprar um dos tratores descartados por não ser reparável. Na compra, participa também seu vizinho e amigo de infância Mladen, que traz da Alemanha as peças necessárias para os reparos. Muitos outros seguem o exemplo das duas famílias tanto no cultivo de frutas como na compra de tratores privados descartados nas cooperativas.²⁰⁹ “As *zadrugas* grandes estavam em apuros, só se falava de austeridade, medidas de racionalização. Então decidimos criar mini-*zadrugas*, três ou quatro famílias se juntavam para comprar um trator e voltavam a focar exclusivamente nas suas próprias terras”, justificava János a decisão.

Os zeros nas notas de dinar não paravam de aumentar. Os habitantes de Maradék, que já haviam deixado para trás as viagens de compras em Trieste, voltariam para a agricultura de subsistência em seus lotes privados e os excedentes ainda consideráveis seriam trocados nas feiras livres nas cidades da Voivodina. A inflação chegaria a 40% anuais em 1982, e a 137% em 1987. As Repúblicas Federadas culpavam umas às outras pela crise permanente. Milošević torna-se presidente do SKJ da Sérvia, pregando uma revolução antiburocrática, que culpava pela crise os administradores corruptos e as duas províncias autônomas, a Voivodina e o Kosovo, que até então funcionavam como repúblicas virtuais com alto grau de autonomia dentro da Sérvia. Voivodinenses e kosovares são acusados de serem egoístas e anti-sérvios, com tendências autonomistas. Velhas categorias ganhariam novos contornos em outubro 1988 quando acontecem uma série de protestos espontâneos, principalmente em localidades com alta presença de *colonistas* e seus descendentes (famílias de *partisans* que receberam terras na Voivodina em 1945-46), os quais pediam a renúncia do governo da Voivodina e o fim da autonomia da província (KERENJI, 2005). Os participantes dos protestos dispersos pela Voivodina marcham para Novi Sad juntando mais de 100 mil pessoas em frente ao Parlamento da Província e a liderança provincial do SKJ renuncia coletivamente.²¹⁰ O protesto na Voivodina inauguraria uma série de eventos massivos por toda a Sérvia, culminando na

²⁰⁹ Um dos serviços oferecidos pelas *zadrugas* era justamente o aluguel de equipamentos, o que fez com que a produção privada acabou não se mecanizando até os anos 1980.

²¹⁰ Primeiro, as autoridades tentaram cortar o acesso a água e eletricidade do acampamento montado pelos participantes do protesto, o que fez com que mais pessoas chegassem ao local. Depois, membros do parlamento distribuíram pão e iogurte no acampamento. Quando milhares de latas de iogurte foram arremessados contra o prédio, o ato ganharia o nome de “revolução de iogurte” (KERENJI, 2005).

celebração multitudinária dos 600 anos da batalha do Kosovo em 1989. Em 1991, Eslovênia e Croácia declaram independência. Começa a guerra e o fim da Iugoslávia.



Foto 14 - nota de 10 bilhões de dinares

Epílogo: O fim da Iugoslávia e a nova “transição”

Para o campo e o meio rural, a aprovação da primeira lei de 1991 sobre privatização e restituição de propriedades representa o fim do sistema socialista. Pela lei, as terras expropriadas em 1953 seriam devolvidas a seus donos originais. A nova lei também iniciava o processo de privatização de empresas coletivas e públicas e abolia qualquer restrição ou limitação sobre a propriedade privada, o que no meio rural representava a possibilidade irrestrita de compra e venda de terras.

Ao mesmo tempo, iniciava-se a guerra na Croácia, em 1991 e, um ano mais tarde, na Bósnia-Herzegovina. Como já mencionei anteriormente, Maradik sentiu de perto os efeitos de ambas as guerras travadas ao longo das linhas da antiga Fronteira Militar entre o Império Otomano e o Austro-Húngaro. Na Croácia, na antiga parte ocidental do Srem, a população sérvia declarava a Krajina Autônoma Sérvia (*Srpska autonomna oblast Krajina*, onde Krajina significa precisamente “fronteira”); e a antiga capital do Srem, Vukovar – a menos de cem quilômetros de distância –, defendida pelo exército croata, foi cercada e bombardeada pelo JNA durante três meses.²¹¹ Com a declaração da independência da Bósnia, as comunidades sérvias lideradas por Radovan Karadžić fundavam a Република Српска (Republika Srpska), situada a setenta quilômetros de Maradék. Em Maradék, ainda em 1992, simpatizantes de Milošević não identificados soltariam duas rajadas de metralhadora nas torres da igreja protestante e da igreja católica. Algumas famílias católicas, agora identificadas como croatas, decidiram trocar suas casas com sérvios da Croácia, que também eram ameaçados e muitas vezes expulsos de suas vilas por milícias croatas. A maioria dos jovens e os reservistas do exército tentavam a todo custo evitar o alistamento, alguns fugindo para a Hungria, outros para a Alemanha com a ajuda de parentes e amigos *Gastarbeiters*.²¹²

Enquanto isso, o restante dos maradikianos que evitou o alistamento militar buscava alternativas para viabilizar o cultivo e a sobrevivência. A *zadruga* basicamente parou todas as suas operações em função da hiperinflação e a falta total de insumos. Na prática, o *dinar* parou

²¹¹ O JNA, ou seja, o Exército Popular Iugoslavo, passou a ser o exército da Sérvia sem mudar de nome.

²¹² Já na reunificação das duas Alemanhas, o estatuto dos *gastarbeiters* também não era muito sólido. A partir da Crise Petrolífera de 1973, o número de convites a *gastarbeiters* diminuiu drasticamente, e a maioria dos iugoslavos sem vistos permanentes retornaria para a Iugoslávia até o final dos anos 1970. Os que conseguiram a permanência definitiva ficariam até a aposentadoria. Em Maradik, este foi o caso das famílias Beker e Novak, que estavam planejando a sua volta no início dos 1990, e acabaram adiando o retorno até a segunda metade da década. Já os membros da família Ivanović e Berta permanecem até hoje na Alemanha.

de circular e o marco alemão passa a ser o meio de pagamento preferencial. A gasolina passou a ser racionada, donos de automóveis registrados recebiam tickets que dava direito à compra de 20 litros por mês, agricultores recebiam vouchers de 6 litros de diesel por mês, que, segundo Géza Berta, era suficiente para arar meio hectare de terra. O último salário da *zadruga* que János Guyaš lembra de ter recebido em 1992 era de 60 milhões de dinares, que equivalia a 4 litros de leite em um supermercado de Novi Sad. Um ano depois, no pico da hiperinflação seria lançada a nota de 10 bilhões de dinares.

A economia de Maradék passa a depender exclusivamente do contrabando de gasolina e diesel. Quem tem carro dirige até a fronteira com a Hungria para encher o tanque e comprar diesel. Por causa do embargo cada cruzamento envolve o pagamento de suborno aos guardas de fronteira. Itens básicos como sal, açúcar, óleo de cozinha, passam a ser comprados do lado húngaro. Na volta vendia-se a gasolina em Novi Sad, e, se bem-sucedida, a viagem renderia diesel suficiente para operar os tratores. Suspeitou-se que o senhor X, que passara a década de 1980 como agrônomo chefe da *zadruga* estivesse usando parte da frota de propriedade da cooperativa para contrabandear gasolina em escalas maiores. Após ser questionado publicamente, a frota reaparece estacionada no pátio da *zadruga*, mas o senhor X é visto em Indija, com um grupo de boinas vermelhas e um caminhão pipa. Pouco tempo depois, ele entrega seu cargo na *zadruga*. A partir de 1995, o mesmo senhor X vira um dos membros proeminentes do diretório regional do Partido Socialista Sérvio, criado em 1990 por Milošević. Tratava-se, na verdade, da renomeação do Partido Comunista da Sérvia. O senhor X passa a apresentar-se como administrador e *businessman*.

Mesmo com o fim da guerra em 1995, a volta a tão desejada normalidade é lenta. A Sérvia ainda voltaria a ser sancionada com embargos em 1999 durante o conflito do Kosovo. A nova direção da *zadruga*, com inúmeras conexões políticas com o senhor X e com a elite partidária de Milošević, decreta falência em 1996. Maquinaria e outras ferramentas são leiloadas, muitas delas acabam sendo compradas por grupos de locais, que lentamente resumem as atividades agrícolas em suas terras. A lei de privatização e restituição de terras é anulada e passa por várias reformulações. Nenhuma delas consegue desfazer a confusão e o emaranhamento entre a antiga propriedade coletiva e as propriedades privadas que passaram a ser cultivadas pela cooperativa ao longo dos anos 1960. Uma parte da confusão tem sua origem nas diferentes práticas administrativas do órgão responsável pelo registro de terras do município e no cadastro fundiário. O Registro de Terras, equivalente a um cartório de imóveis, registrava qualquer mudança jurídica das terras: compra e venda, herança ou transferência de títulos de posse. De modo diferente, o Cadastro Fundiário, além do nome do proprietário, também

catalogava a posição da parcela, a área total (registrada muitas vezes ainda em acres vienenses), a qualidade da terra (do tipo 1 ao tipo 7), o cultivo e o usuário, que tinha que ser introduzindo em caso de arrendamento, por exemplo (DIKOVIĆ, 2015). Uma das possíveis origens da confusão e de informações contraditórias entre os dois tipos de registro diz respeito à impopularidade do Cadastro, pois este era usada para o cálculo dos impostos e nem sempre refletia as características reais das terras. Em geral, as pessoas deixaram de atualizar o Cadastro e atualizavam apenas o Registro. Após a Segunda Guerra, muitos maradikianos simplesmente deixaram de registrar alterações detalhadas das suas propriedades por desconfiança no sistema e como parte da resistência às práticas comunistas e às mudanças frequentes nos limites máximos de propriedade que se podia ter. Também há muitos casos pela Voivodina inteira de gente que deixava de registrar alterações relativas ao usuário, quando entravam com as suas terras nas cooperativas nos anos 1960.²¹³ E, finalmente, os casos de pessoas que foram chegando em grupos grandes na Voivodina após as duas guerras mundiais e que recebiam terra nas reformas agrárias também tendem a ser incompletos ou totalmente ausentes tanto do Cadastro como do Registro.

A indefinição cadastral teve e continua tendo três consequências sérias. Em primeiro lugar, criou um grupo de pessoas que não conseguiram recuperar parte de suas terras que foram cedidas às cooperativas. Em segundo lugar, embora seja o desejo da maioria dos agricultores, há uma desconfiança extrema na hora de compra e de venda de terras, pois qualquer imprecisão cadastral pode levar a disputas judiciais intermináveis. E, finalmente, o cenário extremamente caótico desta nova “transição” acabou facilitando a ascensão dos novos *biznismen*, em sua maioria provenientes da antiga classe de especialistas que assumiam o controle de cooperativas nos anos 1980 e que foram associados às elites corruptas da era Milošević.

Até o ano 2000, essas elites consolidariam a transferência do seu poder político para a esfera econômica. Nessa fase, denominada pelos economistas e *policy-makers* neoliberais de “transição à economia de mercado”, fábricas, cooperativas ou empresas que eram autogestionadas até o final dos anos 1980 foram sendo privatizadas. Seus antigos gestores e trabalhadores recebiam sua parte em ações de valor determinado, na época ainda indexado ao marco alemão. Cada ano de trabalho valia ações no valor de 400 marcos. Ao mesmo tempo, o

²¹³ Para piorar a falta de clareza nos direitos de propriedade atuais, em 1988, uma lei determinou a fusão do Cadastro e do Registro, mas nem todos os dados foram copiados, muitos outros foram mal copiados ou simplesmente distorcidos por funcionários que não estavam a par de práticas regionais ou das diferentes unidades (acre, hectare, pé Vienense) usadas ao longo dos tempos.

governo iludia os futuros acionistas, argumentando que se trataria apenas de uma modernização, pois enquanto acionistas continuariam gerenciando as empresas. Os diretores, agrônomos, e outros especialistas, continuavam em suas posições, pois ainda não havia um mercado de ações (bolsa de valores) consolidado, nem investidores ou acionistas com força e número de ações suficientes para demiti-los (MILOVANOVIC, 2007). Por sua vez, antigos trabalhadores e membros das companhias de autogestão tendiam a aceitar este processo de privatização, pois nas cidades era uma, se não a única, esperança de manterem seus empregos; mesmo diante da possibilidade de ficarem desempregados, ainda teriam ações de novas empresas privadas, algo que, no final de quase duas décadas de crise e guerra, ainda parecia melhor do que perder o emprego sem as ações. Na prática, os novos-antigos diretores e administradores descobriam dívidas gigantes ocultas, ou simplesmente levavam as novas empresas e sociedades anônimas à falência forçando os acionistas à venda de suas ações a preços muito menores do que valor inicial, as quais seriam compradas justamente pelos gestores e seus associados, que se transformariam na nova elite econômica e política (MILOVANOVIC, 2007).

No caso da cooperativa de Maradék, aconteceu algo semelhante a este processo descrito pelo economista Milic Milovanovic. Depois da falência, durante o processo de liquidação, os locais que tinham parcelas na cooperativa e os registros cadastrais em ordem retirariam suas terras. Felizmente, este era o caso da maioria, graças ao antigo funcionário de planejamento do município que foi subornado em 1953, quando o limite de 25 hectares de propriedade privada foi reduzido a 10 hectares por casa. Cerca de vinte famílias ainda estão à espera da resolução da disputa judicial, e, por isso, acabaram não vendendo suas ações na nova empresa à qual a *zadruga* deu origem. O senhor X e seus associados compram a *zadruga* em 1998 e a deixam sem produzir, mas aproveitariam o seu valor fundiário para conseguir linhas de crédito valiosas, que usam para a compra de outras empresas no setor de processamento de alimentos, em frigoríficos e mais terra nos diversos municípios de Srem e do Banat da Voivodina. Finalmente, com o novo aglomerado de *zadrugas* e outras empresas, seria criada a *Agrounija Inđija S.A* e as ações vendidas para o holding MK Group, que é o socio majoritário da *Agrounija* e uma das maiores empresas no agronegócio regional.²¹⁴

Por sua parte, após a “normalização democrática” e a derrocada do regime Milošević no ano 2000, os camponeses de Maradék foram transformados pelas políticas agrárias dos novos

²¹⁴ De acordo com a página oficial do MK Group S.A., o grupo foi fundado em 1995 e fechou o ano de 2016 com uma receita líquida de 18,58 milhões de Euros.

governos em “produtores agrícolas” e, tal como durante os anos de resistência contra as políticas comunistas de coletivização e *otkup*, tentam achar, sem muito sucesso por enquanto, o seu lugar nesta nova configuração política e econômica. A consciência dessas *transições* é, contudo, pungente:

Os comunistas diziam que éramos camponeses atrasados, e que o socialismo só funcionaria quando deixássemos de ser. Depois, o socialismo nos deu dinheiro em mãos, e nós viramos verdadeiros capitalistas e biznismen sem sabermos. Agora os políticos dizem que somos atrasados e para as coisas funcionarem temos que tirar o socialismo da cabeça. Mas numa coisa eles tão certos: essa mão invisível que falam tanto é invisível mesmo, não dá nada, nem esterco de cavalo para fertilizar a terra. Desse jeito, a tal da transição vai nos levar ao feudalismo de novo.

– Pali Csepregi, Maradik

* * *

Em 1991, com as declarações de independência nas repúblicas federadas, estourava a guerra na Iugoslávia pegando de surpresa e causando espanto na opinião pública mundial. Afinal, tratava-se do único estado socialista do mundo que, dez ou quinze anos antes, era reconhecido, se não admirado, como o Estado do socialismo humanista até mesmo por setores pouco simpáticos aos ideários socialistas. Era o Estado que, em 1984, nos jogos olímpicos de inverno em Sarajevo, tinha mostrado ao mundo que a convivência pacífica e a cooperação eram sim possíveis entre nações e nacionalidades de línguas semelhantes, mas de religiões distintas, as quais quatro décadas antes daquele inverno ainda travavam uma guerra civil.

Imediatamente após o início das guerras dos anos 1990, a Iugoslávia deixava de ser parte da Europa, e, como discutido no primeiro capítulo, dois tipos de teorias monocausais surgiriam para explicar o seu fim violento. Primeiro, a dos “ódios ancestrais” cujos fantasmas voltariam a assombrar os Balcãs de tempos em tempos e independentemente da configuração política ou de experimentos econômicos. Até os dias de hoje, *Balkan Ghosts*, de Robert Kaplan, continua sendo o maior best-seller publicado sobre os Balcãs. O livro, vale lembrar, foi exibido pelo presidente norte-americano Bill Clinton no avião rumo a Dayton, onde fora assinado o acordo de paz da guerra da Bósnia em 1995. Já a segunda teoria monocausal explicava o colapso da Iugoslávia a partir de análises de cunho econômico e, apesar de reconhecer certos méritos do sistema de autogestão ou do socialismo de mercado, enquanto durava o milagre econômico e os iugoslavos iam às compras, autores como Susan Woodward (1995) ou Dijana Plestina

(1992) argumentam que por razões macroeconômicas o sistema era insustentável e que crises econômicas impactavam as diferentes repúblicas iugoslavas de maneiras diferenciadas. Esse último tipo de argumento sustenta que, no sistema iugoslavo do socialismo de mercado, nem o elemento socialista (as unidades produtivas autogestionadas) nem o elemento capitalista (a competição entre empresas e cooperativas) foi capaz de solucionar tais crises. Antes, ambos os elementos acabariam aprofundando as rivalidades e ressentimentos regionais e, como o partido no poder também era incapaz de corrigir e superar as disparidades regionais, deixou-se o terreno propício para aventureiros políticos como Milošević.

Não foi minha intenção neste texto oferecer uma explicação alternativa para a destruição da Iugoslávia. Mas, em diferentes momentos, essa tese procurou mostrar como, ao contrário das teorias de ódios ancestrais, que opõem sérvios, húngaros e croatas, se as narrativas locais indicam uma preocupação constante com as origens, há uma ciência compartilhada de que se trata de uma região com idas e vindas de fronteiras, o que também significa idas e vindas de populações, ondas migratórias, políticas de colonização e de assentamento, mas também deportações, expulsões e genocídios. Não se trata de diferenças irreduzíveis, e sim de um sistema classificatório, que reproduz uma dinâmica semelhante àquela entre Estabelecidos e Outsiders, descrita por Elias e Scotson (2000), ou, para usar os termos locais, entre assentados, estrangeiros, colonos, assimilados, veteranos de guerra, refugiados, optados, etc. Em Maradék, camponeses começam a reabitar a região após a retirada otomana a partir do final do século XVII, populações sérvias migram do Kosovo para a Voivodina também na virada do século XVII para o XVIII, e, no próprio século XVIII, há uma política de colonização organizada a partir de Viena, que promove o assentamento de camponeses alemães porque seriam mais leais ao Império do que húngaros e sérvios. Após a I Guerra Mundial, veteranos de guerra sérvios e montenegrinos são assentados na área pelo novo Reino da Iugoslávia; na II Guerra Mundial, judeus são eliminados da região; logo depois, alemães são expulsos e deportados e novos veteranos de guerra são assentados pelo governo comunista. Na guerra entre 1992 e 1995, chegam refugiados das partes sérvias da Bósnia-Herzegovina e das Krajinas Croatas, e, com a tensão da guerra, famílias croatas de Maradék optam por emigrar para a Croácia. Cada um desses movimentos acaba por reatualizar a dinâmica entre nativos, mais ou menos nativos, e recém-chegados. Numa tal dinâmica, cada um dos grupos busca construir a legitimidade de estar ali seja em termos de “direitos históricos” seja pela relação com os poderes estatais – também em constante mudança.

Ao mesmo tempo, utilizando o método etnográfico, também procurei mostrar como, mesmo em momentos de grandes rupturas no tecido social e de crises econômicas

agudas. Como discutido no último capítulo, moradores de diferentes nacionalidades e procedências puderam se juntar e resistir às práticas totalitárias da coletivização forçada e das entregas compulsórias e sem compensação dos alimentos produzidos. Ironicamente, a resistência ao projeto comunista acabou criando aquilo que este pretendia instituir à força: a cooperação entre pessoas de diferentes grupos sociais, que falam línguas distintas no seu dia a dia, ou que frequentam diferentes locais de culto religioso. Outros momentos igualmente críticos, é preciso dizer, acabaram não produzindo o mesmo tipo de resistência e ação conjuntas. Mas antes de recorrer a explicações essencialistas e invocar ódios eternos, tentei demonstrar como o “modelo étnico” ou nacional não necessariamente traduz a guerra que se travava entre “sérvios”, “croatas” e “bósnios” no espaço pós-iugoslavo, mesmo quando os próprios habitantes de Maradék aparentavam mobilizá-las.

Retomando as narrativas sobre a história, mais e menos distante no passado, surge aquilo que poderíamos denominar de um sistema classificatório que gira em torno de movimentos migratórios voluntários ou promovidos pelos centros políticos de cada época. A recepção e o sucesso das mensagens nacionalistas de Milošević e seus simpatizantes mostram a facilidade com que foram mobilizados os sistemas classificatórios que o sistema iugoslavo havia tentado resolver durante as décadas anteriores ao oferecer identidades supranacionais sem eliminar a possibilidade de identidades outras (fossem estas nacionais, étnicas ou regionais). Não obstante, como mostra a lei da reforma agrária e todo o histórico da colonização na Voivodina, o mesmo sistema acabou por promover ou perpetuar sistemas classificatórios que surgiam e se renovavam com as novas ondas de migrações ou assentamentos desde os tempos imperiais otomanos, austríacos ou húngaros, ou dos tempos das guerras, todas elas acompanhadas de expulsão, genocídio e assentamentos organizados a partir dos centros políticos.

Ao direcionar meu olhar para a antropologia econômica, ou talvez para uma antropologia do campesinato, procurei também questionar, a partir de dados etnográficos e narrativas dos habitantes de Maradik, uma das grandes narrativas sobre o sistema iugoslavo de autogestão como um socialismo humanista que “teria dado certo”. Esta contava com a simpatia dos ambientes acadêmicos e intelectuais durante boa parte dos anos 1960 e 1970. Procurei mostrar como o sistema não se impunha de cima para baixo e, além disso, de que modo tanto quadros partidários como sujeitos “socialistas” foram criados a partir da resistência ao projeto comunista. É nessa interação, e não em planos previamente ordenados, que surge o socialismo autogestionado, no qual cooperativas coletivas e terrenos privados juntariam elementos socialistas e capitalistas ou de mercado. O sistema parece funcionar bem durante muito tempo,

colocando a Iugoslávia num patamar comparável ao da Europa desenvolvida, mas, no fundo, tinha embutida a sua própria ineficácia. Pela primeira vez chega um grande excedente de dinheiro nas mãos da população, que, contudo, não tem com o que gastar, se não no consumo de bens, graças aos limites impostos na economia socialista. Na cooperativa de Maradék, os próprios membros decidiam quanto reinvestir na produção e quanto tirar dos lucros em forma de salários e compensações. Essa dinâmica acabou por criar um déficit significativo, sempre repostado pelo estado, que já não queria arriscar mais uma revolta ou insatisfação camponesa-operária. Aqueles tempos de vida boa e de “dinheiro vermelho” chegam lentamente ao seu fim a partir dos finais dos anos 1970. A inflação, a competição entre as repúblicas federadas e a crise econômica acabam arrebatando a Iugoslávia. Essa tese, porém, também procurou mostrar como as teorias que privilegiam a perspectiva macroeconômica perdem de vista dinâmicas sociais extra-econômicas e acabam por mitigar o aspecto autoritário do regime em vista de uma explicação abrangente.

Nos dias atuais, a partir de 2013-4, a vila de Maradék e suas redondezas viu o trânsito crescente de refugiados sírios e afegãos, que chegam da Grécia em direção ao norte para entrarem na Hungria ou, com o fechamento das fronteiras ao norte, tentam adentrar na República Srpska na Bósnia, ou ainda tentam atravessar a fronteira entre a Sérvia e a Croácia em Vukovar. A localização da rota do tráfico humano no “caminho dos Balcãs” significa, mais uma vez, uma nova atualização da dinâmica entre “locais” e “recém-chegados”. Ao mesmo tempo, tal como no período socialista, os habitantes de Maradék estão aprendendo uma nova linguagem, agora a do mercado livre, e ensaiando as novas formas de produção e convívio em mais uma “nova transição” econômica, política e social.

Referências Bibliográficas

- Ágoston, Gábor, and Bruce Alan Masters. 2010. *Encyclopedia of the Ottoman Empire*. Infobase Publishing.
- Anderson, Benedict. 1991. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Rev. and extended ed. London ; New York: Verso.
- Antohei, Sorin, and Vladimir Tismaneanu, eds. 2000. *Between Past and Future: The Revolutions of 1989 and Their Aftermath*. New York: Central European University Press.
- Archer, Rory. 2018. “The Moral Economy of Home Construction in Late Socialist Yugoslavia.” *History and Anthropology* 29 (2): 141–62.
- . n.d. “Paint Me Black and Gold and Put Me in a Frame”: Turbofolk and Balkanist Discourse in (Post) Yugoslav Cultural Space.”
- Arendt, Hannah. 2013. *Origens Do Totalitarismo*. Editora Companhia das Letras.
- Armakolas, Ioannis. 2001. “A Field Trip to Bosnia: The Dilemmas of the First-Time Researcher“ In Smyth, Marie, Gillian Robinson eds. 2001. *Researching Violently Divided Societies: Ethical and Methodological Issues*. Tokyo; New York; London; United Pluto Press.
- Bakić-Hayden, Milica, and Robert M Hayden. 1992. “Orientalist Variations on the Theme ‘Balkans’: Symbolic Geography in Recent Yugoslav Cultural Politics.” *Slavic Review* 51 (1): 1–15.
- Banac, Ivo. 1988a. *The National Question in Yugoslavia: Origins, History, Politics*. Cornell University Press.
- . 1988b. *With Stálin Against Tito: Cominformist Splits in Yugoslav Communism*. Cornell University Press.
- Basch, Gábor. 2003. *Assentados, Estrangeiros e Nativos Conflitos Sobre Nacionalidade e Cidadania na Hungria e na Voivodina*. Dissertação de Mestrado, Unicamp.
- . 2013 “Settlers, Natives, and Refugees: Classificatory Systems and the Construction of Autochthony in Vojvodina”. In Spasić, I., Cvetičanin, P. (eds.) *US AND THEM - Symbolic Divisions in Western Balkan Societies* Institute for Philosophy and Social Theory. University of Belgrade
- Benedek, Wolfgang, Christopher Daase, and Vojin Dimitrijevic, eds. 2010. *Transnational Terrorism, Organized Crime and Peace-Building: Human Security in the Western Balkans*. New York: Palgrave Macmillan.
- Bendl, Júlia. *Lukács György élete a századfordulótól 1918-ig*. Budapest: Scientia Humana, 1994.

- Berenger, Jean. 1997. *Habsburg Empire 1700-1918*, The. London; New York: Routledge.
- . 2014. *A History of the Habsburg Empire 1273-1700*. Routledge.
- Beszédes, Valéria. 2011. Beszédes Valéria: *Hol Volt... - Néprajzi És Műemlékvédelmi Tanulmányok*. Zenta: VMMI.
- Bibó István. 1986. *A Kelet-európai kisállamok nyomorúsága*. Budapest, Magvető Könyvkiadó.
- Bideleux, Robert. 2007. *The Balkans: A Post-Communist History*. 1st ed. Milton Park, Abingdon, Oxon ; New York: Routledge.
- Böhm, Johann. 2009. *Die deutsche Volksgruppe in Jugoslawien 1918-1941: Innen- und Aussenpolitik als Symptome des Verhältnisses zwischen deutscher Minderheit und jugoslawischer Regierung*. Peter Lang.
- Bokovoy, Melissa Katherine. 1998. *Peasants and Communists: Politics and Ideology in the Yugoslav Countryside, 1941-53*. University of Pittsburgh Press.
- Brashich, Ranko M. 1954. *Land Reform and Ownership in Yugoslavia, 1919-1953*. Mid-European Studies Center, Free Europe Committee.
- Bridger, Sue, and Frances Pine, eds. 1997. *Surviving Post-Socialism: Local Strategies and Regional Responses in Eastern Europe and the Former Soviet Union*. London ; New York: Routledge.
- Bringa, Tone. 1995. *Being Muslim the Bosnian Way*. Princeton, N.J: Princeton University Press.
- Bringa, Tone Rand. 1991. *Gender, Religion and the Person: The 'negotiation' of Muslim Identity in Rural Bosnia*. London School of Economics and Political Science (University of London).
- Brković, Čarna. 2018. "Epistemological Eclecticism: Difference and the 'Other' in the Balkans and Beyond." *Anthropological Theory* 18 (1): 106–28.
- Brubaker, Rogers. 1996. *Nationalism Reframed: Nationhood and the National Question in the New Europe*. Cambridge [England] ; New York: Cambridge University Press.
- Buchowski, Michał. 2007. "The Invention of Postsocialist Anthropologists and Anthropology By Anthropologists." 2007 *Annual SOYUZ Symposium Locating "Eurasia" in Postsocialist Studies: The Geopolitics of Naming*.
- Burić, Olivera. 1976. "The Zadruga and the Contemporary Family in Yugoslavia" In Byrnes, Robert F. ed. *Communal Families in the Balkans: Zadruga*. First Edition edition. Notre Dame, Ind: University of Notre Dame Press.
- Cahalen Schneider, Deborah. 2006. *Being Góral Identity Politics and Globalization in Postsocialist Poland*. Albany, NY: State University of New York Press.
- Chaianov, Aleksandr Vasil'evich. 1986. *Theory of Peasant Economy*. Univ of Wisconsin Press.

- Cohen, Jean L., and Andrew Arato. 1994. *Civil Society and Political Theory*. MIT Press.
- Čolović, Ivan. 2004. "Football, Hooligans, and War in Ex-Yugoslavia". In: Fenner A., Weitz E.D. (eds) *Fascism and Neofascism. Studies in European Culture and History*. Palgrave Macmillan, New York.
- Crapanzano, Vincent. 1985. *Waiting: The Whites of South Africa*. Second Printing edition. New York: Random House.
- Cseres Tibor. 1993. *Vérbosszú Bácskában*. ["Vingança no Bácska"], Budapest, Magvető.
- Dikovic, Jovana. 2014. "Neither Peasant, Nor Farmer. Transformations of Agriculture in Serbia after 2000". *Martor* 19: 149-162
- . 2014 "The Practices of Land Ownership in Vojvodina: The Case of Aradac". In Siegrist, Hannes, Müller, Dietmar. *Property in East Central Europe: Notions, Institutions, and Practices of Landownership in the Twentieth Century*. Berghahn Books.
- Djilas, Milovan. 1982. *New Class: Analysis of Communist System*. San Diego: Mariner Books.
- Drakulić, Slavenka. 1993. *The Balkan Express: Fragments from the Other Side of War*. 1st American ed. New York: W.W. Norton & Co.
- Duijzings, Gerlachus. 1995. "Egzodus Iz Letnice. Hrvatske Izbjeglice Sa Kosova u Zapadnoj Slavoniji. Kronika." *Narodna Umjetnost. The Croatian Journal of Ethnology and Folklore Research* 32 (2): 129–52.
- Dunn, Elizabeth C. 2004. *Privatizing Poland: Baby Food, Big Business, and the Remaking of Labor*.
- Égető, Melinda. 1990. "A Szerémségi Szórványmagyarok Kultúrájáról." In Niedermüller Péter (ed.) *Népi kultúra - népi társadalom: folclorica et ethnographica: a Magyar Tudományos Akadémia Néprajzi Kutató Csoportjának évkönyve*. 15. köt.
- Elias, Norbert. 1992. *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- . & Scotson, John L. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Erdei, Ildiko. 2014. "IKEA in Serbia: Debates on Modernity, Culture and Democracy in the Pre-Accession Period." In: Petrović, Tanja (ed.) *Mirroring Europe Ideas of Europe and Europeanization in Balkan Societies*. pp 114–34.
- Fejtő, Ferenc. 1988. *Requiem pour um empire défunt. Histoire de la destruction de l'Autriche-Hongrie*. Paris, Lieu Commun.
- Fine, John V. A. 2006. *When Ethnicity Did Not Matter in the Balkans: A Study of Identity in Pre-Nationalist Croatia, Dalmatia, and Slavonia in the Medieval and Early-Modern Periods*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Gaceša, N. 1972. *Agrarna reforma i kolonizacija u Banatu 1919 - 1941*. Novi Sad: Prosveta

- Gábrity Molnár, Irén. 2008. *Oktatásunk Láttele: Oktatásszociológiai Olvasmány*. Újvidék: Forum.
- Geertz, Clifford. 2008. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gellner, Ernest. 2008. *Nations and Nationalism*. Cornell University Press.
- Goldman, Irving, and Margaret Mead. 1952. "Soviet Attitudes Toward Authority." *American Slavic and East European Review* 11 (2): 167.
- Golubovic, Zvonimir 1991. *Racija u Južnoj Bačkoj, 1942 godine*. Novi Sad
- Giordano, Christian. 2014. "The Ethnicization of Agrarian Reforms: The Case of Interwar Yugoslavia". *Martor* 19: 31-42
- Gordy, Eric. 2013. *Guilt, Responsibility, and Denial: The Past at Stake in Post-Milosević Serbia*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- . 2017. "Now, the Post-Mladić Era: Four Thoughts." *East Ethnia* (blog). November 23, 2017. <https://eastethnia.wordpress.com/2017/11/23/now-the-post-mladic-era-four-thoughts/>.
- Gorunović, Gordana. 2008. "On a Not So Well Tempered Marxism: Ideological Criticism, Historical Reconstructions and a Late Return to Ethnogenesis In The Work Of Špiro Kulišić". In Mihailescu, Vintila, Ilija Iliev, and Slobodan Naumovic, eds. 2008. *Studying Peoples in the People's Democracies II: Socialist Era Anthropology in South-East Europe*. Münster: LIT Verlag. p 307-336
- Grandits, Hannes, and Karin Taylor. 2010. *Yugoslavia's Sunny Side: A History of Tourism in Socialism (1950s–1980s)*. Central European University Press.
- Greenberg, J. 2006. "'Goodbye Serbian Kennedy': Zoran Dindic and the New Democratic Masculinity in Serbia." *East European Politics and Societies* 20 (1): 126–51.
- Greenberg, Robert D. 2004. *Language and Identity in the Balkans: Serbo-Croatian and Its Disintegration*. Oxford University Press.
- Gyurgyák János. 2001. *A zsidókérdés Magyarországon*. Budapest, Osiris.
- Hackett, David A. 1997. *The Buchenwald Report*. Boulder, Colo.: Basic Books.
- Hajnal, Virág, and Papp Richárd. 2008. *Közelből Is Távol: Magyar Világok a Vajdaságban*. Budapest: Timp.
- Halpern, Joel M., and Eugene A. Hammel. 1969. "Observations on the Intellectual History of Ethnology and Other Social Sciences in Yugoslavia." *Comparative Studies in Society and History* 11 (01): 17–26.
- Halpern, Joel M., and David A. Kideckel, eds. 2000. *Neighbors at War: Anthropological Perspectives on Yugoslav Ethnicity, Culture, and History*. University Park: Pennsylvania State University Press.

- Halpern, Joel Martin, and Barbara K. Halpern. 1972. *A Serbian Village in Historical Perspective*. Prospect Heights, Ill.: Waveland Pr Inc.
- Hammel, E a. 1969. "Structure and Sentiment in Serbian Cousinship." *American Anthropologist* 71 (2): 285–93.
- . 1973. "The Lineage Cycle in Southern and Eastern Yugoslavia." *American Anthropologist* 75 (3): 802–14.
- Hammel, Eugene A. 1968. *Alternative Social Structures and Ritual Relations in the Balkans*. 1st Edition edition. Prentice Hall.
- Hann, Chris. 1980. *Tázlár: A Village in Hungary*. Changing Cultures. Cambridge University Press.
- Hann, Chris M. 1985. *A Village without Solidarity: Polish Peasantry in Years of Crisis*. New Haven: Yale University Press.
- Hayden, Robert M. 1996. "Imagined Communities and Real Victims: Self-Determination and Ethnic Cleansing in Yugoslavia." *American Ethnologist* 23 (4): 783–801.
- . 2013. *From Yugoslavia to the Western Balkans: Studies of a European Disunion, 1991-2011*. Balkan Studies Library, volume 7. LEIDEN: BRILL.
- Henig, David, and Nicolette Makovicky, eds. 2017. *Economies of Favour after Socialism*. First edition. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press.
- Hirsch, Francine. 2005. *Empire of Nations: Ethnographic Knowledge & the Making of the Soviet Union*. Culture & Society after Socialism. Ithaca: Cornell University Press.
- Hobsbawm, E. J. 1992. *Naciones y nacionalismo desde 1780*. Barcelona: Crítica.
- Hobsbawm, E. J. 1996. *The Age of Revolution 1789-1848*. Vintage Books ed. New York: Vintage Books.
- Hofer, Tamas. 1968. "Anthropologists and Native Ethnographers in Central European Villages: Comparative Notes on the Professional Personality of Two Disciplines." *Current Anthropology* 9 (4): 311–311.
- Hofman, Ana. 2011. *Staging Socialist Femininity: Gender Politics and Folklore Performance in Serbia*. Balkan Studies Library. Leiden ; Boston: Brill.
- Jansen, Stef. 2012. "The Afterlives of the Yugoslav Red Passport." In *Citizenship in Southeast Europe*
- Jelavich, Barbara. 1983. *History of the Balkans*. Cambridge University Press.
- Jelavich, Charles, and Barbara Jelavich. 1963. *The Balkans in Transition: Essays on the Development of Balkan Life and Politics since the Eighteenth Century*. Univ of California Press.

- Kaneff, Deema, and Alexander D. King. 2004. "Introduction: Owning Culture." *Focaal* 2004 (44): 3–19.
- Karády Viktor. 2000. *Los Judios en la Modernidad Europea. Experiencia de la violencia e utopia*. Madrid Siglo XXI.
- _____. 2001. *Önazonosítás, sorsválasztás. A zsidó csoportazonosság történelmi alakváltozásai Magyarországon*. Budapest, Új Mandátum.
- _____, Kozma István. 2002. *Név és Nemzet. Családnév-változtatás, névpolitika és nemzetiségi viszonyok Magyarországon a feudalizmustól a kommunizmusig*. Budapest, Osiris.
- Karadžić, Vuk Stefanović. 1898. *Skupljeni istoriski i etnografski spisi*. Štamparija Kraljevine Srbije.
- Karp, Aaron. 2018. "Estimating Global Civilian- HELD Firearms Numbers." Geneva.
- Kende, Pierre. 1992. *L'Europe centrale et orientale. Conflits, incertitudes et restructurations*. Paris, La Documentation française.
- Kerényi, Ferenc. 2008. *Petőfi Sándor Élete És Költészete: Kritikai Életrajz*. Osiris Monográfiák. Budapest: Osiris.
- Kerenji, Emil. 2005. "Vojvodina Since 1988". In Sabrina Ramet & Vjeran Pavlaković. *Serbia since 1989: Politics and Society under Milošević and After*. University of Washington Press
- Kideckel, David A. 2008. *Getting by in Postsocialist Romania: Labor, the Body, and Working-Class Culture*. Bloomington, Ind: Indiana University Press.
- Klamár, Zoltán. 2005. "Etnikus Kapcsolat a Szerbek, Horvátok és Magyarok Között Maradék Falu Társadalmában." *Múzeumi Kutatások Csongrád Megyében* 2004, 246–52.
- Kligman, Gail. 2001. "A 'Másság' Társadalmi Felépítése: A 'Roma' Azonosítása A Posztzocialista Közösségekben." *Szociológiai Szemle* 2001/4., no. 4: 66–84.
- Kligman, Gail, and Katherine Verdery. 2011. *Peasants under Siege: The Collectivization of Romanian Agriculture, 1949-1962*. Princeton University Press.
- Kocsis, Károly, and Eszter Kocsisné Hodosi. 1998. *Ethnic Geography of the Hungarian Minorities in the Carpathian Basin*. Budapest: Geographical Research Institute, Research Centre and Earth Sciences.
- Kocsis, Károly. 1993. *Jugoszlávia, egy felrobbant etnikai mozaik esete*. Budapest, Teleki László Alapítvány.
- Kornai, János. 1992. *The Socialist System the Political Economy of Communism*. Princeton University Press.
- Kósa, László. 1993. *Egyház, társadalom, hagyomány*. Debrecen: Ethnica Kiadás.

- Kürti, László. 2001. *The Remote Borderland: Transylvania in the Hungarian Imagination*. SUNY Series in National Identities. Albany: State University of New York Press.
- Ladanyi J. 2001. "The Hungarian neo-liberal state, ethnic classification, and the creation of the Roma underclass" In Emigh, R. I. Szelényi eds. *Poverty, Ethnicity and Gender in Eastern Europe during Market Transition*. Westport, CT: Greenwood Press, 67–82.
- Lampe, John R., Marvin R. Jackson. 1982. *Balkan Economic History, 1550-1950*. (The Joint Committee on Eastern Europe Publication Series, no. 10). Bloomington: Indiana University Press.
- Lampe, John R., Russell O. Prickett, Ljubisa S. Adamovic, Ljubiša S. Adamović, and Ljubiša S. Adamović. 1990. *Yugoslav-American Economic Relations Since World War II*. Duke University Press.
- Laslett, Peter. 1972. *Household and Family in Past Time; Comparative Studies in the Size and Structure of the Domestic Group over the Last Three Centuries in England, France, Serbia, Japan and Colonial North America, with Further Materials from Western Europe*. Cambridge University Press.
- Ledeneva, Alena V. 1998. *Russia's Economy of Favours: Blat, Networking, and Informal Exchange*. Cambridge Russian, Soviet and Post-Soviet Studies 102. Cambridge, UK; New York, NY, USA: Cambridge University Press.
- Litván, György. 1990. "Karl Polanyi in Hungarian Politics". In *The Life and Work of Karl Polanyi*, ed. Kari Polanyi-Levitt. Montreal: Black Rose Books, 1990.
- Lukan, Walter. 2006. *Serbien und Montenegro: Raum und Bevölkerung, Geschichte, Sprache und Literatur, Kultur, Politik, Gesellschaft, Wirtschaft, Recht*. LIT Verlag Münster.
- Luković, Jovica 2015. "The Country Road to Revolution: Transforming Individual Peasant Property into Socialist Property in Yugoslavia, 1945–1953". In Siegrist, Hannes, Müller, Dietmar. *Property in East Central Europe: Notions, Institutions, and Practices of Landownership in the Twentieth Century*. Berghahn Books.
- Mahmood, Saba. 2005. *Politics of Piety: The Islamic Revival and the Feminist Subject*. Princeton, N.J: Princeton University Press.
- Malcolm, Noel. 2002. *Kosovo: A Short History*. Pan.
- Matuska Márton. 1991. *A megtorlás napjai*. Budapest, Montázs.
- Mazower, Mark. 2009. *Dark Continent Europe's Twentieth Century*. New York: Vintage.
- McIlroy, J. 2017. "Another look at E. P. Thompson and British Communism, 1937–1955". *Labor History*, 58(4), 506–539.
- Mead, Margaret, ed. 2000. *The Study of Culture at a Distance*. Reprint edition. New York: Berghahn Books.

- Mihailescu, Vintila, Ilija Iliev, and Slobodan Naumovic, eds. 2008. *Studying Peoples in the People's Democracies II: Socialist Era Anthropology in South-East Europe*. Münster: LIT Verlag.
- Milosevich, Mira. 2001. *El trigo de la guerra: Nacionalismo y violencia en Kosovo*. Madrid: Espasa.
- Milovanovic, Milic. n.d. "Property Rights, Liberty, and Corruption in Serbia." *The Independent Review* Vol. 12, No. 2 (Fall 2007), Pp. 213-234, 23.
- Mosely, Philip E. 1976. "The Peasant Family: The *Zadruga*, or Communal Joint-Family in the Balkans and Its Recent Evolution." In Byrnes, Robert F.: *Communal Families in the Balkans: The Zadruga. Essays by Philip E. Mosely and Essays in His Honor*, University of Notre Dame Press, 19–30. Indiana.
- Nagengast, Carole. 1991. *Reluctant Socialists, Rural Entrepreneurs: Class, Culture, and the Polish State*. Boulder u.a.: Westview Press.
- Narkowicz, Kasia. 2018. "Dialoguing Between the Posts: Can We Think Postcolonially about Central and Eastern Europe? Perspective from Poland" *Lefteast*
- Nedeljković, Saša. 2014. "A Contribution to the Study of the Development of Ethnology and Anthropology in Post-Socialist Serbia." *Ethnologia Balkanica* 17: 241–266.
- Ortutay, Gyula, ed. 1977. *Magyar Néprajzi Lexikon*. Budapest: Akadémiai Kiadó.
- Papp Richárd. 2003. *Etnikus vallások a Vajdaságban?* Budapest: L' HARMATTAN.
- . 2007. *Délvidék/Vajdaság Társadalomtudományi Tanulmányok*. Zenta: Vajdasági Magyar Művelődési Intézet.
- Patterson, Patrick Hyder. 2011. *Bought & Sold: Living and Losing the Good Life in Socialist Yugoslavia*. Ithaca, N.Y: Cornell University Press.
- Pavlowitch, Stevan. 2008. *Hitler's New Disorder: The Second World War in Yugoslavia*. Oxford University Press.
- Pénovátz, Antal. 1979. *A vajdasági magyar néprajzi kalauz*. Újvidék. Forum.
- Petrović, Tanja. 2010. "Nostalgia for the JNA? Remembering the Army in the Former Yugoslavia" In. Todorova, Maria & Gille, Zsuzsa eds. *Post-Communist Nostalgia*. New York: Berghahn Books.
- . 2014. *Mirroring Europe: Ideas of Europe and Europeanization in Balkan Societies*. BRILL.
- Pierre-Caps, Stephane s.d. *A multinação. O futuro das minorias na Europa Central e Oriental*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Plestina, Dijana. *Regional Development In Communist Yugoslavia: Success, Failure, And Consequences*. 1 edition. Boulder: Westview Press, 1992.

- Prelic, Mladena. 2008. "Ethnographical Institute of the Serbian Academy of Sciences and Arts in search of the Lost Subject of Serbian Ethnology: from Ethnos to Ethnic Identity". In Mihailescu, Vintila, Ilia Iliev, and Slobodan Naumovic, eds. 2008. *Studying Peoples in the People's Democracies II: Socialist Era Anthropology in South-East Europe*. Münster: LIT Verlag p261-284
- Ramet, Sabrina P. 2005. *Thinking about Yugoslavia Scholarly Debates about the Yugoslav Breakup and the Wars in Bosnia and Kosovo*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press.
- Ramet, Sabrina P. 2006. *The Three Yugoslavias: State-Building and Legitimation, 1918-2005*. Indiana University Press.
- Restrepo, Eduardo, and Arturo Escobar. 2005. "Other Anthropologies and Anthropology Steps to a World Anthropologies Framework." *Critique of Anthropology* 25 (2): 99–129.
- Rolandi, Francesca. 2017. "Yugoslavia Looking Westward: Transnational Consumer Contact with Italy During the 1960s". In Dijana Jelača et. al. *The Cultural Life of Capitalism in Yugoslavia (Post)Socialism and Its Other*. Springer Berlin Heidelberg, New York, p. 191-208.
- Romsics Ignác 1988. *Nemzet, nemzetiség és állam Kelet-Közép és Délkelet-Európában a 19. és a 20. században*. Budapest, Napvilág Kiadó
- Said, Edward W. 1979. *Orientalism*. New York: Vintage Books.
- Sajti, A. Enikő. 2013. "A Magyar Vagyonok Kisajátítása, Államosítása Jugoszláviában 1945 Után." In *A Titói Rendszer Megszilárdulása a Tisza Mentén (1945–1955) - Konsolidacija Titovog Režima Na Potisju (1945–1955)*. 133–59. Zenta: Vajdasági Magyar Művelődési Intézet.
- Sajti, Enikő A. 2004. *Impériumváltások, Revízió És Kisebbség: Magyarok a Délvidéken, 1918-1947*. Budapest: Napvilág.
- Sampson, Steven L. 1984. *National Integration through Socialist Planning: An Anthropological Study of a Romanian New Town*. East European Monographs, no. 148. Columbia University Press.
- Sárkány, Mihály, C. M Hann, and Peter Skalník, eds. 2005. *Studying Peoples in the People's Democracies: Socialist Era Anthropology in East-Central Europe*. Münster: Lit.
- Schindler, John R. 2007. *Unholy Terror*. Zenith Imprint.
- Scott, James C. 2000. *The Moral Economy of the Peasant Rebellion and Subsistence in Southeast Asia*. Nachdr. New Haven [u.a.]: Yale Univ. Press.
- Scott, James C. 2003. *Weapons of the Weak Everyday Forms of Peasant Resistance*. Princeton, N.J.: Recording for the Blind & Dyslexic.
- Semprún, Jorge. 2012. *Viviré con su nombre, morirá con el mío*. Edición: Translation. Barcelona: Maxi-Tusquets.

- . 2014. *El largo viaje*. Translated by Jacqueline Conte and Rafael Conte. Barcelona: Austral.
- . 2015. *La escritura o la vida*. Translated by Thomas Kauf. Barcelona: Austral.
- Simić, Andrei. 1974. "Urbanization and Cultural Process in Yugoslavia." *Anthropological Quarterly* 47 (2): 211–27.
- Simić, Andrei, and Edit Petrovic. 1989. "Montenegrin Colonists In Vojvodina: Objective And Subjective Measures Of Ethnicity." *Serbian Studies* 5 (4): 5–20.
- Taylor, Karin. 2010. "My Own Vikendica: Holiday Cottages as Idyll and Investment. (2010). In Taylor K. & Grandits H. (eds.), *Yugoslavia's Sunny Side: A History of Tourism in Socialism (1950s–1980s)* Pp. 171-210. Central European University Press."
- Thomaz, Omar Ribeiro. 1997. "Bósnia-Herzegovina: A Vitória Da Política Do Medo." *Novos Estudos - CEBRAP*, 16.
- , Basch, Gábor. 2013. Histórias e traições — antropologia e conflitos no Sul de Moçambique e na Hungria, *Revista Sexta Feira Nº 7 - Guerra*
- Thompson, E. P. 1948. *The railway: An adventure in construction*. London: British-Yugoslav Association
- Todorova, Maria. 1999. "Is 'the Other' a Useful Cross-Cultural Concept? Some Thoughts on Its Implication for the Balkan Region - Sowiport." *Internationale Schulbuchforschung - International Textbook Research*, 21 (2): 163–71.
- . ed. 2004. *Balkan Identities: Nation and Memory*. Washington Square, N.Y: New York University Press.
- . 2006. *Balkan Family Structure and the European Pattern: Demographic Developments in Ottoman Bulgaria*. Budapest; New York: Central European University Press.
- . 2009. *Imagining the Balkans*. Updated ed. New York: Oxford University Press.
- . 2010. *Remembering Communism: Genres of Representation*. New York: Social Science Research Council.
- , Zsuzsa Gille, eds. 2010. *Post-Communist Nostalgia*. New York: Berghahn Books.
- Tomasevich, Jozo. 2001. *War and Revolution in Yugoslavia, 1941–1945: Occupation and Collaboration* Stanford: Stanford University Press
- Trouillot, Michel-Rolph. 1995. *Silencing the Past: Power and the Production of History*. Boston, Mass: Beacon Press.
- Verdery, Catherine. 2004. "The Property Regime of Socialism." *Conservation and Society* 2 (1): 189–98.

- Verdery, Katherine. 1983. *Transylvanian Villagers: Three Centuries of Political, Economic, and Ethnic Change*. First Edition edition. Berkeley: University of California Press.
- . 1996. *What Was Socialism, and What Comes Next?* Princeton Studies in Culture/Power/History. Princeton, N.J: Princeton University Press.
- . 2007. „Frangloamerická“ antropologie a východoevropská etnografie: vyhlídky na syntézu.” *Sociologický časopis* 43 (1): 5.
- Verdery, Katherine, and Sharad Chari. 2009. “Thinking between the Posts: Postcolonialism, Postsocialism, and Ethnography after the Cold War.” *Comparative Studies in Society and History* 51 (1): 6–34.
- Vlasevljević, Ugo. 2004. *Jugoslovenski komunizam i poslije: kontinuitet etnopolitike*. Status, [Mostar] 2004. 2. 118-123
- White, George W. 2000. *Nationalism and Territory: Constructing Group Identity in Southeastern Europe*. Geographical Perspectives on the Human Past. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- Wimmer Andreas, and Glick Schiller Nina. 2002. “Methodological Nationalism and beyond: Nation–State Building, Migration and the Social Sciences.” *Global Networks* 2 (4): 301–34.
- Wolff, Larry. 1994. *Inventing Eastern Europe: The Map of Civilization on the Mind of the Enlightenment*. Stanford University Press.
- Wolff, Stefan. 2000. *German Minorities in Europe: Ethnic Identity and Cultural Belonging*. Berghahn Books.
- Woodward, Susan L. 1995. *Socialist Unemployment: The Political Economy of Yugoslavia, 1945-1990*. Princeton, N.J: Princeton University Press.
- Zoványi Jenő. 1977. *Magyarországi protestáns egyháztörténeti lexikon*. Budapest
- Žerjavić, Vladimir. 1993. *Jugoslavija-Manipulacije Žrtvama Drugog Svjetskog Rata*. Zagreb : New York: Croatian Information Centre.
- Živković, Marko. 2011. *Serbian Dreambook: National Imaginary in the Time of Milošević*. Indiana University Press.
- Žmegač, Jasna Čapo. 2007. *Strangers Either Way: The Lives of Croatian Refugees in Their New Home*. Berghahn Books.